



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

**PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ**

**“EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte - CE**

**PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ**

**“EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte - CE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na linha de pesquisa: Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento aos requisitos integrais.

Orientador: Prof. Drº. Carlos André Cavalcanti.

Coorientadora: Profa. Drª. Renata Marinho Paz

João Pessoa-PB  
2021

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

D585e Diniz, Priscila Ribeiro Jeronimo.

Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!? : o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte - CE / Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz. - João Pessoa, 2021.

219 f. : il.

Orientação: Carlos André Cavalvanti. Coorientação:  
Renata Marinho Paz.

Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

UFPB/BC

CDU 82-94(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*“EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte - CE.*

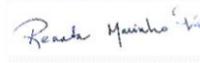


Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz

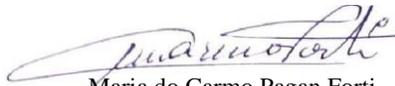
Tese apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Carlos André Macêdo Cavalcanti  
(orientador)



Renata Marinho Paz  
(membro-externo/URCA)



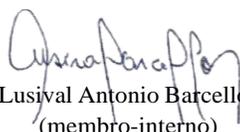
Maria do Carmo Pagan Forti  
(membro-externo/UCB-BRAGA)



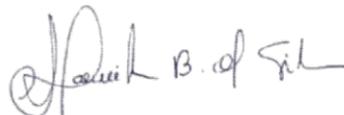
Maria Paula Jacinto Cordeiro  
(membro-externo/URCA)



Luiz Carlos Luz Marques  
(membro-externo/UNICAP)



Lusival Antonio Barcellos  
(membro-interno)



Marilson Barbosa da Silva  
(membro-interno)

Aprovada em 16 de agosto de 2021.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àquela que por muito tempo ficou apagada, aquela que demorei a acreditar que eu poderia um dia de fato ver. Obrigada por tanto, obrigada por construir a origem da minha cidade, obrigada pela força e dedicação da sua passagem terrena: Maria de Araújo.

## AGRADECIMENTOS

Quatro anos.... Para resumir os agradecimentos em uma única página é difícil, porque um caminho não se constrói sozinha. Primeiramente, a gratidão é pela luz que nos ilumina, essa luz que sempre acreditei que fosse Deus, fonte de amor e esperança;

Essa luz me deu uma família que construí e que me fortaleceu. Esse trabalho existe porque Everton antes de mim já estava fazendo minha inscrição na Ponta dos Seixas, acreditando mais em mim, do que eu naquela viagem em maio de 2017 e no doutorado inteiro. Obrigada por me incentivar a sair de casa quando eu quase desisti... É um alívio falar que foi “o desafio”, mas você estava junto e o caminho aliviou;

Obrigada meu filho André Luiz que já acompanha esse caminho acadêmico desde que nasceu; iniciei essa jornada com você criança e te vejo adolescente, atencioso e incentivador a sempre a me fortalecer, você é gigante;

Gratidão a meu filho Bernardo, a surpresa do início desse doutorado, que também me ajudou a fortalecer meu espírito em um momento de dor, e fortaleceu assim, minha trajetória acadêmica e pessoal;

Agradeço a existência do meu pai Anselmo por me guiar no caminho espiritual e me inspirar a seguir a carreira acadêmica nas Ciências das Religiões. Falando em inspiração, sem elas seria impossível viajar, minha mãe Evaneide e minha sogra Aida elas aqueceram o coração de um bebê e uma criança quando eu não estava. A vocês estendo meu agradecimento a minha família inteira;

No campo acadêmico, quantos livros emprestados e escutas da minha amiga Ana Carolina e da minha amiga Paula Cordeiro, ambas me conhecem desde a graduação e quero levar para sempre comigo. Agradeço também a UNIFAP instituição que trabalho que acreditou no doutorado tanto quanto eu, a vocês agradeço em nome de todos meus colegas de classe;

Uma pena, mas em memória à irmã Annette que partiu há pouco, mas que ajudou tanto com os inquéritos e cordéis da sua Biblioteca. Obrigada pelas dicas de chás e de amor pelos romeiros;

Obrigada a Hesdras Couto que me enviou textos dos jornais do século XIX e XX sobre a Beata e vem acompanhando a visibilidade de Maria de Araújo com afinco. Agradeço também ao amigo William pela ajuda nos momentos finais dessa tese;

Meus agradecimentos aos motoristas de ônibus e os pilotos dos aviões que deixavam suas famílias para trabalhar e carregavam o amor de alguém, em um ano e meio com idas e vindas de Juazeiro a João Pessoa eu rezei por vocês;

Obrigada aos meus colegas da UFPB que compartilharam textos, cafés, me ajudavam em João Pessoa, infelizmente por conta da pandemia uma querida amiga nossa partiu sem poder apresentar sua tese, a amiga Dávila gratidão onde você esteja;

Aos professores desta casa, os que aqueciam nossos corações com textos que parecia ser para as pessoas, como nas aulas da Professora Ana Paula Cavalcanti. Como também, os aprendizados da Professora Maria Lúcia e sua tranquilidade de espírito. O conforto que a Professora Dilaine sem me conhecer me deu e me encorajou a estar toda semana sem suas aulas;

Quero agradecer a tantos que me encorajaram, aos meus alunos, aos meus professores, aos meus ancestrais sem esquecer-se das minhas queridas avós Margarida Ribeiro pelas suas orações de benzimento, e os passes espirituais da minha avó que já partiu para a pátria espiritual Doralice Barbosa;

Agradeço a banca que foi solícita e leu meu trabalho desde a qualificação, contribuindo para um trabalho bem feito;

Agradeço aos meus orientadores, Professora Renata Marinho que já convive comigo desde a graduação; ter você como coorientadora foi um fortalecimento para mim, não só por ser a primeira mulher a falar das beatas, mas por ser alguém em que confio muito academicamente. Muito obrigada por todas as correções, todas as dicas, desde o que a banca da entrevista para o ingresso do doutorado iria perguntar, até a última linha dessa tese. Aqui tem mais você do que as suas citações, aqui tem uma orientanda que aprendeu muito em cada aula de Antropologia, aprendeu como fazer pesquisa e aprendeu a ser uma profissional inspirada em você;

Gratidão ao querido orientador Carlos André Cavalcanti: o senhor é uma luz na academia, obrigada pelo conhecimento, mas principalmente pela paciência, atenção e empatia, obrigada pela palavra amiga em momentos desesperadores. Obrigada por estar em Juazeiro e conhecer o que eu tanto falava, agradeço por compreender, que outras pessoas possam ter o privilégio de trabalhar com o senhor por muitos anos e que possam se espelhar na sua pessoa e aprender que a academia é muito mais que teoria, é compaixão por momentos difíceis e empatia para todas as horas;

Quero agradecer a minha terra Juazeiro do Norte por ser tão rica em história e fé, que as pessoas possam conhecer você também pelo protagonismo de Maria de Araújo, que nossa capital da fé renda sempre bons frutos acadêmicos.

Agradeço as mulheres fortes que foram apagadas da história e resistiram, como a Beata Maria de Araújo;

Esperamos o fim dessa pandemia e que possamos ter esperança, pois foi ela que me fez escrever cada linha, que nossos dias melhorem!

## RESUMO

A história de Juazeiro do Norte-CE inicia-se por ocasião de um evento religioso, qual seja: a transubstanciação de hóstia em sangue pela Beata Maria de Araújo. Padre Cícero fazia parte da cena do sangramento na boca dessa mulher que se repetiu por anos. Embora essa história singular tenha perdurado por muito tempo, sua protagonista foi invisibilizada com o decorrer das décadas. Aos poucos essa cena voltou a emergir com uma memória e discursos sobre Maria de Araújo, uma mulher que foi enclausurada, vilipendiada e silenciada no século XIX. Sem túmulo, foi quase apagada da história da cidade. A partir dessa invisibilidade adveio o problema dessa pesquisa, que teve como objetivo analisar o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo na história social e religiosa de Juazeiro do Norte. Os recursos metodológicos selecionados para alcançar tal finalidade foram a abordagem qualitativa; o método exploratório e explicativo; a realização de pesquisas documentais nos Inquéritos I e II e pesquisas de campo nas romarias de Juazeiro entre 2017 a 2020. Visando afunilar tal questão, também foram feitas observações e entrevistas que constam nessa tese. No que concerne à organização do estudo, esse trabalho foi dividido em quatro capítulos, o primeiro enfocou a construção da cena do milagre da hóstia e o protagonismo da Beata; no segundo é observado o silenciamento e a invisibilidade que se constrói em torno de Maria de Araújo, por meio do Padre Alexandrino e do Bispo Dom Joaquim, como também do Santo Ofício, a partir do decreto de Roma. Nesse ponto, torna-se visível a questão da romanização da igreja católica no Brasil, o medo do poder que as beatas poderiam ter, bem como a repressão em Juazeiro do Norte para que não se tornasse um local de peregrinação, colocando a Beata no regime noturno dos estudos do imaginário, direcionando-a para o silêncio na memória social e religiosa da cidade. Por sua vez, o terceiro capítulo é marcado por uma passagem de tempo, de quase noventa anos que não se pôde falar de Maria de Araújo na cidade, com isso, inicia-se um processo de visibilidade que começa a incluir a Beata nas pautas acadêmicas, de movimentos sociais e artísticos. Por fim, o último capítulo apresenta sua crescente visibilidade, através do Movimento independente dos Romeiros Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo, com a realização de ações e eventos, trazendo a Beata para um novo lugar da imagem, no regime do crepúsculo. Ao final da pesquisa, conclui-se que existiu um discurso e se construiu uma memória de silenciar Maria, porém, hoje existe um movimento de memória pela reabilitação da Beata, permeada por vários discursos, construindo uma nova imagem que aos poucos vai tomando forma.

**Palavras-chave:** Memória; Discursos; Estudos do Imaginário; Juazeiro do Norte.

## ABSTRACT

The Juazeiro do Norte-CE story starts by the occurrence of a religious event with the Transubstantiation of a communion bread into blood by the *Beatus* Maria de Araújo, along with Father Cicero, the scene of the bleeding in the mouth of this woman repeated for years, the reason behind the story is the hiding over the years, and so prevailed, for decades. Little by little the scene reappears with the remembrance and speeches about Maria de Araújo, a cloistered woman, vilified and silenced in the XIX century, without a tomb, and out of the city history. Because of this invisibilization comes the problem of this research: whose objective is analyzing the process of invisibility and visibility of the *Beatus* Maria de Araújo in the social and religious story of Juazeiro do Norte. The methodological resources to follow the objective was qualitative approach, with exploratory and explanatory method, through the documental research in the inquiries I and II, and field research in the Juazeiro pilgrimages between 2017 and 2020, to funnel said question observations and interviews were made, wich appear in this thesis. Therefore, this paper has been divided in four chapters, the first displays the construction of the communion bread miracle scene and the protagonism of the *Beatus*; The second observes the silencing and the invisibility wich builds aside Maria de Araújo, through Father Alexandrino and Bishop Dom Joaquim, that been said the romanticizing of the Brazilian catholic church the topic is visible, the fear of female *Beatus*, and the repression in Juazeiro so it doesn't turn into a pilgrimage place, presenting the beatus in the representation of fear, in the night regimen of imaginary studies and heading her into silence of social and religious memory of Juazeiro do Norte. The third chapter is marked by a time passage, of almost ninety years in wich it can't be talked about Maria de Araújo in the city. Therefore, the process of visibility starts to include the *Beatus* in academic subjects, in social and artistic movements; at last, the final chapter comes to show the crescent visibility through the Independent Moviment of Memorialist Pilgrims for the rehabilitation of *Beatus* Maria de Araújo, with actions and events, bringing the beatus to a new spot of image, in the regimen of twilight. In conclusion a speech existed and built a memory of silencing Maria, by the fear of its representation and today a movement of remembrance by rehabilitation of the *Beatus*, permeated by many speeches constructing a new image that slowly takes its shape.

**Keywords:** Memory; Speeches; Imaginary Studies; Juazeiro do Norte.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Túmulo simbólico de Maria de Araújo, em cima seu real túmulo; embaixo o túmulo da homenagem da Prefeitura pelos 100 anos de sua morte .....	23
Figura 2 - Maria de Araújo .....	26
Figura 3 - Registro de batismo de uma escrava chamada Maria .....	27
Figura 4 - Padre Cícero Romão .....	32
Figura 5 - Assento de morte da Beata Maria de Araújo .....	84
Figura 6 - Quadro esquemático como representação do Primeiro e Segundo Inquéritos .....	93
Figura 7 - Rua Beata Maria de Araújo .....	99
Figura 8 - Estátuas da Beata e do Padre .....	100
Figura 9 - II Simpósio sobre o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo .....	107
Figura 10 - “Procura-se” .....	114
Figura 11 - 100 diferentes em Juazeiro do Norte .....	118
Figura 12 - Manifesto à consagração.....	122
Figura 13 – Camisa de Maria de Araújo.....	130
Figura 14 - Entronização do sagrado coração de Maria de Araújo .....	138
Figura 15 - Abertura do segundo dia do I Seminário Maria de Araújo.....	139
Figura 16 - Campanha para Deputada Federal 2018 .....	143
Figura 17 - Dia do Milagre- 1º de março.....	147
Figura 18 - Quadro de Marcus Jussier doação ao Museu em 1998.....	148
Figura 19 - Beata no Memorial Padre Cícero- 2019 .....	149
Figura 20 - Aniversário da Beata 2019.....	151
Figura 21 - Live da basílica com Padre Cícero Silva .....	154
Figura 22 - Ato cultural pela memória de Maria de Araújo .....	170
Figura 23 - Aquisição da imagem da Beata Maria de Araújo .....	170
Figura 24 - Ato pelos restos mortais da Beata.....	170
Figura 25 - Reunião do Movimento pela Reabilitação da Memória da Beata Maria de Araújo .....	172
Figura 26 - Diário oficial com a Lei N° 5142 - Foto da Beata ao lado do Padre .....	174

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jornais do Século XIX .....	42
Quadro 2 - Jornais do Século XX.....	66
Quadro 3 - Cordéis em 2012 .....	111
Quadro 4 - Cordéis em 2012, personalidade da Beata .....	111
Quadro 5 - Características físicas de Maria.....	134
Quadro 6 - Maria no Milagre.....	135

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 2: “OS FATOS QUE TEM SE REPRODUZIDO NA BEATA MARIA DE ARAÚJO SÃO SOBRENATURAIS” - COMO ACONTECEU O MILAGRE?</b> .....	26
2.1 MARIA MAGDALENA DO ESPÍRITO SANTO... E QUEM É ELA? .....	26
2.2 “E VOCÊ, PADRE CÍCERO, TOME CONTA DELES” - CÍCERO ROMÃO BATISTA.....	32
2.3 OS PERSONAGENS DA CENA.....	33
2.4 A CENA .....	37
2.5 ROMANIZAÇÃO E O PODER.....	39
2.6 OS JORNAIS COMO MEIO DE REPERCUSSÃO RELIGIOSA DO MOVIMENTO EM JUAZEIRO .....	41
2.7 I COMISSÃO DE INQUÉRITO .....	45
2.8 REPERCUSSÃO DO MILAGRE E DA INSTAURAÇÃO DO I INQUÉRITO NOS JORNAIS.....	52
<b>CAPÍTULO 3: “EU NÃO ESTOU AQUI...”: O SILENCIAMENTO E O PROCESSO DE INVISIBILIDADE DA BEATA A PARTIR DO II INQUÉRITO</b> .....	56
3.1 INSTAURAÇÃO DO II INQUÉRITO .....	56
3.2 A REPERCUSSÃO DO II INQUÉRITO NOS JORNAIS .....	66
3.3 AS BEATAS E A QUESTÃO DE GÊNERO .....	71
3.4 A INVISIBILIDADE E OS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO EM JUAZEIRO .....	84
<b>3.4.1 Invisibilidade: a construção do medo</b> .....	84
<b>3.4.2 Invisibilidade: do inquérito ao desprezo</b> .....	86
<b>3.4.3 Invisibilidade para Maria de Araújo</b> .....	88
<b>3.4.4 Silêncio para Cícero Romão Batista</b> .....	94
3.5 ESTUDOS DO IMAGINÁRIO NA QUESTÃO DE JUAZEIRO .....	91
3.6 MEMÓRIA SOCIAL E RELIGIOSA DE JUAZEIRO DO NORTE. O QUE RESTOU?.....	94
<b>CAPÍTULO 4: “ALIÁS... EU ESTOU AQUI!”. OS MOVIMENTOS PELA REABILITAÇÃO E VISIBILIDADE DA BEATA</b> .....	98
4.1 MARIA EM JUAZEIRO: ONDE ELA ESTÁ? .....	99

4.2 AS MÍDIAS HOJE E A BEATA .....	103
4.3 ARQUEOLOGIA DA REMEMORAÇÃO DA BEATA.....	106
<b>4.3.1 A busca acadêmica por Maria de Araújo.....</b>	<b>106</b>
4.4 CENTENÁRIO DE JUAZEIRO E A BEATA.....	110
<b>4.4.1 Início do movimento artístico e midiático em torno da Beata.....</b>	<b>113</b>
4.4.1.1 “O Bando”.....	114
4.4.1.2 “O Berro”.....	116
4.4.1.3 <i>Carroça dos Mamulengos</i> .....	122
<b>4.4.2 Centenário de morte da Beata Maria de Araújo .....</b>	<b>124</b>
4.5 MOVIMENTOS SOCIAIS NO CARIRI .....	129
4.6 V SIMPÓSIO DO PADRE CÍCERO .....	131
4.7 2018: O ANO POLÍTICO E AS NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A BEATA DA HÓSTIA .....	132
<b>4.7.1 I Mostra de Poemas para Maria .....</b>	<b>132</b>
4.8 I SEMINÁRIO.....	137
4.9 A POLÍTICA E A BEATA .....	143
<b>CAPÍTULO 5: “NO CARRO DO JUAZEIRO, A BEATA É O MOTOR, E O PADRE É O MOTORISTA”. NOVAS AÇÕES INTENSIFICADORAS PELA VISIBILIDADE DA BEATA .....</b>	<b>146</b>
5.1 MARIA DE ARAÚJO, A IGREJA, OS EVENTOS DOS ROMEIROS MEMORIALISTAS, OS NOVOS TEMPOS.....	146
<b>5.1.1 Maria de Araújo e a igreja católica (entre 2018- 2021) .....</b>	<b>146</b>
5.2 EVENTOS PARA MARIA .....	148
5.3 ROMEIROS MEMORIALISTA DA BEATA MARIA DE ARAÚJO .....	150
5.4 NOVOS TEMPOS: COMO AINDA REMEMORAR A BEATA NA PANDEMIA?....	153
5.5 MARIA DE ARAÚJO E A QUESTÃO ANTIRRACISTA .....	158
5.6 NOVOS OLHARES ACADÊMICOS SOBRE MARIA DE ARAÚJO .....	166
5.7 “O TEMPO DO SILÊNCIO ACABOU”- NOVAS E ÚLTIMAS MOVIMENTAÇÕES ATÉ 2021 .....	169
5.8 O QUE MARIA DE ARAÚJO REPRESENTA .....	175
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>197</b>
ANEXO 1 – Ata de Reunião .....	198

ANEXO 2 - Termo de Livre consentimento de Claudia Rejanne .....	200
ANEXO 3 - Termo de Livre consentimento de Joseph Olegário.....	202
ANEXO 4 - Termo de Livre consentimento de Jeani Costa .....	204
ANEXO 5 - Termo de Livre consentimento de Reginaldo Farias .....	206
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>208</b>
APÊNDICE 1 - Frente de Mulheres Entrevista com Claudia Rejanne - professora, pesquisadora e divulgadora da Beata, em 11 de agosto de 2020. Pela plataforma meet, única forma possível na pandemia do Covid-19. ....	209
APÊNDICE 2 - Entrevista com “O Bando” Entrevista realizada em 14 de setembro de 2020, com alguns integrantes do Bando: Joseph Olegário e Jeani Duvall O convite foi feito a Joseph que veio em “Bando” para falar sobre o coletivo Bando. ....	211
APÊNDICE 3 - Entrevista com Reginaldo Farias do “Berro” em 21 de setembro de 2020..	213

## **CENA DE ABERTURA: “DE ONDE SAÍ? COMO FOI QUE CHEGUEI?” MARIA DE ARAÚJO ONDE VOCÊ ESTAVA?**

Como juazeirense seria muito mais fácil falar de Juazeiro, isto, se eu soubesse a verdadeira história, pois aquela que conheci não foi narrada com todos os seus detalhes. Muitos elementos aconteceram em Juazeiro e poucos juazeirenses sabem deles, consequência disso foi o abalo e o próprio susto que se fez em mim no ano de 2017. Ler, ouvir e entender essa história foi e é importante no sentido de que eu sou parte desse todo.

Pois bem: religião sempre foi muito comum na minha família, desde criança o “beabá” foi construído pela religião. Meus pais, cada um de uma religião diferente, se respeitando e entendendo o outro, tendo uma boa construção religiosa e humana em casa, minha mãe católica e meu pai espírita. Então, foi quase uma consequência estudar religião, primeiro com o curso de Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri - URCA, em Crato - CE, do qual participei como bolsista de Iniciação Científica do projeto “A fé que se move: o avanço pentecostal em Juazeiro do Norte” em 2010, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Marinho Paz.

Esta experiência acadêmica foi um divisor de água, visto que ao longo da pesquisa aprendi a entender o contexto religioso em Juazeiro, os mecanismos, a forma de conversão, enfim, foi de suma relevância observar o que não fazia parte da minha realidade. A partir desse momento me encontrei de fato, ao constatar que estudar religião me deixava feliz como pesquisadora e como pessoa. Foi um ano de muitos aprendizados, de visitas em igrejas evangélicas, entrevistas, observações, batizados, bem como a participação em rituais importantes.

Ao longo do projeto de iniciação científica aprendi a ouvir, escrever e falar, além disso, pude vivenciar a Antropologia na pele; fiquei tão atenta às igrejas que se tornou um hábito fazer uma fotografia mental daqueles lugares. Ao final da pesquisa, tínhamos observado e feito o mapeamento de setenta e cinco igrejas, dentre elas, uma me chamou atenção, a igreja do Evangelho Quadrangular.

Em 2012, com o fim da graduação, ingressei no mestrado em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba - UFPB e passei a estudar crianças que pregavam como pastoras. Observei a evangelização infantil e os futuros pregadores com o conceito de agência infantil, um termo novo para mim, sendo este outro divisor de águas, pois nunca havia estudado a categoria geração, o que possibilitou ampliar meus horizontes. Identifiquei que as crianças podem ser atores sociais com atenção nas suas falas, com a ideia de agência infantil, um conceito novo para a Sociologia da Infância. Observei na dissertação a ideia de

socialização, que não é algo estável, mas que muda, e essas mudanças fazem com que todos os pares se socializem, e que o indivíduo não se socialize apenas na infância, mas em todo o processo de vida.

No entanto, vinha a dúvida para o doutorado. Em relação a minha área da Sociologia eu já havia feito todo percurso, assistido várias aulas, mas nada cabia, nada era inovador a ponto de despertar uma temática para pesquisa de doutoramento. Foi em fevereiro de 2017 que comecei a ter sonhos, e acho importante enfatizar esse sonho<sup>1</sup>, pois por mais acadêmico que seja esse texto, foram esses sonhos que guiaram a este estudo.

Pois bem: eu estava em um barco no pôr do sol com um senhor me guiando, sabia que ele era meu mentor espiritual, o que me passava segurança e calma, ele remava, me levando a um lugar, neste local começamos a levar uma santa toda pintada de branco, ela estava de costas para mim e de frente para ele, pesava muito e eu não conseguia ver o rosto daquela santa. O local era uma escadaria branca, não sabia ainda o que havia no final das escadas, eu só estava sendo instruída a empurrar à santa, no meio do caminho ouvindo um som de tambor que não sei explicar qual música tocava.

Meu mentor espiritual tirou um colar cheio de contas azuis e brancas, colocou em um lugar de madeira que cabia o colar em forma de V e disse: “Agora é com você”, eu senti o peso daquela frase, não só o peso da santa, mas da fala dele. Foi aí que avistei um cemitério todo branco e senti uma profunda dor de cabeça, ouvi a voz da minha avó materna que é benzedeira, e sempre rezou em mim, dizendo: “Priscila, volte que você não está preparada, volte rezando um Pai Nosso e uma Ave Maria”, eu voltei e acordei com a dor de cabeça. Passei um mês para entender meu sonho.

Foi então que, em março do mesmo ano houve o “V Simpósio do Padre Cícero” promovido pela URCA e eu participei de um Grupo de Trabalho, como coordenadora, mas o auge do evento foi à palestra final de Leonardo Boff sobre o processo de santificação do Padre Cícero juntamente com o Papa Francisco, no entanto, o ponto alto para mim foi no final, quando o palestrante disse assim: “Depois de santificar Padre Cícero é obrigação de todo juazeirense e todo romeiro pedir a beatificação da Beata Maria de Araújo”, o auditório todo entrou em êxtase batendo palmas para a fala de Boff.

---

<sup>1</sup> Pois assim como a Beata teve inúmeros sonhos com Jesus, e o Padre Cícero também teve com a cena da Santa Ceia. Eu tive sonhos, nada comparado aos protagonistas da pesquisa, mas quem sabe, a questão de Juazeiro no imaginário, não seja resolvida ou guiada por sonhos?

Como desde 2015 passei a estudar também as questões de gênero<sup>2</sup>, foi naquela fala de Boff que uni duas categorias: gênero e religião, e pensei na Beata, mas não só pensei, entrei em choque, e não conseguia acreditar no que ouvia, pois sempre estive aqui, eu é que nunca dei a devida importância. Como podia uma juazeirense não saber sua história?

Ao começar a estudar e conhecer a história de Maria de Araújo lembrei-me do sonho, a santa! Sim, a santa que eu não via, que quase ninguém vê, a santa que não tem túmulo naquele cemitério, a santa que eu ainda não estava preparada para saber quem era, mas que a partir dali eu iniciava e, como disse meu mentor, agora era comigo, a santa de Juazeiro, é assim o lugar de falar do pesquisador é um misto de emoção e temor, e me misturar com a pesquisa me fez ver que é preciso trazer a Beata a sua visibilidade, ela faz parte do mito fundante da cidade, como não dar a devida importância? Como não estudá-la na escola? Como não exaltá-la nas romarias? Como não ter explicação sobre o roubo do seu corpo?

Foi assim que ingressei no doutorado em Ciências das Religiões, em 2017, a procura de novos olhares acadêmicos. A partir dos inúmeros sonhos na busca do seu corpo, da sua história, iniciei a pesquisa científica, para me dar sentido quando faço ciência, quando faço pesquisa, mas também para dar sentido quando faço parte da história de Juazeiro.

Sendo assim, ao pensar no campo de pesquisa lembro-me do meu orientador Carlos André: “Não é a gente que procura o santo, é o santo que procura a gente”. Isso ocorreu com a pesquisa, não fui eu que procurei por ela, foi ela que me encontrou primeiro e, por fim, o “Agora é com você” veio comigo ao longo desses quatro anos, entre incertezas de viajar muitos quilômetros semanais, entre saúde e doença, entre pandemia e novos caminhos comecei a ver a santa que estava de costas, e ela se tornou visível como uma luz nesse caminho final da academia, esse caminho solitário que se tornou menos pesado quando aos poucos a visibilidade de Maria de Araújo me apareceu, que ela possa aparecer para todos, ocupando seu devido lugar da história, aquele do qual ela nunca deveria ter saído.

---

<sup>2</sup> Devido às aulas que ministro e de um grupo de pesquisa que faço parte como coordenadora, o Grupo Gênero, Geração e Direito.

## 1 INTRODUÇÃO

Maria de Araújo é uma figura ímpar<sup>3</sup> da história religiosa do Nordeste brasileiro, uma mulher negra, protagonista de uma das narrativas mais instigantes sobre transubstanciação da hóstia em sangue. Em pleno século XIX, pouco tempo depois da abolição da escravidão oficial do Brasil; uma personagem ímpar, porque só com ela aconteceu o fenômeno da hóstia em sangue em Juazeiro do Norte, ímpar por ter protagonizado, ímpar por ter reafirmado quem era (uma mulher dedicada ao povo através da religião - uma leiga), ímpar por ter se autotizado no seu primeiro discurso à Comissão do I Inquérito, ímpar por ter se dedicado aos votos que fez com Jesus em seu “casamento espiritual”.

Ao mesmo tempo que ela é ímpar, ela representa os pares<sup>4</sup> juazeirenses, os pares sertanejos do Cariri cearense, os pares de mulheres injustiçadas ao longo da história, arrancada da memória (sem túmulo, sem direitos, sem restos mortais); os pares dos negros libertos pós-abolição que foram invisibilizados dos seus protagonismos, ao longo da história do Brasil. Ou seja, ao mesmo tempo em que diferente dos outros pelas suas singularidades, ela é plural e igual aos habitantes da cidade e romeiros que moram e que vem visitar Juazeiro do Norte, a capital da fé.

Na singularidade do caminho que a pesquisa mostra Maria de Araújo também se apresentou para mim em forma de sonho<sup>5</sup>, mas ao mesmo tempo em forma de medo<sup>6</sup>, o olhar para dentro para encontrar Maria e porque pesquisa-la foi um olhar de medo, que acreditava ser meu, sempre desde criança. Temia a história do milagre nos filmes que passava na escola, com imagens escuras, com vozes tenebrosas, com choro do momento da transubstanciação da hóstia em sangue. Depois já adulta sempre tive medo de ir ao cemitério do Socorro<sup>7</sup>, estando no local do túmulo simbólico (que será explicado adiante) sempre sentir dor de cabeça e náuseas, uma sensação de medo de me sentir sozinha.

Diante disso, quando escolhi falar dela no projeto de doutorado, como já explicado, foi como se tivesse tido o *insight* que faltava para unir pesquisas relacionando religião e gênero. Logo, o momento da fala de Leonardo Boff descortinou um véu que vendava meus olhos, foi nesse sentido que a Beata não apareceu mais como medo para mim, mas sim como uma luz, um momento de encontro.

---

<sup>3</sup> A repetição do nome ímpar irá acontecer nesse parágrafo, pela afirmação e reafirmação.

<sup>4</sup> A repetição do nome par irá acontecer nesse parágrafo, pela afirmação e reafirmação.

<sup>5</sup> Como mostrado acima na cena de abertura.

<sup>6</sup> Que é um dos conceitos dessa tese.

<sup>7</sup> Onde não se sabe sobre os restos mortais da Beata Maria de Araújo.

Com a ênfase na pesquisa e estudos sobre a Beata passei também a buscar Maria de Araújo de forma poética, quando participei do edital da I Mostra de Poemas para Maria, o que me fez pensar que a construção de uma visibilidade era possível. Ao participar da noite de lançamento observei quantas pessoas também compartilhavam do mesmo propósito, que era falar dela de forma poética e dando visibilidade a Beata da hóstia.

Ultrapassando esse medo e continuando nas pesquisas fui convidada a participar de um grupo nas redes sociais<sup>8</sup>, e depois a fazer parte do I Seminário de Maria de Araújo, onde nesse momento vivenciei a aproximação da Beata através de outros discursos, não só o acadêmico, em que estava inserida, mas foi no evento que vi a inserção dos movimentos sociais e os discursos em favor da Beata.

Dessa forma, vinculada às redes sociais, o grupo que iniciou com pesquisadores foi se fortalecendo com outras pessoas: artistas, movimentos sociais- feminista e negro da Região e passando a ter ações intensificadoras pela memória da Beata, dessa forma surgiu o Movimento independente dos Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo; entrei no grupo pela pesquisa e continuo pela vontade de ver a Beata em todos os lugares de Juazeiro do Norte. Estar nas ações me forneceram dados para a pesquisa, mas me deu uma satisfação de fazer parte, de viver esse momento histórico, de ver, ainda que a passos lentos um pouco de justiça para essa mulher que foi tão injustiçada e violentada.

Nessa inserção ao Movimento independente percebi o medo de duas formas. O medo que ainda persistia no meu imaginário sobre a representatividade da Beata, com o mistério da vida dela e do evento do milagre, e quando passei a pesquisar e a fazer parte do Movimento independente observei a busca pela Beata. Nessa perspectiva, o medo que tenho hoje é de não vê-la ocupar seu lugar na história e memória histórica e religiosa de Juazeiro do Norte, como sempre foi merecido.

Dessa forma, sobre esse caminho de singularidade e pluralidade será possível relatar o que aconteceu com a Beata Maria de Araújo ao longo do tempo; dessa maneira, essa tese tem como princípio entender o que foi o processo de invisibilidade- visibilidade de Maria de Araújo na história de Juazeiro do Norte, tendo como base três conceitos teórico- metodológicos: memória (rememória), discursos e estudos do imaginário.

O problema central desta pesquisa é: o que ocorreu com a Beata Maria de Araújo ao longo da história social e religiosa de Juazeiro do Norte, entre o movimento de invisibilidade

---

<sup>8</sup> Facebook com a página fechada Seminário Maria de Araújo, através da Professora Renata Marinho conheci a Professora Cláudia Rejanne que me convidou a fazer uma palestra na mesa sobre a Beata- gênero e raça, para expor o que vinha pesquisando.

e visibilidade de sua imagem? Observando assim descontinuidades, silêncio e muitas vezes desprezo pela sua imagem, e nos dias de hoje continuidades, visualizações e ascensão.

Tem como objetivo geral analisar o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo na história social e religiosa de Juazeiro do Norte. Possui como objetivos específicos estudar as romarias de Juazeiro e os cordéis, no intuito de observar qual a imagem que as pessoas têm sobre Maria de Araújo; retratar a cena da transubstanciação da hóstia no século XIX e a repercussão disso na vida da Beata; compreender o processo de invisibilidade de Maria de Araújo a mando do Bispo Dom Joaquim e desta forma como ela entrou no regime noturno da imagem, sendo silenciada da história da cidade; examinar a origem dos discursos a favor da Beata, iniciando um processo de visibilidade, de inclusão da sua imagem à memória (rememória) da cidade; documentar a intensidade da visibilidade sobre Maria de Araújo nos dias de hoje, dando a ela muitas vezes uma imagem de ascensão, observando assim que a história sobre ela está acontecendo agora.

O caminho metodológico desta pesquisa foi uma cena a parte, assim como o que aconteceu com a Beata. O trajeto do estudo foi percorrido por continuidades estabelecidas em 2017 (no início do doutorado) e descontinuidades forçadas em 2020. Devido à pandemia do Covid-19 precisei me reinventar para escrever e pesquisar em tempos difíceis (e jamais mensurados ao longo da história); entre a doença e o medo, ter sido vítima do coronavírus, e ainda assim continuar o caminho acadêmico que por si já é solitário – e se tornou ainda mais solitário nesse período – foi necessário criatividade para adotar novas técnicas metodológicas.

No tocante ao método de pesquisa, Marconi e Lakatos (2003, p. 46), explicam que se trata do “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Dessa forma, o método dá a segurança ao caminho percorrido.

Em relação a abordagem escolhida, foi selecionada à pesquisa qualitativa, que trabalha com dados da realidade que não podem ser quantificados, trata-se de uma pesquisa de natureza subjetiva, no intuito de trabalhar em campo como uma investigadora/detetive, conforme esclarece Sampieri (2013), observando todos os espaços, todos os cheiros, sensações, observando o tempo, que na maioria das vezes é no calor escaldante do sertão, entre setembro e novembro, e ao mesmo tempo na noite, com a brisa leve que vem da Chapada do Araripe que rodeia o Cariri cearense e ameniza a sensação de cansaço que o calor trás.

A pesquisa qualitativa faz chegar ao local instantaneamente, ou seja, é possível analisar as relações sociais e religiosas entorno da Beata, desenvolver relações, criando confiança com as pessoas ditas “peças-chave” no entendimento da história de Juazeiro. Essa pesquisa tem como método de procedimento a vertente exploratória “possibilitando sua definição e seu delineamento” (PRODANOV, 2013, p. 37).

Este também é um estudo explicativo, sendo “as pesquisas explicativas mais complexas, pois, além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, têm como preocupação central identificar seus fatores determinantes” (PRODANOV, 2013, p. 38). Tais métodos foram adotados a fim de melhor interpretar os contextos históricos da imagem da Beata.

Os tipos de pesquisas foram: bibliográfica, documental e de campo. A realização da pesquisa bibliográfica teve por intuito explicar o problema a partir de referenciais teóricos relacionados com a área específica do tema, sendo este método fundamental à construção do referencial teórico.

Os relatos sobre Maria de Araújo já foram construídos por texto, como publicações de Forti (1997); Nobre (2011; 2016); Souza (2015); Olinda (2018); são escritos a partir de Maria de Araújo. Paz (1998) também escreveu sobre as beatas do Padre Cícero, enfatizando a figura da Beata. No entanto, as maiorias dos escritos sobre o milagre citam a Beata como parte de história de Juazeiro ou de Padre Cícero, a exemplo de Della Cava em “Milagre em Joazeiro” (1976), o primeiro texto que de fato falou em Juazeiro, sobre o milagre na página dezessete do livro, mas sem citar o nome de Maria, só fala de fato na Beata na página quarenta e cinco: “apenas um fator era novo: a presença de Maria de Araújo, uma lavadeira de 28 anos, solteira, natural de Joazeiro e beata residente com a família do Padre Cícero. Nada no seu presente, nem no seu passado, indicava que se tornaria um instrumento da Providência, estigmatizada e objeto de veneração das massas”.

Della Cava (1976) é um expoente para trazer à tona a história do milagre, porém sua ênfase ficou na história religiosa e social da cidade, e principalmente na questão de poder, o que mostra a importância desse autor para todos os trabalhos sobre Juazeiro e o milagre. No entanto, gostaria de enfatizar duas autoras e a posição delas: Forti (1997) e Nobre (2011; 2016). Maria do Carmo Forti em “E ela fez o milagre. A beata Maria de Araújo no Juazeiro do Padre Cícero” (1997) em sua Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) mostra a história do milagre por Maria de Araújo.

Edianne Nobre em sua Tese de Doutorado “Incêndios da Alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos” (2014) mostra a história, com o olhar da historiografia, sem por dúvida se é milagre ou não. As duas são de suma importância, pois trazem a figura da Beata em um patamar diferenciado, o lugar da protagonista. Por isso, ao longo dessa tese ainda será apresentada algumas confluências com base nessas duas autoras, e o olhar diferente para as Ciências das Religiões.

Um aprofundamento importante foi alcançado fazendo-se uso da pesquisa documental que, segundo Leite (2008) é uma metodologia utilizada de forma frequente e especificamente para reunir dados e informações importantes na descrição de fatos já ocorridos, de usos e costumes de povos, grupos e indivíduo, bem como da pesquisa histórica, a qual “baseia-se na história e, geralmente, refere-se à coleta de dados e informações sobre acontecimentos, fenômenos ou fatos de interesse do pesquisador, envolvendo datas (tempo), locais (espaço) e personagens ou coisa (objeto)” (LEITE, 2008, p. 52). Foi trazida a história do milagre de Juazeiro do Norte (NOBRE, 2011; PAZ, 2011), em que foi possível trabalhar com os inquéritos do século XIX, o I Inquérito de 1891 e o II Inquérito de 1892, como também foi realizada nessa questão documental a análise de jornais do século XIX e dos dias de hoje.

A pesquisa de campo foi fundamental para interpretar os eventos e ações que estão acontecendo hoje com Maria de Araújo, sendo observada uma mudança de “olhares” sobre ela entre os anos de 2017 até chegar em 2021. Nesse contexto, foi possível ver a visibilidade em torno dela sendo construída, portanto, as observações em campo foram essenciais.

Por fim, as técnicas de pesquisa utilizadas ajudaram a ter acesso ao material necessário para a resolução do problema da pesquisa, para isso foram utilizadas quatro técnicas de pesquisa: memória, observação participante, entrevistas e análise do discurso. A ideia de memória foi utilizada nesta tese tanto como metodologia e teoria, da qual foi possível observar uma falta de memória social e religiosa dos romeiros e juazeirenses no capítulo I. Memória no que tange o texto de Pollak, a ideia de memória coletiva esquecida.

Memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

Nessa acepção, aqui foi privilegiada a ideia da memória através da história oral, ouvindo as pessoas nas romarias e lendo nos cordéis que foram publicados em 2012, após o centenário de Juazeiro do Norte, percebendo que a memória sobre a Beata foi invisibilizada, desta forma, passado os anos a memória foi modificada e através de algumas vertentes sociais essa memória vem sendo reconstruída, vem ocorrendo um processo de rememória.

Outra técnica utilizada foi à observação participante realizada nas romarias de Juazeiro do Norte. Na estratégia de observação participante foi seguido o que explica Olinda e Oliveira (2016, p. 22) “não é suficiente ver, há que ver/sentir. Não é suficiente ouvir, é preciso aprender a rir e chorar junto. Não podemos, como pesquisadores, arvorar-nos na posição daquele que tem a palavra final sobre a experiência do outro: é preciso interpretar junto”. Esse recurso teve por finalidade observar em lócus a repercussão dessa falta de memória coletiva, nesse sentido, elegi a observação participante no período das romarias: Setembro - romaria da mãe de Deus (Nossa Senhora das Dores); Novembro- romaria de finados (maior romaria da cidade com visitas o túmulo do Padre Cícero); Dezembro - romaria natalina; Fevereiro-romaria de Nossa Senhora das Candeias; Abril- romaria da semana santa. Como também, datas importantes sobre a Beata Maria de Araújo: Janeiro, Março, Maio e Outubro.

A observação participante tem como guia o sentido antropológico teorizado por Geertz (2008). Este autor preconiza que é preciso interpretar a cultura, e o método de observação participante faz com que o pesquisador esteja em contato direto para tal experiência. É importante ressaltar a questão do observar o familiar e se distanciar do objeto de pesquisa, pensado por Gilberto Velho (1980). Sendo assim, essa técnica faz com que o pesquisador tenciona seu objeto de pesquisa:

A antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo (...). **O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido.** No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento (p. 123 e 126, grifo nosso).

No início da elaboração desta tese a história da Beata parecia ser distante, porém, foi gradativamente se tornando familiar, sendo o envolvimento, em muitas ocasiões, impossível

de ser quebrado, o desconhecido se tornou conhecido (e reconhecido) ao longo dessas observações participantes.

A primeira pesquisa de campo foi realizada observando a Romaria da Semana Santa, em abril de 2017. Analisando as pessoas no Horto, foi possível perceber que estas não lembravam que foi naquele mesmo período que aconteceu o milagre, em uma quaresma. Nesse momento, já restou evidente uma possível falta de memória religiosa. Em setembro do mesmo ano foi observada a Romaria de Nossa Senhora das Dores em alguns pontos específicos da cidade: na igreja do Socorro, onde está o túmulo do Padre Cícero no altar da igreja.

Em algumas circunstâncias, a questão familiar foi sendo reconhecida no processo de observação de campo, como em maio de 2018 – no I Seminário para Maria de Araújo –, do qual integrei uma das mesas que falavam sobre ela, por isso uma vivência mais intensa foi ocorrendo, uma vez que fui fazendo parte dos eventos sobre a Beata.

Em janeiro de 2019 foi possível assistir a missa de morte da Beata na igreja do Socorro, com poucas pessoas presentes, mas sendo um importante momento de visibilidade para ela. No mesmo ano (em maio), foi realizado o aniversário de Maria na Praça do Memorial Padre Cícero, um momento que iniciou o Movimento independente dos Romeiros Memorialistas pela reabilitação da Beata, no qual também ingressei. Um ano depois, outra observação de campo de suma relevância foi o aniversário de morte da Beata, ocasião na qual uma procissão do seu Busto na Praça do Marco Zero até o seu túmulo simbólico na Igreja do Socorro.

Após esse evento a pandemia do Covid-19 impossibilitou aglomeração, e o que poderia ter paralisado as pesquisas sobre momentos importantes de visibilidade da Beata, se refizeram com as *lives*. Nesse momento tornou-se possível acessar uma técnica de pesquisa, a netnografia, no entanto, essa técnica é usada quando se analisa o comportamento dos grupos sociais na internet.

“Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet” (SILVA, 2015, p. 339). Logo, não poderia ser utilizada nesta pesquisa a netnografia, porque o fenômeno que foi estudado não aconteceu na Internet, porém, as *lives* foram transmitidas pela internet e de forma temporária. As *lives* aconteceram primeiramente em ambientes virtuais privados e depois em redes sociais abertas ao público, de fácil acesso e trazendo uma visibilidade maior para a Beata.

Somente em outubro de 2020 houve uma ação presencial com menos de dez pessoas, afastadas e obedecendo as regras de higienização, ocorreu o terço para a Beata em 22 de outubro em frente à Igreja do Socorro que estava fechada e da mesma forma em 02 de novembro. No entanto, as *lives* continuaram acontecendo em janeiro de 2021 no seu aniversário de morte e em 01 de março de 2021, do qual também participei. Desta forma as observações de campo foram essenciais para se analisar o processo de invisibilidade e visibilidade entorno da Beata Maria de Araújo.

Outro recurso técnico utilizado foi à entrevista<sup>9</sup> que é uma técnica de suma importância “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LEITE, 2008, p. 103), o tipo de entrevista foi a semiestruturada, que propõe ao entrevistador ter perguntas fixas, mas ao mesmo tempo consegue captar do entrevistado *insights* além das perguntas fixas, desta forma, as entrevistas ocorreram pela plataforma *meet* de forma remota, entre agosto e setembro de 2020, com quatro pessoas: Claudia Rejanne (Professora e integrante da Frente de Mulheres do Cariri); com alguns representantes do grupo “O Bando”: Joseph Olegário e Jean Durval, que fizeram simultaneamente essa entrevista; e o representante do grupo “O Berro” Reginaldo Farias, elas foram de suma importância para entender o contexto de inclusão da Beata nos discursos das instituições e grupos sociais do Cariri nos dias de hoje. Dessa forma, a análise do discurso se tornou imprescindível para entender o local do regime da imagem que Maria de Araújo está hoje, e esse recurso também foi utilizado como teórico e metodológico, pois os discursos trazem uma formação discursiva:

Por formação discursiva compreende-se um complexo jogo de relações que funcionam como princípios que ditam a que a prática discursiva deve se relacionar para que se refira a determinado objeto, para que se valha de tal conceito; para que empregue certa enunciação e para que engendre estratégias adequadas (LIMA, HARRES; PAULA, 2018, p. 176).

Observamos que a regularidade dos discursos das instituições e movimentos dá visibilidade a Beata. Portanto, esses foram os caminhos metodológicos escolhidos para a construção dessa tese. Se em alguns momentos esse percurso foi atrapalhado pelo momento pandêmico, outros recursos foram encontrados, não deixando a pesquisa na inércia.

---

<sup>9</sup> Em Apêndices entrevistas completas, e em Anexos os termos de livre consentimento assinado pela pesquisadora e entrevistados.

Antes de mostrar a divisão da tese, é preciso fazer uma consideração, após leitura da tese do Professor Dr. Carlos Alberto Tolovi “Padre Cícero do Juazeiro do Norte: a construção do mito e seu alcance social e religioso” (2015) percebi que esse autor menciona sempre o nome de Maria de Araújo como Beata com a letra maiúscula, e isso me chamou atenção, pois uma forma de trazer o protagonismo dela na história, seria preciso citá-la sempre em maiúsculo, assim como sempre os pesquisadores citaram Padre Cícero maiúsculo, o Padre por cargo, mas também a Beata por sua dedicação religiosa em vida, mesmo sendo uma leiga.

Aqui também é preciso antes de mostrar à divisão da tese a escolha do título: “Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui”, é uma frase de Mário Quintana que se encontra no túmulo simbólico da Beata Maria de Araújo que foi colocado no centenário de sua morte em 2014, como se pode ver na imagem abaixo:

**Figura 1** - Túmulo simbólico de Maria de Araújo, em cima seu real túmulo; embaixo o túmulo da homenagem da Prefeitura pelos 100 anos de sua morte



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O título deste trabalho também se alinha com a tese, na passagem: “Eu não estou aqui”, representada pelo capítulo II, há uma invisibilidade da imagem da Beata, desde a construção desses silenciamentos por parte da igreja, respingando nas ações de falta de memória social e religiosa perante Maria de Araújo, dos moradores da cidade e locais vizinhos, como também, pelos romeiros que acompanham a história do Padre Cícero, mas sobre ela pouco se falava, porque essa invisibilidade foi construída.

Passando no capítulo III e IV a ter o “Aliás, eu estou aqui” que narra sua reinserção (rememoração) na história de Juazeiro com um novo olhar para a Beata Maria de Araújo dos

Movimentos Artísticos e Movimentos Sociais: movimento negro, movimento feminista, como também da academia, no último capítulo há uma ênfase maior sobre essa visibilidade com discursos da própria igreja católica que está observando mais a Beata, e as ações institucionais que vem ocorrendo devido à integração do Movimento independente dos Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo, que reúne vários participantes de várias esferas sociais do Cariri cearense, trazendo um novo processo de continuidade e insistência na memória sobre ela, e mostrando que ela sempre esteve aqui, a questão apenas foi à construção de um discurso e de uma memória que modificou seu lugar na história e no imaginário religioso sobre a Beata.

Para isso, essa tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Os fatos que tem se reproduzido na Beata Maria de Araújo são sobrenaturais - como aconteceu o milagre” versa sobre a cena do milagre e o protagonismo da Beata Maria de Araújo, o Padre Cícero e o processo de romanização do catolicismo, com todo o evento os jornais começam a publicar o fenômeno e é possível ver uma forte visibilidade que ganha a Beata, após dois anos do fenômeno da hóstia inicia-se o I Inquérito.

Após a conclusão do I Inquérito, inicia-se o segundo capítulo: “Eu não estou aqui...: o silenciamento e o processo de invisibilidade da Beata a partir do II Inquérito” retratando como a igreja católica através de Dom Joaquim (Bispo do Ceará) e do Padre Alexandrino construíram a invisibilidade da Beata, com ações no Cariri contra a questão do milagre e as Cartas Pastorais silenciando todos os envolvidos na questão do fenômeno, portanto esse capítulo mostra o medo do que a Beata representava e a construção de um silenciamento para ela, repercutindo nos jornais da época, construindo um desprezo sobre ela, chegando aos estudos do imaginário, e a falta de uma memória social e religiosa onde Maria de Araújo está invisível.

Em seu turno, o capítulo três – “Aliás... eu estou aqui!... Os movimentos pela reabilitação e visibilidade da Beata” relata que a partir da década de 80 no Cariri começa-se a falar de Maria de Araújo. Foi feita uma arqueologia sobre ela, com fatos, eventos, matérias jornalísticas tudo isso a partir de discursos: acadêmicos, dos movimentos sociais e artísticos, sendo possível ver uma visibilidade de inclusão.

Por sua vez, no último capítulo denominado “No carro do Juazeiro, a Beata é o motor, e o Padre é o motorista. Os memorialistas e as ações intensificadoras pela visibilidade da Beata”, há uma reafirmação dessa visibilidade e esse processo está acontecendo agora, com inclusão da visibilidade dela em algumas instituições, e em alguns discursos a visibilidade de ascensão (insistência), como o que ocorre no Movimento independente dos Romeiros

Memorialistas pela reabilitação da Beata, e pelo movimento negro da Região. Nessa discussão, há uma rememória sobre Maria de Araújo, que a coloca em outro regime dos estudos do imaginário, o crepúsculo, pois ele observa o processo, a união e as identidades, ou seja, é o fenômeno de agora: uma nova imagem da Beata Maria de Araújo.

## CAPÍTULO 2: “OS FATOS QUE TEM SE REPRODUZIDO NA BEATA MARIA DE ARAÚJO SÃO SOBRENATURAIS”<sup>10</sup> COMO ACONTECEU O MILAGRE?

Para esse capítulo é preciso sensibilidade ao interpretar a história; seria interessante pensar tudo como um grande palco, com personagens marcantes, mas dessa vez com destaque para a protagonista, que tanto foi menosprezada pela história, pela igreja e por uma parte dos autores sobre Juazeiro por anos: Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, a Beata do fenômeno da hóstia.

O ponto de convergência dessa tese é o dia do Milagre de Juazeiro, ocorrido no ano de 1889. Contudo, a história não tem início nesse período, porém, este é o seu marco temporal instaurador. Com isso, chega-se à seguinte questão: o milagre não foi realizado na boca da Beata Maria de Araújo, e que foi ofuscada da história.

A construção desse capítulo almeja mostrar sua visibilidade, descrevendo que havia uma ênfase na figura de Beata. Foram pontuadas as seguintes questões: a Beata Maria de Araújo; as outras beatas e o Padre Cícero; evento da transubstanciação da hóstia na boca de Maria de Araújo e conhecido milagre de Juazeiro; os acontecimentos do Brasil República que modificaram o poder político da igreja Católica e o período da romanização, mostrando o porquê de Juazeiro estar em uma dinâmica de embate desses personagens. Um pequeno vilarejo se tornava palco de um dos maiores conflitos religiosos do Brasil, com um fervor popular inimaginável na época, que repercute até os dias de hoje, com as romarias.

### 2.1 MARIA MAGDALENA DO ESPÍRITO SANTO... E QUEM É ELA?

Maria de Araújo nasceu em 24 de maio de 1863<sup>11</sup> no vilarejo de Tabuleiro Grande, para encontrar a origem da Beata, foram analisados os Livros de Batismo de Barbalha, pois eram esses documentos que faziam os registros da época.

#### Figura 2 - Maria de Araújo

<sup>10</sup> Final do I Inquérito atestado pelos Padres Clícério e Antero sobre os fatos de Juazeiro.

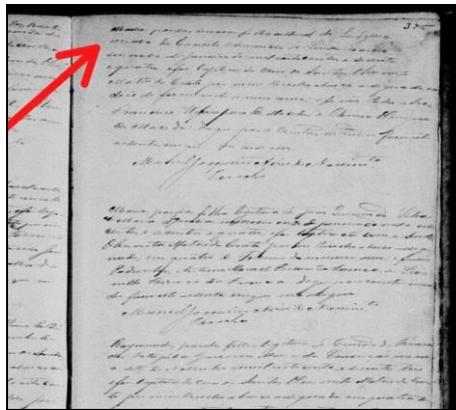
<sup>11</sup> Segundo Fátima Pinho (2019) a possível data é 24 de maio e não 23 de maio, pela sua análise a documentos da época. Para mais: PINHO, Maria de Fátima Moraes. **Padre Cícero: anjo ou demônio?** Teia de notícias e ressignificações do acontecimento do padre Cícero (1870- 1915). Tese (doutorado). 416p. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.



Fonte: Google imagens (2019).

Em 1863 foi observado um registro de uma mulher chamada Maria no município de Barbalha, um mês antes do nascimento de Maria de Araújo. Os documentos que poderiam mostrar a data correta se encontram no Crato, com a Diocese<sup>12</sup>.

**Figura 3** - Registro de batismo de uma escrava chamada Maria



Fonte: Livro de batismo da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha<sup>13</sup>

Como mostra a imagem, a mulher do registro que se chama Maria era escrava, com o fato visto é possível pensar a possibilidade de Maria de Araújo ser descendente de escravos devido à época que nasceu. Até porque em 1863 o Brasil ainda não tinha a Lei Áurea, e a Lei do Ventre Livre só foi promulgada em 1871, nessa data Maria de Araújo já havia nascido. No

<sup>12</sup> Ainda não reabriu seu acervo, devido à organização dos documentos que iniciou essa mudança em 2019 e com a pandemia do Covid-19 ainda não permitiu reabertura.

<sup>13</sup> Livro de batismo da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha - 1861-1864. Vigário João Francisco da Costa Nogueira.

entanto, é importante lembrar que o Estado do Ceará teve um diferencial em relação à escravidão, devido o Movimento do Dragão do Mar, em 1881, em Fortaleza, que encerrou a escravidão por resistência popular no Estado antes do restante do Brasil. O Cariri, por exemplo, engajou-se no processo abolicionista em 1883, sendo uma das últimas Regiões do Ceará a aderir à abolição (AGAPTO, 2020). Nesse sentido, o mesmo autor assinala que:

Atos políticos com aspirações de alcance nacional já haviam mobilizado cidadãos do Crato através da participação nos movimentos políticos emancipacionistas de viés liberal e republicano originados na província de Pernambuco, nas primeiras décadas do século XIX: a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador, de 1824. Estes movimentos repercutiram no Cariri por intermédio do núcleo familiar dos Alencar. Apesar da adesão a movimentos liberais, os Alencar expressaram sua defesa da escravidão, especialmente através do célebre escritor e político José de Alencar (AGAPTO, 2020, p. 94).

Vale ressaltar a questão do envolvimento da igreja e em especial da Diocese do Ceará no processo pós-abolição, incluindo falas do próprio Dom Joaquim que viria a ser Bispo do Ceará “educando essas criaturas no conhecimento dos deveres religiosos e sociais” (AGAPTO, 2020). O que mostra que mesmo com o processo de abolição, muitas vezes não aceito por parte das elites, teria que acontecer, essas aristocracias como a própria igreja, queria manter-se no poder sobre os negros, como se fossem criaturas, animais, sem alma, sem educação, ou seja, para eles sem civilização (IDEM, 2020).

Em tal cenário emergiu e amadureceu, advindo da Europa, o conceito de ‘classes perigosas’. No seu contexto original a ideia de ‘classes perigosas’ estava relacionada às pessoas que já tinham praticado delitos ou que estavam entre pessoas que cometeram crimes. “No Brasil ‘classes perigosas’ passa ser sinônimo de pobres” (AGAPTO, 2020, p. 103).

“Era filha legítima de Ana Josefa do Sacramento e de Antonio da Silva Araújo” (FORTI, 1997, p. 37).

Maria de Araújo era zeladora do *Apostolado da Oração*, uma associação leiga que nasceu na França em 1844, aprovada pelo Papa Pio IX em 1849, também conhecida como Associação do Sagrado Coração de Jesus. As leigas que participavam dessa associação eram chamadas de *beatas*, ainda que não se saiba se essa era uma denominação comum a todas as mulheres do Apostolado ou se era um caso peculiar de Juazeiro (NOBRE, 2016, p. 30).

Maria de Araújo era uma figura importante para as outras beatas, para o Padre Cícero que a considerava como um braço direito de ações leigas em Juazeiro. Os peregrinos acreditaram na sua importância por anos, isso é possível observar na repercussão do que ela

representava nos jornais da época, uma mulher forte, reconhecida pelas pessoas como uma mulher religiosa e dedicada, antes mesmo da ocorrência dos fatos ditos milagrosos, e após o evento da transubstanciação a imagem que se construiu da Beata era de santa.

Isso é possível observar em alguns jornais da época: “O Republicano” (SE) em 06 de outubro de 1889 que mostrava “Por ocasião de dar **o santo Padre Cícero comunhão a uma beata confessada, ali residente, à quem o próprio Padre Cícero chama de santa!**” (grifo nosso), ou seja, afirmação de que a figura da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero eram vistos como santos, e que essa notícia se propagava assim, mostrando que na ocorrência do milagre o que era visto pelas testemunhas era a visibilidade em relação à Maria de Araújo.

Em 1890 o jornal “O Libertador” em 09 de maio trouxe a manchete “**A Santa do Joaseiro**” com a seguinte reportagem “**A respeito da bem aventurada Maria santa** descoberta pelo Rvd. Cicero R. Baptista, capellão do Joaseiro, neste Estado” (grifo nosso), santa esse era o lugar de Maria de Araújo nos jornais, sendo reflexo do que as pessoas acreditavam que ela era na região. Portanto, nessas ocasiões não importava sua cor, seu gênero, sua localização geográfica o que importava para as pessoas era a representação de alguém santa, o que se construiu depois sobre Maria de Araújo foi arquitetado para destruir essa imagem que ela já estava representando no imaginário popular.

É possível observar outros relatos na descrição “Em geral descreviam-na como uma pessoa franzina, de estatura média, mestiça com predominância do negro, cabeça pequena e arredondada, cabelos quase ‘carapinhos’, olhos pequenos, lábios grossos, etc. Feia e vulgar. Usava o hábito preto de Beata. Vinha de família pobre, humilde e seu ofício era o de costureira” (FORTI, 1997, p. 38).

Após o milagre e a instauração do II Inquérito<sup>14</sup> há uma tentativa de desqualificar<sup>15</sup> a figura da Beata, sendo possível ver a ênfase na questão racial, a repugnância não era só sobre o gênero feminino, mas, sobretudo, sobre sua raça e sua descendência. Em meio a esse movimento de santa ou embusteira é preciso observar a sua firmeza e como ela se representava, isso foi observado na apresentação dela ao Primeiro Inquérito com o nome: Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, se auto batizando:

A mulher perdoada carrega em si o Espírito Santo. Mas ela não se nomeia apenas Maria do Espírito Santo, sem conflito. Ela é Maria Magdalena- pecadora- do

<sup>14</sup> O II Inquérito será detalhado no próximo capítulo.

<sup>15</sup> Grande parte desse discurso que foi sendo passado para cada geração retratava o medo que a Beata Maria de Araújo representava o medo do protagonismo de um fenômeno religioso.

Espírito Santo, o consolador. Duas realidades, antagônicas, numa mesma pessoa. O conflito está instaurado, mas polarizado, cindido. Culturalmente, uma cisão definitiva: o bom separado do mau (FORTI, 1997, p.143).

Há de se pensar o quanto é simbólico o sentido que ela queria dar ao seu nome. Este que ela se apropriou e que ela enfatizou, mostrando que doou sua vida ao Cristo e acreditou nisso até o fim dos seus dias; esse conflito que mostrava uma via de mão dupla, **o bem pois para alguns ela era santa, e o mau para outros que a consideravam histérica ou embusteira** (FORTI, 1997, grifo nosso).

A representação que estava se construindo de Maria de Araújo tinha duas formas boa e má, mas o que é importante salientar é a ideia que começava a surgir sobre o medo do que ela era, e do que ela poderia ser, saindo do controle social que a igreja fazia e pretendia fazer com o processo de romanização no Brasil. No Primeiro Inquérito<sup>16</sup> é possível observar a sua fala:

Aos nove dias do mez de Setembro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos noventa e um, no Consistorio da Capella de Nossa Senhora das Dores, da povoação de Joazeiro, presente o Reverendo Padre Clycerio da Costa Lobo, commissario Episcopal, comigo Secretario da dita Commissão, abaixo assignado; e sendo ahi, compareceu a Beata Maria de Araujo [...]. Primeira= Como chama-se?- Respondeu chamar-se Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo [...]. Oitava= Sofre de alguma enfermidade? = Respondeu que soffre ligeiros incommodos no estomago [...] (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 31).

É assim que Maria de Araújo se apresenta, e se pôde perceber sua imposição e firmeza: uma mulher que afirmou ver imagens maravilhosas, e que a hóstia havia se convertido em sangue na sua boca, mesmo em estado de perturbação, um poder de se auto batizar, modificando seu nome. A tese da Professora Dra. Ercilia Olinda (2018) é uma das análises mais recentes sobre a Beata, e ela traz a seguinte colocação para apresentar Maria de Araújo, “Maria Araújo por ela mesma”:

Meu nome é Maria Magdalena do Espirito Santo de Araújo. Sou filha legítima de Antônio da Silva de Araújo, já falecido, e de Anna Jozepha do Sacramento. Sou natural da Povoação do Joazeiro e tenho vinte e nove anos começados [...]. Iniciei minha vida de piedade, desde os nove anos, mais ou menos. Tenho tido visões maravilhosas desde a idade de nove anos, mas com alguma interrupção, e sem que bem conhecesse o que isso era. Há seis anos as visões tornaram-se mais frequentes e tenho tido inteiro conhecimento delas, porquanto, Nosso Senhor Jesus Cristo e a Virgem Santíssima se comunicam comigo, dando-me direções espirituais [...]. Tenho tido colóquios com Nosso Senhor Jesus Cristo e nessas oportuidades Ele manifesta ser de sua vontade que eu me consagre e me prepare para revelações

<sup>16</sup> O I Inquérito será detalhado adiante, foi um momento importante do qual se observa a afirmação da Beata sobre o milagre.

futuras. Em algumas destas revelações Ele me indicou querer fazer deste lugar uma porta do Céu e um lugar de salvação para as almas. Por ocasião de comungar, tem a sagrada Hóstia se convertido em sangue e em carne. A princípio, só em sangue [...]. Tenho certeza de que este sangue não é meu próprio sangue, pois sinto isto e tenho a este respeito revelação particular. Também não experimento enfraquecimento algum, nem alteração de qualquer espécie em minha saúde [...]. Saio do estado extático a mandado do meu diretor espiritual e até a mandado de qualquer sacerdote, debaixo de obediência [...]; porquanto Nosso Senhor Jesus Cristo me tem revelado que tudo isso se opera para a conversão dos pecadores e perseverança dos justos; chegando até queixar-se amargamente da ingratidão dos homens para com Ele, e chamando-os a aproveitarem de suas graças enquanto é tempo misericórdia [...] (p. 111).

É possível observar a insistência da Beata, neste caso segundo Olinda (2018) em relação a estar em Juazeiro, mesmo depois sendo perseguida e obrigada a sair da cidade<sup>17</sup>, para ela era ordem de Jesus que ficasse no vilarejo, assim como Padre Cícero recebeu essa ordem. Desde criança seguia fielmente o Padre Cícero, fazendo a primeira comunhão com o pároco, na infância a Beata dizia sonhar e ver Jesus. Quando se tornou Beata passou a viver o dito “casamento espiritual”, o matrimônio com Jesus.

O casamento espiritual simboliza um compromisso que se torna mais importante do que a vinculação com alguma ordem religiosa, o espaço da heterodoxia transcende aí o território da ortodoxia. O consórcio simbolizará ainda a própria consagração do espaço aonde mais tarde a hóstia viria a sangrar na boca da beata e a teatralização do casamento ratificaria a transformação do sobrenatural em espetáculos (NOBRE, 2011, p. 86).

Como parceria dessa união sentiu todos os estigmas que Jesus sofreu na cruz, antes do fenômeno do sangramento da hóstia na sua boca. “O caso de Maria de Araújo é peculiar porque ela era a única que possuía um histórico antigo de manifestações tidas como ‘sobrenaturais’. Já em 1885 começaram a aparecer os primeiros ‘estigmas’ no corpo da beata” (NOBRE, 2011, p. 84).

Nesse panorama, é possível observar uma mulher serva da igreja, de Jesus e do seu guia espiritual Padre Cícero, uma Beata no sertão nordestino que serviu pela fé. Essa questão em Juazeiro é importante, visto que, é um dos lugares que pode representar um olhar da igreja para um grupo de mulheres que perturbavam a instituição religiosa. Sendo assim, a forma que a Beata Maria de Araújo tem é a de comunhão com essas características: mística + cor + posição social + gênero, é na junção dessas categorias que ela se torna a protagonista (visível-santa) e a invisível (colocada como uma doente) da história de Juazeiro do Norte.

---

<sup>17</sup> Será mostrada adiante, após o evento do milagre.

## 2.2 “E VOCÊ, PADRE CÍCERO, TOME CONTA DELES” - CÍCERO ROMÃO BATISTA

Cícero Romão Batista nasceu na cidade de Crato, em 24 de março de 1844 e morreu em Juazeiro do Norte em 20 de julho 1934, aos 90 anos, filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Ferreira Gastão, conhecida como Dona Quinô. O jovem Cícero estudou em Cajazeiras com o Padre Inácio de Souza Rolim (DUMOULIN, 2017) de quem teve muita influencia para o jeito de Cícero ser sacerdote.

**Figura 4** - Padre Cícero Romão



Fonte: Google imagens (2019).

Estudou no seminário em Fortaleza em 1865 onde se tornou padre, um seminário fortemente influenciado pelos padres lazaristas que vinham de uma tradição francesa na perspectiva de abolir o catolicismo colonial (DUMOULIN, 2017) herança dos portugueses e fortificar a questão da igreja Católica Apostólica Romana.

Formado no Seminário Maior de Fortaleza, Cícero recebeu uma educação sacerdotal bastante rigorosa, reflexo do esforço de romanização desencadeado pelos bispos reformistas. Todavia, embora a sua formação tenha se dado nesses moldes, ele fora criado num ambiente profundamente marcado pelas crenças e práticas do catolicismo popular, sendo este contraste um elemento importante não só na sua atuação junto à população, mas também na sua postura frente aos acontecimentos posteriores em Juazeiro (PAZ, 2011, p. 47).

Cícero, antes de acontecer os fatos de Juazeiro tinha um admirador de sua conduta, Dom Joaquim, Bispo do Ceará que, apesar da influência lazarista, tinha apreço por Cícero e acreditava que ele era um bom sacerdote. Ao retornar ao Cariri, se tornou capelão em Juazeiro. “Nestes ditos aldeamentos, os padres assumiram o que se costumava chamar de

poder espiritual e poder temporal. Ou seja, assumiram a liderança em nome do poder da Igreja (espiritual) e do Estado (temporal). E isso era tido como um processo de civilização” (TOLOVI, 2015, p. 53).

Foi assim que o Padre iniciou sua história em Juazeiro, como líder espiritual e temporal, como se de fato esse local só começasse a existir com ele, não existe um sem o outro- o padre e o vilarejo. “O papel do padre, do coronel e do líder político faz parte de uma mesma estrutura de poder que envolve toda a cosmovisão popular da época” (TOLOVI, 2015, p. 33).

Uma das mudanças que ele inaugura é formação das ditas “beatas do Padre Cícero”. Ao seu redor sempre se encontravam mulheres que abdicavam da vida mundana e passavam a seguir o padre e a Jesus, no dito “casamento espiritual”. “O casamento espiritual simboliza um compromisso que se torna mais importante do que a vinculação com alguma ordem religiosa” (NOBRE, 2011, p. 86), em que as beatas se consagravam a Jesus e tinham consciência que iriam viver ao seu lado, principalmente que iriam sofrer suas dores para que a humanidade se regenerasse como dito no ponto anterior com a Beata Maria de Araújo.

Padre Cícero, com seu espírito de liderança, conseguiu atrair muitas pessoas ao vilarejo. E é importante ainda trazer o conceito de carisma que o padre possuía, Cícero possuía o poder carismático, heroico (WEBER, 1999).

Juazeiro era um local de passagem e de repouso, pois faz fronteira com quase todos os estados do Nordeste e fica no coração da Região, dessa forma, viajantes sempre paravam e observavam o progresso que o local possuía. É dessa forma que o padre transforma a localidade, com a convivência diária com as pessoas, sempre evangelizando com missas e novenas até mesmo na porta da sua casa (DUMOULIN, 2017).

A questão da obediência de Cícero ao bispo do Ceará Dom Joaquim, que sempre teve uma grande consideração pelo padre na carta abaixo é possível ver, explicando ao Bispo o que vinha acontecendo com Maria de Araújo, antes mesmo do fenômeno da transubstanciação da hóstia: “Já em 1886, em Quixará (hoje Quixadá) o Padre Cícero comunicou ao bispo de Fortaleza, Dom Joaquim Vieira, sobre manifestações especiais que aconteciam com Maria de Araújo. Cf. carta de Dom Joaquim ao Padre Cícero, datada de 07 de março de 1890” (OLINDA, 2018, p. 92). Portanto, foi considerado o santo do sertão, o líder, o protetor, a mão que acolheu o sertanejo, assim como acolheu Maria de Araújo. É importante ressaltar a figura de Cícero na história, mesmo não sendo o foco dessa pesquisa.

### 2.3 OS PERSONAGENS DA CENA

No vilarejo de Tabuleiro Grande, da cidade de Crato, no interior do Ceará do final século XIX, inicia uma das maiores histórias das romarias. “Este lugarejo, como tantos outros na região, não passava de um acanhado arraial originado de uma capela” (PAZ, 2011, p. 46).

O Cariri fica no coração do Nordeste e Juazeiro do Norte no coração do Cariri cearense, foi povoado por baianos e pernambucanos. “Descoberto no século XVII, o Cariri começou a ser povoado nas primeiras décadas do século XVIII, sobretudo por baianos e pernambucanos. Até o primeiro quartel do século XIX, os capitães mores e governadores do Ceará concederam muitas sesmarias para criação de gado, sendo poucas terras destinadas à agricultura” (PAZ, 2011, p. 24).

Como afirma Dumoulin (2017) o Cariri é um local de resistência e fé, um vale privilegiado. “Foi a partir dessa referência: ‘uma pequena capelinha de fazenda’ que teve início um pequeno arraial por onde passavam viajantes tropeiros que aproveitavam as sombras de três grandes pés de joazeiro para descansar” (TOLOVI, 2015, p. 57). Foi nesse local que se mistura a ideia de abundância natural junto com a esperança de riquezas que o trabalho e a fé podem fazer.

Em algumas obras há uma ênfase em um Juazeiro desprezado e indigno de se ter um milagre, no entanto Pinho (2019, p. 35) mostra alguns autores e memorialistas abordando a ideia de um vilarejo calmo, “no final da década de 1850, o governo provincial do Ceará, cria no povoado duas instituições pública nas áreas de educação e segurança”. A autora demonstra que ao longo do tempo houve uma construção de uma rivalidade entre Juazeiro e Crato, para afirmar o atraso de um e a civilização do outro.

Nesse processo, é possível observar o Cariri cearense no berço de um processo civilizatório (AGAPTO, 2020, p. 103), onde “[...] o Crato se propunha ser o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri”. De um lado, o processo civilizatório da igreja Romana e a ideia de higienização no Ceará *versus* os “vagabundos” (assim que eram conhecidos os moradores de Juazeiro). É assim que temos uma das histórias mais marcantes sobre religiosidade popular do Brasil.

O Cariri cearense está em uma espécie de oásis, no coração do Nordeste, a cidade fica próxima à divisa do Ceará com o Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Esse local privilegiado do sertão nordestino teve uma figura singular que foi exemplo para Cícero, o Padre Ibiapina.

Padre Ibiapina cearense da cidade de Sobral, um padre diferente, sua preocupação maior era com a população, e principalmente com as pessoas pobres, que necessitavam de

água, açudes, poços, moradia, orfanato para crianças, ou seja, e de um lugar que acolhesse as pessoas, uma casa em que fosse “espécies de congregações religiosas independentes e autônomas que funcionavam sem autorização canônica, servindo simultaneamente de escolas para filhas de fazendeiros e ricos comerciantes, de orfanatos para crianças pobres e de conventos para sua congregação de beatas” (PAZ, 1995, p. 43).

Ibiapina ia à contramão dos outros padres da Região fez das Casas de Caridades um local para as mulheres leigas terem oportunidades de exercer suas espiritualidades. Fez grandes obras como mostra Paz (1995, p. 43) “chegou a fundar vinte e duas Casas de Caridade entre os anos de 1862 a 1883 (ano de sua morte), sendo quatro Casas apenas no Vale do Cariri”.

As Casas de Caridade possuíam alguns princípios como: honestidade, recatos femininos, amparo religioso e educacional; as mulheres deveriam fazer votos de pobreza, obediência e castidade para receber o manto de beata, ou seja, vestes inspiradas nas roupas das freiras, uma roupa preta e um lenço preto na cabeça (PAZ, 1995).

Entre 1860 e 1876, Ibiapina percorreu os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí e Pernambuco construindo poços e açudes para o abastecimento de água nas regiões mais carentes e mais atingidas pelas secas constantes. Ele ainda ergueu igrejas, cemitérios e Casas de Caridade nos lugares onde as ações governamentais falhavam. [...] As Casas de Caridade criadas pelo padre Ibiapina tinham como lema a máxima “Ora e labora”, isto é, “Ora e trabalha” que já indicava claramente sua função. Elas representavam a ratificação de um modelo ideal feminino no qual a obediência, submissão, abnegação aos bens materiais, humildade, eram as virtudes necessárias à mulher que se dedicava ao trabalho religioso (NOBRE, 2011, p. 58).

As Casas de Caridade já eram expoentes de uma visão religiosa dedicada às mulheres, que até então não possuíam nenhuma “autoridade” religiosa. Com o Padre as Casas de Caridade implantadas dessa forma, esse cenário começa a ser modificado.

Pouco tempo depois Padre Ibiapina começou a proferir que as águas do Caldas<sup>18</sup> eram curativas. “Ibiapina foi saudado como ‘milagreiro’. Em sinal de agradecimento, o povo no local de cura erigiu uma capela de Nosso Jesus dos Pecadores” (DELLA CAVA, 1976, p. 36). Iniciava assim, a propagação de uma mística de um catolicismo popular sobre o Cariri. “Capacitava os próprios leigos para assumirem a manutenção e a administração destes mesmos bens. Foi nesse contexto que as beatas e os beatos ganharam credibilidade e

---

<sup>18</sup> Caldas é um distrito da cidade de Barbalha, que possui fontes naturais.

destaque” (TOLOVI, 2015, p. 45). Após o episódio do Caldas, o padre foi transferido do Cariri.

“O bispo do Ceará faz com que Ibiapina renuncie à direção das Caridades do Vale, buscando com isto trazer fiéis e as beatas para o caminho da ortodoxia” (PAZ, 1998, p. 44). O intuito da igreja romanizada no Cariri sempre foi de abafar a atuação dos leigos no local, no entanto, mesmo o vilarejo não tendo uma Casa de Caridade, conseguia ter expoentes para essa proliferação popular do catolicismo. A igreja romanizada retira a figura de Ibiapina de cena e passa a comandar as Casas de Caridade, sendo parte de um processo maior que era a ideia de civilização, com mulheres sob o comando da igreja, como afirmava Agapto (2020, p. 56):

Priorizar a instrução feminina, deixar a gestão da casa ao cargo de mulheres e estabelecer o dote para “à custa da caridade” revela o um projeto que visava não criar um núcleo de castas devotas e sim de mães de família católicas instruídas. Esta não era a realidade e a presença de mulheres nos bancos escolares, mesmo para as primeiras letras ou matemática básica não era comum. Nem todas as meninas saíram casadas das casas, muitas permaneceram dedicadas ao labor e consagradas voluntariamente à caridade.

É nesse contexto do povoado que surgem algumas beatas que seguindo o Padre Cícero Romão passam a fazer parte do Apostolado da Oração e iniciam seus trabalhos no vilarejo, empenhadas na caridade da população mais pobre: Ângela Merícia do Nascimento (1863-?, assina o nome), Antonia Maria da Conceição (1861-?, , analfabeta), Anna Leopoldina Aguiar de Melo (1872-?, , assina o nome), Jahel Wanderley Cabral (1866-?, , alfabetizada), Maria das Dores da Conceição de Jesus (1876-?, , analfabeta), Maria Joanna de Jesus (1858-?, , analfabeta), Maria Leopoldina Ferreira da Soledade (1862-?, , alfabetizada), Rachel Sisnado de Lima (1851-?, , assina o nome), Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo (1862-1914) (NOBRE, 2011).

Essas mulheres tinham como estilos de vida, desde suas infâncias: costuravam, oravam para Jesus com castidade e penitências, a maioria das vezes em jejum, algumas ajudam em orfanatos, acompanhavam as famílias em velórios, ou seja, a rotina delas era de doação à população. Os escritos sobre as beatas são escassos, a maioria não caracteriza cada mulher, e muitos trabalhos sobre Juazeiro não citam suas vidas e infelizmente a memória se perdeu no tempo e na história.

Como podemos entender a vida dessas mulheres? Segundo Paz (1998), as beatas participavam do Apostolado da Oração, Caridade, Jesus Crucificado, Santa Teresa que eram irmandades (das quais não participavam apenas as beatas), mas elas não viviam enclausuradas

nas Casas de Caridade (que se assemelhava a um convento. Como afirma a autora “as beatas moravam em suas próprias casas, muitas delas trabalhando para seu próprio sustento, outras recebendo ajuda do Padre Cícero (sobretudo aquelas que acolhiam órfãs para seres educadas)” (PAZ, 1998, p. 66).

Sob essa ótica, observamos que a vida dessas mulheres ganhava força com o manto de beata, quando teve início o encontro com o Padre Cícero, tornou-se possível impulsionar o papel dessas mulheres junto ao povo, crescendo um catolicismo feito no dia-a-dia, por elas, um fortalecimento de um catolicismo para o povo, se tornando mais popular, como já ensinado pelo Padre Ibiapina.

Nesse sentido, destacamos que quando Cícero chegou a Juazeiro muitas dessas mulheres já viviam como a vida de beatas, e a maioria era criança na época da sua chegada, com ele elas se tornam as beatas do Padre Cícero. “As beatas de Juazeiro não devem ser consideradas como pessoas pouco participantes da vida social, infelizes por não terem opção de vida melhor. Ao contrário, tornando-se beata haveria possibilidade de ação maior que para as demais mulheres” (PAZ, 1998, p. 71).

Pouca informação sobre elas, girando em torno da qualificação dessas mulheres, Nobre (2011, p. 83) enfatiza a falta de informações sobre as beatas. “Elas não aparecem em nenhum documento ou carta anterior aos eventos de 1889, não deixaram diários nem documentos pessoais”. A única que possui uma pequena historiografia é Maria de Araújo, esse fato se deu a partir de 1889, com o evento do milagre, mostrando que junto com o fenômeno veio o protagonismo da Beata.

## 2.4 A CENA

Naquela tarde o Sol escaldante, os pingos de chuva não encontravam aquele chão há muito tempo. A noite seria longa, apesar da pequena brisa que vinha da Chapada do Araripe que iria esfriar os corações daqueles que testemunhariam a mudança daquele lugar. Na madrugada de 01 de março de 1889 o silêncio das ruas vazias em tempo da quaresma invadia a Capela de Nossa Senhora das Dores, a igreja não era tão grande, mas o altar era muito acolhedor, nele havia um misto de angústia, de calor, do vento da pequena brisa, mas ao mesmo tempo, uma força maior, a ação da oração e penitência que fazia todas as beatas se unirem, em um só pensamento.

Estavam naquela ocasião Padre Cícero Romão Batista e as beatas do Apostolado da oração, dentre elas a Beata Maria de Araújo, de um coração puro e penitente. Depois de

muitas horas de jejum o Padre Cícero decidiu realizar a comunhão para aquelas mulheres, no meio daquele fervor existiam duas pessoas muito importantes Padre Cícero e Maria de Araújo os protagonistas da cena.

Cícero, ao entregar a hóstia na boca das beatas, repetia: “corpo e sangue de Cristo” até chegar a Maria de Araújo que recebeu a hóstia e dizia “Amém”, a Beata passou ao êxtase, sem tomar mais conta de si, desmaiando, e da sua boca escorria sangue.

O Padre, com medo do que acontecia, pedia às beatas que o ajudassem “Pegue panos, pegue panos”, enxugando a boca de Maria. A partir desse momento Juazeiro inaugura um novo fenômeno religioso, e um novo culto, a veneração aos panos de sangue que enxugaram a boca da Beata (PAZ, 2011). “O sangramento da hóstia se repetiu por dois anos, conforme depoimentos de centenas de pessoas de diferentes classes sociais, conforme divulgado na imprensa escrita da época, mas, sobretudo, na tradição oral” (OLINDA, 2018, p. 92).

Os fatos de Juazeiro foram importantes para a construção de um espaço religioso e social. Aqui não é feita uma análise para saber se o milagre ocorreu ou não, se Maria de Araújo era embusteira ou não, santa ou não, o ponto chave é mostrar um esquecimento que repercute até os dias de hoje, uma construção social, histórica e religiosa do fenômeno, e a Beata como protagonista.

Mesmo se repetindo tal evento Padre Cícero não informou à Diocese do Ceará, não comunicou ao bispo Dom Joaquim, que soube do fato depois da repercussão da primeira romaria a Juazeiro promovida pelo Monsenhor Monteiro, reitor do seminário da cidade de Crato, “Monsenhor Monteiro conduziu cerca de três mil pessoas do Crato em direção a Juazeiro, atraídas pelos milagres ocorridos com a beata e o padre” (PAZ, 2011, p. 57). Outra personagem importante da divulgação do milagre de Juazeiro foi o jornalista, primo e amigo de Padre Cícero, José Marrocos que espalhou a notícia a jornais locais e até de cunho nacional.

A ira do bispo Dom Joaquim, e conseqüentemente da igreja católica Romana, teve início após a negligência do Padre Cícero em não contar sobre os ocorridos em Juazeiro do Norte, principalmente após a primeira romaria feita pelo Monsenhor Monteiro “Hábil pregador, atuou como um importante instrumento de divulgação dos milagres” (PAZ, 2011, p. 89). Vale ressaltar que, o bispo Dom Joaquim tinha estima pelo Padre Cícero, no entanto, sua autoridade de bispo estava sendo desmerecida, e o temor maior já estava ocorrendo: o culto aos panos ensanguentados que enxugaram a boca de Maria de Araújo. Isso era contra a teologia católica, pois Jesus só sangrou uma vez em sua morte.

O bispo tomou a negligência do padre em comunicá-lo como desrespeito a sua autoridade e considerou a atitude de Padre Cícero como quebra do voto clerical de obediência. Teve-se início a chamada ‘questão religiosa’, decorrente das implicações da interpretação do bispo sobre a atitude do padre (CORDEIRO, 2010, p. 19).

A propagação do milagre através de jornais aumentava a ira da igreja, algumas pessoas consideravam o ocorrido como histeria de Maria de Araújo. Enquanto isso, as romarias ao sangue sagrado só cresciam no vilarejo, a ideia de uma religiosidade popular incomodava, assim a igreja romanizada em contrapartida afirmava que era fanatismo e misticismo o que se instaurava, aos moldes de Canudos (PAZ, 2011).

O número de pessoas chegando à cidade era alarmante, muitos se instalavam no vilarejo para morar, com um crescimento de 50% da população em uma década (NOBRE, 2014). “Após a revelação do mistério da Nova Redenção, Juazeiro era a Nova Jerusalém sendo construída nos sertões nordestinos, foco de atração, centro do mundo para milhares de romeiros que todo ano buscam aquela cidade santa para obter alento e renovar a sua fé” (PAZ, 2011, p. 83).

## 2.5 ROMANIZAÇÃO E O PODER

Em 1889, ano do evento do milagre em Juazeiro, a igreja perdia poder no Estado, o Brasil passava a ser República, com: o Estado laico, o casamento civil, não dependendo mais da igreja, gerando um grande problema para o catolicismo romanizado. Segundo Rolim (2016, p. 45) a igreja católica passou a tomar algumas providências firmando-se como “instituição autônoma do ponto de vista material, econômico e financeiro”. Desta forma, inicia uma espécie de “caçada” ao que fosse diferente do que a igreja romanizada ditava como regra, e Juazeiro precisava se adequar aos moldes ultramontanos da igreja católica.

Lançou-se mão dos pressupostos apontados pela Igreja no documento *Syllabus* no qual foram apresentadas oitenta proposições sobre as condenações que Pio IX havia feito ao mundo moderno por meio de seus escritos. Desse modo, ressaltaram-se os erros referentes às concepções liberais modernas e, especialmente, a não oficialidade da religião católica pelo Estado. Segundo a Igreja, essa questão constituía-se um equívoco, pois ao homem não caberia individualmente praticar um culto próprio, indiferente ao catolicismo. A liberdade de culto poderia corromper as mentes e propagar as ideias corruptas da modernidade, do progresso, da ciência e do liberalismo (OLIVEIRA, 2010, p. 07).

Era o que acontecia em Juazeiro, o catolicismo luso-brasileiro composto de cultura popular diferente das regras romanas. “O catolicismo popular está ligado ao hibridismo

cultural uma mistura entre as culturas indígenas, africana e dos colonizadores” (SOUSA, 2015, p. 23). Esse é o catolicismo oriundo dos portugueses, de mistura indígena, africana e europeia, um o catolicismo do povo, formado pelos leigos, não era de controle dos padres.

A chamada romanização do catolicismo brasileiro buscou essencialmente substituir o catolicismo popular, ainda preso às tradições lusitanas, com seu caráter devocional e místico, fortemente apegado às promessas e milagres, pelo catolicismo universal de Roma, com ênfase em seus princípios hierárquicos, morais e doutrinários (PAZ, 2011, p. 43).

O progresso da modernidade na América Latina, com o borramento de fronteiras entre a tradição e a modernidade, trouxe pluralidades e gerou incertezas. Esse processo foi observado por Néstor Garcia Canclín (1995, p. 83) na obra “Culturas Híbridas” “[...] Seria preciso entender a sinuosa modernidade latino-americana repensando os modernismos como tentativas de intervir no cruzamento de uma ordem dominante semi-oligárquica, uma economia capitalista semi-industrializada e movimentos sociais semitransformadores”.

Essa pluralidade instaura uma formação social heterogênea, surgindo o conceito de hibridação que seria a tradução da modernidade, onde essas novas práticas produzidas no Brasil faziam a igreja católica ter medo de perder seu poderio na sociedade. Surgindo o ultramontanismo<sup>19</sup> contra o liberalismo no Brasil (OLIVEIRA, 2010).

Nessa concepção, os padres lazaristas vieram com os ideais romanos, de ordem estabelecida pela igreja, e não com novas atuações na comunidade, como era comum no Brasil, sendo um ideal hierárquico europeu de se fazer um catolicismo, mudando o que se tinha de habitual no Brasil, educando outros padres, com a instauração de seminários, para continuar nas estruturas do poder; como por exemplo, a influência na política dos Estados, na constituição desses.

A romanização, também chamada movimento ultramontano, teve início na Europa no princípio do século XIX, tendo como seu corolário o Concílio Vaticano I (1869-1870), momento em que foi traçada uma nova política para a Igreja católica pautada, em linhas gerais, por uma tentativa de recristianização da sociedade, a partir da reação face ao mundo moderno, laicizado, baseado em ideologias liberais e positivistas, fundamentadas na ciência e no materialismo, em detrimento da fé e dos valores sustentados pela Igreja (PAZ, 2011, p. 34).

No Ceará, Dom Luiz fundou o seminário e trouxe os padres lazaristas, na cidade de Fortaleza. O Bispo Dom Luís fora educado na formação lazarista.

---

<sup>19</sup> Movimento interno da igreja católica onde colocava a autoridade papal acima de todos, e tendo ações frequentes contra o liberalismo e o racionalismo.

Dom Luís fundou o seminário da Prainha em 1864, dirigido por padres lazaristas franceses, fiéis agentes da romanização, conhecidos por seu rigor e disciplina, elementos indispensáveis para a renovação do clero e para a disseminação e sedimentação de uma Igreja romanizada no Nordeste. O Seminário da Prainha tinha como objetivo não só a formação clerical, mas a difusão de uma ação cultural-pastoral baseada na ordem, obediência e disciplina (PAZ, 2011, p. 40).

Como forma de disseminar a romanização no Ceará, Dom Luís passa a frequentar o Cariri na tentativa de “educar” os padres do sertão cearense. É nesse cenário que surge Dom Joaquim, sucessor de Dom Luís, também educado pelos lazaristas, foi um dos personagens principais a combater a ideia de religiosidade popular que se fortalecia em Juazeiro.

O Bispo antes mesmo de fazer esse combate em Juazeiro do Norte era uma das pessoas que associava a ideia de liberdade dos escravos à vadiagem (AGAPTO, 2020) isso foi possível observar no *Te Deum Laudamus* “é necessário ainda continuar a vossa grande obra, educando essas criaturas no conhecimento dos deveres religiosos e sociais e ensinando-lhes a trabalhar para serem úteis a si e a seus semelhantes” (AGAPTO, 2020, p. 101), ou seja, “as criaturas” que ele se referia eram os escravos, que precisavam ser úteis, mostrando ainda as raízes aristocráticas e colonizadoras que ele pertencia como paulista estando no Nordeste brasileiro e querendo implantar a reforma romanizada.

Dessa forma, quando Dom Joaquim começava uma espécie de busca pelo Padre Cícero e pela Beata Maria de Araújo, não estava fazendo essa caçada aos personagens individualmente, ele estava fazendo a tudo que os dois e a questão do milagre representavam de ameaça à igreja romanizada, a força que crescia em Juazeiro com o catolicismo popular, fazia surgir uma potência que a igreja temia, receando a construção de uma possível igreja católica do Brasil, com procedimentos luso-brasileiros e longe dos preceitos de Roma.

Além disso, Dom Joaquim carregava todo preconceito contra a Beata, e os fatos de Juazeiro, porque era machista, racista, xenofóbico. Nessa seara, é possível pensar na questão litoral (civilizado) e sertão (atrasado) e o intuito da igreja na figura do bispo Dom Joaquim era trazer um processo civilizatório para o sertão nordestino (AGAPTO, 2020).

## 2.6 OS JORNAIS COMO MEIO DE REPERCUSSÃO RELIGIOSA DO MOVIMENTO EM JUAZEIRO

O fenômeno do milagre foi rapidamente propagado por todo sertão nordestino pela população, chegando rapidamente aos jornais da época. O expoente para essa disseminação de informações era o jornalista José Joaquim Telles Marrocos. A história de José Marrocos se

mistura a vida de Cícero, fez parte do Seminário em Fortaleza, mas foi expulso e não se tornou padre, a justificativa naquele momento era sua rebeldia ao seminário, no entanto pouco se sabe sobre o passado de José Marrocos, era primo de Cícero e filho do padre José Telles, o que explica sua expulsão em um contexto de romanização e regulação da igreja.

José Marrocos enveredou pelos caminhos do jornalismo e sua principal missão enquanto profissional e por questões pessoais era propagar e defender o milagre de Juazeiro, fundando alguns jornais na região, como o: “A voz da Religião” no Crato, e “o Rebate” em Juazeiro<sup>20</sup>. Foi observado por meio de jornais digitalizados da época<sup>21</sup> tudo que se falou de Juazeiro, é importante ressaltar que o milagre de Maria de Araújo foi muito bem divulgado, de Norte a Sul do Brasil. No século XIX foram 61 matérias sobre o milagre, os jornais que noticiaram esses fatos foram:

**Quadro 1 - Jornais do Século XIX**

<b>Jornal</b>	<b>Estado</b>
O Orbe	AL
O Povo	RN
O Republicano	SE
Pacotilha	MA
Pedro II	CE
Pharol	MG
Republica	SC
The Rio News	RJ
Jornal do Comercio	RJ
Lanterna Mágica	PE
Leituras Religiosas	BA
Libertador	CE
O Apostolo	CE
O Cearense	CE
O Economista	CE
O Norte	PB
A Epoca	RJ
A Provincia do Espírito Santo	ES
A Silueta	PE
Civilização	MA
Conservador	SC
Diário de Pernambuco	PE
Gazeta do Natal	RN

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

<sup>20</sup> Boa parte do que se observa nos jornais da época se deu pelo empenho de José Marrocos em mostrar o fenômeno que foi o milagre, as consequências dos fatos para Juazeiro e os envolvidos no acontecimento.

<sup>21</sup> Todo material digitalizado encontra-se na Biblioteca do Museu Nacional. Para mais, ver: site da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>.

O Jornal com mais publicações desse século foi o jornal “O Apostolo” com 24 matérias. O que foi observado nos jornais do século XIX era uma ênfase na Beata Maria de Araújo, muitas vezes a chamavam de santa, e ênfase no Padre Cícero, o santo do sertão. Das 61 matérias sobre o milagre no século XIX, foram observadas 10 matérias com grande repercussão, em ordem cronológica até 1891, data do I Inquérito.

Apenas, uma matéria foi divulgada antes do ano do milagre. O Jornal “O Libertador” em 02 de abril de 1887 falava da miséria de Missão Velha e pedia pela “**Santa Maria de Jesus do Joaseiro**” (grifo nosso), essa divulgação pode ter ocorrido devido os estigmas que aconteceram no corpo de Maria de Araújo a colocando no patamar de santa.

Todas as outras referências jornalísticas se deram após os eventos. A primeira delas ocorreu em 05 de maio de 1889, com quase dois meses após o primeiro fenômeno, o Jornal “Pedro II” (CE) dizia: “Distante desta cidade, cerca de 7kms o fertilíssimo vale de Juazeiro, o povo de Juazeiro é bastante trabalhador com o venerado Padre Cícero” (JORNAL PEDRO II-CE, em 19 de julho de 1889).

Embora a matéria tenha sido publicada no mesmo ano do milagre, essa notícia não narrou o evento da transubstanciação da hóstia. No entanto, o mesmo jornal em 19 de julho de 1889 trouxe a seguinte manchete “Será milagre?” e seguiu com o relato de um fiel (sem nome na matéria) que afirmava ver o milagre:

Assistimos com nossa família a exibição dos panos, e ouvimos do próprio Padre Cícero, sacerdote de costumes puríssimos, afiançar que tem tido a felicidade de presenciar essa maravilha por diversas vezes. Chame a atenção do Exm. Sr. Bispo e poderes eclesiásticos para esse acontecimento, a que também não deveria ser indiferente o governo (JORNAL PEDRO II-CE, em 19 de julho de 1889).

O “Diário de Pernambuco”, em 24 de agosto de 1889, publicou como manchete um “Facto estupendo”, onde abordou o evento da hóstia como fato sobrenatural, trouxe a urna de vidro onde eram guardados os panos de sangue com Padre Cícero. “Há três léguas desta cidade, demora um povoado denominado Joaseiro, onde habita Maria de Araújo, mulher mais preta que parda, de estatura baixa e compleição franzina: é bastante feia e representa a idade de 18 a 20 anos”, o jornal ainda traz por fim:

É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade, e que esta o comente a seu sabor. Mas o que é certo, é que foi ele **testemunhado por mais de 30 mil pessoas**; e que o Joaseiro tem se tornado uma Nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos (JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO, em 24 de outubro de 1889, grifo nosso).

O número de pessoas que testemunharam os fatos chama a atenção, em meio ao sertão nordestino em período de seca, várias pessoas presenciaram o fenômeno na boca da Beata, é dessa forma que começa uma aproximação de fiéis vindos de vários locais para ver o dito milagre de Maria de Araújo.

O Jornal “O Povo” (RN) em 14 de setembro de 1889 trouxe o milagre e três pessoas importantes: **“a Beata que recebeu a hóstia**, o Padre Cícero como confirmação do milagre e Monsenhor Monteiro como testemunha” (grifo nosso). O Jornal “Gazeta de Natal” em 21 de setembro de 1889 retira a mesma notícia do Jornal Diário de Pernambuco com manchete “Facto estupendo”.

A notícia do milagre se espalhou de tal forma que também chegou ao estado de Sergipe com o Jornal “O Republicano” (SE) em 06 de outubro de 1889 chamava a Beata de santa<sup>22</sup> à notícia mostrava uma visibilidade em relação à Maria de Araújo como personagem histórica, apesar de alguns jornais destacarem de forma pejorativa que ela era negra, o que demonstrava o preconceito. No entanto, mesmo com discursos racistas da época havia visibilidade para a Beata, a santa do povo que se propagava pelo Nordeste.

O Jornal “O ORBE” (AL) em 10 de outubro de 1889 expôs a figura do Padre Cícero como o apóstolo da castidade, um verdadeiro apóstolo do Senhor, e trouxe essa afirmação através de uma comunicação espírita sobre o Padre Cícero<sup>23</sup>. O Jornal “O Apostolo” (CE) em 25 de dezembro de 1889 traz a matéria “Juazeiro continua a convergir uma população extraordinária de todas as partes”. Fechando assim a ideia que o ano de 1889 trouxe o milagre e sua repercussão positiva no Brasil, mas principalmente no Nordeste, onde foi muito bem noticiado, recebido e propagado pela população.

Após o ano do fenômeno do milagre, o Jornal “Pharol” (MG) em 15 de abril de 1890 publicou a seguinte matéria “Tendo-se divulgado esta notícia, acudio aquele lugar muita gente, não só do Estado da Bahia, como do Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e outros. Apesar de ter o padre Cícero dado ordem para ocultar o fato foi este reproduzido e observado por muitas pessoas. Não seriam partículas preparadas ad-hoc?”.

Em 1890 o jornal “O Libertador” em 09 de maio traz a manchete **“A Santa do Joaseiro”**<sup>24</sup> mostrando também a percepção das pessoas sobre a Beata. O Jornal “O Apostolo” em 06 de agosto de 1890 diz que houve uma confusão com o Padre e Beata, ainda

<sup>22</sup> Como foi exposto antes no tópico 2.1.

<sup>23</sup> É perceptível que ver no Padre a liderança além da religião católica, ele estava sendo observado por todas as religiões.

<sup>24</sup> Já enfatizado a notícia no tópico 2.1.

citando o jornalista José Marrocos. Na mesma linha de pensamento do Jornal “Phanol”, o Jornal “O Libertador” publica a manchete “Os milagres do Joazeiro” e traz a seguinte matéria:

Ninho do mais desbragado e ridículo fanatismo... O Padre Cícero Romão que sempre teve vocação para idiota, converteu o Juazeiro em feudo do fanatismo; onde impávida campeia a impostura de coroa e sotaina. Tendo-se divulgado esta notícia, acudio aquele lugar muita gente, não só do Estado da Bahia, como do Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e outros. Apesar de ter o padre Cícero dado ordem para ocultar o fato foi este reproduzido e observado por muitas pessoas. Não seriam partículas preparadas ad-hoc? (JORNAL O LIBERTADOR, 20 de outubro de 1890).

O final dessa publicação do Jornal “O Libertador” repete a questão do Jornal “Phanol”, sobre as partículas estarem preparadas antes, como muito se investigou na época, no entanto, essa última matéria tem ainda mais um tom agressivo em relação ao Padre Cícero por chamá-lo de idiota e fanático, o que é possível observar é que todas as matérias do ano de 1889 falavam bem do milagre, mas no ano seguinte já se começa a duvidar e provocar outras interpretações sobre os fatos, esse novo tipo de interpretação começa a chamar a atenção e terá outras publicações nesse nível, ao longo da instauração dos inquéritos por meio de vias eclesiásticas.

## 2.7 I COMISSÃO DE INQUÉRITO

Antes de citar as duas Comissões de Inquérito instauradas sobre os fatos de Juazeiro, é preciso entender o que um processo inquisitorial representa. O que acontecia no vilarejo não se remete a Inquisição do século XV à XVIII<sup>25</sup>, mas o que ocorreu em Juazeiro foi a instauração diocesana<sup>26</sup> (no caso pela Diocese do Ceará).

Um inquérito religioso possui os moldes de um inquérito policial, apesar de serem dois tipos de inquéritos diferentes, o inquérito religioso seguia o processo policial nas interrogações e exames, guardando tais informações em documentos, no entanto seu intuito era com questões que envolvesse somente a religião. Segundo Michel Foucault (2002, p. 12) em “A verdade e as provas jurídicas” é possível observar:

<sup>25</sup> Inquisição do século XV à XVIII (conhecida como inquisição medieval) pelo Tribunal do Santo Ofício instituído pela igreja católica para julgar e punir pessoas que não se enquadravam nas suas normas de conduta. Um dos principais combates da igreja católica eram contra os judeus e cristãos-novos, muitos julgamentos e execuções aconteceram.

<sup>26</sup> As inquisições diocesanas eram implantadas pela própria Diocese do Estado para averiguar também condutas inadequadas para a romanização, nessas questões Comissões de Inquéritos com padres eram no intuito de apurar informações sobre tais comportamentos e tentar controlar a situação local.

O inquérito apareceu como forma de pesquisa da verdade no interior da ordem jurídica [...]. Da mesma forma, no século XIX também se inventaram, a partir de problemas jurídicos, judiciários, penais, formas de análises curiosas que chamariam de exame (examen) e não mais de inquérito.

Seguindo na ideia de inquérito policial dentro do inquérito religioso, Cavalcanti (2015, p. 101) explica que “outras duas semelhanças importantes entre Inquisição e polícia dizem respeito às testemunhas e às provas do processo. Como faziam os inquisidores regularmente em relação às testemunhas de todos os processos”. Em relação ao milagre de Juazeiro, Nobre (2014, p. 328) traz sua contribuição, salientando que:

[...] o Processo Episcopal seguiu uma linha condutora parecida com a de um processo criminal. Produzido a partir de uma investigação, tanto os depoimentos dados por livre e espontânea vontade com interrogatórios feitos eram registrados pelo escrivão que, pode presumir, invariavelmente modificava o que foi dito ainda que não existisse intenção ilícita nesse ato.

Dessa forma, o inquérito dos fatos se aplicava como investigação policial. Dos escritos foucaultianos sobre a questão inquisitorial uma característica pode ser observada, só existe prova de verdade quando se situa a questão à disciplina, seja ela imposta pela justiça ou pela religião, e isso não foi diferente, o enquadramento dado foi principalmente a Beata Maria de Araújo, para se ter disciplina na época era preciso “enquadrar” cada envolvido em uma pena, essa questão de penalização fica explícito com o II Inquérito<sup>27</sup>, no I Inquérito foi possível ver a questão da verdade e da prova.

Em Juazeiro aconteceram os exames aos moldes do inquérito policial, sendo uma forma de sofisticar o inquérito vindo da Idade Média, pois todo aparato medieval continuava nos exames das falas e das ações das pessoas no Cariri com as técnicas, exemplo: a questão da verdade nos testemunhos, e a questão da prova, com os panos ensanguentados, que podem ser observadas pelo processo de Inquisição dos séculos passados.

A Primeira Comissão de Inquérito chegou em 09/07/1891 (DELLA CAVA, 1976, p. 65). Com mais de dois anos do evento do milagre, nessa comissão se encontrava o Padre Francisco Ferreira Antero, Doutor em Teologia, que tinha bastante prestígio por isso; era o secretário da Comissão, e padre Clicério da Costa Lôbo, delegado episcopal.

O Primeiro Inquérito inicia a investigação em 17/07/1891, os dois padres da Comissão passaram dias, interrogando todas as testemunhas da transubstanciação da hóstia, levantando

---

<sup>27</sup> Que será averiguado adiante.

dados sobre o milagre, com depoimentos e observações. O primeiro a ser foi Padre Cícero, com perguntas sobre a vida da Beata Maria de Araújo, e por ser seu diretor espiritual, na busca de compreender como os fenômenos de estigma começaram e como ocorreu a transubstanciação da hóstia.

Nas palavras de Filho (2012, p. 105) “objetivando ‘uma vitória para a verdade e pela verdade’; e a formação de um novo tipo de saber fundamentado na lembrança - o testemunho e na ‘arte da pergunta’: o inquérito”. Nesse sentido, verificamos que o autor trata sobre essa questão a partir de Foucault (2002) onde descreve todas as influências das questões religiosas no Direito, visto que o inquérito nasce pelo conjunto de perguntas, e isso pôde ser observado nos fatos de Juazeiro.

No I Inquérito, por exemplo, com as perguntas para provar se o milagre aconteceu ou não, onde as pessoas respondiam sobre a vida da Beata, com os seguintes questionamentos: quem era Maria de Araújo? O que fazia? Filha de quem? Quando começou a ter fenômenos? Ou seja, dessa forma, na ideia de formação da verdade e do testemunho Padre Cícero foi o primeiro a ser interrogado no I Inquérito:

Perguntado mais, qual o motivo porque chamou o medico Doutor Marcos Rodrigues Madeira, na Quinta-feira Santa, dia Vinte e seis de março do decorrente ano, para examinar Maria de Araújo, depois de haver esta commungado; respondeu que tendo-se dado, por varias vezes, durante o tempo quaresmal deste ano, o facto da Sagrada partícula ter passado por algumas transformações, quando se conservava ainda na língua da devota, quis que um medico testemunhasse a reprodução de um tal facto que naquelle dia acabava de operar-se, a fim de que o facto que tinha sido testemunhas alguns sacerdotes e muitas outras pessoas de toda a condição, fosse então testemunhado por pessoa perita como um medico e desta arte houvesse uma prova mais robusta em favor da verdade do facto [...]. Perguntado se o povo tem dado culto ao Sangue e ás particulas em que se dão aquellas transformações; respondeu que sim, pois o povo suppunha ser o Sangue verdadeiro de Nosso Divino Redemptor que ali via-se, accressentado que em muitas d’aquellas partículas, apesar das transformações nellas operadas subsistia ainda uma porção, ainda que pequena das espécies sacramentais (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 25).

Padre Cícero traz à tona a questão do milagre, as pessoas acreditavam nisso, que o milagre havia acontecido em Juazeiro, tanto que começaram a vir em romarias a fim de ver o sangue precioso.

No relato, Cícero ainda disse que a **Beata Maria de Araújo era vítima de tentações e que, mesmo assim, vivia na castidade**, que ela tinha visões antes do evento do milagre, desde que havia se consagrado a Jesus (grifo nosso). Desde então, ela tinha êxtases, e que em março de 1889 ocorreu à transformação da hóstia.

Pela vez primeira a vi, então tomada de um rapto extático, rezultando segundo Ella affirmàra a transformação da Sagrada hóstia em sangue, tanto que, alem do que Ella sorveu, parte caio na toalha e parte caio mesmo no chão; do que tudo foram testemunhas seis a oito pessoas que com Ella tinham commungado.-.Durante o tempo quaresmal daquelle anno e principalmente ás quartas e sextas feiras de cada semana, observaram-se aquelles phenomenos” (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 27).

Sendo assim, Cícero, como mentor espiritual de Maria de Araújo, foi o primeiro a mostrar como o fenômeno ocorreu e tentava convencer a Primeira Comissão que era a Beata uma pessoa digna, pura, zelosa e dedicada ao catolicismo (DOCUMENTO OFICIAL, 1891). Filho (2012, p. 107) faz uma observação que está relacionada à prova: “os litígios pelos procedimentos de ‘provas’: havia provas sociais, decorrentes do lugar social ocupado pelos indivíduos; havia provas verbais que não eram da ordem da veridicção, colocando em jogo a posição social e a ‘honra’ dos envolvidos”.

Essa questão também foi mencionada nos Inquéritos: com as provas dos panos ensanguentados, com a prova das falas das testemunhas, e com a provação da honra dos envolvidos no I Inquérito, principalmente sobre a prova da conduta da Beata, do seu lugar social, realocando de forma sutil o lugar da protagonista do evento do milagre para um lugar de fingimento, a estrutura social (nesse caso formada pela igreja romanizada).

Quanto à prova da verdade o interrogatório da Beata vem nessa questão seu testemunho ocorreu em 09/09/1891, que respondeu com o nome **Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo** (grifo nosso). Com a análise do processo é possível observar que toda a sequência inquisitória era sobre ela, **o processo girava em torno da vida da Beata, dos seus problemas de saúde, dos seus estigmas e de suas idas ao Purgatório, ao Céu e ao Inferno** (grifo nosso).

Essas duas questões foram escolhidas como peças chave: a primeira por ela ter se auto batizado: Magdalena do Espírito Santo, e segundo pela sua narração de estigmas e visitas a esses lugares (Purgatório, Céu e Inferno), é nesse primeiro inquérito que se observa uma postura firme de Maria de Araújo, uma firmeza no discurso e na indignação com as pessoas e os sacerdotes frente a Jesus, se há uma ideia de justiça que ela queria carregar pelo seu discurso, ele estava sendo feito, pelo seu lugar de cordeiro como Cristo. Portanto o testemunho de Maria nesse interrogatório não mostrava apenas o que os outros acreditavam que ela era; aqui evidenciava o que ela achava que ela era em relação a sua fé, o que estava acima de tudo era sua confiança na doutrina de Jesus.

Sobre o milagre ela respondeu: “Por ocasião de commungar tem a sagrada hostia se convertido em sangue e em carne? Respondeu que sim, **convertendo-se a principio em sangue**, pela primeira vez, na primeira sexta feira de Março de mil oitocentos oitenta e nove, interrompendo-se porem, e continuando neste corrente anno até a presente data” (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 32, grifo nosso) <sup>28</sup>. Destaque para o sangue, e a crença dela no milagre.

Na vigésima pergunta vem a seguinte questão: Tem certeza de que este sangue não seja seu próprio sangue e sente isto? Respondendo que sim. Tendo uma revelação particular e **não se sentindo fraca, sem alteração na saúde, com a movimentação da hóstia sensível**, com algo saltando a língua, até tocar o céu da boca (CÓPIA DO DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 32, grifo nosso). Um momento de suma obediência da Beata a Jesus, e a tudo que lhe foi conferido pelo casamento espiritual, foi observado na resposta da pergunta vinte e três:

Nesse estado tem tido revelações especiaes acerca dos factos ocorridos desde mil oitocentos oitenta e nove até a presente data nesta povoação do Joazeiro? Respondeu que sim; porquanto **Nosso Senhor Jesus Christo lhe tem revelado que tudo isso se opera para a conversão dos pecadores e perseverança dos justos**; chegando até queixar-se **amargamente da ingratição dos homens** para com elle e chamando-os a **aproveitarem-se de suas graças emquanto é tempo de misericordia** (CÓPIA DO DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 33, grifo nosso).

Para Maria de Araújo, ela era instrumento de Jesus e para tanto, era esse o momento de redimir os pecados. É interessante observar os inquéritos e perceber a tentativa de desaparecimento da Beata, inclusive nos trechos citados<sup>29</sup>, mas por que isso ocorre? Porque os documentos são narrados a partir da Comissão de Inquérito, é perceptível a tentativa de controle dos padres. Exemplo nas questões, eles fazem as perguntas e a resposta vem da seguinte maneira: “Respondeu que sim” e em seguida narravam o que ela falou, esse controle é observado em todo o inquérito (com os outros interrogados também), mas se sobressai em Maria de Araújo, o documento deveria estar com a narração dela, até porque se o interesse era no corpo da Beata.

Dessa forma, os padres da Primeira Comissão assistiram em outra ocasião a crucificação da Beata, viram também a transformação da hóstia na boca de Maria de Araújo, e observaram em umas das vezes, quando segundo a Beata, a comunhão foi ministrada pelo próprio Jesus, como mostra os documentos do Inquérito:

<sup>28</sup> Importante lembrar que alguns erros de acentuação em citações diretas, são descrições da escrita da época.

<sup>29</sup> Essa tentativa de subestimar a Beata ocorre no primeiro momento pela I Comissão Inquisitorial.

No dia vinte e dois de Agosto de mil oitocentos e oitenta e nove, é que Nosso Senhor Jesus Christo pela segunda vez lhe ministrou a Communhão por suas próprias mãos, sob a especie própria de sangue n'um cálice de ouro que lhe deu a beber, derramando parte d'elle sobre sua cabeça que chegou a ensopar o véo e a murça que ella trazia, **ficando Ella então em estado de extazes do qual despertando e sentindo-se <afflicta> por não saber o que fizesse do sangue que cahira** (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 40, grifo nosso).

Um dos momentos cruciais que os padres do Primeiro Inquérito observaram, foi o aparecimento de duas hóstias nas mãos da Beata, as quais segundo Maria de Araújo, Jesus havia pedido para que os padres da Comissão comungassem, e assim eles fizeram. Levantadas tais informações os padres começaram a fazer uma espécie de dossiê sobre os fatos de Juazeiro, abriram a caixa de vidro com alguns panos ensanguentados, e foi assim que, começaram a interrogar pessoas que foram testemunhas do evento, como o vigário Manoel Rodrigues de Lima, Manoel Gonçalves Dantas de Quintal e Joaquim Gonçalves Dantas de Quintal.

Ainda segundo Filho (2012, p. 105), a prova mostra “quem diz a verdade, mas de definir quem está com a razão” e é assim que o I Inquérito encerra sua documentação, observando a razão para eles naquele momento. Portanto, a forma de investigar da igreja romanizada reflete o seu poderio, que se concentrava nas bases de questões jurídicas e administrativas:

A Igreja Católica já utilizava ao longo de toda a Idade Média uma forma de inquérito espiritual e religioso, articulado à prática da confissão, e quando ela se tornou o único corpo econômico-político coerente da Europa entre os séculos X e XII, a inquisição eclesiástica transforma-se ao mesmo tempo em inquérito espiritual sobre faltas, pecados e crimes cometidos, além de inquérito administrativo sobre a maneira como os bens da Igreja eram administrados (FILHO, 2012, p. 107).

Nisto, um ponto importante é a ideia de confissão, os inquéritos policiais giram nos termos confessionais, muito se esperou por confissões sobre os milagres, e muitos depoimentos foram verdadeiras confissões<sup>30</sup>. Para provar a verdade e tentar ter uma confissão a I Comissão interrogou também às beatas, algumas delas: Maria das Dores do Coração de Jesus, Joanna Tertulina de Jesus, Joaquina Thimoteo de Jesus.

Na Casa de Caridade interrogaram as beatas: Antonia Maria da Conceição, Maria Joanna de Jesus, Anna Leopoldina d'Aguiar Mello (que inclusive informou também ter ido ao céu), Angela Mericia do Nascimento, Raquel Sisnando Lima. Também foram interrogados os

---

<sup>30</sup> As quais ao longo do texto serão mais bem analisadas.

padres: Joaquim Sother d'Alencar e Francisco Monteiro. As perguntas como fora dito acima, sempre giravam em torno da personalidade da Beata, dos seus estigmas, do dia do milagre e o que ocorreu na sua boca, das idas da Beata ao Purgatório, Céu e Inferno. Algumas vezes as perguntas eram modificadas, mas a maioria seguia essas etapas:

Conhece a beata Maria d'Araújo, sabe de quem é Ella filha e d'onde é natural? Sabe que a Beata dá-se d'esde menina à vida de piedade? Sabe ou consta-lhe ter a Beata algumas visões? Consta-lhe ter a Beata êxtases, estigmas e chagas miraculosas? Testemunhou por alguma vez a transformação da hóstia em sangue e em carne, por ocasião da communhão da Beata? (CASIMIRO, 2012, p. 58).

As respostas das testemunhas eram parecidas, explicando que a Beata vivia para Deus, que era piedosa desde criança, na tentativa de tirar qualquer prova de embuste dela, ou para provar que a Beata era uma devota, os discursos de dizer que ela era uma serva se repetiam. Se a ideia da Comissão era talhar o protagonismo da Beata nas falas dela e depois repetindo questões sobre ela para que as testemunhas falassem sobre ela. Há dois relatos que a Primeira Comissão documenta e que são de suma importância, os testemunhos de José Marrocos e de Monsenhor Monteiro:

Dois factos extraordinários, dois grandes testemunhos de sangue se deram no Joaseiro= a stygmatisation de Maria de Araújo e a transformação da hóstia sacramental em sangue. Um e outro por espectadores e por testemunhas autoridades ecclesiasticas, como Vossa Senhoria Reverendissima e seu digno secretario, Padres, Doutores em Medicina, bacharéis em direito, centenaes e milhares de pessoas de toda idade, posição, qualidade e condição (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 119).

Acima, transcreveu-se o depoimento de José Marrocos, forte propagador do milagre. Em seguida, registra-se o depoimento do Monsenhor Monteiro:

A Beata é pobre e de baixa condição! O Joaseiro é um insignificante Povoado! Serão estes os obstáculos ás manifestações Divinas? Todo mundo sabe que o Principe do Ceó, Filho Unigenito de Deos Padre nasceu de uma humildade Virgem de Nazareth, e era, filho adoptivo de um velho Carpinteiro. Não quis nascer das celebres Heroínas, nem fazer seu berço entre púrpura, sêda e ouro dos grandes da terra! Nasceu entre animais em um pobre Presepio! Donde fallou a Virgem de Lourdes , não foi do côncavo de um rochedo deserto á uma humilde Pastorinha? Mon Deos, quem eram os apóstolos? Pobres e grosseiros pescadores dos mares de Galiléa. Eram a escoria do mundo! (CÓPIA DO DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 123).

Esses dois relatos revelam uma tentativa de mostrar a verdade dos fatos para eles e de trazer à tona a comoção para que bispo Dom Joaquim tivesse um olhar de compaixão pelos

milagres de Juazeiro, a referência de Monsenhor Monteiro é a ilustração de que esse local era extremamente pobre tal qual Nazaré quando Jesus nasceu.

Ao final de tudo, a Primeira Comissão afirmou que os fatos eram sobrenaturais, essa conclusão legitimava o que acontecia em Juazeiro, que tinha um milagre e uma santa visível. No fim dos relatos e das observações, os padres Clicério e Antero fizeram o parecer deles sobre Juazeiro e o milagre. Parte desse relato:

Pelo que temos observado banimos da discussão a ideia de hypnotismo e vamos procurar provar que **não se trata de uma hysterica. Maria de Araujo não tem convulsões de natureza alguma, não tem alteração ou mudança de caráter e no seu trato, tem muito regular o seu fluxo catamenial, não tem outras perturbações nervosas que possam fazer crer ser ella uma hysterica (...)**. Outro facto para o qual chamamos particularmente attenção d'aquellesn que querem considerar estes phenomenos como ligados a uma moléstia, é o seguinte: - Que feito o gargarejo diversas veses- com a poção de perclorureto de ferro- não devia se reproduzir, e quando isto se desse, o sangue seria de uma cor negra, o que não se deu; ao contrario foi o sangue apparecido mais rubro do que os outros anteriormente observado [sic]. Não podemos attribuir este sangue a uma lesão do larynge ou do pulmão, por isto que estes factosse reproduzem há três annos e ella a menor tosse, febre e pelo exame que fizemos, não encontramos indícios de uma lesão interna, que podesse ser a origem de taes hemorrhagias. Não encontrando pois pelos meios por nós empregados, uma explicação scientifica, satisfactoria, **somos levados á crer que os factos que se tem reproduzido na beata Maria de Araujo são sobrenaturais** (DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO, 1891, p. 101, grifo nosso).

O que comprova a ideia do milagre para a I Comissão, que em sequência documentou a constatação do fenômeno a Dom Joaquim, que não concordou com as considerações dos padres e instaurou uma nova Comissão, o II Inquérito. Todos que participaram ativamente dos relatos ficaram indignados com a posição de Dom Joaquim.

Os depoimentos contidos nesta seção do estudo demonstram como estava à questão do medo da igreja católica Romana com o que ocorria em Juazeiro do Norte e especificamente, com Maria de Araújo. Crescia um catolicismo popular, trazendo à tona uma questão mística que gerava impacto no poderio da igreja.

## 2.8 REPERCUSSÃO DO MILAGRE E DA INSTAURAÇÃO DO I INQUÉRITO NOS JORNAIS

Após instauração do I Inquérito pela Comissão Episcopal dos Padres Clicério e Antero, os jornais de 1891 também noticiavam o que ocorria em Juazeiro, foram seis matérias jornalísticas que lembravam o milagre. O Jornal “O Apostolo” publicou em 03 de junho de

1891 com a manchete “O sangue de Cristo no século XIX” em que cita o milagre e a Beata “Maria de Araújo filha de pais pobres e obscuros”. O jornal ainda relata a tentativa de ocultar o Padre e a testemunha ocular Monsenhor Monteiro, com afirmações de testemunhas em Juazeiro “todos, em voz unisona, exclamaram como São Thomé: cremos porque vimos”.

O mesmo jornal, em 31 de maio de 1891, divulgou a fala do médico Marcos Rodrigues Madeira, que examinou a Beata em todo processo e afirmou ter visto a transformação e não era uma úlcera, chaga ou qualquer coisa. “Quanto a mim trata-se de um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação científica”. O jornal ao final trazia a assinatura do médico.

Em 29 de novembro de 1891 mostrou a seguinte manchete: “Foi iniciado o processo eclesiástico para saber dos fatos de Juazeiro”, citando o trabalho instaurado da I Comissão. Na mesma data da publicação do Jornal “O Apostolo”, o Jornal “Republica” (SC) publicava muitas notícias sobre a Beata Maria de Araújo e dizia que a mesma está sendo inspecionada por uma:

Comissão de padres vindo do Ceará, já não é o Padre Cícero que lhe dá comunhão, são os outros padres que vieram do Ceará... Ninguém contestou e nem contesta; isto é que a partícula, depois de ir à boca da beata, transformou-se em sangue... Trata-se de um fato importante sobre o qual a **ciência e a igreja se devem pronunciar com máxima clareza** (JORNAL “REPUBLICA”, 1891, grifo nosso).

O Jornal “O Apostolo” mostrou mais uma reportagem sobre o milagre, em 11 de dezembro de 1891, com a manchete “O processo sobre a investigação do sangue”, e trouxe a carta do tenente-coronel e farmacêutico Joaquim Secundo Chaves, acreditando no milagre.

Nesses jornais os que retratam o fenômeno como embuste são poucos, é perceptível a informação que as testemunhas dos fatos acreditavam neles, abaixo algumas manchetes e matérias enfatizando Maria de Araújo como pessoa chave do fenômeno de Juazeiro (ou seja, a personagem histórica), o jornal “Pedro II” em 19 de julho de 1889 dava ênfase a Beata “O Rvd. Padre Cícero Romão Baptista que é confessor de Maria de Araújo (assim se chama a moça virtuosa), afirma o facto discripto”.

Como o jornal “O ORBE”, em 28 de março de 1891 mostrou com o depoimento do médico Marcos Madeira afirmando ser milagre, quando há essa consolidação há uma confirmação na visibilidade de uma santa para Maria de Araújo. O Jornal “A Republica” em 29 de novembro de 1891 trouxe uma matéria só sobre a Beata:

Recebi jornaes d'ahi, em um dos quaes tratava-se a respeito da que tesa-se passado aqui com beata Maria de Araújo, o que tem preocupado toda esta cidade e grande, admirável mesmo, numero de povo, que de todas as partes, apara aqui tem concorrido! [...]. Conviddao pelos mesmos padres e medicos, fui à casa de caridade, onde se acha a referida beata, e, hontem e hoje, vi dar-se a communhão a Ella, e logo que levava a partícula à bocca, esta se desfazia em sangue, tendo precedido exame dos médicos. É um facto extarordinario. Já não é o padre Cicero quem a confessa e dá-lhe a comunhão: são os outros padres que vieram do Ceará [...] Elle affirma, porém, aquilo, **que ninguem contestou nem contesta; isto é que a partícula, depois de ir à bocca da beata, transforma-se em sangue** (grifo nosso).

Apesar de o jornal continuar a matéria e pedir explicações à igreja e à ciência sobre os fatos ocorridos em Juazeiro, de fato, a visibilidade estava acontecendo com a Beata, mostrando que as pessoas estavam ali vendo e sendo testemunhas do protagonismo de Maria de Araújo.

O jornal “Lanterna mágica” em 20 de outubro de 1894 traz “Si nós morassemos bem perto do Joaseiro, ao menos teríamos de fallar nos milagres do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo”, em todos os lugares falavam do milagre da Beata existia uma linearidade e repetição do discurso de santa, e todas as vezes que se documentava e noticiava a questão do milagre era quase impossível não ter o nome de Maria de Araújo associado ao fato, pela lógica quanto mais se falava do milagre, mas se falava dela. É importante salientar uma notícia do jornal “PACOTINHA” mesmo sendo após o período do primeiro inquérito, mas traz o protagonismo da Beata perante os fatos de Juazeiro:

Foi-nos offerecida, por um nosso distincto assignante, uma medalha própria para o rosário e que tem de um lado a effinge em relevo de um frade, encima da seguinte inscripção:- Padre Cicero, e do outro a de uma beata, com essa outra inscripção: - **Maria de Araújo. Esta ultima em afronte cingida pelo nimbo característico dos santos, e das mãos, destendidas á maneira de Nossa Senhora de Lourdes, divergem os raios da graça divina** (17 de janeiro de 1898, grifo nosso).

Essa notícia é de suma importância, porque nela se percebe a imagem da Beata como santa, tem o padre santo, mas nela tem a característica de santa, com a graça divina, essa imagem que era comercializada, a Beata era vista visualizada, portanto se a história de Juazeiro tivesse sendo contata até o I Inquérito essa seria a memória social e religiosa da cidade: um milagre, com a Beata Maria de Araújo sendo santa e com testemunhas que passariam a narração do que viram até as outras gerações<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Se no primeiro momento houve medo dos fenômenos, inclusive como mostrado acima com perguntas que possivelmente provasse uma conduta errada da Beata perante a igreja, esse temor foi modificado com a convivência dos padres com a Beata e o Padre Cícero. Aqui se levanta a questão: a Primeira Comissão de Inquérito veio com a proposta de uma teoria de medo do milagre e da Beata, conduzida por Dom Joaquim? Mas

Como a documentação da I Comissão afirmava ser um milagre os fatos ocorridos em Juazeiro, e com a repercussão nos jornais e a negação do Bispo do Ceará, iniciou-se, de fato, uma guerra religiosa entre a igreja romanizada *versus* o Juazeiro da Beata e do Padre, do qual será explicado no Capítulo II com a instauração do II Inquérito.

Com isso, nesse capítulo foi possível investigar a construção do milagre de Juazeiro com a Beata Maria de Araújo e o Padre Cícero Romão Batista como protagonistas da história; as outras beatas que ajudaram a construir o laicato em Juazeiro; também foi visto a instauração pela igreja católica do I Inquérito em que afirmou ser milagre pelos padres inquisidores. Por fim, os jornais respaldavam o milagre, dando visibilidade à Beata, nascendo o fervor religioso e social em Juazeiro até 1891, quando se construiu uma imagem positiva da história de Juazeiro, e colocando Maria de Araújo como santa.

---

ao chegar perceberam que era impossível modificar os fatos, pois estes também aconteceram com os padres da Comissão? Essas questões podem ser pensadas, pois a forma dos primeiros relatos, em repetir a indagação sobre a Maria de Araújo chama atenção, em que poderia temer e ao mesmo tempo, ter uma estratégia de acabá-lo desde antes de se chegar a Juazeiro.

### **CAPÍTULO 3: “EU NÃO ESTOU AQUI...”: O SILENCIAMENTO E O PROCESSO DE INVISIBILIDADE DA BEATA A PARTIR DO II INQUÉRITO**

O segundo capítulo enfoca o silenciamento do milagre de Juazeiro, principalmente o ocultamento da Beata Maria de Araújo, que levou a uma construção da sua invisibilidade, esse processo se deu a partir da instauração do II Inquérito em 1892. Ao longo do texto será verificado o desaparecimento da Beata, na tentativa de ocultar a mística que se encontrou em Juazeiro com o fenômeno da transubstanciação da hóstia.

Esse capítulo ainda trata de documentos da época e foi dividido em: a instauração do II Inquérito cheio de dispositivos para ocultar o milagre, uma espécie de guerra religiosa contra Juazeiro e Maria de Araújo, combate esse travado por Padre Alexandrino no Cariri e por Dom Joaquim na Diocese do Ceará através das Cartas Pastorais. A repercussão nos jornais também se deu no período e após o II Inquérito, no entanto, agora de forma negativa, diferente do que foi apresentado no capítulo I, mostrando que o silenciamento dado à Juazeiro do Norte teve êxito em relação à invisibilidade de Maria de Araújo.

Outra questão importante abordada é a questão de gênero representada por Maria de Araújo e pelas beatas, como pessoas importantes dentro do movimento religioso de Juazeiro, no entanto, as mulheres não eram o foco do poder da igreja católica, e sim o movimento como um todo, sendo assim, o capítulo vai mostrando o silenciamento da Beata, através do que se pode chamar de Pedagogia do Desprezo e com isso uma afirmação para acabar com o mito fundante de Juazeiro, o milagre, pelo medo que a igreja tinha do que ela poderia representar, através de um desmitologizamento dos fatos.

Abordamos ainda o silêncio imposto ao Padre que se deu de forma diferente, já que não resultou em sua invisibilização, pois ele recorreu as vias políticas para se manter atuante. Por fim, serão abordados os estudos do imaginário com Gilbert Durand (2012) que ajudam a pensar sobre o silenciamento dos dois e as consequências da falta de memória social e religiosa que se implantou na cidade.

#### **3.1 INSTAURAÇÃO DO II INQUÉRITO**

A II Comissão foi instaurada em 20 de abril de 1892, sendo realizado o primeiro interrogatório a Maria de Araújo, findando em janeiro de 1893 (NOBRE, 2016, p. 212). Conforme a referida autora, tratando-se de “um documento incoerente”, o II Inquérito através do Padre Antonio Alexandrino de Alencar, teve por intuito derrubar o documento da Primeira

Comissão e comprovar o embuste, para encerrar a questão em Juazeiro. Alexandrino era padre na cidade de Crato, conhecido como o “mártir da obediência” (NOBRE, 2014).

Concomitantemente, o padre Alexandrino fez com que algumas beatas ficassem na Casa de Caridade em Crato, sempre forçadas a falar que não ocorreu milagre e que era um mito, manipulando para que elas se retratassem, inclusive com ameaças de excomunhão. É partir do Segundo Inquérito que podemos ver a atuação das outras beatas e não apenas em Maria de Araújo, no entanto, a Segunda Comissão se fixou tanto nas beatas que “esqueceu” (no sentido sempre de culpar Maria de Araújo) Padre Cícero. Isso se torna um problema na questão do milagre, pois as beatas começam a se retratar por medo de perder o hábito de beata, ou pior, de serem excomungadas.

Nesse sentido, pode-se pensar a questão da perseguição às mulheres, tão fortemente construído para destruí-las, uma espécie de orquestra na destruição da imagem de Maria de Araújo. A teóloga feminista Ivone Gebara em “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal” (2000) mostra exatamente essa questão da destruição da imagem de uma mulher, a autora observa que dentro das instituições religiosas cristãs há um silêncio imposto para as vozes femininas, com papéis definidos. Para Gebara (2000) existem algumas formas do mal: o mal de não ter, não poder, não saber, não valer. É possível observar esse silêncio a voz da Beata Maria de Araújo, com três ideias que a autora traz: não poder, não saber, não valer.

Não poder ser santa, por ser negra, mulher, pobre e nordestina; não saber, porque o lugar de uma mulher não é o de saber, mas o de obedecer a uma ordem hierárquica masculina sendo colocada em inferioridade ao homem, além de ser inculta e analfabeta pela ordem eclesiástica, e por fim o não valer, pois através de uma escala de valor o significado feminino é menor, e quando conjugado com a questão de classe social e de raça, esse importância declina na hierarquia social.

Com efeito, nessa construção de uma imagem pejorativa da Beata há um temor do que ela poderia causar ao controle da igreja, é nessa seara que a igreja romanizada temia a ideia da mística que Maria trazia. Corroborando com a pesquisa, Forti (1999, p. 123, grifo nosso) ilustra a questão do misticismo em torno da Beata da seguinte forma:

Se Maria de Araújo tinha sido escolhida de Deus, merecia ser reverenciada. Ao longo da tradição cristã, houve pessoas que por sistematicamente desobedecerem a autoridade, foram jogadas na clandestinidade. Faziam parte desse grupo, **os místicos**. Eles todos, com raras exceções, de alguma forma, **punham em cheque não só as autoridades eclesiásticas, mas a Instituição**, já que transcendiam os

limites das convenções religiosas e por isso, com sua liberdade, incomodavam os que estavam no poder.

À vista disso, é perceptível a criação de medo sobre a mística, a igreja no sentido de disciplinar o seu temor tenta construir um controle da situação, iniciando a “caçada” ao envolvidos, mas principalmente a agente do misticismo: Maria de Araújo. Portanto, a repercussão das duas Comissões gera um grande cerco a Juazeiro, de um lado: Dom Joaquim, padre Alexandrino, Dom Arcoverde<sup>32</sup>.

Roma favorece o episcopado brasileiro com uma política de harmonização com o Estado brasileiro, consentido sua representação diplomática na capital do Estado, em 1901, elevando-o à condição de nunciatura, nomeando um núncio para o Brasil e criando também um cardinalato, em 1905, quando foi escolhido o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, para primeiro cardeal do Brasil e da América Latina (LEITE, 2004, p. 26).

Insta salientar que Dom Arcoverde era a autoridade brasileira que representava Roma e era bastante incisivo na questão de Juazeiro, este por sua vez trocava algumas cartas com Dom Joaquim. Outra força eram os padres lazaristas que comandavam a Diocese do Ceará e afirmavam que “Nosso senhor não deixa a França para obrar milagres no Brasil” (DELLA CAVA, 1978, p. 69).

Demonstrando um eurocentrismo forte, no qual se pode perceber que mulheres europeias foram santas, mas mulheres brasileiras: nordestinas, negras não podiam ser; aqui se compreende uma tentativa de superioridade cultural e religiosa europeia que se fortalecia no Brasil com Dom Arcoverde, no Ceará Dom Joaquim e no Cariri com Padre Alexandrino, pois estes compactuavam com o mesmo sentimento eurocêntrico.

Logo, é possível ver os embates que se construíram ao redor de Juazeiro, sob a égide de uma estrutura da colonização que não admitia o acontecimento de tal feito religioso no Nordeste brasileiro, com mulheres, e tendo como protagonista uma mulher negra. Para os colonizadores religiosos do século XIX todo esse contexto era inadmissível, pois era uma igreja católica, apostólica e romana; católica, apostólica somente por homens, segundo imaginário cristão por homens brancos e não negros, e Romana, com pretensões universais e sem espaço para ocorrências como as vivenciadas no Nordeste brasileiro.

Se de um lado havia uma supremacia europeia religiosa, do outro lado tínhamos a religiosidade popular que a Beata Maria de Araújo vivenciava, construindo um embate que

---

<sup>32</sup> Arcebispo de suma importância para entender o processo de romanização do Brasil. Para mais informações, ver: Della Cava (1978) e Paz (2011).

começava a invisibilizá-la. Ou seja, uma igreja no século XIX com uma hierarquia rígida, racista, patriarcal, machista e xenofóbica, era isso que se via com o cerco que se fez em Juazeiro do Norte, mas especialmente com a invisibilidade da Beata negra.

Sobre a questão do milagre um fato importante são as romarias que já haviam iniciado desde o conhecimento da população sobre o fenômeno. No entanto, os romeiros não estavam interessados sobre a posição da igreja romanizada, como até hoje não estão. Para eles, o fenômeno já havia acontecido e era isso que importava; estar em Juazeiro era mais importante.

Nesse sentido, Braga (2007) em “Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo” afirmou ter duas vertentes em Juazeiro, uma mais intelectual composta por José Marrocos, Monsenhor Monteiro, Padre Cícero e Padre Antero, e a vertente popular com os romeiros, a primeira vertente queria comprovar o milagre para a igreja Romana, já a segunda não precisava mais de comprovação, só precisava viver a Nova Jerusalém. Desta maneira, mesmo com toda tentativa da igreja de silenciar a Beata, o Padre e Juazeiro, o povo não problematizou esse processo. A primeira experiência do II Inquérito ocorre 20 de abril de 1892:

O Reverendo Joaquim Sother d’Alencar a sagrada communhão a Maria de Araujo que conservou a bocca aberta por desesei <minutos>, não tendo n’este intervalo havido signal de sangue, nem tambem mudança alguma na sagrada forma; depois do que ordenou o Reverendo Vigario Antonio Alexandrino de Alencar que a commungante fechasse a bocca por um ou ou [sic] dous minutos e findo este praso mandou abrir a bocca a Maria de Araujo, e verificou-se o que tinha dadoo quando Ella conservava a bocca aberta; isto é, não appareceu ainda vestígio algum de sangue, e ainda a sagrada paraticula em perfeito estado (DOCUMENTO OFICIAL DO II INQUÉRITO, 1892, p. 135).

Foram três experiências que não mostravam a transubstanciação da partícula em sangue, e era assim que as inquirições de Padre Alexandrino tinham como finalidade, mostrar que o milagre era embuste ou histeria (doença nervosa, que supostamente, vinha do útero, caracterizada por convulsões).

Um fato interessante que alguns pesquisadores como Forti (1997) e Nobre (2011) mostram é que as hóstias oferecidas a Beata na Segunda Comissão possivelmente não eram consagrada, o que para muitos legitimava que não podia se tornar sangue, exatamente porque não estavam consagradas. Padre Alexandrino trazia pessoas que duvidavam dos fatos, como na inquirição de João Baptista de Siqueira:

Há poucos dias ouvi ainda o Doutor Madeira dizer que no Joaseiro havia uma **verdadeira epidemia de mulheres histericas...** Devo ainda declarar que o Doutor Madeira e o Coronel Juvenal conversaram algumas vezes juntos a respeito dos factos, fortalecendo-me a certeza do que elles tinham observado o que disse no principio isto é, que a beata era uma doente, alludindo ao facto já referido que se deo na presença de ambos (DOCUMENTO OFICIAL DO II INQUÉRITO, 1892, p. 141, grifo nosso).

O protagonismo de mulheres incomodava não só a igreja, como também outras autoridades locais que passaram a difamar as beatas, e denominá-las como históricas era comum. Há também depoimentos que mudaram da I Comissão para a II, como o de Ignacio de Souza Dias:

É verdade que assignei ditos documentos considerando os mesmos factos, como sobrenaturaes; mas sou forçado a confessar em vista da importância da materia e da necessidade que tenho presentemente de sobre elles dar a Vossa Excelência Reverendíssima informações, que se achem de accordo com minha convicção a respeito, que fiz sem os necessários dados somente pela especialidade das circunstancias em que me encontrei. Convidado pela Comissão de Inquerito para dar meu parecer sobre os factos em questão, acceitei a incumbencia, convencido de que pela mesma Comissão me seriam facultados todos os meios de exame tendentes ao descobrimento das causas physicas, que os produzião, mas assim não aconteceu; porque 1º o exame teve lugar na Capella e em um quarto da Casa de Caridade do Crato, onde além da falta de luz, eu e meu collega Doutor Marcos Madeira nos achávamos cercados de uma multidão de pessoas de todas as classes, cujo interesse em que os mesmos factos fossem declarados milagres as levava a introduzir no acto a maior desordem e confusão; segundo tratando-se de examinar um phenomeno que occorria em uma partícula <depois de> consagrada nos foi negada pelos Padres presentes [...] o exame procedido por occasião do extase de Maria de Araujo em cujo corpo não foi permitido proceder as devidas investigações [...] (DOCUMENTO OFICIAL DO II INQUÉRITO, 1892, p. 142).

O depoimento de Ignacio de Souza traz problemas em relação à Primeira Comissão colocando a culpa na multidão que queria o milagre, como também nos padres que não deixaram os médicos fazerem os exames para investigar, outra questão importante de ser ressaltada é o conjunto de ameaças que rondavam aqueles que insistiam em “apoiar” os milagres.

Outro depoimento acusador é o de João Baptista Siqueira: “Mas é que tudo isto está fazendo mal a religião; e convem que o embuste desapareça - No dia em que escrevo esta, lá se estão dando factos os mais tristes: estão em scena umas trez beatas, que commungão ás dúzias para que o povo veja a transformação das hóstias [...]. **Onde iremos parar, si a autoridade competente não apparecer?**” (DOCUMENTO OFICIAL, 1892, p. 145, grifo nosso).

Isso mostra que, a Segunda Comissão dá ênfase às beatas, e não apenas à Maria de Araújo e é nesse contexto que elas começam a aparecer mais, como também, elas passam a ser destratadas, como é percebido no depoimento, do qual querem mostrar que as mulheres eram o mal da religião. A partir daqui que inicia os novos discursos das beatas, a partir das retratações, algumas falam que foram falsos seus relatos, que eram embustes e que mostram arrependimento, é o caso de Antonia Maria da Conceição e Rachel Sisnando Lima.

Como não podia deixar de ser, as primeiras retratações vieram das mulheres que depuseram no primeiro inquérito. As beatas viviam sob constante ameaça de perder o hábito, o direito aos sacramentos, e para aquelas que dependiam da Casa de Caridade, o maior receio era ser expulsa de lá (NOBRE, 2011, p. 174).

É possível observar que a Segunda Comissão era bastante violenta, “o uso da violência nessas experiências foi registrado pelo próprio padre Alexandrino em suas cartas e ainda que fosse autorizada pelo diocesano” (NOBRE, 2014, p. 220). Essa violência reafirmava o poderio da igreja sobre as mulheres, a elas o castigo, o abuso para se retratar, até porque a Diocese do Ceará tinha um “trunfo na mão” contra as mulheres, não apenas a excomunhão, mas também a expulsão da Casa de Caridade, e para as beatas que dependiam de tal local, não só a dependência do ponto de vista material, mas do modo de vida delas, em sua integralidade que estava em jogo, desta forma só restava obedecer tal poder.

Além das beatas, algumas pessoas que foram inquiridas desconfiavam do milagre como: João Firmino de Hollanda, João Baptista de Siqueira, a partir do II Inquérito é perceptível um cerco que começa a se fechar para Juazeiro, no propósito de acabar com o tal fanatismo. “Naquela época, o patriarca de Juazeiro era visto pela cúpula da Igreja como um estorvo ao fortalecimento do processo de romanização do catolicismo brasileiro, em plena marcha após a queda do Império” (ROLIM, 2016, p. 16).

Um dos nomes de peso que faziam esse cerco era Dom Arcoverde, que trocava cartas com Dom Joaquim colocando pressão para o caso de Juazeiro, pedindo que o bispo fosse incisivo sobre os fatos. Por que essa ênfase de Dom Arcoverde? Pela imposição da igreja Romana colonizadora.

Nesse sentido, Dom Joaquim pressionava Padre Alexandrino, e os dois também se correspondiam por cartas: “O Padre Cícero, depois de haver entregado os pannos, appareceo aqui, e empenhou-se commigo para escrever a VEx, pedindo para não inutilisar ou queimar os referidos pannos, e sim conservál-os em lugar decente e apropriado’. Carta dia 10/03/1892 (Documento oficial do II Inquérito, 1892, p. 558).

Os posicionamentos finais da II Comissão eram no sentido de acabar com os fatos de Juazeiro silenciando a Beata Maria de Araújo, dessa forma construíram-se imposições com as Cartas Pastorais. Foi nesse sentido que o Padre Alexandrino continuava a enviar seu posicionamento sobre a questão de Juazeiro. “O caso é que elle Padre Cícero disse-me francamente que não faria outra declaração, quer V. Ex. aceite, quer não, a declaração que vae [...] nunca houve quem fosse tão odiado pelo povo do Joazeiro ainda crente nos milagres d’alli como eu estou sendo agora” (CASIMIRO, 2012, p. 413).

Essa carta é incisiva, lembrando que a decisão de Padre Alexandrino e Dom Joaquim que a Beata era doente já haviam sido declarados no primeiro momento com a não transformação da hóstia<sup>33</sup>, porém o trabalho de Padre Alexandrino ia além disso: o intuito era aniquilar a questão, não deixando que ninguém mais falasse da transubstanciação, nenhum padre, beata, testemunha e nenhum fiel.

“Entendemos, portanto que a peça documental que pretende ser o segundo inquérito é na verdade apenas parte de um longo processo na busca de retratações empreendida pelo diocesano e pelo padre Alexandrino” (NOBRE, 2011, p. 143). Ao mesmo tempo em que o Padre Alexandrino buscava de todas as formas acabar com as versões das pessoas sobre os fatos de Juazeiro, o bispo Dom Joaquim, representando a Diocese do Ceará, tentava de todas as formas desaparecer com o milagre de Juazeiro. Para tanto, começou publicando as Cartas Pastorais, no total de quatro cartas, são esses ofícios que tornaram oficial o processo de invisibilização de Maria de Araújo.

A Primeira Carta Pastoral foi publicada em 1893, um ano após a instauração do II Inquérito, nela Dom Joaquim decretava que os fatos já haviam sido esclarecidos e não era sangue de Jesus com a transformação da hóstia em forma apenas espiritual e não mais materializada, mostrando a imagem da Beata Maria de Araújo, agora como doente e não como milagreira, ou santa, ou embuste.

A carta tem por foco os milagres, inicialmente ela retoma o debate teológico sobre a natureza do sangue presente nas hóstias recebidas pela beata, afirmando que “a asserção do padre Cícero de que o sangue vertido era o de Cristo, se tratava de uma inovação teológica inaceitável” (PAZ, 2011, p. 102). Dessa forma, tudo que envolvesse a questão do milagre era desacreditada e não podia ser cultuada, foi nesse período que o Padre Cícero foi suspenso de suas ordens sacerdotais, o que causou mais clamor entre as pessoas.

---

<sup>33</sup> Não consagrada.

Como nem a suspensão do padre Cícero nem a Carta pastoral surtiram efeito, coube ao bispo enviar o caso para a Congregação do Santo Ofício... Em dezembro de 1893 uma nova sanção é imposta sobre Juazeiro. O povoado ficou sob interdito parcial, sendo que nenhum ato religioso poderia ocorrer na capela de Nossa Senhora das Dores. Contudo essa interdição teve efeitos colaterais, pois o povo, tratado como seita, logo arranhou outras formas de expressar sua religiosidade, cultuando os novos santos de do Juazeiro em imagens e medalhas e boicotando os cultos oficiados pelos padres do Crato (IDEM, 2011, p. 110 e 111).

A Primeira Carta dava um ultimato ao milagre. O Bispo para acabar de vez com a repercussão, no ano seguinte impõe mais uma questão na principal mensagem que trazia a Segunda Carta Pastoral de 1894, onde o Bispo reproduzia o que o decreto de Roma dizia: o milagre era supersticioso, reprovando os fatos de Joazeiro, e o povo como católicos deveriam reprovar também, e os panos ensanguentados e guardados nas caixas de vidro deveriam ser recolhidos e queimados. Aqui se reafirma que o problema original é o milagre, exigindo o fim desse resultado que se transformou Juazeiro.

As cartas só aumentavam à ira do povo em Juazeiro, após o decreto de Roma, Monsenhor Monteiro se retratou, e os outros padres ficaram proibidos de ter comunicações com as outras beatas (NOBRE, 2014). A retratação do Monsenhor Monteiro é um momento de angústia para os que defendiam a causa de Juazeiro, pois foi ele que levou a primeira romaria ao vilarejo. É tão forte o depoimento de retratação do padre, onde o mesmo afirmava não falar mais no milagre, caso ainda dissesse que o ocorrido era milagre cegaria, no fim de sua vida Monsenhor Monteiro morre cego (NOBRE, 2014).

- 1) **é vedado o acesso de peregrinos e curiosos à Maria de Araújo e outras beatas relacionadas à causa**, a fim de dar cabo a esses e outros males maiores deles decorrentes; 2) livros, opúsculos, escritos que defendam as pessoas e os fatos deverão ser queimados; 3) sacerdotes e leigos são proibidos de falar ou escrever sobre os pretensos milagres; 4) as relíquias roubadas deverão ser devolvidas e queimadas (PAZ, 2011, p. 112, grifo nosso).

O Decreto de Roma juntamente com a Segunda Carta Pastoral remetem a mais forte em relação no tocante ao silenciamento da Beata Maria de Araújo e das outras beatas, como afirma Paz (2011, p. 113) “erradicar o mal pela raiz”, pois era assim que a igreja via as beatas, e principalmente Maria de Araújo, o mal, a mulher, a raiz do movimento religioso-popular, aqui fica clara a estratégia da igreja na junção da Carta ao Decreto para mostrar ao povo que o problema que originou essa questão era a Beata, e que tudo iria se resolver para a igreja, é por isso tanta ênfase nesse momento, demonstrando a construção da invisibilidade de Maria de Araújo. A Terceira Carta Pastoral, em 1897, teve por objetivo silenciar o Padre Cícero:

[...] a terceira Carta Pastoral não se remete mais à discussão dos fatos extraordinários, assunto encerrado para a Igreja. Sua preocupação volta-se diretamente para o padre Cícero e, sobretudo, para o movimento romeiro [...]. Nesta Carta, Canudos e Juazeiro são associados; a questão religiosa do Juazeiro ecoava pelos sertões e capitais, alcançando repercussão na política nacional (PAZ, 2011, p. 118).

Primeiramente não se fala mais nos fatos miraculosos, ou seja, a Segunda Carta para a igreja já havia encerrado essa questão porque já havia silenciado e invisibilizado Maria de Araújo e as outras beatas. Segundo, o silêncio agora era para o Padre Cícero, pois ele ultrapassava a questão religiosa e chegava à política, com a comparação de Juazeiro a Canudos e o movimento expresso em vias nacionais com as romarias, no entanto, a igreja esqueceu que o movimento só existia também porque mesmo silenciando as mulheres o povo já havia recebido os elementos das construções populares, a ideia mística das procissões, novenas, a própria cidade, que passava a ser de todos, multicultural composta por pessoas de diversas regiões do Nordeste.

A Terceira Carta focou na liderança de Cícero como agente propagador do milagre, como se de fato a Segunda Carta tivesse conseguido apagar a Beata. Após a Terceira Carta ser publicada Padre Cícero vai a Roma, se encontra com o Papa Leão XIII para pedir a volta das suas ordens, e celebrar em Juazeiro, passou meses lá, no entanto, na sua volta continuou suspenso de suas ordens, por vontade do Bispo Dom Joaquim.

A Quarta e última Carta Pastoral veio em 1898, deixando Cícero Romão Batista suspenso das suas ordens, a Carta traz o silêncio total, no qual retoma questões das outras três cartas, onde entre “1896 a 1916, a igreja matriz de Nossa Senhora das Dores foi proibida de receber qualquer sacerdote” (PAZ, 2011, p. 123), essa imposição da igreja causou um desconforto religioso e social, no qual as pessoas não aceitavam os padres de fora de Juazeiro, o sentido da igreja era apagar o “fanatismo” no vilarejo, no entanto houve uma intensificação das práticas do catolicismo popular, fazendo exatamente o inverso do que a igreja romanizada queria.

Paz (2011, p. 123) analisa que beatas e beatos ocuparam paulatinamente as lacunas deixadas pela Igreja. “As beatas [...] rezavam, realizavam novenas, benziam etc., conferindo dinamismo às práticas e crenças religiosas em Juazeiro, e dando mais visibilidade à figura de seu padrinho”. Assim, o que a igreja fez foi aumentar o movimento popular, e as romarias à cidade só cresciam, o povo não precisava de comprovação teológica ou ordem da igreja para exercer sua fé, as pessoas só precisavam viver a sua religiosidade, fosse ela com orações com

padres ou não, com beatas ou beatos, o importante era à força do lugar, de suas crenças, de sua fé.

Em meio a todo esse contexto, surge à irmandade Legião da Cruz que defendia o milagre, com a representação de José Lobo, e aqui o medo mais uma vez da igreja romanizada da questão de ter “uma Igreja dentro da Igreja”. A irmandade ajudava o povo a viver sua fé, com as novenas e procissões. O medo principal da questão de Juazeiro era a religiosidade popular e seu papel num contexto de transformações sociopolíticas pelas quais passava o país. Canudos e Contestado foram guerras que se contrapunham ao status quo.

As mobilizações de grandes contingentes populacionais, atraídos para a religiosidade popular, a exemplo de Canudos, Juazeiro e Contestado, deixaram a hierarquia católica em estado de alerta. E o que é mais grave, sentindo-se impotente para exercer efetivo controle sobre aqueles movimentos, a Igreja, no caso específico do Juazeiro, agiu no sentido de estancar, pelo menos, o seu alargamento (ROLIM, 2016, p. 63).

Nessa sequência, verificamos que o cerco a Beata, ao Padre e a cidade estavam feitos, em todos os lugares e no próprio Juazeiro.

Antes de 1896, praticamente todos os padres que diziam acreditar nos pretensos milagres haviam se retratado, com exceção dos padres Cícero, que nunca se retratou, e Francisco Antero, que só se retratou em junho de 1897. O número de padres era um pouco maior, provavelmente porque sobre eles recaía a ameaça de suspensão das ordens, o que significava a desvinculação com a Igreja e conseqüentemente a perda do ofício (NOBRE, 2011, p.284).

Cícero, mesmo indo a Roma, não conseguia mais celebrar, ou residir em Juazeiro. “O padre iria pessoalmente a Roma, sujeitar-se aos Decretos de 1894 e pedir ao Papa Leão XIII pelo restabelecimento de suas ordens sacerdotais” (NOBRE, 2014, p. 311). Na busca de sua reabilitação conseguiu na Santa Sé voltar a rezar a missa, inclusive fez isso em Roma, mas o bispo Dom Joaquim disse que nunca chegou qualquer carta da Europa, proibindo o Padre Cícero de residir em Juazeiro, e de rezar missas em qualquer lugar.

Maria de Araújo por sua vez, enclausurada na casa de Caridade, é a partir daqui que não se tem mais notícias da Beata e os panos ensangüentados sumidos, não eram mais venerados pelo povo e o Padre Alexandrino cumpriu sua missão, enviou ao Dom Joaquim a ideia que ele tanto almejava: o milagre era uma superstição.

Logo após a visita do padre Cícero a Roma, a Congregação publicou uma revisão do caso, em um Relatório com cerca de 40 páginas. Era a última comunicação oficial

sobre os acontecimentos de 1889 e, provavelmente, a última vez que Maria de Araújo e as outras beatas foram citadas oficialmente (NOBRE, 2014, p. 315).

Era, portanto, decretado o SILÊNCIO, silêncio esse que para Maria de Araújo foi arrebatador, que acabou com a figura da Beata nos livros, na história e na sepultura, com o roubo dos seus restos mortais<sup>34</sup>. Sendo assim, apesar do descontentamento social, a questão de Juazeiro estava encerrada para a Diocese do Ceará com a última Carta Pastoral que se misturou com o fim do II Inquérito.

### 3.2 A REPERCUSSÃO DO II INQUÉRITO NOS JORNAIS<sup>35</sup>

No século XX, o total de publicações foi de 64 matérias. A fim de melhor apresentar as notícias, os nomes dos jornais e os Estados nos quais foram propagadas as informações, foi elaborado o quadro a seguir:

**Quadro 2 - Jornais do Século XX**

<b>Jornal</b>	<b>Estado</b>
Jornal do Recife	PE
Jornal do Commercio	AM
Jornal do Brasil	RJ
Diário de Natal	RN
Correio da Manhã	RJ
Anais do Museu Nacional	RJ
A.B.C. Política	RJ
A Manhã	RK
A Cruz	RJ
Revista O Cruzeiro	CE
Pequeno Jornal	PE
O País	RJ
O Malho	RJ
O Jornal	RJ
O Estado de Florianópolis	SC
O Estado	SC
O Combate	SP

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O Jornal com mais publicações desse século foi o jornal “O Cruzeiro” (CE) com 16 matérias, sendo que, uma matéria teve oito páginas com o título: “Padre Cícero o santo ex-comungado do sertão”. Após a instauração do II Inquérito os acontecimentos em Juazeiro iam

<sup>34</sup> Adiante mais informações sobre isso.

<sup>35</sup> Todo material digitalizado encontra-se na Biblioteca Nacional. Para mais ver: site da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. O período escolhido para averiguar esses jornais foi às publicações após a instauração do II Inquérito, ou seja, a partir de 1892.

ganhando força, muitos jornais publicavam matérias diferentes da instauração do I Inquérito, no sentido de repudiar e de afirmar um fanatismo que nasceu em Juazeiro devido ao milagre, isso se deu principalmente após a publicação das Cartas Pastorais publicadas pelo Bispo Dom Joaquim e a instauração desse Segundo Inquérito.

Em 12 de fevereiro de 1892 (ano de instalação II Inquérito) o Jornal “O Apostolo” (CE) teve como manchete “Memorial sobre a causa do milagre” e falava que o milagre continuava a se repetir, mesmo sendo proibido pelo Bispo. No entanto, ainda repercutia o I Inquérito falando da verificação dos fatos extraordinários com o Padre Antero. Dois dias depois, em 14 de fevereiro de 1892 o mesmo jornal publica uma matéria assinada por José Marrocos, retratando os estigmas da Beata Maria de Araújo, antes do evento da transubstanciação da hóstia.

Uma edição do Jornal “O Apostolo” do dia 14 de junho de 1893 mostra o depoimento de Dom Joaquim, mesmo muitas vezes sendo percebido um distanciamento dele para falar sobre os fatos de Juazeiro, como se quisesse ficar na penumbra para permanecer neutro da situação do milagre, aparecendo de fato apenas nas Cartas Pastorais. No entanto, esse jornal chama a atenção com seus escritos em que Dom Joaquim traz: o depoimento de uma pessoa qualificada que duvidou de tais milagres, não cita a pessoa, provavelmente foi depoimento de Ignácio de Souza Rolim, do qual quando pediu a Beata que escarrasse. O Bispo continua trazendo a versão de outra pessoa importante que não acreditava no milagre. Dessa forma, Dom Joaquim estava juntando pessoas de respaldo, de prestígio na cidade para desmistificar aquilo que acreditava ser fanatismo e **desqualificando Maria de Araújo**, como mostra a reportagem com a fala do Bispo: “**A pobre beata, doentia como é, lança sangue com extraordinária facilidade**” (grifo nosso).

O Bispo repete seu depoimento em 11 de junho de 1893, através do Jornal “O Apostolo”, pela edição em nome da Diocese do Ceará, negando o milagre. Quase uma página inteira, afirmando que era mentira o ocorrido, pois **a boca da Beata não ficava aberta**, sempre fechava. “**Uma mulher reconhecidamente doentia, recebendo a comunhão, inquietou-se, agitou-se, fez contrações**” (grifo nosso).

Pouco tempo depois, a edição do Jornal “O Apostolo” traz mais uma vez o depoimento do Bispo, representando a Diocese do Ceará, no dia 09 de julho de 1893, com a seguinte manchete “O sangue de Nossa Senhora”, mostrando o que a igreja Católica temia: o racionalismo - razão “discorrendo e propagando as verdades da fé, com o livre pensamento”, o progressismo “aniquilar a fé, como se a Religião Católica fora invento filosófico, e não obra de Deus [...] pregam a morte do catolicismo”, o maçonismo “sociedade secreta, cujo fim

é opugnar a divina autoridade da Igreja e promover a eversão do poder civil”, o positivismo “denominado religião da humanidade- nova forma de ateísmo, como um estandarte brasileiro com um símbolo”, o indiferentismo ou tolerantismo “ que equipara a religião católica as diferentes seitas”, e a Diocese continua:

Evite os cristãos certas práticas perigosas com os excessos do magnetismo, espiritismo e hipnotismo [...]. Contra os vícios opostos a nossa fé, não poderíamos deixar de falar dos fatos do Juazeiro de milagre, evitar dêem-se a Divina Eucaristia errôneas interpretações [...]. Proposições tiradas dos capítulos 1, 3 e 4 da Sess. XIII do Concílio de Tridentino respectivas explicações teológicas. 1º- Sacramento da Eucaristia pela fé, **Nosso Senhor Jesus Cristo está realmente presente na Divina Eucaristia, mas de modo espiritual, sobrenatural, invisível, impassível, infalível.** Explicação teológica- Depois que Jesus ressuscitou dos mortos, seu Corpo e Sangue são inseparáveis. A asserção que o Rvd. Padre Cícero Romão Batista avançou no Juazeiro [...] é contrária a fé que professamos (JORNAL “O APOSTOLO”, DIOCESE DO CEARÁ, 1893, p. 01, grifo nosso).

Nesse pronunciamento, o Bispo resume todo temor da igreja romanizada, pois enfraqueciam o poder da igreja católica no Brasil, pelo racionalismo, progressismo, maçonaria, positivismo, tolerantismo, espiritismo, sendo assim, a questão teológica da eucarística da redenção de Jesus resguardava o Bispo, no sentido que, não se conseguia responder o que acontecia em Juazeiro, mas também não se conseguia desmentir, ou chamar de embuste, é por isso que a ênfase em chamar Maria de Araújo de doente, é recorrente por parte da Diocese do Ceará. Com os discursos de Dom Joaquim é possível observar que existia uma teoria do medo por trás do controle do bispado, um medo do descontrole que os eventos traziam, sendo preciso reverter tal situação, “enquadrando” Maria de Araújo como doente.

Posteriormente ao ano de 1893, ocorreu uma lacuna de três anos sem que houvesse qualquer pronunciamento sobre Juazeiro. Em 03 de junho de 1896 o Jornal “Republica” (SC) trouxe uma matéria sobre a imposição do Bispo do Ceará de suspender as ordens do Padre Cícero, que apesar dos decretos de Roma “continua a explorar os milagres”, disse o Jornal. Desde a instauração II Inquérito, os jornais contêm ataques aos fatos de Juazeiro, tirando a credibilidade de Cícero e de Maria de Araújo.

Em 11 de outubro de 1896 a manchete do Jornal “O Apostolo” traz a “Defesa de Padre Cícero” com uma carta de José Joaquim de Maria Lobo, conhecido pela Legião da Cruz, José Lobo era um fiel cristão ao lado de Padre Cícero e dos fatos de Juazeiro, e nessa matéria ressalta a humildade do Padre: “se ele fosse culpado já estava castigado, pois desde agosto de 92 que está suspenso, e não se defendeu pelos jornais nem de forma alguma”.

O Jornal “O ORBE” (AL), em 1897, publica duas matérias sobre Padre Cícero, uma em 29 de agosto com a manchete “Padre Cícero espera notícias de Roma sobre o milagre” e em 01 de setembro “Padre Cícero vai para Salgueiro” afirmando que a Diocese do Ceará fez medidas necessárias e mandou o padre para Salgueiro para verificar a veracidade das **farsas** de Juazeiro (grifo nosso). Destacamos a palavra farsa, visto que, agora já se afirma um fanatismo e não mais um milagre em Juazeiro; e o jornal continua:

Não há, talvez, uma só pessoa que desconheça a revolução enorme que nos animos sertanejos causou a divulgação do que aprove ao Padre Cícero chamar milagre do Joaseiro, tendo como **protagonistas** o mesmo padre e **uma mulher recolhida** a uma das muitas casas de caridade estabelecidas pelo bom padre Ibiapina no alto sertão (JORNAL “O ORBE”, 1987, grifo nosso).

Dessa forma, é possível ver que o jornal da época não tirou o protagonismo da Beata, no entanto, também não cita seu nome, como também o local onde a mesma estava, pois existiam pelo menos quatro Casas de Caridade no Cariri, o mais interessante é que a invisibilidade da Beata começou a ser reforçada desde o discurso do Bispo Dom Joaquim nenhum jornal falou mais o nome da Beata, isso foi uma construção arquitetada que funcionou para a igreja: fechou, cercou, acabou a propagação de um misticismo e as matérias jornalísticas são prova disso. “O ORBE” continua chamando Cícero de ignorante:

[...] em falar em precioso sangue de Jesus; dando a comunhão para o animo dos espectadores sendo, portanto, penas eclesiásticas pelo bispo do Ceará, suspenso das ordens, e deixar Juazeiro, sob pena de excomunhão. Em Salgueiro acendeu o fanatismo do povo, chamando-o de santo. Salgueiro próximo do sertão baiano de Antonio Conselheiro **perigo social** (JORNAL “O ORBE”, 1987, grifo nosso).

Mais um destaque para a última parte do texto, que ressalta o perigo de Padre Cícero em estar próximo de Antonio Conselheiro, com medo do que os dois juntos poderiam causar. No entanto, como dito anteriormente, Canudos representava um movimento social (com questões políticas, sociais e religiosas), e Juazeiro representava um movimento religioso, porém os dois movimentavam a sociedade, esse era o medo, os dois faziam nascer um sentimento de pertença do povo, ou seja, um perigo social a vista, que não poderia ser controlado, caso Cícero permanecesse em Salgueiro.

Um Jornal que publicou os fatos de Juazeiro de alcance internacional foi o “RIO NEWS”, em 28 de setembro de 1897, que dizia “A posição da Igreja Romana sobre Padre

Cícero sobre o fanatismo da autoridade eclesiástica no sertão do Ceará, com poderes miraculosos de Maria de Araújo” (tradução nossa).

Em 17 de janeiro de 1898 o Jornal “Pacotinha” (MA) publica sobre “O fanatismo no Ceará” e traz a matéria “Maria de Araújo [...]”. Esta última tem a fronte unguida pelo nimbo característico dos santos, e das mãos, descendidas à maneira da Senhora de Lourdes, divergem os raios da ‘graça divina’”, ou seja, aqui traz a ideia de santidade na Beata, o que poucos jornais do século XX mostraram, mesmo chamando os fatos de fanatismo. Em um salto de catorze anos sem publicação, em 23 de janeiro de 1912, o Jornal do “Comércio Tarde” (RJ) publica “Carta da Paraíba sobre publicação do Padre Cícero e sobre a Beata” com o seguinte assunto:

O rei do Sertão- uma carta da Parahyba- Dados sobre o que publicamos- Padre Cícero e Maria do Joaseiro- secretarios e secretarias- a veracidade de nossos artigos. Padre Cícero homem simples e de caridade em 1888- **beata- mulher hysterica e cavilosa (finhe carinhos e agrados; fingido ou manhoso)**, recebeu a comunhão e falava com santos [...]. Assim o nome do Padre e da Beata correu o mundo [...]. Recebimento de esmolos secretarios e secretarias (beatas) e o Padre distribuía aos pobres, Padre Cícero foi aplicando em gado e terras, surgindo o sentimento de riqueza (JORNAL DO “COMÉRCIO TARDE”, 1912, grifo nosso).

A notícia foi veiculada no sentido de negar, difamar a Beata e de falar que o Padre era bom e caridoso, só no fim fala em dinheiro e riquezas do Padre. Esse Jornal continua falando da emancipação de Juazeiro do Crato, agora a cidade como grande em comércio e em desenvolvimento, mostrando a questão política e religiosa da Região e finaliza com o chamado a Roma de Cícero. “O Joaseiro é hoje uma grande cidade, de casaria commuem e commercio desenvolvido [...]. Após os desencantados milagres do Joaseiro, condemnados pela igreja, o Padre continuou a insinuar-se do pulpino, como santo e vítima dos Bispos e da igreja, fazendo sua religião à parte. Foi chamado à Roma, de onde voltou sem alterar os seu hábitos”.

A “ÉPOCA” (RJ) noticiou em 11 de dezembro de 1917 a seguinte chamada “De vez em quando os telegramas dos Estados nos comunicam coisas e fatos verdadeiramente fantásticos, simplesmente inverossímil [...] Um cabo de guerra nos sertões”. O “JORNAL” (RJ) em 13 de abril de 1921 falou de Padre Cícero como um místico de nascença, mostrando que a questão do milagre chegou a Roma, e no final traz o bendito de Nossa Senhora das Candeias.

O Jornal “O ESTADO” (SC) em 13 de abril de 1921 informou “O que o Ceará envia ao Congresso é o porta-voz do fanatismo, o protetor de todos os bandidos do Nordeste”. É

perceptível o Padre Cícero político e a Beata doente, ou histérica, ou embuste. Dessa forma, é possível observar um movimento jornalístico para acabar com a questão religiosa e trazer a questão política e fanática, e nesse contexto fica explícito a questão Regional - Nacional, visto que os jornais do Sudeste e Sul que “demonstra” para eles (os representantes eclesiásticos) o Nacional desmoralizam os fatos de Juazeiro, principalmente esses, que noticiaram a questão do milagre no século XX, diferentemente dos jornais Regionais representados pelos que assinam no Nordeste no século XIX que enfatizaram a importância dos protagonistas do fenômeno na sociedade local, isso foi observado como uma tendência na forma de publicação dos jornais nacionais e regionais, com a análise dos discursos dos jornais foi possível observar um preconceito do jornais nacionais, chamando os fatos de Juazeiro de fanáticos inúmeras vezes, diferentemente dos jornais regionais que credibilizavam os eventos e mostravam um protagonismo de Maria de Araújo

Em 10 de setembro de 1944 o Jornal “DO COMMERCIO” (AM) noticiou a morte do Padre Cícero, e após a morte do mesmo o Jornal “O MALHO” (RJ) noticiou “Fé e fanatismo em Juazeiro do Padre Cícero” trazendo todo o processo do Padre, o chamando de padre cangaceiro. Sendo assim, é possível observar que as notícias do milagre e da tentativa de silenciar o Padre Cícero e a Beata eram perceptíveis.

No século XX o Jornal “O CRUZEIRO” foi quem teve mais publicações no total de vinte e quatro sobre Juazeiro, em uma das matérias dizia que o Padre Cícero foi o santo excomungado do sertão, essa matéria se debruçou tanto na questão que se usou oito páginas, contando a história do milagre e como ficou o Padre sertanejo, também é possível perceber que esses jornais do século XX invisibilizaram Maria, dando mais ênfase ao Padre Cícero, depois do seu enclausuramento decretado pela igreja, ela desaparece de vez, não só seu corpo, mas sua imagem é esquecida.

### 3.3 AS BEATAS E A QUESTÃO DE GÊNERO

Ter um milagre no sertão nordestino incomodava, mas ter mulheres na história do milagre transtornava ainda mais composta por uma estrutura cultural racista e machista como era o Brasil em 1889, e com pouco tempo de abolição da escravidão, eis que a protagonista do milagre era uma mulher negra e por esse motivo as questões de gênero foram observadas.

A questão de gênero tem destaque, mesmo no século XIX, quando os movimentos feministas se encontravam em construção, o que ocorria em Juazeiro não era um movimento feminista, mas era um movimento de mulheres religiosas/leigas que incomodava uma

estrutura cultural machista e que teve destaque exatamente porque essa estrutura estava representada pela igreja, com medo do poder que as mulheres- leigas poderia ter na sociedade, ou seja pessoas não credibilizadas (não eram educadas dentro dos seminários) pela igreja.

Existia uma preocupação com o poder que essas mulheres tinham isso por si só já demonstrava um machismo nas estruturas da igreja, o que comprova que o que ocorria em Juazeiro, eram mulheres fortes, não só por sua atuação religiosa, mas pelas ações sociais que desempenhavam<sup>36</sup>. Desta forma, as beatas que podem ser vistas como mulheres à frente do seu tempo ou diferentes.

A Beata Maria de Araújo foi uma mulher extremamente importante para o milagre, de fato e de direito, a protagonista, mas o que se via nos seus gestos e discursos era uma mulher que apesar de obediente a Deus, fiel à promessa do seu casamento espiritual com Jesus, era uma mulher forte que não temia os julgamentos, tanto que no primeiro depoimento a Primeira Comissão afirma que Jesus disse que ela iria sofrer. Foi muito forte ao ser excluída na Casa de Caridade contra a sua vontade, no entanto, sempre afirmou o milagre, porque para ela foi um milagre.

As outras beatas também produziram alguns desconfortos na estrutura machista da época, como é visto na carta de Padre Felix ao bispo Dom Joaquim: “As mulheres do Juazeiro são prevelegiadas, la já existem 4 santas, e todas fazem a mesma cousa... E os Padres acreditam em tudo” (CASIMIRO, 2012, p. 431). Outro desagrado foi observado por Padre Alexandrino “O que tem feito o padre Cícero perder a cabeça é a credulidade infantil nas beatas. Elas dizem que veem e falam com Cristo e ele crê em tudo” (NOBRE, 2014, p. 214), como foi mostrada a Segunda Comissão era bastante perturbada com as beatas, principalmente porque foi nesse período que elas mais apareceram, e ao mesmo tempo foram desacreditadas.

As beatas de Juazeiro iniciavam suas vidas em Cristo, todas tiveram algum tipo de estigma ou sonho com Jesus. É importante ressaltar que, além dessa dimensão ascética e mística, as beatas realizavam diversas ações sociais, num contexto de ausência do Estado: educação para meninas e moças, cuidados no setor da saúde, orfanatos. Portanto, eram extremamente importantes para o vilarejo.

Com isso, é possível observar a ideia de estratégias e táticas em Juazeiro, em meio à crise que se alastrava no sertão cearense a igreja romanizada detinha a *estratégia* de poder social versus uma *tática* que se destacava entre a população de todo o Nordeste através de

---

<sup>36</sup> Para mais informações, ver Paz (1998).

manobras para continuar exercendo sua crença, o autor Michel de Certeau (1994). Ao escrever sobre o conceito de estratégia (da igreja romanizada em encobrir o evento do milagre, explicando que era contra os preceitos dela) versus tática.

Ao analisar a tática, voltamos o pensamento as inúmeras manobras realizadas pelas pessoas envolvidas para que fosse possível continuar a divulgar o milagre, como as romarias que cresciam para ver o paninho com sangue, ou a divulgação de José Marrocos em jornais da época, propagando a história do milagre, ou como visto acima mesmo com a impossibilidade da igreja da matriz funcionar com o Padre Cícero, os leigos (beatos e beatas) continuavam com novenas, benditos, entre outros, ou seja, essa é a prova que existiram táticas populares no Juazeiro, mas não era apenas das mulheres.

Nobre (2011, p. 40) cita a carta que o Padre Alexandrino envia ao bispo Dom Joaquim falando sobre as beatas: “em vez de serem dirigidas querem ter a ousadia de dirigir os confessores, o que deu lugar ao meu mano padre Francisco dizer que não gostava de dirigir e confessar as mulheres no Cariri, e particularmente desta cidade, porque [elas] queriam saber mais que os padres”.

Essa afirmação demonstra o protagonismo das mulheres beatas em Juazeiro e suas táticas de exercer sua fé. O grupo de mulheres, que as beatas formavam no século XIX do Cariri cearense já importunava bastante, e as questões de gênero ficam evidentes nessa afirmação do padre, mulheres teriam que obedecer aos homens e padres, portanto especialistas, sendo impossível uma mulher representar a igreja, pior ainda na posição social como a de Maria de Araújo. “Para Dom Joaquim, já era grave os padres da sua Diocese acreditarem piamente nos fenômenos ocorridos com uma mulher da qual não se sabia ao certo a procedência” (NOBRE, 2014, p. 40). Desde então, sua imagem some da história e da memória dos juazeirenses e romeiros, desaparece inclusive seus restos mortais que até os dias de hoje é uma incógnita.

Pierre Bourdieu em “Economia das trocas simbólicas” (2007) traz o conceito de especialistas e leigos, onde no contexto da pesquisa a Beata pôde ser vista como leiga nos assuntos da igreja, além disso, era pobre, negra, mulher, analfabeta, o que a desqualificava em todos os aspectos para um evento como um milagre, já Padre Cícero tinha um papel de privilégio em relação à Beata.

Homem, padre, ou seja, o mentor espiritual dela não poderia ter levado a diante aquele incidente, assim o autor informa que especialistas tem o poder no campo religioso (tem o maior capital simbólico), leigos são as pessoas que recebem os preceitos, reproduzem, mas também movimentam e ressignificam as ideias hierarquizadas, levando a uma relação tensa e

complementar de reapropriações contínuas, pois o campo religioso é definido por ele como um espaço tenso de negociações que se estabelecem entre especialistas e leigos. Mesmo assim, com as manobras dos leigos é possível perceber o androcentrismo e patriarcalismo (NOBRE, 2014), arraigado na nossa cultura brasileira, focada na história da cidade.

Seja como for, a questão da ordenação para o ministério sacerdotal é um símbolo importante da ausência das mulheres da vida oficial da Igreja; é símbolo da sua exclusão de todas as tomadas de decisões significativas e de toda a elaboração de uma política concreta, que reflete tradicionalmente o estatuto inferior e subalterno que lhes tem sido atribuído na História (CARR, 1994, p.36).

Mostrar a história através de um duelo entre o Padre - especialista e a Beata - leiga pode levar a errôneas percepções, pois apesar da constatação de que ele era especialista e ela leiga, o duelo que sustentava a invisibilidade de Maria de Araújo era entre o poderio da igreja que se estruturava sobre uma sociedade patriarcal e machista versus a mística entorno dela, que chegava ao Padre, como consequência, por ser seu mentor espiritual.

A teologia feminista nos ajuda a pensar esse movimento. No texto de Anete Roesse (2016) “Feminismo e Religião” há uma ideia de hermenêutica da suspeita, onde as pessoas se conformam, de forma forçada para não ser excomungados, com as interpretações conservadoras (os padres, como Monsenhor Monteiro e as outras beatas que se retrataram suspeitando do que testemunharam, aceitando essas ideias conservadoras). A ideia de suspeita recai na Beata pela questão mística, do medo do inexplicável que acontecia com ela.

Entre as investigadoras em ciências religiosas e em teologia, há algumas que fazem pesquisas sobre a história das tradições para compreender o “lugar” das mulheres nos diversos sistemas de símbolos, encontrar história de mulheres “**esquecidas**”, analisar as concepções teológicas actuais e passadas da mulher, e determinar as consequências dos resultados obtidos sobre a experiência feminina de hoje (ROESE, 2016, p. 68, grifo nosso).

É nesse sentido que a Beata é esquecida conjugando com mais uma ideia de Roesse (2016) sobre a hermenêutica da memória, quando explica que existem experiências historicamente silenciadas, como o caso de Maria de Araújo e é nessa questão que se observa uma mudança na história que leva uma mudança na memória, a igreja através do Bispo Dom Joaquim silencia Maria de Araújo e faz ela ser invisibilizada da memória social e religiosa de Juazeiro. É preciso se reapropriar do passado para criticá-lo, esse é o ponto forte a ligação à invisibilidade construída no século XIX e a visibilidade rememorada a pouco tempo no Cariri,

tendo uma ressignificação da representação da Beata para a história de Juazeiro, essa reapropriação é necessária e tem consequências no presente<sup>37</sup>.

Essa é a principal questão que foi investigada, o porquê do esquecimento de Maria de Araújo nessa história, não só por ser mulher, mas por estar em um contexto de relações de poder e ela ser uma peça chave “frágil”, para eles, e “fácil” de ser colocada em silenciamento e invisibilidade pela igreja.

É possível observar que na construção social imposta a questão patriarcal (WEBER, 1999) é abordada, visto que, se entende por patriarcado a construção de mecanismos sociais, culturais, políticos e econômicos com poderio masculino desde sua origem. O Brasil nasce dessa forma, através do poder patriarcal nos engenhos, onde o homem comandava a vida privada da Casa Grande e Senzala.

Através da evolução do patriarcado o homem patriarca passa a dominar também a vida pública patrimonial com a Igreja e o Estado, sendo assim, Juazeiro não foi diferente, no palco da questão religiosa o poder público ficou com o patriarca, no caso o Padre Cícero. No entanto é preciso observar outras questões de poder, como o poder da Diocese e da Igreja Romana. No entanto, uma pergunta ronda: por que ela esquecida e ele lembrado? Porque a questão do silenciamento do milagre religiosamente falando foi para os dois, não ficou só em um, no entanto, ela ficou enclausurada na Casa de Caridade após o Segundo Inquérito, comandado pelo Padre Alexandrino, ou seja, ninguém via mais a beata.

Padre Cícero também teve que se silenciar diante dos fatos, ou seria excomungado, no entanto, mesmo afastado da igreja no Juazeiro conseguiu por meio de táticas ainda “brigar” pelo seu direito ao sacerdócio e a ministrar missas em Juazeiro, como foi a Roma fazer esse pedido ao Santo Ofício, do qual o bispo Dom Joaquim, que como visto acima não autorizou, sendo assim ele teve que procurar outros caminhos para continuar em Juazeiro, sempre lembrando como foi pedido por Jesus, no sonho: “E você Padre Cícero cuide deles”, ou seja, encontrou outro meio de continuar cuidando deles, e sendo um homem público, não foi “trancafiado” em uma instituição religiosa, entrou na política, o que o qualificou a ter mais visibilidade perante o povo, através do seu carisma e da entrada na vida pública, consolidando sua posição.

É por isso, que a questão de gênero se mostra importante, porque a ela, à Beata, foi dada uma ordem para obedecer ao privado (Casa de Caridade) e pela hermenêutica da suspeita e da memória sua vida foi colocada em suspensão na história da cidade. A ele foi

---

<sup>37</sup> Essa questão será discutida mais adiante, no capítulo III.

conquistando o público (cargos políticos), pela época, pelos preceitos patriarcais enraizados, tanto que é o “patriarca do Juazeiro”, como retratado em músicas, não só por ser padre “conselheiro do sertão”, mas por ser político e ter conseguido emancipar o vilarejo. Foi assim que, mesmo não oficializado pela Igreja, ele jamais foi esquecido, porque era visto, era carismático, era pelo povo.

Nessa seara, apesar da ênfase do problema dos fatos de Juazeiro ser uma questão política, a questão de gênero também se coloca como essencial e política, pois representa o poder que leva a invisibilidade de uma mulher. Olinda (2018, p. 42) aborda essa união de categorias sociais ao trazer o conceito de interseccionalidade.

A interseccionalidade foi utilizada como teoria e como método para se compreender o entrecruzamento de razões que explicam o tratamento dado à Maria de Araújo. Tal categoria, inserida nos estudos feministas, designa a interdependência das relações entre diferentes categorias inseridas na trama social: poder, raça/etnicidade, nacionalidade, idade, deficiência, gênero, orientação sexual, religião e classe. Ela possibilitou a apreensão da complexidade das crenças, imagens e das representações sociais envolvidas no fenômeno religioso da Jerusalém Celeste.

Nessa teia social nenhuma categoria pode ser dissociada, pois é a junção delas que caracteriza a representação de quem era a Beata. Sendo assim, o que se pode analisar para esse tópico é que a Beata tinha uma coisa muito forte em mente: seus sonhos e o casamento espiritual, sua fé, suas crenças, suas convicções, por isso, tinham que estar em Juazeiro, devido ao seu forte chamado pelo sonho e ao longo da vida.

Como diz ainda Sousa (2015, p. 97) “sua religiosidade tinha aspectos de uma espiritualidade coletiva e comunitária, que congregava todo povo que estava disposto a se purificar com a penitência”, ou seja, ela era o povo, e como povo que vivia no local, respirava a cultura regional, vivendo na crença do catolicismo popular. Sousa (2015) assim como Forti (1997), corrobora com a ideia que a Beata Maria de Araújo tinha um papel político em Juazeiro.

Maria de Araújo não ficou parada, ela atuou politicamente. Ao assumir seu papel de mulher fez de Juazeiro, “um lugar de conservação e salvação para as almas” **subverteu** a ordem vigente. Ela explorou a inconsistência e a incoerência do sistema religioso, social e político e, encontrando aí uma brecha pode se expressar” (SOUZA, 2015, p. 90, grifo nosso)

Nessa mesma vertente, Forti (1997, p. 134) infere que:

Maria de Araújo era uma beata negra, analfabeta e, disse eu, atuou politicamente em Juazeiro [...] uma atuação que faz emergir a disputa pelo poder de ambos os lados e desloca o campo do poder das Instituições para a esfera do cotidiano e do privado. Maria de Araújo fez despontar a luta pelo poder e a deslocou para o âmbito do cotidiano. Criou dentro da Igreja institucional um conflito de largas proporções pois trouxe para o lugar dos “sem lugar” a possibilidade de, eles também, ocuparem um lugar de poder na história.

Isso foi uma questão de tática para continuar exercendo sua fé. Para enfatizar a questão, assim relata Forti (1997, p. 136): “Santa. Foi dessa forma, como santa, que ela atuou politicamente naquela sociedade. Especialmente entre aquele grupo social, já que para eles não há diferença entre a atuação política e a atuação mística [...]. Fazendo desse lugar um lugar de poder”.

As falas dos autores acerca da suposta subversão é importante de ser analisada, pois é difícil falar que a Beata subverteu a ordem religiosa, visto que subversão é a mudança da estrutura do poder e mesmo estava ela indo à contra mão desse controle social ela não mudou a estrutura da igreja, ela foi colocada a margem pela igreja, dessa forma ela foi obediente vivendo na Casa de Caridade. A sua atuação foi mística, e Forti (1997) mostra isso, e é nessa concepção da atuação mística que se constrói uma atuação política como aquela que atuou na ordem, é por esse poder místico que se constrói o medo.

No entanto, o medo sobre a mística a colocava em local de marginalidade daquela estrutura, dessa forma o local dela de firmeza, de se colocar nos discursos a enquadrava em lugar de poder, mas no lugar social que ocupava, como uma mulher forte no seu tempo, mas que ao mesmo tempo, que foi invisibilizada, exatamente por não poder ocupar seu lugar na história.

O poder da igreja, portanto, é aquele poder observado por Foucault (2008), a força da microfísica, um poder de todos ponderado, no entanto o dominador rege a disciplina (técnica de subjugar os corpos, tornando os corpos dóceis e adestrados a exercer seus papéis sociais), e é através desta disciplina que as relações de poder se sustentam, ou seja, Maria de Araújo se reconstruía através de táticas dentro dessas relações de disciplina e poder.

### 3.4 A INVISIBILIDADE E OS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO EM JUAZEIRO

As questões de invisibilidade e visibilidade estão ligadas diretamente aos estudos do imaginário. Na presente seção será retratada a invisibilidade e o desprezo à Beata; com no atestado de óbito dela, mostrando a falta da causa de morte, e depois o vilipêndio do seu

corpo, impondo a ela o regime noturno da imagem. Ao Padre Cícero foi dado o silêncio da igreja católica, mas veio a sua visibilidade política, unido ao carisma do padre que perpetuou em Juazeiro e no Nordeste, ficando no regime diurno da imagem.

### **3.4.1 Invisibilidade: A construção do medo**

O medo é uma emoção primária, que pode resguardar o indivíduo, como também, pode fazer esse indivíduo ser controlado socialmente, pois muitas vezes o medo é introjetado por controles sociais rígidos que foram passados ao longo dos anos. “O fenômeno do medo se coloca como fundamental para se pensar os embates de configurações e processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos de ordem e da desordem” (KOURY, 2002, p.01). Através dele é perceptível uma desordem gerada por um determinado fenômeno e uma ordem da estrutura social que quer colocar as pessoas enquadradas dentro do discurso hegemônico do poder.

As pessoas temem passar por algumas barreiras (o medo o controla incondicionalmente), outras passam pelo medo e temem o que pode ocorrer no futuro, e outros é inclusive a causa do medo, foi assim com Maria de Araújo uma mística que causou medo, causou medo à igreja católica, fazendo ocorrer uma articulação reativa (KOURY, 2002) da igreja sobre a Beata.

Pensando no cenário de Juazeiro e a cena do milagre é importante fazer a reflexão, a própria ideia do simbolismo que o momento da eucaristia é um mistério, isso é possível ser visualizado quando na missa o padre diz: “És o mistério da fé” e daí por diante as pessoas começam a comungar, portanto imagine essa frase que já possui um peso simbólico com uma transformação materializada, o mistério da fé entra na ideia mágica da mística e o que para muitos simbolizou o sangue de Jesus em Maria de Araújo a colocando no papel de santa, para outros levou ao medo do que aquilo poderia se tornar, quando se perde o controle social (como estava acontecendo com a igreja) quer colocar o diferente, como era a Beata a margem, expulsar, tirar de cena, ignorar, silenciar, invisibilizar.

O ciclo do medo avançou em várias esferas e o perigo que Maria de Araújo representava à igreja católica romanizada era forte, porque abalava a sociedade. Ela equiparava-se ao oposto que a igreja pregava, portanto, se construiu um discurso de impureza sobre ela, “comungou menstruada”, “era doente” etc.

[...] para a maioria dos romeiros, os eventos se constituíram numa espécie de punição à beata (devido, por exemplo, à possibilidade de ter comungado menstruada, numa clara alusão à relação sangue/mulher/impureza, expressa em vários tabus populares) (PAZ, 1998, p. 77).

Isto porque não se podia lhe dar o título de santa, como também não podia dar o de embuste, sendo assim construíram uma imagem de tabu sobre ela: não pode falar, não pode ver, não pode ouvi-la. A Beata foi colocada como impura pelo processo inquisitorial, ela não seguia as regras sagradas. Sob essa perspectiva, Douglas (1966, p. 23) tece o seguinte comentário:

A pessoa sob tabu não é considerada como santa, é afastada do santuário, bem como do contato com os homens, mas seu ato ou condição é associado de alguma maneira com perigos sobrenaturais, surgindo, de acordo com a explicação selvagem comum, da presença de espíritos terríveis, os quais são evitados como doença infecciosa (p. 23).

O retrato da Beata, que estava sob tabu, era um estado incontrolável de indignidade, a levando a ideia de doente. O que não é definido é temido, o que não segue o padrão social fica a margem. Construiu-se uma teoria do medo sobre ela para cada cidadão, e romeiro, um medo da cena do milagre nos filmes<sup>38</sup> com tudo escuro e com uma música fúnebre tocando, pessoas chorando e a retratação do martírio de Maria de Araújo, um medo em falar sobre ela nos espaços públicos, como os romeiros diziam a irmã Annette na reunião das três horas<sup>39</sup>, um medo individual que foi edificado pela igreja, construiu de tal forma que levou a uma adesão negativa, gerando o tabu a Beata Maria de Araújo.

Na sequência desse tabu, o próprio processo inquisitorial gera uma invisibilidade sobre Maria de Araújo transformando o medo em desprezo. “Os inquisidores eles mesmos deixaram de ensinar o medo para ensinar o desprezo” (CAVALCANTI, 2015). As margens a Beata continuou, porém a articulação pelo seu silêncio levou a um medo, reafirmando cada vez mais esse tabu sobre ela.

### 3.4.2 Invisibilidade: do Inquérito ao Desprezo

<sup>38</sup> Para mais, ver: “Milagre em Juazeiro” (1999). YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=Qg0BlulnWAI&ab\\_channel=Quixad%C3%A1V%C3%ADdeoNostalgia](https://www.youtube.com/watch?v=Qg0BlulnWAI&ab_channel=Quixad%C3%A1V%C3%ADdeoNostalgia). Acesso em: 11 mai. 2020.

<sup>39</sup> Irmã Annete personagem chave nas romarias de Juazeiro, que impulsionou o movimento romeiro, conhecida como madrinha dos romeiros, para mais ver Paz (2011). Irmã Annette em uma conversa informal falou que os romeiros diziam: “irmã a igreja não deixa falar do milagre, não pode falar da Beata”, portanto o medo que se instaurou com as Cartas Pastorais articuladas por Dom Joaquim fixou na mente das pessoas o temor da excomunhão, e fez criar um tabu sobre o tema do milagre e da Beata.

Como visto no capítulo anterior, a instauração do Inquérito no século XIX mostrado por Michel Foucault (2002), tem nome de exame que tem práticas do inquérito como: a questão da verdade e as provas (na ideia de provar através do testemunho das pessoas envolvidas se alguma errava no seu discurso), observado no II Inquérito com o objetivo de disciplinar a todos os envolvidos no processo (disciplina como forma de ter controle da situação, foi assim que a igreja através das Cartas Pastorais exerceu essa disciplina, aplicada por Dom Joaquim aos envolvidos no evento da transubstanciação da hóstia), levando os fatos de Juazeiro a uma invisibilidade, transformando o mito fundante do vilarejo saindo da ideia de medo e chegando a Desprezo.

Segundo Cavalcanti (2019) o silêncio inquisitorial atende pelo nome de Segredo do Processo, teologicamente nasce do segredo em confiança oferecido ao sacerdote pelo fiel no confissão. “O silêncio inquisitorial é parte dos contundentes modelos de empoderamento clerical imanente, que acabaram sendo culturalmente adotados como “naturais” do cristianismo, quando não são” (CAVALCANTI, 2019, p. 324).

Esse é o silêncio e a invisibilidade que se buscou estabelecer na causa de Juazeiro, um silêncio hierárquico do catolicismo romanizado versus um catolicismo popular. Sendo assim, é possível observar que, mesmo não sendo uma Inquisição aos moldes da Idade Média, a Inquisição diocesana orquestrada em Juazeiro seguia algumas características da medieval que era gerida de uma Pedagogia do Medo para uma Pedagogia do Desprezo, o que se pode chamar de Pedagogias da Intolerância (CAVALCANTI, 2015).

O ato inquisitorial foi culturalmente pedagógico enquanto existiu, pois fundava e refundava o mundo cada vez que era encenado. Duas grandes formas de pedagogias hegemônicas o Tribunal: a do Medo (até o início do século XVIII, aproximadamente) e a do Desprezo (após meados do século XVIII, pelo menos). São pedagogias intolerantes que guardam semelhanças e diferenças (CAVALCANTI, 2015, p. 61).

Sendo assim, o ocorrido com o II Inquérito se direciona na Pedagogia do Desprezo em relação aos fatos de Juazeiro, com ênfase na Beata Maria de Araújo, pois a todo o momento a ênfase dada é a ignorância e falta de conhecimento dela sobre a teologia católica, e sobre as questões eucarísticas, por ser leiga e não especialista.

Nos processos com a marca desta nova Pedagogia, os réus passaram a receber um tratamento de distância e desinteresse por suas culpas, que seriam consequências de ignorância e falta de conhecimento religioso [...]. Para a própria fé dos inquisidores,

a concepção de desprezo tem fortes consequências: ao negar a mística em seu valor ontológico (CAVALCANTI, 2015, p. 62).

Não se dizia mais que ela era embuste, até porque o embuste seria a ideia do medo (inclusive um medo comparado às bruxas pela Inquisição medieval), também não havia como provar ser embuste, então a Diocese passou a ter a tese sobre ela de doente, e por isso seu desinteresse perante a culpa da comunhão.

Sendo assim, o fato de ser doente não a colocaria como mística, ela seria apenas uma pessoa fraca de saúde, isso reflete muito no próprio mito fundante de Juazeiro, visto que, fizeram uma “comprovação” que ela era doente não ia existir mais o mito de origem religiosa do vilarejo, de tal forma que, eliminando a ideia mística da Beata, estaria eliminando o próprio milagre, foi por isso que o enfraquecimento do evento foi impulsionado em cima dela: mulher, doente, leiga, negra, pobre e analfabeta, pois acabando e invisibilizando a imagem dela, acabaria a cena do milagre.

A Pedagogia do Desprezo é uma forma histórica de desmitologização. Por Pedagogia do Desprezo entendemos a mentalidade inquisitorial que, sob influência da Ilustração iluminista, substituiu o medo de bruxa e de hereges por uma consciente e programada reação de ridicularização das mesmas crenças quando encarnadas em bruxas, feiticeiras e hereges. Por desmitologização, compreendemos o ato cultural que busca um “mundo sem mitos”, exacerbado pela soberba do racionalismo e pela ilusão empiricista (CAVALCANTI, 2019, p. 336).

O conceito de desmitologização é consequência da Pedagogia do Desprezo, no intuito de acabar o mito fundante. “O desmitologização de valores e o fortalecimento de certo racionalismo de base teológica que a faceta institucional das ações inquisitoriais – inclusive o silenciamento imposto aos pretensos adversários – provocou no Ocidente, ainda não foi devidamente ‘mensurado’” (CAVALCANTI, 2019, p. 336).

Cavalcanti (2015, p. 124) elucida que o termo “desmitologização” aponta para o movimento de mentalidade que busca desconhecer o mito como fundamento biopsicossocial, reduzindo suas narrativas a meras classificações psicóides. É nesses termos que se deve pensar o milagre da transubstanciação da hóstia ocorrido em Juazeiro, pois quando menos se falasse sobre milagre, mais essa memória seria extinta para os poderes eclesiásticos, reduzindo o que aconteceu a invenções do Padre e da Beata em meras narrativas que se perderiam com o tempo.

Em decorrência disso, o silêncio foi o arremate final da Diocese do Ceará, para isso é possível ver como foi construído individualmente com a tentativa de silenciamento do Padre;

e o silêncio e a invisibilidade da Beata, principalmente na orquestração de uma Pedagogia do Desprezo para ela quando teve que viver enclausurada na Casa de Caridade, dessa forma passou-se a construção do Desmitologizamento dos fatos de Juazeiro.

### 3.4.3 Invisibilidade para Maria de Araújo

A invisibilidade dada a Maria de Araújo se faz ecoar até os dias de hoje, depois do seu enclausuramento na Casa de Caridade em Barbalha, a Beata foi esquecida. Antes do seu isolamento com a Segunda Comissão, ela “recebia pessoas em sua casa que observavam curiosas os estigmas e crucificações” (NOBRE, 2014, p. 270).

O culto era feito a Beata, as romarias também eram para ela e não apenas para os panos ensanguentados. “Se Maria de Araújo fosse confirmada como santa o catolicismo popular se fortaleceria em seu aspecto mais perigoso para a hierarquia: a sua autonomia com relação à autoridade centralizada” (TOLOVI, 2015, p. 146). Era por isso que, ela deveria desaparecer para não ser observada pelas pessoas. Para tratar dessa questão etnocêntrica que ajuda a invisibilizar a Beata, é bom lembrar sobre o dito casamento espiritual, que ocorria quando uma mulher devota de Jesus decidia abdicar sua vida a ser sua esposa.

O casamento espiritual evento que ocorreu com a Beata Maria de Araújo já havia ocorrido em outros lugares da Europa e do Brasil, onde as santas europeias passaram pelo mesmo processo espiritual, na ideia de aliança com Deus, com sentido da valorização do amor cristão, e com uma vida dedicada a Deus (BASTOS, 2011). Exemplos são: Santa Úrsula, Santa Catarina de Alexandria, Santa Catarina de Siena, Santa Tereza Ávila. Cada uma passou por um martírio e algumas tiveram atenção especial em Portugal:

Santa Teresa de Ávila procurou editar as suas obras em Portugal; influenciou diversos místicos portugueses, e foi também conhecida pelas suas capacidades de profetizar acontecimentos ligados à casa real portuguesa (...). Santa Úrsula teve um papel importante em Portugal através de outro factor: o da relíquia. Frei Iayme Ferrer dedica todo o capítulo quarto do seu livro a este tema: «sobresale, y raya muy regiamente Portugal en el culto à las Reliquias de las Ursulana Sodalidad.» Neste, menciona: «entre as demais Nações do Mundo, no nosso tempo, logram os Lusitanos a palma do Culto Ursulano (...).» Motivados pelo colecionismo de relíquias, D. Leonor e Pedro de Mascarenhas trouxeram o culto da Santa bretã para Portugal. Mais, o culto de Santa Úrsula e as onze mil Virgens «viaja» através da cultura medieval e renascentista. Cristóvão Colombo baptizara o que hoje conhecemos como as Ilhas Virgens com o nome de Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens. Frei Iayme refere, exaltando o valor Português no culto de Santa Úrsula e sua companhia. (...) Santa Catarina de Alexandria, Santa Catarina de Siena e Santa Rosa de Lima seriam cultuadas em diversos pontos do país, seguindo devoções próprias e locais (BASTOS, 2011, p. 87).

Os comparativos dessas santas ajudam a pensar o porquê do silenciamento da Beata Maria de Araújo. Podemos perceber que as santas europeias eram: brancas, alfabetizadas; por exemplo, Tereza viveu na Europa, foi enclausurada em um convento, era alfabetizada. Para tratarmos do silêncio Araújo e Dujo (2018) trazem essa questão, no entanto, o silêncio observado pelos autores no livro é diferente do silêncio na história de Juazeiro da Beata Maria de Araújo. O silêncio visto no texto é aquele procurado e sentido pelo indivíduo, o da Beata Maria de Araújo foi imposto, mas a ideia de silêncio traz inúmeras possibilidades, como afirmam:

Aprender a viver no silêncio e com o silêncio revelou-se para ela uma experiência iniciática profunda e, num primeiro momento, profundamente perturbadora na medida em que nascemos virados para a palavra, para a luz e para a vida (regime diurno do imaginário, segundo a classificação de Gilbert Durand), enquanto o silêncio simboliza antes a escuridão e a morte (regime noturno do imaginário, segundo a classificação de Gilbert Durand). Daí o medo e o terror ctônico que o silêncio destila e inspira (ARAÚJO; DUJO, 2018, p. 264).

O silêncio dado a Beata é do regime noturno do imaginário. Ela não escolheu o silêncio, ela foi silenciada. O silêncio foi planejado a partir de 1892 com a instauração do II Inquérito, invisibilidade de não poder falar sobre sua relevância no milagre, invisibilidade para as pessoas testemunhas do milagre em ter que calar-se, ocultando sua participação no milagre, silêncio na ocultação do seu corpo, invisibilidade nas músicas que não podem ter o nome da Beata. E, hoje, o silêncio e a invisibilidade do esquecimento. Portanto, é perceptível estudar o imaginário do silêncio sobre uma nova ótica; diferente do texto é necessário e urgente estudar o silêncio que é imposto, no regime noturno da teoria do imaginário, como colocado por Gilbert Durand (2007).

Analisar a questão da Beata Maria de Araújo no milagre de Juazeiro é complexo, pois não há “o som da sua voz”, ou seja, as falas que existem nos inquéritos são traduções dos padres, não existe sua fala, ou carta. Portanto, a forma como a invisibilizaram é intrigante.

O mergulho na profundidade do silêncio é libertador porque liberta da gravidade. O silêncio das profundezas, à semelhança das águas profundas, aplaca a vertigem do ruído da tagarelice da palavra e mesmo da sua cacofonia abrindo o sujeito ao reino vasto do silêncio interior. Da metáfora do mergulho nas profundezas do silêncio chega à metáfora do silêncio do buraco negro (ARAÚJO; DUJO, 2018, p. 286).

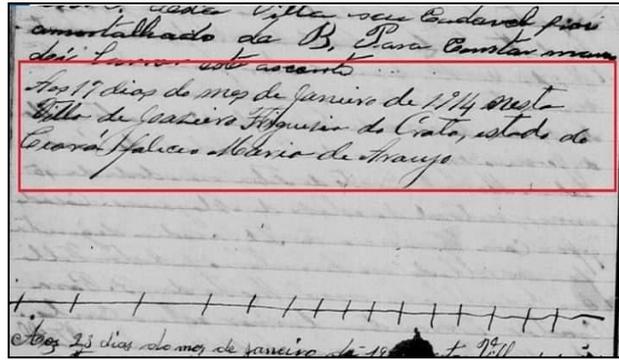
O silêncio do buraco negro, mencionado acima, como uma metáfora é a melhor definição para pensar Maria de Araújo. A invisibilidade de não observar sua imagem nos

lugares de Juazeiro é a ausência de memória que resulta essa invisibilidade. Amália Xavier de Oliveira (1989) autora da obra “O Padre Cícero que conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte” se debruça na análise dos dias antecederam a morte e o sepultamento da Beata. A autora e seu texto são de suma importância, vez que a pesquisadora vivenciou o mesmo período que a Beata, e demonstra o que quase não é observado: a incógnita da morte e sepultamento de Maria de Araújo. Abaixo, transcreve-se tal relato:

Um das incumbências que o Pe. Cícero deu ao meu pai e que me impressionou vivamente foi a que se referiu ao sepultamento de Maria de Araújo, falecida em plena época da Revolução, 17 de janeiro de 1914. Maria de Araújo, beata conhecida por todo povo de Juazeiro e quiçá do Nordeste brasileiro, vivia pobremente numa pequena casa com umas moças desamparadas, algumas até suas parentas. Adoeceu gravemente; aumentaram as necessidades com a doença agravada pela situação da guerra. O Padre mandou que passasse a morar em Casa de D. Mariinha do Capitão Domingos que desfrutava de boa situação financeira e podia ajudá-la. Dizem que a beata ofereceu sua vida pela paz da cidade e a tranquilidade do seu pai, na ordem espiritual. Se foi aceito por Deus, veremos na outra vida. Nesta, só podemos confirmar que ela morreu sete dias antes da tomada do Crato. Em novembro de 1913, já ela morava com D. Mariinha quando Monsenhor Lima, então coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora da Penha, do Crato, andando em Juazeiro a serviço da Paróquia, deu-lhe os Sacramentos. Deitada numa pequena cama- de- vento, estendida na sala de visitas lado do sul, vi, muitas vezes a beata, principal protagonista dos fatos aqui ocorridos em 1889, iniciados, ocultamente desde 1884. Estatura baixa, pele escura, cabelo cortado à escovinha, usava vestido preto a moda das outras beatas mas, não usava manto, véu e nem murça. Substituí-a por um chalé preto, dobrado de ponta indo quase da cabeça aos pés. Viveu sempre muito pobremente; passou privações sem conta; talvez por estas circunstâncias, foi sempre muito humilde, vivendo ocultamente em sua casa até que o Padre Cícero mandou-a para a casa onde morreu. Havia recebido os sacramentos dois meses antes e foi assistida pelo seu Diretor Espiritual até a última hora, ouvindo-lhe as recomendações que fazia de apresentar-se confiadamente a Nossa Senhora, sua protetora e Mãe em todo decurso de sua vida. Logo que a beata acabou de morrer, o Padre procurou meu pai e mandou que ele encomendasse o caixão mortuário que deveria ser todo de cedro, com boa fechadura e envernizado por dentro e por fora. Mandou ainda que, quanto antes providenciasse a sepultura mandando cavar dentro da Capela do Socorro, na parede ao lado direito de quem entra, perto da porta, recomendando que fizesse sobre a escavação o travejamento no nível do piso para receber o caixão, subindo depois um retângulo com paredes de dois tijolos, um metro acima do piso, em forma de urna, semelhante a um altar, deixando o caixão dentro. Assim, foi ali conservado até 1930, quando foram retiradas as paredes, ficando os restos mortais dentro da sepultura, **no mesmo local** (OLIVEIRA, 1989, p. 27, grifo nosso).

Todo o relato de Amália Xavier é importante, mostrando os últimos momentos da vida da Beata, poucos textos trazem essas afirmações. Os episódios da sua morte e do roubo do seu corpo são intrigantes, sepultando a sua história; primeiramente é possível observar abaixo o seu assento de morte:

**Figura 5 - Assento de morte da Beata Maria de Araújo**



Fonte: Livro de óbito 28<sup>40</sup>.

O assento de morte da Beata Maria de Araújo foi encontrado no Crato, assinado pelo pároco de Barbalha, e ela morava em Juazeiro do Norte-CE, como é visto não especifica a causa da morte, e deixa um espaço em branco, como se alguém depois viesse a preencher, e que nunca foi preenchido.

Nessa imagem observa-se que todas as pessoas tinham a causa da morte menos o dela, mesmo morrendo no mesmo dia, visto que, o Livro de assento de morte é sequencial. É bom lembrar que a Beata morre em 17 de janeiro de 1914, data real da sua morte, pode-se alegar que estava ocorrendo a Guerra de 14<sup>41</sup> e que nesse período houve um equívoco deixando em branco, no entanto, não justifica, pois as outras pessoas falecidas tinham a causa da morte.

Outro episódio envolvendo o silenciamento da Beata é a violação do seu túmulo e o roubo do seu corpo. No depoimento de Amália Xavier é possível observar que a destruição ocorreu do altar em 1930, esse dado é de suma importância, pois nenhum autor havia levantado a possibilidade dos restos mortais de Maria de Araújo ainda estarem na igreja, foi assim que Renato Casimiro começou a organizar uma investigação nesse sentido em 2020, apontando em seu texto sobre a destruição do túmulo de Maria de Araújo e mostrando a possibilidade do seu ossário estar ainda no mesmo local.

O autor ainda mostra que Padre Cícero registrou o roubo no cartório Machado em 22 de outubro de 1930 e foram encontrados no local: escapulários de Nossa Senhora das Dores, do Carmo e da Paixão; um pedaço do crânio com cabelo que foi guardado num depósito de vidro; este depósito teve destino ignorado. Essas questões intrigam o autor e a todos, pois se há uma possibilidade dos restos mortais da Beata estarem lá, porque até hoje não houve o

<sup>40</sup> “Aos 17 do mês de janeiro de 1914 nesta vila de Joazeiro freguesia do Crato, estado do Ceará faleceu Maria de Araújo”. (Livro de óbito 28 da Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Crato - 1913-1915. p. 77).

<sup>41</sup> Conhecida como a Sedição de Juazeiro. A questão política entre Oligarquias cearenses e o Governo Federal, depondo Franco Rabelo e assumindo a liderança do estado do Ceará Nogueira Acioli, que contou com o apoio de Floro Bartolomeu e Padre Cícero.

tombamento do túmulo? E se, o Padre Cícero guardava um pedaço do crânio e o escapulário dela, onde está esse depósito de vidro?

Não houve investigação na época, não foram procurados os culpados, não se abriu um inquérito policial<sup>42</sup>, ninguém recebeu a culpa por um crime dessa proporção, até hoje os restos mortais da Beata não existem e ninguém foi condenado por tal crime. Portanto, Casimiro (2020, p. 11, no prelo) observa uma questão importante:

[...] permitir a utilização de aparato tecnológico, não destrutivo, inicialmente, para monitorar o espaço em profundidade – quem sabe, por radar, a revelar elementos deste antigo e desejado ossário. Sobre a possibilidade de uso de um radar de penetração no solo ou georradar (GPR), como é sabido, é uma técnica de aquisição de informação espacial que se utiliza para investigar ou detectar objetos e estruturas sob o solo. Já era usado na Áustria, em 1929. O GPR tem várias aplicações, em muitos campos, em rochas, solos águas e gelo. Ele é ainda usado pela polícia para detectar túmulos clandestinos e provas de crimes. Os usos militares também incluem a detecção de minas, materiais perigosos e túneis. Outra atitude desejável é a própria abertura do local no qual se fez na origem o poço para a finalidade de ossário, como uma procedente exumação destes eventuais restos mortais, uma vez que, cientes de que não houve remoção, quem sabe, eles aí estão para finalmente “terem o repouso eterno”, nas premissas de nossa Santa Madre Igreja. Juazeiro do Norte, 22.10.2020, nos noventa anos da profanação”.

Posto isto, os próximos passos para a busca dos restos mortais da Beata devem seguir as incógnitas levantadas por Casimiro (2020, no prelo) e é preciso trazer urgentemente essas respostas, visto que a violência sentida pela Beata foi brutal até após sua morte, e nesse movimento de mudanças<sup>43</sup> a possibilidade dos restos mortais da Beata estarem na igreja faz surgir uma esperança pela justiça de sua história e memória, possibilitando as futuras visitas ao seu túmulo assim como ocorre no túmulo do Padre Cícero, concretizando seu lugar na história de Juazeiro. Depois de tanto tempo silenciada a igreja católica, na homilia do centenário da morte da Beata, Dom Fernando Panico faz menção a Maria de Araújo:

Hoje celebramos o centenário da morte da Beata Maria de Araújo. E nós podemos contemplar esta mulher dentro do movimento dos beatos e das beatas que se criou ao redor do Pe.Cícero. Pessoas que buscavam, através de uma vivência da sua fé de uma maneira até radical, buscavam servir a glória de Deus, tornando-se abertas e disponíveis para ajudar, sobretudo os mais pobres, para viverem em comunidade os ensinamentos do Evangelho. Para expressarem, com a força da oração, o poder de Deus que age na vida da gente. A beata Maria de Araújo, assim como outras mulheres, foi uma destas testemunhas, que hoje ainda nos ensina, com o seu exemplo e com a sua própria vida, a serviço da justiça e da profecia do Reino de Deus. Eu gostaria de deixar-lhes nesta oportunidade umas poucas mensagens em forma de prece: estamos aqui para rezar. Esta é a única finalidade e o objetivo desta celebração deste centenário (FORTI, 1997, p. 157).

<sup>42</sup> Adiante será mostrado como está sendo tratada essa situação em 2021.

<sup>43</sup> Que será abordada no capítulo III.

Com o centenário de morte de Maria de Araújo há uma quebra desse silêncio, uma marca de reaparecimento, que será retratado no próximo capítulo, mas até essa data são 100 anos que separaram a invisibilidade da Beata, que assim ficou por muitos anos, silenciada pela igreja, pelos romeiros e pelos juazeirenses.

Como consequência desse silêncio é importante refletir: como as pessoas também invisibilizaram a Beata e acreditam no milagre? Como o povo lembra-se do Padre e esquece a Beata? É como se houvesse um bloqueio social e o medo perdura, o que seria de Juazeiro do Norte sem o evento do milagre? A cidade iria existir? Nunca; a capital da fé como é conhecida é, porque não procura sua verdadeira memória<sup>44</sup>, dessa forma, como seria contada a história sem essa personagem? É interessante refletir sobre essa personagem e sua importância retirando da história, Aron (1999, p. 461-462, grifo nosso) parafraseando Max Weber, problematizou essa questão ao falar sobre a importância dos atores sociais:

Quem pretende que o acontecimento histórico singular não teria sido diferente, mesmo se um certo acontecimento particular não tivesse sido o que foi, faz uma afirmação que cabe a ele demonstrar. **O papel das pessoas ou dos acidentes, na origem dos acontecimentos históricos, é um dado primordial imediato**; cabe, aos que o negam, a tarefa de provar que esse papel é uma ilusão [...]. Por outro lado, pode-se, às vezes, encontrar por comparação não o meio de construir em detalhe a evolução histórica irreal, mas a forma de demonstrar a probabilidade de que outra evolução teria sido possível [...]. Fica claro, portanto, que numa situação histórica dada basta um acontecimento, uma vitória ou derrota militar, para **decidir a evolução de toda uma cultura**, num sentido ou em outro. Essa interpretação tem o mérito de devolver às pessoas e aos acontecimentos sua eficácia; de mostrar que o curso da história não está determinado, antecipadamente, e que os homens de ação podem alterá-lo.

O pensamento weberiano mostra que retirando um ator social da história o curso desse momento seguirá outro rumo. Pensando assim, retirando a Beata, as romarias não existiriam, pois a peregrinação a Juazeiro inicia a partir da adoração aos paninhos de sangue, que foram enxugados com o sangue que corria da boca dela, sem peregrinação, consequentemente sem adoração aos panos, e sem as romarias que conhecemos hoje, e o Padre Cícero, mesmo sendo um personagem carismático, não se constituiria como tal sem os eventos com a Beata.

#### 3.4.4 Silêncio para Cícero Romão Batista

---

<sup>44</sup> Sem história e sem memória o poder vigente pode fazer o que deseja, seja ele um poder eclesiástico, político ou social. Quando o povo não conhece sua história é tomado por uma apatia.

O silenciamento de Cícero ocorreu de forma diferente. Após a ida de Padre Cícero para Salgueiro, depois de ter sido obrigado a sair do vilarejo, ele decidiu voltar a morar em Juazeiro, mesmo com o Decreto do bispo, para ele que não podia deixar a cidade, e precisava cuidar de todos, como havia ordenado Jesus, em sonho. A igreja romanizada poderia até ter tentado decretar seu silêncio, mas a partir dali ele passava a enveredar para a política, reside aqui umas das diferenças entre o Padre e a Beata, além de ser homem, padre e branco.

É nesse contexto que Cícero se torna o “Coronel de batina” como afirma Tolovi (2015, p. 28) “o patriarca assume idêntico perfil e se coloca no “lugar” estratégico de influencia determinante no campo da política partidária. Isso porque, por contar com muitos “dependentes”, caracterizados por afilhados, ele também podia contar com muitos votos, a partir da decisão que tomasse”. Portanto, aqui inicia para Cícero a política, pois quanto mais envolvido, mais ele ficaria longe de se reconciliar com a igreja, ele usou dessa tática para poder continuar convivendo com o povo.

Suspensão de ordens, cada vez mais restavam ao padre Cícero as funções dos antigos conselheiros dos sertões. Em frente a sua casa, todos os dias aglomeravam-se centenas de romeiros para pedir conselhos, bênçãos e ajuda, a despeito dos esforços da Igreja em debelar as romarias e a atração que Cícero exercia sobre os nordestinos (PAZ, 2011, p. 87).

É dessa forma que se torna o verdadeiro patriarca, silenciado pela Igreja, só que mais conhecido ainda do povo. “A figura de Padre Cícero, como representação do sagrado, fortalecia o movimento da religiosidade popular que, por sua vez, fazia do Patriarca do Juazeiro um homem poderoso diante dos governantes” (TOLOVI, 2015, p. 149).

Como o Padre entra na política? Ingressa na busca de forças, principalmente de um respaldo político-financeiro, para formar a Diocese em Juazeiro. Padre Cícero ainda acreditava que a igreja iria fazer essa consideração, mas o propósito da igreja era fechar o cerco ao fanatismo de Juazeiro, surgindo assim Dioceses em locais próximos como a Diocese de Cajazeiras e Petrolina que foram construídas. “Cajazeiras é escolhida para fechar cerco a Cícero, reforçar o cerco à expansão do fanatismo religioso [...]. Um cinturão visando bloquear o aumento da popularidade daquele sacerdote” (ROLIM, 2016, p.17-71).

É aqui que inicia a crítica de muitos pesquisadores ao padre, por ter entrado na política. Interessante questão é que Padre Cícero não desejava de fato ser político, no entanto, como não podia estar em Juazeiro como religioso, viu na política a alternativa para se manter no serviço na cidade. Silva mostra a fala do Padre (1982, p. 328):

Nunca desejei ser político; mas em 1911 quando elevado o Juazeiro, então povoado; à categoria de Vila, para atender aos instantes pedidos do então Presidente do Estado, o meu saudoso amigo Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, e ao mesmo tempo por mim mantido, comprometer-se a boa marcha dessa terra, vi-me forçado a colaborar na política.

Então, como tudo ocorreu após o enclausuramento da Beata? Cícero começa a formar um patrimônio para a possível construção da Diocese em Juazeiro, com terra de Coxá, entre Missão Velha e Milagres, que tinham minas de cobre (PAZ, 2011). É nesse contexto que, surge Floro Bartolomeu na vida do Padre. “Floro Bartolomeu, um médico baiano que acompanhava o Conde Adolph van der Bruhle, também interessado nas minas. Floro acabou se fixando em Juazeiro e se tornando o alter ego do padre Cícero nos futuros acontecimentos políticos” (PAZ, 2011, p. 92).

O Padre entra de fato na política com Floro e Accioly contra Franco Rabelo e a questão de poder no interior do Ceará. “Vendo diminuir as possibilidades de reaver suas ordens sacras através do manejo da burocracia eclesiástica, padre Cícero começa a deixar para trás a imagem do humilde pároco suspenso de ordens para ser cada vez mais um poderoso proprietário de terras e de dinheiro, detentor de uma imensa força política” (PAZ, 2011, p. 94). Observando assim as relações de poder que se espalha para a comunidade travando uma oposição entre Juazeiro e Crato, com a colaboração da igreja:

Como desdobramentos desses fenômenos, especialmente da forma como a Igreja oficial passou a encará-lo, eclodiram novos fundamentos, distanciando cada vez mais as duas comunidades. Essas relações conflituosas atingiram seu clímax no começo da segunda década do século XX, quando as desavenças políticas se avolumaram, ultrapassando as fronteiras do Cariri, a ponto de desembocarem em luta armada de repercussão nacional, que culminou com a decomposição do presidente do estado do Ceará, o coronel do Exército Marcos Franco Rabelo. A derrubada se deu pelas forças irregulares congregadas pelos partidários do padre Cícero, sob a chefia do deputado Floro Bartolomeu, seu aliado e articulador político, com o decisivo apoio de muitos coronéis da política cearense [...]. Interessa aqui a disputa para sediar a diocese do Cariri (ROLIM, 2016, p. 73-74).

A luta armada que o autor expõe no seu texto é conhecida como a sedição de Juazeiro. Antes disso, em 1911, o vilarejo já havia se tornado município. A sedição ocorreu quando Padre Cícero e Floro Bartolomeu juntou um exército de pessoas e conseguiu depor Franco Rabelo, isso levou a morte de algumas pessoas e o forte conflito entre Juazeiro e Crato eclodiu a partir daí. Depois de todo conflito político Dom Joaquim inicia a instalação para uma Diocese no Cariri, mas no Crato, e não em Juazeiro como almejava Cícero.

Após a publicação das quatro cartas pastorais em que Dom Joaquim trava um forte embate contra o padre Cícero, os *milagres* e o movimento de Juazeiro e, sobretudo, após a instalação da Diocese de Crato, tem início um longo período marcado pelo **silêncio oficial** da hierarquia eclesiástica a respeito da questão de Juazeiro [...]. É interessante notar que o período da instalação da diocese de Crato coincide com o momento de maior prestígio político do padre Cícero. Mas, paradoxalmente, após 1914 a imagem do padre Cícero perante a Igreja tornou-se ainda mais negativa: ele não era mais apenas o líder de um movimento fanático, mas também tinha comandado uma revolução que redundou em mortes e saques. Para agravar a situação, a beata Maria de Araújo, falecida subitamente durante a guerra de 14, fora enterrada a mando do sacerdote no interior da capela de Nossa Senhora do Socorro, que não havia sido consagrada, fazendo com que Cícero fosse, cada vez mais, visto como fomentador de fanatismo entre os fiéis (PAZ, 2011, p. 99 e p. 100, grifo nosso).

Assim, é reafirmado o silêncio oficial para o Padre perante a igreja, o que não ocorreu na política, portanto Cícero continuava a ser uma figura pública, o que não aconteceu com a Beata Maria de Araújo. Sai de cena Dom Joaquim e entra Dom Quintino<sup>45</sup> com a implantação da Diocese do Crato<sup>46</sup>.

Para encerrar o silenciamento da igreja perante o padre, um episódio marcante foi o decreto da Santa Sé em 1916, com a excomunhão de Cícero, no entanto, a igreja Romana deu ao bispo o poder de dar ou não a excomunhão, que não o fez a pedido de Floro Bartolomeu com o discurso que o padre morreria e causaria uma ruptura social ainda maior entre Juazeiro e a igreja Romana (PAZ, 2011).

Cícero Romão continuou na política, se tornou vice-governador do Ceará, mas nunca conseguiu em vida reaver suas ordens religiosas com a igreja, apesar de ter continuado exercendo sua fé, pregando pela janela da sua casa e aconselhando os romeiros e juazeirenses, tanto de forma religiosa, como conselhos sobre trabalho e comércio, uma frase muito conhecida dele e que até hoje os juazeirenses tem costume é: “em cada casa na garagem uma oficina e em cada sala um altar”, é por esse motivo o lema de Juazeiro do Norte é: “Cidade de fé e trabalho” são marcas do padrinho. Portanto, o silenciamento de cada um se deu por imposição da igreja, mas teve estratégias e táticas diferentes, por eles e pelas convicções que viviam, por esse motivo o Padre continuou sendo aclamado pelo povo, e a Beata reclusa e esquecida e invisibilizada.

---

<sup>45</sup> Como afirma Paz (2011) Dom Quintino Rodrigues foi vigário do Crato e depois se tornou bispo, no início foi apoiador dos fatos de Juazeiro, mas depois foi obrigado a não professar mais nada sobre o milagre, tornando-se posteriormente uma peça chave de combate ao fenômeno da transubstanciação da hóstia no Cariri. Para ver mais: Paz (2011) página 147.

<sup>46</sup> A Diocese do Crato foi instalada em 1916 (PAZ, 2011, p. 149).

O fim da vida de Cícero é um momento marcante: onde a cidade parou, muitos passaram a se sentir órfãos sem o padrinho, achava-se que Juazeiro iria acabar por não ter mais seu patriarca, assolando uma tristeza infinita. Della Cava, em seu livro “Milagre em Juazeiro” (1978) traz um tópico chamado “A última jornada” que retrata essa angústia de se sentir sem lugar:

Nas primeiras horas do dia 20 de junho de 1934, o nonagenário embarcou naquela última jornada da qual nem patriarcas nem políticos podem escapar. Momentos antes da sua morte, ele levantou o braço e, em desobediência a todas as proibições do passado, traçou no ar três sinais da cruz, falecendo logo a seguir (CAVA, 1978, p. 310).

No entanto, tudo que se acreditava acabar continuou com a força das palavras do Padre Cícero, pois ele havia pedido que ninguém deixasse o Juazeiro, mesmo após sua morte, e assim se fez e se faz até os dias de hoje, com as romarias.

### 3.5 ESTUDOS DO IMAGINÁRIO NA QUESTÃO DE JUAZEIRO

Os estudos do imaginário contribuem para pensar a questão simbólica que o milagre traz, se o fato de Juazeiro, como é chamado é um mito fundante, e faz mudar a vida da Beata Maria de Araújo, do Padre Cícero e dos outros envolvidos nesse fato, pois faz nascer um exponencial do catolicismo no Brasil, e o imaginário irá ajudar a pensar os fatos, o milagre, os símbolos e os silêncios e a invisibilidade dela.

Como a teoria do imaginário pode se aplicar ao milagre? Gilbert Durand (1997), uma das influências dos estudos do imaginário, mostra na obra “As estruturas antropológicas do imaginário” a organização dos símbolos em: schème (gestos inconscientes), arquétipo (antes da ideia), símbolo (signo concreto- que aqui será explorado), mito (é um relato fundante da cultura) (PITTA, 2005)<sup>47</sup>.

É possível observar toda a organização dos símbolos com o nascimento de Juazeiro. Portanto, de acordo com os conceitos de Pitta (2005), o schème significa a questão de ideias atrasadas que se construiu no imaginário sobre Juazeiro como vilarejo- atrasado; unindo-se com o conceito de arquétipo de pessoas “desviadas” quando classificavam as pessoas em bêbados ou prostitutas, mas que recebia personagens para a mudança do lugar, como o Padre Cícero e as beatas que ali moravam. Fundando o símbolo no processo ritual a partir do dia 01

---

<sup>47</sup> Danielle Pitta é uma autora importante para pensar os estudos do imaginário no Brasil.

de março de 1889 ocorrendo a transubstanciação da hóstia na boca da Beata Maria de Araújo, fazendo nascer um mito, criando uma base cultural, cultura esta que fez a igreja romanizada temer, o medo do nascimento de um novo catolicismo.

Como observado, o II Inquérito traz o silenciamento de Cícero e a invisibilidade de Maria de Araújo e, portanto, é possível ver como cada um dos dois recebeu e viveu esses silenciamentos. O Padre conseguia aparecer no meio público por outras vias, como foi à política, agora não era mais só um padre, mas um líder político e social.

No entanto, a Beata ficou com a imagem vinculada apenas ao milagre, ela era serva para as pessoas, e como até o seu mentor espiritual Cícero Romão Batista havia se comprometido no Santo Ofício em Roma a não falar mais publicamente sobre o milagre<sup>48</sup>, isso ajudou na invisibilidade da Beata; as pessoas que também acreditavam no milagre não poderia mais falar nele por medo da excomunhão.

Por conseguinte, a imagem da Beata ficou vinculada ao milagre, a do Padre expandiu como político da cidade e líder do povo. A ideia de imagem é observada com Durand (1997) nos regimes das estruturas do imaginário: regime diurno e noturno; que ajuda na construção cultural/religiosa de Juazeiro pós-milagre.

Regime diurno da imagem se dividirão em duas grandes partes antitéticas, a primeira – de que sentido do título será dado pela própria convergência semântica-consagrada ao fundo das trevas sobre o qual se desenha o **brilho vitorioso da luz**; a segunda manifestando a reconquista antitética e metódica das valorizações negativas da primeira (DURAND, 1997, p. 68).

Padre Cícero é como o brilho vitorioso da luz, Paz (2011) traz na sua tese a fala de uma romeira que afirma que o padre é o santo do Sol, aquele que não precisa de altar, pois o Sol representa o alto patamar, eleito por seus fiéis, como não poderia ser santo na igreja ele recebia esse lugar para as pessoas, e foi valorizado pelo que se ficou positivo do milagre.

No regime diurno da imagem na estrutura heroica há uma vitória, uma elevação, há um chefe; com a ideia de verticalidade, isso ficou forte no vilarejo que após a morte do Padre, uma estátua sua foi erguida no Horto, local alto da cidade, serra batizada em alusão ao Horto das Oliveiras, o monumento visitado por milhares de pessoas nas romarias, que comprova o regime diurno heroico, como mostra o trecho da música “Viva Meu Padim”, de Benito di Paula “Olha lá no alto do horto. Ele tá vivo, o padre não tá morto”.

---

<sup>48</sup> Mesmo o Padre até o fim crendo que havia ocorrido milagre.

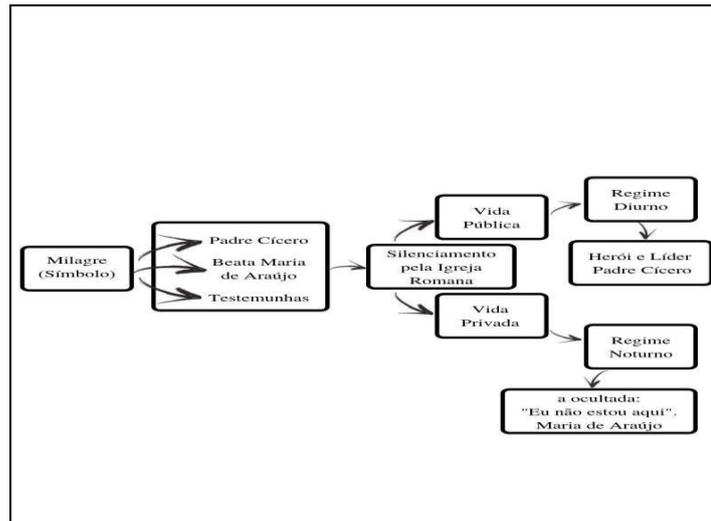
“O regime diurno da imagem se apresenta, desse modo, caracterizado por uma lógica da antítese (de oposições), na qual prevalecem às intenções de distinção e análise” (PITTA, 2005, p. 29). Nesse viés, é possível perceber que Padre Cícero foi ao regime diurno devido à colocação que os fiéis fizeram dele, no público.

O regime noturno por sua vez tem duas características: a mística e a sintética. Na questão mística é uma espécie de construção de uma harmonia (PITTA, 2005), é o símbolo da inversão, com a ingenuidade e origem a Beata Maria de Araújo que se encontra nesse regime, uma ideia “morna” e obscura, pois se a igreja a colocou nessa obscuridade, o povo reafirmou, colocando-a em vida na invisibilidade, e em morte em silêncio. A teoria do imaginário se faz presente em toda a simbologia criada em Juazeiro e que teve repercussão no futuro cultural, religioso e social da cidade.

Gilbert Durand vai se colocar em uma perspectiva antropológica globalizante: a antropologia concedida como um “conjunto de ciências que estudam a espécie homo sapiens” (p. 37). E, para isso, ele parte dos estudos da escola de reflexologia de Leningrado para determinar a influência dos reflexos dominantes na constituição do imaginário humano, mas sublinha bem que as imagens não vêm prontas e transmitidas pela hereditariedade; muito pelo contrário, é pela interação desses reflexos e das pulsões às quais eles são ligados com o meio material e social que as imagens se formam. Tal interação é o que chama de trajeto antropológico, noção capital no universo durandiano (PITTA, 2005, p. 92).

A construção do imaginário do milagre levou a um silêncio, no entanto, Padre Cícero por estar no meio público ficou e permanece no regime diurno e heroico de Juazeiro e a Beata no meio privado, patriarcal, no regime noturno da imagem, da sombra e do silêncio de Juazeiro. Para sintetizar a contribuição dos estudos do imaginário de Durand (1997) é possível observar no quadro abaixo:

**Figura 6** - Quadro esquemático como representação do Primeiro e Segundo Inquiritos



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nessa vertente, como observado até a morte de cada um, Maria de Araújo sem causa de morte confirmada, com assento de morte em branco e o roubo do seu túmulo a invisível, já o Padre morre aos noventa anos, ovacionado, deixando muitos órfãos, enterrado no altar da Igreja do Socorro, onde até hoje é muito visitado e lembrado como personagem carismático até hoje, isso se observa no regime diurno da imagem.

### 3.6 MEMÓRIA SOCIAL E RELIGIOSA DE JUAZEIRO DO NORTE. O QUE RESTOU?

Com o que foi mostrado no I Inquérito e depois no II Inquérito é perceptível a ideia de invisibilidade que a igreja católica construiu através do medo que ela tinha do evento do milagre, e fixando na figura da Beata Maria de Araújo inaugurando o tabu em relação a ela e produzindo a invisibilidade, dessa forma através do seu discurso eclesialístico foi percebida uma nova memória social e religiosa, que no I Inquérito se mostrava de uma forma, e no II passou a ser outra, portanto a memória foi modificada principalmente pela questão do medo.

Mas afinal, o que é memória? Segundo Michel Pollak (1989) no texto “Memória, Esquecimento, Silêncio” explica sobre a memória coletiva que vai sendo originada pelo sentimento de pertença que a identificação (HALL, 1999) social conduz. É perceptível que a história contada é diferente do evento original, pois a tentativa de invisibilizar Maria de Araújo distorce o mito fundante de Juazeiro, essa mudança levou a uma mudança de memória coletiva.

Memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a

saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva” (POLLAK, 1989, p. 01).

Ou seja, silêncio e a invisibilidade, colocados pela dominação da igreja romanizada fez com que a memória coletiva fosse modificada, para não desestabilizar as estruturas da igreja. Pollak (1989, p. 02, grifo nosso) traz da seguinte forma o conceito de memórias subalternas:

Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no **silêncio** e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e **competição entre memórias concorrentes**.

Diante disso, o conflito sobre memória coletiva é perceptível, pois como a igreja proibiu falar sobre o milagre, sobre os panos ensanguentados, sobre a própria Beata, os romeiros que acreditavam no milagre do local, obedeceram à igreja em partes, pois não se cultuava mais os panos, a Beata, mas continuava a cultuar a cidade, e retornando à cidade em romarias, só se via o Padre, que não ficou invisível aos olhos das pessoas por ser um agente público, portanto as memórias vistas e apresentadas de geração a geração são aquelas que enfatizam a figura do Padre Cícero como líder carismático a ser seguido. O que ficou dos memorialistas foi à história do Padre Cícero como santo, um líder; e de Juazeiro como a Terra da Mãe de Deus<sup>49</sup>, os outros acontecimentos do milagre foram silenciados perante essas memórias coletivas.

A história não foi modificada apenas dos romeiros, que conhecem, sonham e vem a Juazeiro do Norte, a memória foi modificada da população. Em conversas rápidas é possível observar esse resultado, quase nenhum juazeirense se identifica, ou lembra-se da Beata, seja em falas, músicas, ou nos livros de história que retrate a cidade, a identificação das pessoas com sua história (HALL, 1999) é extremamente importante.

A identidade social refere-se a pessoa, a indivíduo, a agentes sociais distintos que podem ser, por um caráter comum, incorporados a uma mesma classe [...] onde se tem uma relação de identidade - que é uma relação reflexiva, simétrica e transitiva - não pode ser estabelecida uma relação de diferença: as expressões “é igual a “ e “é diferente de” são contrárias e mutuamente exclusivas [...] Já a expressão “é semelhante a”- contrastando com “é diferente de”- põe em jogo uma diferença de grau; não se trabalha com contrários mutuamente excludentes, mas com contrastes relativos (PENNA, 1992, p. 153).

---

<sup>49</sup> Antes já era conhecida assim, a Terra da Mãe de Deus.

O processo de identificação que uma pessoa tem com uma igreja, insere-a neste sentimento de semelhantes, a identificação é um processo. “O que a identificação produz é uma representação, são processos de percepção, ao reconhecimento, identificar alguém equivale a caracterizar [...] são jogos de apreensão e interpretação” (PENNA, 1992, p.155). Ou seja, em Juazeiro há um sentimento de pertença entre o Padre Cícero e os fiéis, como o santo popular, diferentemente da identificação das pessoas com a Beata, pois a população não se reconhece na figura dela.

Halbwachs (1968) em “A memória coletiva” mostra as imagens impostas, que conseqüentemente leva a memórias impostas: “Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo em que se incorporem a ela” (HALBWACHS, 1968, p. 27). Assim, houve uma reorientação da memória coletiva em Juazeiro, modificando a origem da história em que as testemunhas observavam uma santidade na Beata, e isso foi repassado diferente na história, quando passa a chamar Maria de Araújo de embuste ou doente, essa “correção” e reorientação da imagem da Beata, fez mudar a memória de hoje. O autor ainda trás a seguinte ideia sobre essa reorientação:

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as **testemunhas** fazíamos parte de um mesmo grupo [...], permaneceremos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu (HALBWACHS, 1968, p. 27, grifo nosso).

Sob esse prisma, é possível observar que em Juazeiro houve uma substituição de lembrança histórica, primeiro pelas testemunhas que não puderam continuar com suas convicções de forma pública, como foi o caso de Monsenhor Monteiro, e as beatas. Segundo pelas gerações de romeiros e juazeirenses impedidos de continuar as lembranças vistas, continuaram com os discursos que podiam. Dessa forma, como é possível trazer a lembrança de volta da Beata na história? Atualmente, começa a ser possível ver que as manobras para visibilizar Maria de Araújo, que não vem naturalmente pelos romeiros, mas inicia-se por outras esferas sociais<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Será analisado mais adiante, no próximo capítulo.

Portanto, onde está Maria de Araújo? “Personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados” (POLLAK, 1989, p. 03), ela começa a ser lembrada, por ser uma personagem que construiu a história da cidade, começa a surgir uma comunidade afetiva (POLLAK, 1989), que seria um grupo de pessoas que possuem memórias afetivas em relação à Beata, já se existia a comunidade afetiva do Padre Cícero com os romeiros, agora um grupo também busca trazer a visibilidade de Maria de Araújo a tona. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de **memórias subterrâneas** que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial” (POLLAK, 1989, p. 02, grifo nosso).

Frisa-se que se Maria de Araújo foi colocada na invisibilidade, a própria memória subterrânea, ou invisível começa a aparecer, mesmo sendo por minorias, pois assim como essa ideia subterrânea demarca os excluídos, os marginalizados e as minorias, é exatamente desse viés de minorias que grupos sociais estão se construindo e formando uma nova memória sobre a Beata, pois se as pessoas daquela época que tiveram que silenciar, não deixaram de ter memória sobre ela, elas passaram ainda memórias do não-dito, como afirma Pollak (1989), quebrando o silêncio e rompendo com o discurso oficial, chegando nos dias de hoje.

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...]. A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem de uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (...). Memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (POLLAK, 1989, p. 06 e 07).

A memória sobre a história do milagre e sobre a Beata Maria de Araújo começa a mudar lentamente, pois existe grupos que estão buscando essa reivindicação através de um processo de rememória, a memória passa do não-dito, ao dito, de subterrânea a um novo papel, ou seja, há uma ressignificação da história da Beata Maria de Araújo e em consequência uma ressignificação da memória histórica - religiosa de Juazeiro do Norte, dessa forma é a partir de então que o movimento de invisibilidade vai perdendo força para dar espaço a visibilidade de Maria de Araújo.

## **CAPÍTULO 4: “ALIÁS... EU ESTOU AQUI!”. OS MOVIMENTOS PELA REABILITAÇÃO E VISIBILIDADE DA BEATA**

Este capítulo tem por intuito apresentar e analisar a movimentação pela visibilidade da Beata Maria de Araújo que inicia a partir da década de 80, começando a falar novamente de Juazeiro do Norte com o milagre e em consequência sobre a Beata, essa construção vem sendo percebida através de uma arqueologia de discursos em torno dela. Para essa construção da imagem da Beata nos dias atuais é preciso partir das seguintes questões: Qual Beata encontramos hoje? A Maria invisibilizada pela igreja romanizada? A Beata que aparece nos movimentos sociais? A Maria de Araújo da academia? A Beata do povo?

Para encontrar as respostas desses problemas a questão do discurso será observada. “O projeto arqueológico de Foucault buscou desnaturalizar discursos dados como se estivessem ‘desde sempre aí’, discursos esses que, de tão imbricados em certa episteme, foram se naturalizando” (LIMA, HARRES, PAULA, 2018, p. 175).

Esse é o processo pelo qual a imagem da Beata vem passando, a transformação para se naturalizar, pois o processo de memória ou rememória dela está sendo construído atualmente. É dessa forma que em “Arqueologia do saber” de Michel Foucault (2008, p. 32) traz a ideia de controle dos discursos que já foram invisíveis:

Eis o terceiro interesse de tal descrição dos fatos de discurso: libertando-os de todos os grupamentos considerados como unidades naturais, imediatas e universais, temos a possibilidade de descrever outras unidades, mas, dessa vez, por um conjunto de decisões controladas. Contanto que se definam claramente as condições, poderia ser legítimo constituir, a partir de relações corretamente descritas, conjuntos que não seriam arbitrários, mas que, entretanto, teriam permanecido invisíveis.

Sendo assim, o que era naturalizado como discurso institucionalizado desde o século XIX, passa a ser questionado, desnaturalizado, e observado de várias maneiras diferentes devido às atuais relações sociais, que observam quem é Maria de Araújo por novas “lentes”, onde essa recente construção não é universal, pelo contrário, ela é heterogênea e plural.

A correspondência entre enunciado e um domínio possível de existência de objetos ou coisas a saber leva ao conceito de função enunciativa, isto é, à relação de enunciado que descreve a posição que o sujeito tem que assumir para ser o sujeito do que diz. É no exercício da função enunciativa que se localiza a formação discursiva na qual o indivíduo se constitui como sujeito de discurso. Dito ainda em outros termos, a relação entre o enunciado e seu correlato, domínio de condições de possibilidade, leva ou constrói a função enunciativa ou função de existência, ou seja,

é do enunciado correlacionado a certas leis ou condições de possibilidade que se chega à definição de discurso como o ato que faz existir com ele aquele de que fala e aquilo de que se fala (SOUSA, 2011, p.31).

Conforme foi observado acima, a questão do discurso remete à posição dos sujeitos dos discursos, e isso foi observado por pessoas e instituições diferentes, ao longo desse capítulo.

#### 4.1 MARIA EM JUAZEIRO: ONDE ELA ESTÁ<sup>51</sup>?

Antes de apresentar a trajetória pela lembrança da Beata Maria de Araújo, é importante trazer como se pode encontrá-la na cidade até julho de 2021<sup>52</sup>. Maria de Araújo tem seu nome em alguns monumentos da cidade, dentre eles uma Casa Abrigo da Mulher<sup>53</sup> construída em 2005<sup>54</sup>. Outro ponto público importante é a rua que carrega seu nome: Rua Beata Maria de Araújo no bairro João Cabral<sup>55</sup>.

**Figura 7 - Rua Beata Maria de Araújo**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No ano de 1999 na Colina do Horto foi inaugurado o Museu Vivo do Padre Cícero que possui imagem em tamanho real de personagens da história de Juazeiro, dentre eles, no final do trajeto, na capelinha há uma imagem da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero

<sup>51</sup> Esse processo que vem sendo construído ao longo de alguns anos, e tendo maiores atuações nos três últimos anos, principalmente através da movimentação de grupos (movimentos e academia) para que seja possível saber onde estar Maria de Araújo em Juazeiro, esses grupos será mostrado adiante nos próximos subitens a partir dos movimentos artísticos.

<sup>52</sup> Data final de pesquisas dessa tese.

<sup>53</sup> Casa Abrigo é um equipamento que resguarda mulheres vítimas de violência doméstica, as mulheres e seus filhos ficam na casa até 90 dias de abrigamento, podendo aprender novos ofícios, Esse aparelho é de extrema importância e encontra-se dentro das políticas públicas para mulheres na Lei Maria da Penha.

<sup>54</sup> Mas que nunca funcionou, em reportagem do Diário do Nordeste em 28 de julho de 2010 que noticiou esse evento.

<sup>55</sup> Bairro mais populoso de Juazeiro do Norte, com forte cultura local: como os reizados.

retratando o milagre de Juazeiro, dessa forma, um dos momentos de visibilidade da Beata, visto que o Horto é um local importante de visitação de romeiros<sup>56</sup>.

Nos anos 2000

Em 2004 o Museu Afro Brasil em São Paulo expôs uma pintura em óleo da Beata Maria de Araújo o título da reportagem do Diário do Nordeste trazia “Museu Afro Brasil retrata milagre do Padre Cícero” e na matéria mostrava a importância da Beata:

O curador da mostra é o escultor baiano, Emanuel Araújo, que foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo entre 1992 e 2000. Ele é o dono da coleção que inclui a tela de 1 metro por 70 centímetros da beata Maria de Araújo, que foi pintada pelo artista plástico de Juazeiro, Daniel Filho. A exposição foi aberta por ocasião do Dia da Consciência Negra e a instalação da religiosa cariense reúne ainda estatuetas do Padre Cícero. O projeto retrospectivo, contemporâneo e prospectivo visa dimensionar a importância do negro (Diário do Nordeste, 2004<sup>57</sup>).

Apesar do título da reportagem fazer menção somente ao Padre Cícero, a matéria mostra que o quadro e o direcionamento do evento era sobre Maria de Araújo, lembrando o dia da consciência negra, um momento importante de visibilidade à Beata, demonstrando sua importância na história de Juazeiro do Norte e do Brasil.

Outro importante ponto público é o vitral dentro da Igreja do Socorro com a imagem de Maria de Araújo, que fica em frente à imagem do Padre Cícero. Há também um prédio no bairro Timbaúbas com o nome dela, que funcionou o Posto de Atendimento à criança e adolescente.

Na cidade temos duas estátuas de corpo inteiro dela, no Museu Monsenhor Murilo que fica entre a Basílica de Nossa Senhora das Dores e o Círculo Operário. No Museu Vivo no Horto no final do trajeto do local há outra imagem, na capelinha há o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo.

### **Figura 8 - Estátuas da Beata e do Padre**

---

<sup>56</sup> Para mais informações, ver: <https://tvbrasil.etc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-vivo-do-padre-cicero>.

<sup>57</sup> Para mais informações, ver: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/museu-afro-brasil-retrata-milagre-do-padre-cicero-1.624829>.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No ano de 2013 foi instituída através de lei uma Praça com o nome da Beata, Lei nº 4262, de 21 de novembro de 2013<sup>58</sup> “PRAÇA BEATA MARIA DE ARAÚJO”, a praça pública localizada em frente à Matriz Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores<sup>59</sup>. Na mesma Praça há o busto da Beata Maria de Araújo, o local é estratégico, visto que nas romarias esse lugar é passagem dos romeiros. Além das lembranças monumentais, em 2018 a Universidade Regional do Cariri (URCA) trouxe em seu vestibular 2018.2 uma questão sobre a Beata e seu desaparecimento:

15. (URCA – 2018.2) “Maria de Araújo é uma personagem singular por ter sido vista como alguém tocada pela graça divina. Calculamos que sua história foi contada a partir da combinação de traços e elementos similares a outros episódios hagiográficos. (...) Neste sentido, distinguimos três tipos de relações que podem ser estabelecidas a partir dos fenômenos que ocorreram de 1889: a) mística e Igreja Católica, onde Maria de Araújo foi qualificada a partir do trinômio santa/embusteira/possessa; b) mística e medicina, a partir do qual o debate girou em torno da possibilidade de ela ser histérica/enferma e, por fim, c) mística e política, no qual a “trajetória de santidade” de Maria foi apagada e substituída pela do padre Cícero. Lembrando que a disputa pela santidade dela levou quase a um cisma, com a resistência de padres e populares à decisão do bispo e de Roma. Em todas as relações há um “transbordamento” de sentidos, no qual um espaço invade o outro. Em outras palavras, se os fenômenos ocorridos com Maria de Araújo não podem ser entendidos fora da religião, eles tampouco podem ser separados da ordem médica e política do final do século XIX.” (NOBRE, Edianne dos Santos. INCÊNDIOS DA ALMA: A beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. Págs. 251-252, Tese de doutorado. UFFJ. 2014). A respeito das questões postas na citação acima:

<sup>58</sup> Em anexo a Lei 4262 para fins de conhecimento.

<sup>59</sup> “FAÇO SABER que a CÂMARA MUNICIPAL aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei: Art. 1º – Fica denominada de PRAÇA BEATA MARIA DE ARAÚJO, a praça pública conhecida como “Marco Zero” em frente à Matriz Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, no centro de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará”.

A. A Igreja Católica sempre aceitou as manifestações da religiosidade popular, especialmente, no Nordeste do país, sendo que o chamado “Milagre de Juazeiro” foi imediatamente incorporado às narrativas católicas oficiais. B) Desde o começo do XX, a exemplo do Pe. Cícero, a imagem da Beata Maria de Araújo figura como um dos personagens centrais nas celebrações religiosas regionais, havendo inclusive uma romaria inteiramente dedicada a ela no dia 14 de janeiro, dia de sua morte. C) No contexto de Juazeiro do Norte e do Sertão Nordestino, os aspectos religiosos são suficientes para explicar e compreender a figura da Beata Maria de Araújo; D) O processo episcopal que apurou os chamados “fatos de Juazeiro” é contundente em afirmar o caráter milagroso daquelas ocorrências, aspecto que serviu para aumentar enormemente as peregrinações para Juazeiro do Norte durante todo o século XX. E) As questões apresentadas pela autora, reforçam a reflexão sobre as tentativas de apagamento da imagem da Beata Maria de Araújo entre os episódios religiosos de Juazeiro do Norte, a começar pelo próprio desaparecimento do corpo da Beata de seu lugar de enterramento (VESTIBULAR DA URCA, 2018).

Tal iniciativa fez emergir a possibilidade de ressurgimento da personagem histórica Maria de Araújo, levando os vestibulandos a pensarem sobre a cultura do Cariri. Posteriormente, em 30 de maio de 2018, foi aprovada a lei que instituiu o dia do milagre>

LEI Nº 4.866, DE 30 DE MAIO DE 2018 Institui o dia 01 de março como o Dia do Milagre na Cidade de Juazeiro do Norte, como dia histórico que marca o dia em que ocorreu a transformação da Hóstia em sangue no momento em que o Padre Cícero ofereceu a comunhão a Beata Maria de Araújo. O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE, Estado do Ceará, no uso de suas atribuições legais que lhe confere o art. 72, inciso III, da Lei Orgânica do Município. FAÇO SABER que a CÂMARA MUNICIPAL aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei: Art. 1º Fica instituído o dia 01 de março como o Dia do Milagre na cidade de Juazeiro do Norte, como dia histórico que marca o dia em que ocorreu a transformação da Hóstia em sangue no momento em que o Padre Cícero ofereceu a comunhão a Beata Maria de Araújo. Art. 2º O dia 01 de março será uma **data cívica** festiva que será comemorada no Município de Juazeiro do Norte com **atividades culturais** para celebrar o momento histórico do milagre (BRASIL, 2018, grifo nosso).

Essa Lei é muito importante, visto que, regulariza o dia do milagre como data importante e faz uma espécie de “pressão” para ser comemorada foi por esse motivo que no ano seguinte à própria Diocese do Crato faz circular o dia do milagre com a imagem da Beata, será visto adiante. A Lei teve como autora a Vereadora Jacqueline Ferreira Gouveia, como coautoria o Vereador Antônio Vieira Neto e fez a subscrição a Vereadora Rita de Cássia Monteiro Gomes, oficializando a posição do município perante a questão.

Há também uma medalha de honra que carrega o nome da Beata, o único registro com o nome Maria de Araújo na medalha foi encontrado na matéria “Câmara homenageia mulheres de luta em Juazeiro do Norte” (2018)<sup>60</sup> “homenageadas Célia Morais – na área da

<sup>60</sup> Portal Badalo. Disponível em: <https://www.badalo.com.br/featured/camara-homenageia-mulheres-de-luta-em-juazeiro-do-norte/>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

educação, Mirtes Moreira – na comunicação, Maria Izabel Galdino (Mãe Maria) – representando a cultura popular, Beata Maria das Dores – religiosidade, Júlia Amélia da Conceição – A mulher mais idosa de Juazeiro (com 113 anos), Maria Soledade Nascimento – atua em defesa das crianças, Dayse Sampaio – ex-primeira dama de Juazeiro do Norte e Mara Torres representando a política (ex-vereadora e criadora da medalha)”. Portanto, a Beata está em Juazeiro do Norte em vários locais da cidade, em monumentos, vias públicas, leis, praça e busto, através de uma força tarefa de vários setores e frentes que serão observados abaixo. Para avivar essa memória da Beata Maria de Araújo alguns aspectos sobre a questão da memória e identidade são observadas em (POLLACK, 1992, p. 02):

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.

Sob a ótica deste autor, e fazendo uma interface com a memória da Beata, compreende-se ser mais do que preciso observar e estar atento aos monumentos nos quais a figura de Maria de Araújo se faz presente na cidade de Juazeiro do Norte, sejam nos monumentos, nos eventos, nas praças, no nome de rua, dentre outros.

#### 4.2 AS MÍDIAS HOJE E A BEATA

Assim como foi realizado nos capítulos anteriores, nos quais se buscou descrever como os jornais da época falavam de Maria de Araújo, esta seção foi construída por vias digitais<sup>61</sup> que falam sobre a Beata. Foi encontrado um total de vinte e cinco reportagens falando dela, porém foram retiradas as notícias que traziam o blog Berro, que terá um destaque especial mais adiante.

A análise das mídias é importante, visto que fornece informações sobre a Beata para todos os públicos e idades, como é o caso de telejornais, blogs, e mídias sociais, dessa forma a memória da Beata pode ser observada e lembrada por todos. Neste tópico serão observadas todas as notícias, com o dia e ano, e a fonte de informação em ordem cronológica da primeira encontrada, foram elas: Cordel em 27 de março de 2009, com o poema “Estrela fulgurante!” no blog de Salete Maria<sup>62</sup> que escreveu alguns trechos importantes: “Volúpia religiosa?

<sup>61</sup> Mídias digitais: jornais, blogs, sites de notícias, PodCast.

<sup>62</sup> Professora Salete Maria é professora universitária e uma das primeiras autoras a trazer a visibilidade à Maria de Araújo, feminista, a autora tem um olhar diferenciado para a imagem da Beata.

Nirvana espiritual? Orgia miraculosa? Gozo uxório-marginal? Ápice-leigo- evangelista Fetiche-romão- batista? Ou menstruação bucal?”.

Em 24 de janeiro de 2013 a igreja através da CNBBNE (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – Regional Nordeste) publicou “Rumo ao 13º interclesiais das CEBs (COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE) biografia da Beata Maria de Araújo” e mostrava “Declarada beata pela devoção, popular, mas não pela Igreja Católica”. Um boletim da CNBB (CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL) argumentando tal questão, mostrando que a biografia da Beata já iniciava como uma espécie de abertura, mas ao mesmo tempo apontava a ênfase na ideia que não era santa para a igreja.

O Jornal CETV- 1º Edição trouxe em 17 de janeiro de 2014 a informação sobre o centenário de morte da Beata, trazendo a programação dos eventos comemorativos. O Diário do Nordeste em 18 de fevereiro de 2014 trouxe como manchete “Inaugurado busto em homenagem a Beata Maria de Araújo”; O “Cidade Juá- blog” de Juazeiro do Norte em 17 de janeiro de 2014 trouxe “A beata do milagre”, falando sobre homenagens pelos 100 anos de sua morte.

Em 2015, o site G1CE trouxe no dia 20 de dezembro a matéria sobre a reconciliação do Padre Cícero, onde no conteúdo trouxe “Igreja do Cariri espera reconciliação da beata do milagre de Pe. Cícero”. “O bispo Dom Fernando disse esperar a reconciliação da igreja católica com a beata”, e abordou a fala do Bispo “Espero em Deus que a justiça seja feita com ela também. Que ela seja um dia reconciliada com a igreja como ocorreu com Pe. Cícero”, importante data, pois a fala do Bispo foi feita na missa campal da reconciliação de Cícero.

O “blog Ceará” em fotos trouxe em 20 de maio de 2015 a manchete “A Beata Maria e o Milagre de Juazeiro”; e o *PodCast* “Revista Cariri” em 29 de julho de 2016 trouxe a fala de Edianne Nobre em seu livro “Incêndios da Alma”. No ano de 2017 não foi encontrada nenhuma reportagem que trouxesse o nome de Maria, porém em 2018<sup>63</sup> foram seis matérias sobre a Beata.

Em 13 de janeiro de 2018, o “Cariri Notícias” retratou o pouco conhecimento da Beata perante os romeiros. A Universidade Federal do Cariri (UFCA) trouxe em notícias do seu site o I seminário da Beata, “O Seminário tem como objetivo dar visibilidade a história da Beata”; também no site da Prefeitura de Juazeiro do Norte em 26 de maio de 2018 trouxe “Memorial Pe. Cícero recebe Seminário sobre Beata Maria de Araújo”. O site “G1CE” expôs “Artistas

---

<sup>63</sup> Ano político que terá uma ênfase maior abaixo.

questionam paradeiro da beata Maria de Araújo”. O “Portal de Juazeiro” em 19 de setembro de 2018 anunciou “PUC Campinas realiza simpósio sobre Beata”.

Em 2019 foram feitas nove matérias com conteúdos sobre a Beata, dentre eles: o projeto Maria de Araújo na escola Professor Antonio Figueiredo, noticiado pelo site da Prefeitura de Juazeiro em 22 de agosto de 2019; outra manchete importante foi do “Diário do Nordeste” em 16 de janeiro de 2019 com a chamada “Morte da Beata Maria de Araújo completa 100 anos” a matéria trazia a seguinte notícia: “Invisibilizada por mais de um século, a história da Beata começou a ser resgata em janeiro do ano passado, quando, por iniciativa de artistas populares, foi assinado um manifesto em memória de Maria de Araújo”, a matéria enfatiza a importância do movimento artístico e popular, e o marco que foi o ano de 2018.

Dentre as matérias produzidas sobre a Beata Maria de Araújo em 2019, uma importante questão foi levantada pelo “Jornal do Cariri” em 28 de setembro de 2019, por Hesdras Souto com o título “Sem corpo, sem túmulo e quase sem óbito” em que o pesquisador traz a seguinte questão “Descobri no Livro 28, página 77 [...]. Que constam apenas três linhas, três simples linhas descrevendo a morte de Maria de Araújo. Uma completa sonegação de informações, algo não observado nos outros assentos de óbito. Até nisso violaram a Beata”. Essa fala do pesquisador e sua busca demonstram com é invisível a história da Beata Maria de Araújo, sua vida, sua história, sua morte, seus restos mortais, muito ainda precisa ser feito, mas principalmente sua memória precisa ser visibilizada na história do Cariri.

Um dos novos alcances que a história da Beata também teve em 2019 foi à produção do *Podcast* “Budejo” em 16 de outubro de 2019, o episódio 27 “Beata Maria de Araújo a invisibilização de uma protagonista”. Mesmo em 2020/2021 (janeiro) <sup>64</sup> tendo poucos eventos presenciais devido a pandemia do Covid-19 ainda foram publicadas duas matérias referentes à Beata, uma matéria do “Portal Badalo” em 17 de janeiro de 2020 com “Ações em memória da Beata Maria de Araújo” ocorrem em Juazeiro nesta sexta” e traz:

Na ocasião será realizada uma procissão a Capela do Socorro às 17hs, e logo em seguida às 18hs, um terço junto ao Movimento em Memória da Beata Maria de Araújo que faz ações constantes a fim de evidenciar o protagonismo desta importante figura religiosa, também considerada santa por vários fiéis [...]. Em alguns momentos distintos, grupos de devotos, artistas, pesquisadores e movimentos sociais do Cariri realizaram ações variadas no intuito de trazer à luz uma personagem fundamental da história de Juazeiro (PORTAL BADALO, 2020).

---

<sup>64</sup> Os eventos sobre a ela vem sendo desenvolvido pelo Movimento pela Reabilitação e Memória da Beata Maria de Araújo, isso será discutido mais adiante.

Essa matéria mostra o que ocorre hoje em favor da Beata Maria de Araújo, várias buscas de diferentes vertentes na busca por sua visibilidade, são pontapés cruciais que crescem no Cariri. O “*Site Miséria*” traz a última matéria em 01 de março de 2020 “1º de março é o dia do milagre da hóstia entregue à Beata Maria de Araújo, em Juazeiro”, data importante que se tornou lei para que esse marco cultural e religioso fosse um dia comemorativo.

Dessa forma, como observado nos capítulos anteriores, jornais falavam do milagre, da Beata como santa depois como doente ou embuste e hoje passado mais de 100 anos iniciou-se uma movimentação que vem ganhando força por uma visibilidade da Beata, ainda é perceptível poucas manchetes e investigação em busca dessa história, mas já ocorre um fluxo importante nos últimos dois/três anos.

#### 4.3 ARQUEOLOGIA DA REMEMORAÇÃO DA BEATA

Nesse tópico será apresentada uma cronologia, como um caminho histórico dessa nova construção da imagem da Beata, através de uma narrativa sobre os fatos com datas, mostrando instituições, movimentos em torno de Maria de Araújo, ao mesmo tempo será feita uma análise dos discursos em relação a essas construções, pois são olhares diferentes para uma mesma imagem.

##### 4.3.1 A busca acadêmica por Maria de Araújo

O primeiro estudo acadêmico com ênfase no milagre de Juazeiro aconteceu pelo professor Ralph Della Cava da Universidade de New York. A Beata Maria de Araújo foi citada no livro “Milagre em Juazeiro” em 1976 que se pôde trazer uma nova configuração de Juazeiro e da Beata, tocando no nome dela mais uma vez depois de tantos anos em invisibilidade, sendo assim, a academia é a primeira a buscar um novo olhar para Maria de Araújo.

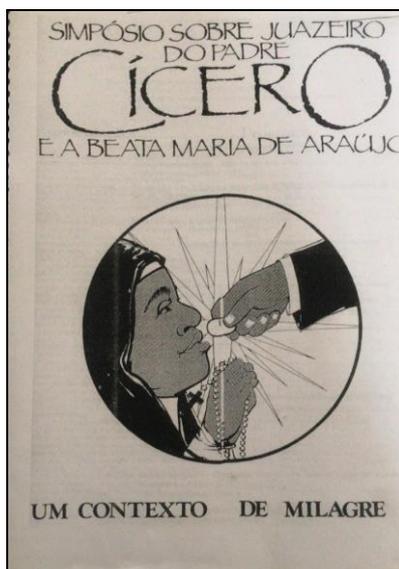
Um segundo momento que a academia se remeteu à Maria de Araújo foi ao final da década de 80 quando, a Universidade Regional do Cariri (URCA) com o empenho das irmãs Annette Dumoulin e Therezinha Stella Guimarães, começaram a realizar os Simpósios para pensar a questão das romarias e do Padre Cícero, sendo assim é possível encontrar nas falas dos pesquisadores construções da imagem da Beata Maria de Araújo. Como afirmam Olinda e

Cordeiro (2018) o “I Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte” ocorreu nos dias 17 e 20 de abril de 1988, esse Simpósio teve foco maior a questão das romarias, com poucas referências a Beata.

O “II Simpósio sobre o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo: um contexto de milagre” é marcado pelo centenário do milagre da hóstia entre 15 e 18 de setembro de 1989, com uma mudança do discurso, antes sempre fora pautado no fanatismo dos romeiros e no embuste dos personagens envolvidos nos fatos de Juazeiro, principalmente na Beata Maria de Araújo sendo retratada como histérica.

Esse Simpósio, porém, é a ruptura e o primeiro evento a trazer a imagem da Beata depois de anos, mudando o discurso, pois fora marcado pela questão da Parapsicologia e de uma abertura desse olhar para os fenômenos do milagre, com ênfase nas pesquisas de Maria do Carmo Pagan Forti, que se destacou por ter feito uma análise minuciosa dos eventos sobre a Beata, a colocando como protagonista dos fatos de Juazeiro.

**Figura 9** - II Simpósio sobre o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Esse momento também fora importante por trazer nomes internacionais discutindo a temática do milagre e dessa forma, trazendo visibilidade a Beata Maria de Araújo, a programação teve como palestrantes: Michel Maffesoli da Universidade René Descartes-Paris abrindo o evento com a Conferência “A religiosidade popular”.

Outras palestras importantes que abordavam a Beata foram: “Pe. Cícero e a Beata Maria de Araújo nas diversas perspectivas: uma avaliação historiográfica” de Marcelo Aires Camurça Lima, vinculado naquele momento a UFRJ; no mesmo dia o painel “A representação

artística do milagre de Juazeiro” foi exposto por Rosembeg Cairry da Nação Cariry, Renato Dantas- IPESC, Oswald Barros - Jornal o povo e Martine Kunz<sup>65</sup> que também produziu um artigo nessa mesma temática, apresentada no evento nessa explanação é preciso observar algumas falas:

Como explicar que o milagre que será a pedra fundamental do movimento religioso popular de Juazeiro, aparece tão pouco na literatura popular em verso? O aspecto espetacular do milagre e a sua repercussão devia ser um “prato feito” para os poetas populares, ilusionistas do cotidiano, grandes amadores de sobrenatural, homens de fé e muitas vezes homens de negócios, atentos aos pedidos do seu público-freguês e do mercado editorial (KUNZ, 1989).

Aqui, é possível observar o quanto o movimento da II Comissão de inquérito ainda refletia para a população, porque nesse período inexistiam cordéis que falassem de Maria de Araújo.

De várias listas de títulos sobre Padre Cícero, pouquíssimos folhetos referem-se de maneira explícita ao milagre, e quase nenhum título cita o nome da beata Maria de Araújo; - (a beata que embora leiga, pobre e mulher teve tanto peso com o papa e foi tido como santa pelo povo) – no conjunto de folhetos que nos consultamos para o presente estudo (uns 90 folhetos, escritos grosso modo nos últimos cinquenta anos) encontramos referências ao milagre mas sem que os fatos de Juazeiro tenham jamais o destaque esperado (KUNZ, 1989).

Dessa forma, o artigo sobre a questão artística traz luz as poucas informações populares que ainda repercutia e em sequência a autora continuou mostrando que tudo se deu pela má repercussão das Cartas Pastorais. “Um século depois, as ameaças e as condenações pertencem ao passado, mas os resquícios desse clima de proibição alimentaram por certo uma tradição do silêncio em relação ao assunto, no meio dos poetas populares” (KUNZ, 1989, p. 5).

No último dia do II Simpósio, além das palestras da professora Maria do Carmo Forti também foi possível assistir a exposição “Leitura Psicológica sobre a Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo” de Antônio Eduardo Lodi, psicólogo; como também, a explicação de Marcelino Sivinski do Instituto de Teologia Política/RS sobre “No tempo e no povo de Maria de Araújo: o sentido e significado do milagre, eucaristia, mulher, padre, seca e santidade, e em que o fenômeno vem confirmar ou questionar os conceitos”.

---

<sup>65</sup> Francesa com Licenciatura em Letras e Doutorado em Estudos dos Ibéricos e Ibero-Americanos (1982) pela Sorbonne Nouvelle; Pós-doutorado (2008) PUC-SP. Professora Titular da UFC.

As outras palestras ressaltaram o Padre Cícero e o milagre, somente esses mostrados acima tinham a Beata em seus títulos de apresentação e nos seus discursos, portanto apesar do evento não ter resumos ou artigos científicos explorando a figura da Beata, as palestras já traziam movimentos em relação a ela e tais deslocamentos foram importantes para pesquisadores e futuras pesquisas sobre Maria de Araújo. Sendo assim, o II Simpósio vem como marco acadêmico em relação ao olhar sobre os fatos de Juazeiro e a Beata Maria de Araújo.

É perceptível que a partir de agora há alusões em relação às datas comemorativas, principalmente os centenários, é como se a movimentação só pudesse ocorrer agora como um dia dissera Padre Cícero (o tempo do silêncio acabará), esse silêncio para buscar respostas em relação à Maria de Araújo. É nesse contexto marcado por data importante que é possível observar olhares diferenciados sobre a Beata.

No III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero: “Padre Cícero do Juazeiro. E ... Quem é ele?” nos dias 18 a 22 de julho de 2004 em parceria da Universidade Regional do Cariri (URCA) e a Diocese do Crato. Braga e Cordeiro (2018, p. 148) trazem a seguinte conclusão desse evento:

Desse simpósio ficaram algumas dimensões de Maria de Araújo a provocar reflexões: Uma mulher negra, numa sociedade racista e patriarcal, em meio aos panos ainda quentes do fim da escravidão no Brasil, poderia ter sido reconhecida como protagonista de um milagre autêntico, só antes validado pelos moldes das delgadas e afiliadas faces brancas européias? Uma nova Maria, representada em tamanho natural no Museu do Horto, desconstruindo o imagético enganoso de uma protagonista branca de hábito tradicional, poderia se estabelecer em termo de identificação entre os romeiros?

Essa consideração é importante, pois ao longo de quinze anos após o marco que foi o II Simpósio Internacional foi possível observar pesquisas que nasceram daquele período proposto pela academia até o III Simpósio, visto que, pesquisadores começaram uma busca para entender a invisibilidade da Beata. Dessa forma, trabalhos mencionados nos capítulos anteriores retornam aqui para demonstrar os marcos acadêmicos em relação à construção da pesquisa científica com a Beata Maria de Araújo. São elas: a dissertação de mestrado em Antropologia Social (UNB) defendida em 1995 e publicada em 1998 de Renata Marinho Paz, com o texto sobre o papel sócio-religioso das beatas de, incluindo Maria de Araújo.

O trabalho de Maria do Carmo Pagan Forti (1999) na sua Dissertação de Mestrado (1997) em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), publicado como livro em 1999, envolvendo os fatos de Juazeiro, com ênfase na

Beata, sendo de fato o primeiro trabalho a focar em Maria de Araújo, mas também busca saber a veracidade do evento, com o olhar da psiquiatria e psicologia.

Em sequência, foram publicados os textos de Edianne Nobre (2012) e (2016) sobre as beatas e Maria de Araújo, sua última publicação, em sua tese de Doutorado “Incêndios da Alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos” (2014), publicado como livro em 2016, mostra a história, com o olhar da historiografia, sem por dúvida se é milagre ou não; as duas são de suma importância, pois traz a figura da Beata em um patamar diferenciado, o lugar da protagonista.

Após dois anos, o trabalho de Ercilia Olinda (2018) aponta a Beata da penumbra e as consequências de não conhecer sua história. Importante ressaltar que os textos acadêmicos com ênfase em Maria de Araújo, em sua maioria, foram produzidos por mulheres. Outro fato que é preciso frisar é que na década de 80, período do II Simpósio os estudos de gênero e feminismo começaram a ter ênfase, um processo que mesclava os movimentos feministas e as teorias feministas.

Sendo assim, é possível observar a ênfase acadêmica das produções de pesquisadores a partir do II Simpósio, com olhares diferenciados, dando um novo olhar aos movimentos populares. As pesquisas acadêmicas trouxeram versões diferentes da Beata: feminista, não feminista, obediente, devota, fervorosa. Essas caracterizações produziram discursos diferentes que enriquecem a imagem da Beata nos dias de hoje.

Nesse sentido, como observam Olinda e Cordeiro (2018, p. 05, grifo nosso) “destaca-se a mudança de atitude dos pesquisadores em relação ao **envolvimento pessoal de cada um com a temática**. A dimensão da afecção foi explicitada e já não se concebia que a trajetória de vida dos pesquisadores fosse indissociável de seus interesses de pesquisa”.

Esse argumento das autoras é a conclusão delas em relação ao II Simpósio, e pode-se dizer que também é a ligação pessoal de cada um seja ele pesquisador, ou não, que faz com a história da Beata retorne, ou seja, a partir disso foi aflorado um desejo de encontrar uma Beata em cada lugar, seja ele acadêmico, religioso, no enfoque das questões de gênero, ou de raça, como também, através da arte com pinturas e poesias, foi através de uma ideia de minoria, de mulher, de negra que se começa a construir movimentos de apreço, afeição a figura da Beata, da academia a igreja, passando por movimentos sociais e artísticos.

#### 4.4 CENTENÁRIO DE JUAZEIRO E A BEATA

Em 2011 a cidade de Juazeiro do Norte completava seu primeiro centenário para isso, a Prefeitura de Juazeiro do Norte promoveu uma série de eventos em comemoração ao aniversário da cidade, com shows e divulgação dessa data importante, no entanto, nesse período a Prefeitura e a população não se lembraram da Beata e isso pôde ser observado nos cordéis em comemoração ao aniversário de Juazeiro, publicados um ano após.

Teixeira (2015) em seu trabalho “Maria de Araújo: a memória da Beata de Juazeiro do Norte na literatura de cordel” observou os cordéis produzidos em 2012<sup>66</sup> e abordou a imagem da Beata Maria de Araújo, a autora produziu uma pesquisa nas bibliotecas da cidade, onde foi encontrado cordéis no Memorial Padre Cícero, no SESC (Serviço Social do Comércio) e no Centro Cultural do Banco do Nordeste. Catalogou os cordéis que falavam de Maria de Araújo e construiu um sistema através dos folhetos. Dos quadros produzidos pela autora é possível entender os cordéis da seguinte forma, vinte e seis títulos sobre o milagre (TEIXEIRA, 2015).

**Quadro 3 - Cordéis em 2012**

<b>Títulos</b>	<b>Milagre</b>
12	Condenação e sofrimentos de Maria
7	Transe/ estigma
4	Fama do Padre através da Beata
2	Violação do túmulo

Fonte: Teixeira (2015).

Em outro momento a autora também traz a personalidade da Beata nos cordéis da seguinte maneira:

**Quadro 4 - Cordéis em 2012, personalidade da Beata**

<b>Títulos</b>	<b>Personalidade da Beata</b>
13	Vocacionada/ instrumento/ serve de Deus
4	Devota/fiel
3	Pura/Inocente
2	Serena
2	Portadora de doenças psíquicas
1	Rebelde
1	Atrevida
1	Paciente
1	Incentivadora da fé
1	Civilizada
1	Singela
1	Pacata
1	Deprimida/triste

Fonte: Teixeira (2015).

<sup>66</sup> Publicados pela Editora IMEPH com temas sobre o Cariri na tentativa de mostrar em verso e prosa os cem anos de Juazeiro do Norte, que foi no ano anterior a essas publicações.

Essas características, encontradas por Teixeira (2015), mostram o quanto à figura da Beata Maria de Araújo ainda era perturbadora em 2012, o que chama atenção é a polaridade dos termos que passa entre paciente e incentivadora da fé, até atrevida e rebelde, são maneiras diferentes de observar a Beata, como também a ideia de doente, com problemas psíquicos. Outro quadro produzido pela autora através dos cordéis são as características de vida: “Negra- 5 títulos; analfabeta- 1 título; lavadeira- 2 títulos; artesã- 2 títulos; operária- 1 título” (Idem, 2015, p. 112), aqui já seria características físicas e de trabalho.

Importante frisar a conclusão que esse texto traz: “No entanto, a imagem de Maria é na maioria dos textos apresentada de maneira inferior à de Cícero, a figura dela é quase sempre dependente à figura dele. Maria é predominantemente apontada como um canal usado pelo Padre para a realização do milagre” (TEIXEIRA, 2015, p. 114), como também, há cordelistas que nem mesmo conhecem o sobrenome dela, alguns confundem com a beata Mocinha, governanta do Padre Cícero, desta forma, alguns desconhece a história de Maria, passou a ser invisibilizada e ser coadjuvante, e não protagonista. Sobre a questão racial há um cordel que tenta embranquecer a Beata: “Tinha a alma de neve/ Por baixo de pele escura” (IDEM, p. 114), o preconceito aflorado do tempo do milagre, ainda sendo carregado, no caso ainda visto em 2012, ano que a autora fez a coleta de dados.

Alguns cordéis de 2012 foram analisados, foram observados vinte e quatro cordéis que retratam a vida de Cícero, Juazeiro e o milagre, enquadrando os cordéis como produção artística e cultura da cidade, visto que eles se misturam com a história de Juazeiro do Norte. No cordel: “A profecia do Padre Cícero sobre os mistérios de Juazeiro”, sem indicação de autoria (2012) percebe-se a questão do milagre, fala da mãe de Deus, mas não cita a Beata. Um cordel importante relata um fato histórico depois da morte da Beata e do Padre “A queimação dos panos ensanguentados da hóstia: e depoimento do Padre Antonio Vieira” de João Bandeira de Caldas (2012, p. 17) se busca uma verdade se houve essa queimação dos panos.

A saudade de uma história  
Que deveria ser guardada  
Com amor e com carinho  
Pra depois ser estudada  
Com cuidado e paciência  
Nas alcovas da ciência  
E no futuro explicada.

O que demonstra o inquietamento da igreja romanizada depois de anos do milagre de Juazeiro, que se materializava através dos panos. Onde um fenômeno com os panos ensanguentados, do milagre precisava ser guardado e estudado. O cordel “Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo” de Severino José da Silva (Severino do Horto) fala mais sobre o Padre do que sobre a Beata, mas a chama de heroína do Brasil:

Jesus disse mesmo aqui  
 O meu sangue derramado  
 E a beata comungando  
 Heroína do Brasil (...)  
 Maria de Araújo  
 Foi santa desde menina  
 Tornou-se uma Heroína (SILVA, 2012, p. 05-06).

Um cordel importante que ressalta a importância de Maria e a lembrança do que foi a figura da Beata. Já no cordel “Os milagres de Juazeiro” de José Edmilson Correia - Zé Mutuca (2012) retrata o milagre na boca de uma beata: “Uma mocinha pacata. Que ele a viu criança. Quando a menina cresceu. Meu padim não percebeu. Que ali tava a esperança. Maria de Araújo. Esse era o nome dela” (CORREIA, 2012, p. 08 e 09).

No cordel “Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte (história em quadrinhos)” de Maria Lindalva Machado Ribeiro (2012, p. 10) também cita a Beata: “A hóstia da comunhão. Em sangue se transformava. Quando a Beata Maria de Araújo comungava”.

Esses três cordéis falando sobre a Beata estão entrelaçados com o milagre, dos vinte e quatro cordéis apenas três trazem o nome de Maria de Araújo, o que demonstra pouca memória em relação à Beata. Nessa coletânea fala-se mais das romarias e da saudade do Padre Cícero, traz o Bispo Dom Fernando Panico pedindo intersecção pelo Padre Cícero, há cordel sobre José Marrocos, no entanto, nenhum se aprofunda na história de vida da Beata.

As produções em 2012 são perturbadoras, visto que a Beata permanecia invisível, mesmo a academia produzindo sobre ela, tendo Simpósios que falavam da temática do milagre e da Beata, a imagem dela não era observada pelo povo, pelos cordelistas, a produção que retratava o centenário não representava a origem da cidade, enfatizando a invisibilidade de Maria, no entanto, um viés que consegue manter a visibilidade da Beata é do movimento artístico, que fez produções também no período do centenário.

#### **4.4.1 Início do movimento artístico e midiático em torno da Beata**

Os movimentos que trouxeram visibilidade popular a Beata em 2011, no centenário de Juazeiro do Norte foram às manifestações artísticas dos 100 diferentes<sup>67</sup> e a repercussão disto nas mídias digitais.

#### 4.4.1.1 “O Bando”

O Movimento Coletivo Artístico “O Bando” sempre fez arte com questões políticas, culturais e sociais da Região do Cariri, trazendo a tona questões de minorias e excluídos, com um grupo que reúne artistas que produzem através da pintura do lambe-lambe, de fotografias, de música e poesias.

Em 2011, a Prefeitura de Juazeiro do Norte que tinha como prefeito Manuel Santana, realizou uma série de eventos na cidade para a comemoração da data festiva do centenário de Juazeiro do Norte, em meados de julho daquele ano, próximo a data do centenário foram realizados shows religiosos no município, em meio aos festejos, o Coletivo “O Bando” começou a participar de editais de exposições<sup>68</sup>, no grupo participavam artistas falando do Cariri, da questão política, dos problemas encontrados e mostrados através de exposições, do lambe-lambe com intervenções urbanas nas madrugadas do Cariri (Afirmou Joseph Olegário, Jeani Duvall, integrantes do “Bando” em entrevista, em 14 de setembro de 2020)<sup>69</sup>.

O grupo decidiu fazer uma intervenção que causasse um impacto para o centenário. A questão que o coletivo trazia era: “Como comemorar um centenário de uma cidade cuja história não tem uma das suas personagens principais? Como comemorar se a Beata Maria de Araújo não tem corpo?” (Afirmou Joseph Olegário, Jeani Duvall, integrantes do “Bando” em entrevista, em 14 de setembro de 2020).

O lambe-lambe espalhado pelo Cariri tinha como título: “PROCURA-SE” e imagens da Beata Maria de Araújo com a boca sangrando daquela hóstia e daquele milagre. “Maria Magdalena do Espírito Santo: Beata Maria de Araújo”. Mulher pobre, negra, desaparecida desde 22 de outubro de 1930.

#### Figura 10 - “Procura-se”

---

<sup>67</sup> Movimento realizado pelos artistas no centenário de Juazeiro do Norte que pensaram em agregar arte a situações do cotidiano da cidade, pra dar visibilidade às pessoas esquecidas nas comemorações oficiais. Detalhes mais adiante.

<sup>68</sup> Com CNPJ eles decidiram não mais participar de eventos com fins lucrativos, mesmo porque cada um já tinha uma carreira, por ser um coletivo independente, sem vontade de ter questões financeiras.

<sup>69</sup> A aproximação do Grupo ocorreu com amigos que conheciam os integrantes do Bando: Joseph e Jeane, e que sabiam que a pesquisa sobre a Beata era algo em comum.



Fonte: Página do Facebook do Coletivo “O Bando” em 2012<sup>70</sup>

A imagem que chocava as pessoas passou em jornais e televisão, além do mistério da morte e roubo do corpo da Beata Maria de Araújo, o outro mistério era a autoria do lambe-lambe, pois o Coletivo não se identificou na época; depois de quase dois anos da intervenção foi que o grupo se identificou como realizador da ação.

A ação do lambe sobre a Beata ocorreu com outra ação de poesias o “terrorismo poético”, espalhados nos mercados da cidade, nessa época eles se denominaram de 100 diferentes (apareceu escrito assim na postagem do Berro na época) e não o “Bando”, essa denominação ressaltava os 100 anos de Juazeiro, como forma de fazer intervenções no Cariri e lembrar-se de momentos diferentes no Cariri, em 2011.

A ação sobre Maria de Araújo ocorreu pela primeira vez em 2011, se repetiu somente em 2012 em locais centrais da cidade: perto do Cariri Shopping, da Igreja do Socorro onde o corpo da Beata foi roubado, nas paradas de ônibus. O Grupo colou lambes na cidade com imagem da Beata, na madrugada inclusive em frente à igreja da Sé<sup>71</sup> considerado como uma “afronta” à igreja, na rede social do Coletivo “O Bando”<sup>72</sup> há fotos públicas sobre a intervenção, com uma imagem específica que é possível observar o desconforto do padre.

Dessa forma, “O Bando” conseguiu trazer a visibilidade da Beata, uma conquista por parte dos artistas, e ao mesmo tempo ainda era possível observar a invisibilidade dela perante a igreja em 2011 e 2012. “O Bando” nessa intervenção deu um passo para a história de Juazeiro do Norte e do Cariri dando visibilidade e trazendo a imagem da Beata.

Em entrevista com os integrantes do Bando Joseph argumentou sobre a posição que a Beata tem hoje: “O movimento em torno da Beata foi se tornando mais acadêmico (por ter

<sup>70</sup> Facebook Bando bando. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

<sup>71</sup> Após esses dois anos a igreja também fez um discurso oficial com o mesmo “Procura-se”.

<sup>72</sup> Para mais, ver Facebook Bando bando. Disponível em: <https://www.facebook.com/> Acesso em: 09 de julho de 2020.

sido tema de simpósio, encontro...), técnico, histórico e que foi modificando, inclusive dentro do movimento feminista, cada vez mais forte” (Afirmou Josefh Olegário, em 14 de setembro de 2020). Na mesma ocasião Jeani Duvall<sup>73</sup> também integrante do “Bando” observa a Beata de forma diferente: “trabalharia na sala de aula instigando o aluno a pensar mais no campo das artes, para entender a realidade, e que é preciso ver a beata como mulher negra para não ocultá-la”.

Relembrou quando o “Bando” fez a intervenção e o quanto polêmico, o grupo também lembrou que depois de dois anos várias frentes oficiais usaram imagens da Beata, assim como eles fizeram, dessa forma é possível observar um agenciamento sobre Maria de Araújo como uma relação de poder, usando e ressignificando a imagem da Beata da forma mais adequada instituição que o discurso está inserido.

Após o evento do centenário e depois desses dois anos o grupo ficou muito conhecido, hoje estão trabalhando em um curta metragem que está sendo editado por Jeani Duvall e Joseph Olegário sobre a Beata, gravado em 2018<sup>74</sup>, o grupo “O Bando” não parou de observar a visibilidade de Maria de Araújo, mas não necessariamente mais como coletivo, onde a memória da Beata continua acesa nos integrantes do bando<sup>75</sup>. Após o lambe-lambe do coletivo “O Bando” muitos outros coletivos e movimentos no Cariri começaram a trazer a história de Maria de Araújo à tona, saindo dos bancos da academia e “popularizando” sua imagem, pouco conhecida das pessoas.

#### 4.4.1.2 “O Berro”

Outro coletivo importante que retrata há muito anos a vida da Beata Maria de Araújo é “O Berro” o grupo possui um blog que produz notícias da Região do Cariri, hoje o Coletivo além do blog, também produz conteúdo nas redes sociais<sup>76</sup>. “O Berro surgiu em 1996: por alunos da antiga Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE UnED Juazeiro do Norte). Ao longo do tempo se desdobrou em jornal, agenda cultural, realização de eventos, produtora cultural” (Entrevista com Reginaldo Farias em 21 de setembro de 2020)

O artista relatou que “O Berro” iniciou ainda na Escola Técnica Federal de Juazeiro (há uns 25 anos atrás), quando ele e um grupo de amigos faziam “matérias” para a escola

---

<sup>73</sup> Professora/historiadora.

<sup>74</sup> Logo será lançado.

<sup>75</sup> Inclusive na entrevista eles disseram ser espécies de tochas que acenderam um pouco a história dela através da arte.

<sup>76</sup> Facebook, Instagram, YouTube, Twitter, todos públicos e de fácil acesso.

(informativos para estudantes) com questões artísticas da Região. Com o fim do colegialo mesmo grupo de estudantes formaram o Grupo “o Berro” com os mesmos princípios da escola, informar em revistas impressas (duas ou três) e depois um blog (online), o grupo foi ganhando espaço das redes sociais, onde retrata sobre fatos e histórias de personagens e da cidade, e se aproximavam de artistas, como Karimai<sup>77</sup>.

No “Berro”, o grupo buscou pautar as matérias na história da cidade, a vida da Beata foi uma consequência, pois não se via muito falar dela nos livros, relatou Reginaldo Farias, dessa forma, foram acompanhando os movimentos em torno dela: “como o movimento negro e feminista. Inclusive o grupo tem alguns projetos (aprovados em editais) como filme sobre ela. O Grupo hoje é formado por pessoas de diversos “campos” profissionais: Reginaldo Farias (design), Ythallo Rodrigues (cineasta, poeta), Luís André Araújo (área de Letras), Xico Fredson (historiador), Hudson Jorge (comunicador)” (Reginaldo Farias em entrevista em 21 de setembro de 2020).

“O Berro” sempre trouxe à tona a imagem da Beata, no blog tem um total de dez postagens sobre Maria de Araújo sempre cobrindo ações em torno da sua figura, as matérias noticiadas estão em ordem cronológica: ““Procura-se’ Beata Maria de Araújo”, foi notícia em 25 de maio de 2011 com a proximidade do centenário de Juazeiro do Norte, na matéria relatava:

Tendo sido vitimada e condenada pela própria igreja a afastar-se dos cultos religiosos que tanto lhe iluminava a alma, a Beata recentemente tornou-se foco de um grupo de artistas intitulado *100 diferentes*, que tenta trazer luz à memória da Beata que teve seu túmulo violado e os restos mortais jogados em lugar ignorado [...]. Será que teria outra sorte se a beata fosse rica e branca?! Ou, pelo menos, buscar-se ia os responsáveis pelo vilipêndio do seu túmulo? E hoje, será possível encontrá-la, ter seu respeito resgatado? Muito foi (e vem sendo) feito para se redimir os erros com o Pe. Cícero. Resta que seja feito o mesmo com a Beata, que já é respeitada e admirada pelo povo de Juazeiro, por seus artistas e romeiros que, ano após ano, prestam homenagens a esta devota do "Padim Ciço" (O Berro, 2011).

A investigação do Coletivo também fazia ecoar nas indagações pela busca da Beata, sendo uma procura constante do Berro. Reginaldo Farias, em entrevista, esclarece como o movimento iniciou, onde a arte que retratou sobre a Beata era dele:

A ideia do “Procura-se” foi coletiva [...] foi uma ideia coletiva de autoria do Bando para esse projeto dos 100diferente, porque a ideia de Orlando para os 100diferente era agregar o maior número de artistas, ele não era do Bando, mas reuniu muita

---

<sup>77</sup> Luís Massai Karimai, artista plástico que retratava a religiosidade do Cariri, também foi secretário de Cultura de Juazeiro do Norte.

gente. As nossas ações todas estavam querendo trazer visibilidade para tudo que estava sendo invisível no centenário de Juazeiro, então a gente trouxe o Rio Salgado que estava poluído, ninguém olhava para o rio; tinha vários espaços de valores patrimoniais de Juazeiro (Entrevista realizada em 21 de setembro de 2020).

Inclusive, os ‘100 diferentes’ integrado também por membros do “Bando”, deixava sua marca na cidade, conforme ilustrado a seguir:

**Figura 11** - ‘100 diferentes’ em Juazeiro do Norte



Fonte: arquivos do blog “O Berro” cedido por Reginaldo Farias (2020).

O movimento dos ‘100 diferentes’ expõe da seguinte forma a procura sobre Maria de Araújo:

Então diante dos fatos do desaparecimento dela, dos seus restos mortais, a gente criou a ação “Procura-se” lembrando da época em que ela foi tratada e perseguida como criminosa. Ela foi uma personagem marginalizada e a gente quis trazer essa história: Procura-se, procura-se essa mulher negra que foi vilipendiada, não teve direito a ser, a ter sua visibilidade, e a gente fez os cartazes nos moldes aqueles cartazes de procura-se de criminosos. Com “procura-se”, a gente saía pra fazer os lambes e tinha a preocupação de fazer os registros, porque nas primeiras colagem tinha gente que ia e arrancavam porque achavam que a nossa intenção não era uma coisa legal para a imagem de Juazeiro, para a imagem da Beata, e aí a nossa intenção acabou funcionando porque acabou por visibiliza-la, aconteceram outras exposições por causa dessa ação. Hoje se tem procissão pra ela – feita pela provo (do centenário de sua morte, o cortejo para o túmulo simbólico) isso depois que aconteceu a ação, como se fosse um pontapé inicial. (Entrevista com Reginaldo Farias, em 21 de setembro de 2020).

O feito artístico dos grupos “O Bando” e de alguns integrantes do “Berro” modificou a visão das pessoas em relação à Beata, e o grupo continuou e continua trabalhando para essa visibilidade de Maria de Araújo na história de Juazeiro. Em 07 de outubro de 2013 “O Berro” trouxe como título da matéria “Ilustração e poema sobre a Beata Maria de Araújo” com poesia de Ythallo Rodrigues e ilustração de Reginaldo Farias, a imagem produzida pelo ilustrador inclusive foi usada no Seminário promovido pela URCA, em 2018.

A matéria seguinte que abordou a vida da Beata foi produzida em 19 de dezembro de 2013 com título “Eis os novos centenários: Guerra de 1914 e morte da Beata Maria de Araújo”, apresentando a história da Sedição de Juazeiro e os 100 anos de morte de Maria de Araújo que já seria no início do ano seguinte “Que a Beata Maria de Araújo tenha o reconhecimento por seu importante (e decisivo) papel nessa história, mesmo que apenas agora, quando já se completam 100 anos da sua morte (a Beata faleceu no dia 17 de janeiro de 1914)” (O BERRO, 2013), ou seja, o Coletivo como força de notícias produz críticas na busca do reconhecimento e visibilidade da Beata ao longo de quatorze anos.

Outro fato trazido pelo blog foi “Beata Maria de Araújo por Raimundo Araújo, no livro ‘Mulheres de Juazeiro’”, no dia 17 de janeiro de 2014 com a reprodução de um texto de Raimundo Araújo<sup>78</sup> em homenagem a Beata. Nesse mesmo dia também foi noticiado à seguinte matéria “Centenário de morte da Beata Maria de Araújo: 17 de janeiro de 1914-2014”.

Se os jornais do final do século XIX traziam a Beata como santa, milagrosa e noticiavam os fatos de Juazeiro, também foi possível perceber nos capítulos anteriores, que os jornais com II Inquérito de Padre Alexandrino e Dom Joaquim construíram uma imagem tão deplorável de Maria de Araújo que isso ecoou na história de Juazeiro invisibilizando a Beata, ao ponto que até seu túmulo roubaram após sua morte. O marco do centenário da sua morte faz retornar discursos de indignação como foi o caso da matéria de 17 de janeiro de 2014 do blog “O Berro” na tentativa de trazer uma memória, ou procurar uma imagem invisibilizada de Maria de Araújo.

É possível observar que um dos propósitos do blog é exatamente trazer mais narrativas sobre a Beata, o que passa a investigar em tom jornalístico, de firmeza por atores sociais que também querem dialogar sobre as narrativas que envolvem Maria de Araújo. Assim como é possível observar o discurso do blog, nos comentários, também se observa os discursos das pessoas ao longo das postagens do Coletivo, muitos indignados com injustiça a Beata, outros procurando respostas.

O Coletivo em 01 de março de 2014, após a postagem do centenário de morte da Beata continuou a publicar matérias relacionadas a ela, ao Padre e ao milagre, foi então que lembrou os 125 anos da primeira vez que a hóstia se transformou em sangue na boca de Maria, com o seguinte título: “‘Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo’, cordel de Severino do Horto” e a seguinte matéria: “Para comemorar a ocasião, compartilhamos os versos do folheto de

---

<sup>78</sup> Raimundo Araújo escritor e professor, autor de 13 livros sobre a história de Juazeiro e da Beata, era primo de Maria de Araújo e defensor da sua memória.

cordel “Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo”, de autoria de Severino José da Silva (Severino do Horto), publicado originalmente em 1991 e reeditado pela Coleção Centenário (Cordéis Clássicos), em 2012”. O dia do milagre é um marco na história de Juazeiro, pouco lembrado para os romeiros e fiéis do padrinho, quando o blog aborda essa questão faz com que os leitores observem a memória crucial da história de Juazeiro, e isso equivale a lembrar da Beata.

Dois anos após a publicação do centenário da morte da Beata o blog voltou a noticiar questões sobre Maria, em 17 de janeiro de 2016 trouxe o título: “Beata Maria de Araújo no livro ‘Efemérides do Cariri’ (Irineu Pinheiro)”, onde mostrou dados importantes a respeito da Beata no livro do referido autor: “No segundo cartório de Juazeiro, no livro nº 7, às folhas 85 a 87, lê-se um documento relativo à Maria de Araújo, do qual são transcritos”. O blog ainda lembra o registro em cartório, do roubo do seu túmulo em 1930.

O Coletivo continuou a investigar sobre a Beata e pensar sobre a rememoração da sua imagem, em 23 de maio de 2016 trouxe como título a seguinte manchete “A Beata Maria de Araújo’, por Padre Azarias Sobreira” com trechos da publicação do Padre Azarias Sobreira lançado em 1969, o blog publicou nessa data, pois retrata a data do aniversário da Beata.

As outras duas matérias abordando a Beata, também foram vistas *in loco* e será analisada também com outros eventos ocorridas na época. Em janeiro de 2018 o “Berro” trouxe a seguinte manchete “Manifesto à consagração: a Santa do Padre Cícero, a Santa do Juazeiro” o manifesto na íntegra se encontra no blog, o coletivo diz que “artistas de folguedos populares de Juazeiro do Norte se unem e lançam manifesto, buscando realizar um desejo do Padre Cícero”.

Como também será abordado adiante, 2018 foi um ano importante para a rememoração da Beata trazendo visibilidade a sua imagem, foi nesse ano que o Coletivo noticiou a “1º Mostra de Poemas para Maria: lançamento de livro em homenagem à Beata Maria de Araújo” com informações sobre o lançamento do livro.

“O Berro” não parou de noticiar fatos sobre a Beata, além do blog passou a trazer também na rede social um *Instagram*, como por exemplo, no ano de 2020 que traz postagens no dia que comemora a sua morte em 17 de janeiro e o seu nascimento em 24 de maio de 2020, com conteúdos importantes que leva informação aos caririenses, sobre questões sociais e nesse caso sobre a Beata Maria de Araújo.

O Coletivo ainda traz uma publicação antiga em meio às outras publicações, como uma nota de rodapé um evento importante que teve como título “Beata Maria de Araújo e Padre Cícero em matéria do Fantástico (1997)”, lembrando-se do milagre em trechos do livro

de Lira Neto publicado em 2009, e com a matéria que passou na época, de suma importância, pois o leitor que acessar o blog logo terá a matéria na íntegra do Fantástico<sup>79</sup>, o que foi muito bom na época na questão dessa memória, pois trouxe a tona em âmbito nacional a história da cidade e a lembrança da Beata.

Também é preciso lembrar que ao acessar o blog além das informações é possível observar as imagens que o conteúdo traz ao leitor, sendo possível fazer uma análise do discurso do blog e uma análise da imagem da Beata, sempre com a boca sangrando com a hóstia. Com a visibilidade que a Beata começa a ganhar, Reginaldo Farias traz um relato importante sobre sua visão desse novo momento, onde primeiramente ele indaga uma obra que existe sobre o milagre no Memorial Padre Cícero:

Hoje ouvi de um amigo que foi lançado um livro do Memorial Padre Cícero, e nesse livro tem umas pinturas do artista Marcus Jussier e eu falei, não falando da obra de arte nem do período histórico em que ela foi criada, mas já que esse livro foi lançado agora tem umas pinturas que retrata a Beata Branca - não sei se foi o envelhecimento da tela, mas a gente pode ver que, o documento que saiu hoje poderia dizer que o artista retratou, a gente não pode fazer nada em relação a obra em si, já que é documental, mas acho que é interessante ter um parêntese dizendo que ela tá retratada de forma branca, mas ela era preta, nos registros o que se tem de história dela ela é preta. E tem duas imagens dela que circula na internet e dizem que é ela, mas parece que ainda há divergências se realmente é a Beata. E uma coisa que a gente discutiu no tempo dos 100 diferente era realmente que não se sabe qual é a fisionomia da Beata ela representa isso: a mulher negra, ela representa a feminilidade, ela é o ícone de Juazeiro, era pobre, negra, é o milagre, tem uma descrição dela que é terrível, que ela era feia que não sei que, então era assim, ela representa mesmo o povo de Juazeiro, ela era firme na decisão dela, em momento algum ela diz que não tem consciência, e acho incrível da consciência, o nome dela Maria Madalena do Espírito Santo, foi ela quem se batizou. É uma personagem que realmente precisa de mais visibilidade, enquanto a academia fica em um universo restrito a arte, uma das ações do Bando, um informativo como o nosso acaba dando mais visibilidade para que outras pessoas tenham acesso, que outras pessoas discutam e vejam a importância dela no atual momento que a gente vive acaba tendo uma relevância muito grande (Reginaldo Farias em entrevista dia 21 de setembro de 2020).

Pensando nesse movimento de visibilidade Reginaldo lembra a importância de lembrar-se da Beata na história da cidade:

Pra mim e pro Berro é perceber essa importância, porque não teve crédito, o crédito é você dizer ela é a principal personagem, Juazeiro é hoje por conta dela, nós estamos aqui conversando por conta dela, não tem como prever se ela não existisse, o que seria de Juazeiro, se Juazeiro existiria, mas assim a gente viu isso, e a gente vibra com esse resgate, infelizmente o momento acabou prejudicando muitas ações, mas eu sempre gosto de falar dela, no começo do Berro a gente falava como **personagem histórica** hoje em dia a gente vê ela mais como pessoa negra, como

<sup>79</sup> Jornal semanal, aos domingos, que passa na Rede Globo de televisão de acesso a muitos brasileiros.

mulher, porque mesmo o Berro sendo formado só por homens a gente tem uma preocupação muito grande, então quando é cinema ou alguma ação dela a gente pede ajuda de mulheres que a gente conhece, que tá envolvida com a história, com arte, com cultura para dá lugar a quem de fato pode falar, então a gente só percebe e trabalha pra que essa visibilidade seja cada vez maior nos nossos projetos, nas nossas matérias (Reginaldo Farias em entrevista dia 21 de setembro de 2020, grifo nosso).

O depoimento do integrante do coletivo é importante, pois mostra seu empenho e de outros artistas em trazer a visibilidade a Beata e mostra uma “virada” que vem ocorrendo, a virada da personagem histórica, pois se a igreja e as pessoas (romeiros e juazeirenses) não a observa como santa é preciso empenho de grupos sociais, como: artistas, pesquisadores, acadêmicos, movimentos sociais que tragam a Beata como personagem histórico, porque até nisso ela foi invisibilizada, portanto os discursos apresentados, desde o Grupo “o Bando” e “O Berro” são discursos da personagem histórica, que merece jus assim como o personagem histórico Padre Cícero, independente de questões religiosas ou políticas.

#### *4.4.1.3 Carroça dos Mamulengos*

Em janeiro de 2017 iniciou-se uma movimentação em torno da imagem da Beata Maria de Araújo, perto das comemorações do aniversário de morte dela. O grupo Carroça dos Mamulengos encabeçada por Carlos Gomide, com o grupo de artistas familiares que fazem espetáculos, como: peças, cantorias. “Por ser de origem itinerante, a companhia trabalha em cena com pernas de pau, bonecos gigantes, poesia, dança e música inspiradas na Cultura Popular” (OLINDA, 2018).

O grupo começou a reunir moradores do bairro João Cabral<sup>80</sup> em Juazeiro do Norte em locais públicos como um movimento popular pela busca da consagração a Beata Maria de Araújo. Em 2018 o Grupo Carroça dos Mamulengos fizeram um manifesto; e uma proposta de caminhada no dia 17 de janeiro de 2018 pela manhã com destino à igreja do Socorro.

#### **Figura 12 - Manifesto à consagração**

---

<sup>80</sup> Bairro mais populoso de Juazeiro do Norte, com forte formação cultural da cidade, inclusive é o bairro que está a rua que tem como nome Beata Maria de Araújo.



Fonte: Imagem que circulou nas redes para propagar a caminhada<sup>81</sup>

Alguns trechos do referido manifesto valem ser realçados:

Este manifesto deseja que a Igreja Católica se pronuncie sobre a violação do túmulo da Santa Beata, contrariando o desejo de padre Cícero que pediu que seu túmulo fosse exposto em local aberto à visitação pública [...]. Este manifesto deseja conclamar as pessoas leigas, da Igreja e de toda a sociedade a se unirem, a conversarem e a se posicionarem frente a essas questões [...]. Desejamos que a reconciliação da Igreja Católica com o Pe. Cícero represente também a reconciliação com a Santa Beata Maria de Araújo [...]. Conclamamos a todos que têm consciência que a Beata pode representar cada mulher deste país, cada negra, cada pobre, cada analfabeta e, também os homens e crianças, pobres, negros e analfabetos, a se unirem e caminharem conosco, de corações e abraços abertos nessa jornada em busca de justiça em respeito à Santa Beata Maria de Araújo e ao Santo Padre Cícero Romão Batista. Devotos e devotas, cidadãos de fé e trabalho, povo simples que luta e acredita no amor e na justiça (MANIFESTO À CONSAGRAÇÃO, 2018).

Com esses trechos do Manifesto é possível observar um discurso de convocação muito forte, um discurso que sai do coletivo da Carroça dos Mamulengos pelo articulador do movimento Carlos Gomide na tentativa de atingir o povo, como muitas vezes é colocada pelas pessoas que buscam a memória da Beata, ela precisa ser conhecida do povo, é essencial que ela seja vista pelo povo, pois ela era considerada assim na época do milagre, da religiosidade

<sup>81</sup> Imagem vista no Blog do coletivo "O Berro". Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

popular, desta forma é através do povo que ela retomará seu lugar na história. Olinda (2018, p. 203) entrevistou Carlos Gomide e mostrou o motivo do manifesto e da caminhada:

O sentido maior desse trabalho é reparar um crime. É reparar uma falta imperdoável, porque até pelos restos mortais de um bicho, de um animal, a gente tem que ter respeito e compaixão, quanto mais pelo ser humano; e principalmente se tratando de Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, a beata Maria de Araújo, que a gente sabe dos fenômenos que aconteceram com ela, da figura mística que ela se tornou.

É importante analisar o discurso do senhor Carlos, quando o mesmo lembra que não existe o milagre sem a Beata, como também não existe sem o Padre, para ele há essa junção dos dois. Gomide é uma figura importante pelo local que ocupa no bairro João Cabral trazendo a cultura popular à tona, dessa forma, quando ele impulsiona o “Manifesto” que circula no bairro e nas redes sociais, e começa a andar nas ruas do bairro, ele está trazendo uma visibilidade muito forte para Maria de Araújo, não só no discurso, mas em ações contínuas nesse intuito, o artista é uma das peças-chave de ressignificação da Beata por vias artísticas e populares.

É nessa seara que os movimentos artísticos impulsionaram outros movimentos como o: movimento feminista e o movimento negro, fazendo com que eles também passassem a ter uma forma mais constante na busca de fortalecer a ideia de procurar pelos restos mortais da Beata e que isso atinja a população.

#### **4.4.2 Centenário de morte da Beata Maria de Araújo**

Em 17 de janeiro de 2014 foi comemorado o centenário de morte da Beata Maria de Araújo, assim como ocorreu à data simbólica de cem anos do milagre. O evento foi marcado por uma relação que começa a dar frutos e que foi percebida ao longo da pesquisa, a relação entre a Prefeitura de Juazeiro (poder público e não somente uma gestão, mas as outras gestões também reproduziram essa relação) e a igreja católica.

Como o fato ocorreu em 2014<sup>82</sup>, essa relação foi percebida pelo discurso do prefeito, da secretária da gestão municipal em 2014, e do padre que proferiu palavras naquele dia e que foi gravado e noticiado por jornais locais, dessa forma, a análise aqui reproduzida ocorreu em dois momentos, a notícia do jornal local ao meio dia informando a programação do centenário de morte da Beata e outro jornal local que cobriu o evento.

---

<sup>82</sup> E não se produziu observação sistemática naquela época.

O primeiro registro foi encontrado no Jornal CETV 1º edição<sup>83</sup>, ao meio dia com a seguinte manchete “Região do Cariri realiza programação especial do centenário de Maria de Araújo” nessa matéria o jornal retratou o filme “Milagre em Juazeiro” com partes sobre o milagre da hóstia na boca da Beata e trouxe discursos importantes como do senhor Geraldo da Cruz<sup>84</sup> sobre o milagre em Juazeiro, e a fala da pesquisadora Maria do Carmo Forti sobre o fenômeno do milagre. A reportagem entrevistou a Secretária de Cultura e Romaria de Juazeiro do Norte em 2014, Marli Bezerra informando a programação:

Secretaria: A programação se dará às 15horas na Praça Padre Cícero saindo o seu cortejo, o sepultamento simbólico da Beata Maria de Araújo dá a ela o que não aconteceu na época seu sepultamento por direito, então a gente sai da praça da prefeitura, no Socorro lá será um momento de apresentação do coral Fênix, em seguida o sepultamento. Se estende também toda a programação com exposições na Praça Padre Cícero e a noite apresentações hoje com o Sol da Macabira, amanhã com Hermano Morais, também na Praça Padre Cícero e até o dia dezanove, então a gente convida toda a sociedade juazeirense, pesquisadores, devotos do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo para se fazer presente a este momento, um momento histórico da essa devolutiva a Beata Maria de Araújo de estar inserida na religiosidade popular de Juazeiro do Norte.

Repórter: Também os devotos terão um ponto certo agora para poder visitar.

Secretaria: É, no dia primeiro de novembro será sua primeira visita, no direito de acender a vela no lugar certo para a Beata Maria de Araújo (REPORTAGEM DO CETV 1º edição, em 17 de janeiro de 2014).

É possível observar no discurso da secretaria alguns pontos importantes: 1) O direito ao sepultamento que lhe foi tirado; 2) A chamada aos pesquisadores e devotos da Beata, mas sem esquecer o Padre, e chamar os pesquisadores é de suma importância visto que, é possível observar que cada trabalho sobre a Beata trazia a ênfase em não ter túmulo, cada trabalho trouxe luz a questões esquecidas, e o evento seria como dar uma resposta ao descaso que acontecia na memória de um crime como foi à violação do corpo da Beata; 3) Um ponto importante do discurso da secretaria é a devolutiva da Beata a ser inserida na religiosidade popular. Portanto, a chamada dela foi de suma importância para retratar o fato histórico de a Beata ter o seu lugar para ter devotos e; 4) O último ponto importante é o direito dos devotos acenderem a vela para ela, com um túmulo simbólico não só a placa, mas uma urna simbólica<sup>85</sup>, como se fosse os restos mortais de Maria, para que as pessoas acendam as velas, e isso é possível observar ultimamente, velas sendo acessas no túmulo dela.

<sup>83</sup> A reportagem teve quatro minutos e quarenta e um segundos.

<sup>84</sup> Quem foi um memorialista sobre a história do Juazeiro do Norte.

<sup>85</sup> Não são os restos mortais de Maria de Araújo, é apenas uma urna simbólica.

No mesmo dia às 15 horas, o Programa Multimídia da televisão local cobriu o evento, a manchete do programa era “Cortejo à Beata Maria de Araújo- 22/01/14”, o programa mostrou o cortejo saindo da Praça Padre Cícero, na frente do cortejo vinha a Banda Municipal cantando o bendito: “Bendito dos Romeiros - A luz que mais alumeia”, atrás uma estátua da Beata com a roupa ensanguentada, em um andor e na frente rosas, as pessoas que traziam o andor (a equipe de organizadores) estavam vestidas com uma camisa com a imagem de Maria de Araújo, atrás do andor um grupo de reisado cantando e encenando, atrás do reisado as pessoas acompanhando a procissão. O repórter entrevistou o cantor Luis Fidélis<sup>86</sup> que falou da importância do evento; o cortejo então seguiu para a Praça do Socorro de onde seu túmulo foi violado.

Ao chegar à estátua do Padre Cícero em frente à igreja do Socorro, o então prefeito da cidade Raimundo Macedo pegou uma urna que representava simbolicamente os restos mortais da Beata e uma mulher narrava a importância da Beata para a cidade, realizando assim a oração do Pai Nosso e após seguindo para o local onde seria o túmulo simbólico, agora oficial de Maria.

O padre da igreja do Socorro retratou a importância da Beata para a história da cidade e nas palavras dele: “Hoje o Juazeiro se redime do roubo do corpo da Beata, para dar um túmulo digno a Beata, o Juazeiro se redime depois de 84 anos desse ato” continuou o discurso parabenizando a gestão da prefeitura pelo evento. Houve também uma fala rápida de Geraldo da Cruz lembrando que o Juazeiro nasceu do sangue derramado na boca da Beata. Por fim a fala foi feita pelo prefeito Raimundo Macedo:

Esse é um momento histórico para a nossa cidade, histórico porque resgata a imagem daquela que com certeza foi esquecida ao longo de muitas décadas, e hoje através da nossa história, através das pessoas que conhecem a história do Padre Cícero a história da Beata Maria de Araújo, estamos resgatando aquela que foi e continuará sendo a pessoa responsável maior pelo milagre da Beata Maria de Araújo e do Padre Cícero, portanto a gente quer agradecer a compreensão a compreensão o trabalho espontâneo, voluntários daqueles que querem e desejam perpetuar a memória daquelas pessoas que contribuíram e foram responsáveis por tudo aquilo que aconteceu desde a fundação dessa cidade (RAIMUNDO MACEDO EM DISCURSO SOBRE A BEATA, 17 de janeiro de 2014).

Dessa forma, o prefeito retira a bandeira de Juazeiro e mostra a nova placa com a frase de Mário Quintana: “Eu não estou aqui... Aliás. Eu estou aqui” com o nome da Beata, o dia de

---

<sup>86</sup> Cantor da região do Cariri.

nascimento e morte<sup>87</sup>. O evento foi finalizado com a Banda Municipal tocando o bendito dos romeiros.

De toda a festividade do centenário de morte da Beata, é possível observar que ela é “reapresentada” a sociedade juazeirense, com a procissão e sua urna, sua imagem e uma faixa na frente da procissão dizendo ser o centenário da sua morte, e os discursos do padre e prefeito, mostrando o que essas instituições: igreja e Prefeitura, representadas por eles, possuem como discurso trazer a memória à Beata.

Na fala do padre pode-se destacar a ideia de redimir, e trazê-la de volta; e na fala do prefeito observa-se que foi pelos estudos de pesquisadores e memorialistas que a história de Maria perpetuou, bem como há uma ênfase na ideia de que aqueles que fundaram Juazeiro precisam ser lembrados, para perpetuar a história. Esses dois discursos são de suma importância, inaugurando um novo olhar da igreja, uma abertura eclesial perante Maria; como também da Prefeitura, na tentativa de mostrar que o poder público que foi negligente em relação à Maria de Araújo.

Outro momento importante foi a homilia do Bispo Dom Fernando Panico, bispo do Crato na missa do centenário da morte da Beata Maria de Araújo:

Hoje celebramos o centenário da morte da Beata Maria de Araújo.  
E nós podemos contemplar esta mulher dentro do movimento dos beatos e das beatas que se criou ao redor do Pe. Cícero. Pessoas que buscavam, através de uma vivência da sua fé de uma maneira até radical, buscavam servir a glória de Deus, tornando-se abertas e disponíveis para ajudar, sobretudo os mais pobres, para viverem em comunidade os ensinamentos do Evangelho. Para expressarem, com a força da oração, o poder de Deus que age na vida da gente.  
A beata Maria de Araújo, assim como outras mulheres, foi uma destas testemunhas, que hoje ainda nos ensina, com o seu exemplo e com a sua própria vida, a serviço da justiça e da profecia do Reino de Deus. Eu gostaria de deixar-lhes nesta oportunidade umas poucas mensagens em forma de prece: estamos aqui para rezar. Esta é a única finalidade e o objetivo desta celebração deste centenário.  
Recordar uma figura que nos fala, uma mensagem que ainda merece ser escutada.  
A primeira mensagem tiramos da primeira leitura que ouvimos: Samuel que escuta o clamor do povo, um povo que pouco a pouco se afastava da lei de Deus, para se conformar com os povos pagãos, fazer o que os outros, que não tinham a fé verdadeira, estavam fazendo. Querer imitar a vida dos pagãos. Então Samuel recebeu do povo este clamor: queremos um Rei! Queremos nós também um Rei como os outros povos! Deus é o Rei do seu povo! E Samuel transmite para Deus essa vontade, esse grito do povo. Deus naturalmente, numa linguagem humana dizemos, sentiu-se ofendido pela ingratidão deste povo, que preferia outro a Ele. Estava pedindo um Rei para se afastar da verdadeira fé naquele Deus que o havia libertado da escravidão do Egito, que o havia introduzido na terra onde corre leite e mel. O Deus da Aliança, o Deus da Fidelidade... Agora este Deus é como que tirado de lado, colocado de lado. O povo prefere viver como os pagãos: um reino humano, se esquecendo e negligenciando a obediência ao Rei divino.

---

<sup>87</sup> Essa imagem está no início dessa tese. Ao final vivas a Beata Maria de Araújo e ao Padre Cícero, e após o enterro da urna simbólica embaixo das duas placas, a antiga do túmulo original e a placa nova com o túmulo simbólico.

Amados irmãos, eu creio que a Beata Maria de Araújo nesta noite, neste dia e sempre, nos vem recordar que somente a Deus devemos a nossa obediência, a nossa fidelidade. Aos homens, eu creio que devemos ter respeito e aquela fraternidade que nos é pedida pelo Evangelho. Mas preferir a lei dos homens do que a de Deus é contrário à lei do Senhor. E foi o que a Beata Maria de Araújo nos provou com o seu testemunho! Ela que havia presenciado o fenômeno extraordinário, ela que tinha sido como que um instrumento nas mãos de Deus para a realização de um sinal que ainda hoje é objeto de reflexão, de estudo... Mas ela, na sua profunda fé, reconheceu naquele gesto, naquele sinal, naquela hóstia sagrada que se converteu em sangue na boca dela, reconheceu o sinal da misericórdia de Deus que vem nos provar o seu amor, que perdoa a todos através do sangue de Cristo.

Maria de Araújo foi colocada em situações para que ela negasse este fato. Ela preferiu silenciar. É a mártir do silêncio! Ela passou por muitas provações. Passou por sérias dificuldades: foi injustiçada, foi ofendida na sua dignidade de mulher, mas ela tudo suportou com amor. Não com raiva, não com ódio, não com o desejo de “dar o troco”, mas tudo fez com amor, obedecendo a Deus, reconhecendo na sua vida a vontade de Deus que a chamava para participar do mistério da Cruz redentora, de Cristo. Esta Beata Maria de Araújo é uma mulher que diante da Paixão de Cristo se comovia, chorava, entrava em transe, em êxtase, sentia no seu próprio corpo as dores da Paixão de Cristo, a coroa de espinhos, os estigmas... Diante da Cruz, contemplando o Cristo, o próprio Deus feito homem que por nosso amor aceitou morrer na Cruz, contemplando este amor de Deus por nós, ela sentia-se profundamente comovida. Por que? Porque amava Deus de verdade! E preferiu permanecer fiel a este amor do que agradar aos homens...

Essa é a primeira prece que eu dirijo hoje, neste centenário: Nosso Pai, dai-nos a graça de permanecer sempre fieis a ti. De não fazermos de acordo com a mentalidade do mundo! Queremos ser fiéis a Jesus, hoje e sempre. Não queremos substituir Jesus por outros que o mundo hoje fala que são salvadores da Pátria. Só Jesus é o nosso Deus! Só o Evangelho é o caminho para a vida eterna! A mentalidade do mundo que ensina tanta coisa errada quer que adoremos os falsos ídolos: o prazer, o dinheiro, a vaidade, a glória humana, a injustiça, a violência... Senhor, só a ti nós queremos servir e amar. E pedimos a intercessão, lá no céu, da Beata Maria de Araújo, para permanecermos sempre puros nas nossas intenções. Puros de coração. Não um coração contaminado pelo pecado, mas um coração possuído pela graça de Deus.

Vocês sabem também como a Beata Maria de Araújo enfrentou muitas provações na sua vida, por causa do fenômeno extraordinário que ocorreu naquele dia, na primeira sexta-feira do mês de março do ano de 1889, quando a hóstia se converteu em sangue na boca da Beata. Vocês sabem que a partir de então, começou um fenômeno que prova como Deus escreve direito por linhas tortas na história dos seus eleitos. Deus se serviu também desse fenômeno extraordinário, para suscitar um movimento grandioso de pessoas, que se colocam no caminho de Jesus, com Maria, Mãe das Dores, ao encontro do coração de Cristo, ao encontro do Deus da vida! Começaram as romarias. Com este fenômeno da hóstia consagrada, este afluxo de pessoas que vinham a Juazeiro para se encontrar com Padre Cícero, o conselheiro dos pobres, agora, a partir deste momento, o fluxo de pessoas que vinham a Juazeiro tem como finalidade encontrar-se com uma experiência forte de fé. Essa experiência que a Beata Maria de Araújo tinha realizado: a experiência do encontro com Cristo.

Amados irmãos, esta é a segunda prece que eu faço nesta noite: venerar a memória da Beata Maria de Araújo hoje, deve servir para todos nós um renovado compromisso de encontro pessoal com Jesus. Um Jesus da vida da Beata Maria de Araújo. Um Jesus para o qual Maria de Araújo tinha consagrado inteiramente a sua vida; foi para Jesus que ela fez os votos de permanecer virgem, de ser pobre, como Jesus; de seguir Jesus pelo caminho da Paixão, e Jesus a ouviu, Jesus a escutou e a associou a este mistério da sua Cruz. Como sofreu a Beata Maria de Araújo! Os inquéritos do famoso processo movido contra o Pe. Cícero, e conseqüentemente contra o fenômeno que tinha como protagonista a Beata Maria de Araújo, esses inquéritos falam! Quantos vexames, quanto sofrimento, quantas injustiças... eu não hesito em dizer que a Maria de Araújo pode ser tida, para nós hoje, como uma das tantas mulheres que no nosso Cariri foram e continuam sendo injustiçadas,

violentadas, assassinadas, mortas pela violência!!! É grande o número de mulheres na nossa sociedade, no nosso Cariri ...No último ano de 2013 e já agora nos primeiros dias do ano de 2014, são muitos os casos de homicídio, de morte violenta, de desrespeito a dignidade da mulher. A Beata Maria de Araújo foi uma dessas.

Então a nossa prece, queridos amigos – no centenário não podemos olhar só para trás, nós olhamos para o nosso momento atual e olhamos também para o nosso futuro – e diante de tantas mulheres que, até depois da morte continuam sendo violentadas, pois não são reconhecidos os seus direitos, diante desses casos de sofrimento da mulher hoje, a nossa prece é para que Deus nos dê sabedoria, Deus nos dê conselho, Deus nos dê força para lutar contra esta onda na sociedade a ponto de que já não é mais notícia o fato do assassinato de uma mulher ou de um homem. Desrespeito à vida! É isso, queridos amigos, que hoje nós queremos pedir a Deus, lembrando a vida e a morte da Beata Maria de Araújo. Peçamos para que todos nós que estamos aqui reunidos, no centenário da morte dela, possamos ter esta inteligência, esta luz interior, de seguir a Jesus que é o nosso Rei, não preferir outros reis que não sejam Jesus e não abraçar outro reino que não seja o reino da Justiça e da Profecia! O Reino da Verdade e da Misericórdia! O Reino do Amor, o Reino de Deus!

Que a Beata Maria de Araújo, assim como o Padre Cícero nos ajude a todos para que a nossa memória deles, seja uma memória viva, uma memória que transforme a nossa vida!

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! (FORTI, 1999, p. 174) <sup>88</sup>

#### 4.5 MOVIMENTOS SOCIAIS NO CARIRI

Concomitante as transformações da igreja católica, observando agora com outro olhar a religiosidade popular, surgia no Cariri os movimentos sociais, sempre presente em ações pelas minorias os grupos aqui em destaque: Frente de Mulheres do Cariri inicia na Região em 1993 com várias frentes, e com várias temáticas em torno das mulheres do Cariri, e sempre com ativismo para trazer à tona a temática da violência- informação dada por Claudia Rejanne<sup>89</sup> em entrevista, em 11 de agosto de 2020, e GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) onde em 2021 completou 21 anos de existência. Esses grupos também passaram a observar paulatinamente uma busca pela rememoração da imagem da Beata Maria de Araújo.

No final da década de 80 no Brasil os movimentos sociais ganham força, após atravessar a ditadura militar, o país seguia para a reabertura à democracia, e com isso os movimentos coletivos passaram a observar questões abertas e constantes, como o machismo, a homofobia e o racismo, nessa seara, faz-se importante lembrar que os movimentos sociais buscam a consolidação dos direitos humanos e para estes essa luta é diária.

---

<sup>88</sup> Alguns momentos da visibilidade da Beata foram sugestões da banca de defesa da tese, da qual gostaria de agradecer, em especial a Professora Dra. Maria do Carmo Pagan Forti.

<sup>89</sup> Professora da Universidade Regional do Cariri, e pesquisadora sobre a vida da Beata Maria de Araújo.

Em decorrência disso, o crescimento dos estudos sobre os movimentos sociais na América Latina se consolidou no final da década de 70 e início da década de 80, o que converge com a abertura de igreja católica para a religiosidade popular, um pós- período da ditadura, onde os movimentos sociais passam a se articular melhor e fortalecer suas ideologias (GOHN, 1997).

Nesse contexto, a busca por respostas sobre o roubo do corpo da Beata, e a rememoração da sua imagem na história social e religiosa de Juazeiro vem como direito humano buscado pelos movimentos sociais da Região, é um direito humano não ter o túmulo violado, e é direito humano ocupar seu devido lugar na história.

Os movimentos feminista e negro recordam a história de Maria de Araújo como esquecida e vista como embuste, exatamente porque na época do fenômeno do milagre um dos fatores da sua constante invisibilidade era por ela ser mulher e negra, portanto o movimento Frente de Mulheres e o Movimento GRUNEC vêm o seu lugar da Beata na história devido a sua condição de mulher e negra, e sendo assim, buscar o seu direito humano de memória na história da cidade, a exemplo, da camisa feita pelo Frente de Mulheres e usada na festa de Santo Antônio em Barbalha em 2018:

**Figura 13** - camisa Maria de Araújo



Fonte: Facebook da Frente de Mulheres<sup>90</sup>

Essas imagens da camisa usada pelas mulheres da Frente foram feita ainda no período da Festa do Pau da Bandeira em Barbalha-CE, realizada no final de maio ou início de junho, esse foi o mesmo período que se realizou o Seminário sobre a Beata Maria de Araújo, nessa camisa tinha a pergunta: “A Frente de Mulheres do Cariri quer saber, onde está a Beata Maria de Araújo?”, o Seminário foi um momento importante pela visibilidade da Beata<sup>91</sup>, mesmo que ainda seja uma visibilidade dos movimentos sociais e da academia. Portanto é possível

<sup>90</sup> Frente de Mulheres do Cariri. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

<sup>91</sup> O Seminário será detalhado nos próximos tópicos.

observar que os dois movimentos estarão entrelaçados com as datas importantes que serão colocadas adiante.

#### 4.6 V SIMPÓSIO DO PADRE CÍCERO

Em março de 2017 a Universidade Regional do Cariri (URCA) e o IPESC (Instituto de Pesquisa e Estudos Sócio- Culturais- José Marrocos) realizaram mais uma vez um Simpósio sobre Juazeiro e Padre Cícero, o evento durou uma semana<sup>92</sup>. O tema do evento foi: “Reconciliação... e agora? V Simpósio Internacional Padre Cícero”, o projeto todo tinha como foco pensar sobre os novos tempos que surgiram após a decisão da Santa Sé em reconciliar a igreja de Roma com o Padre Cícero em 13 de dezembro de 2015, com carta lida por Dom Fernando Panico:

É inegável que o padre Cícero Romão Batista, no arco de sua existência, viveu uma fé simples, em sintonia com o seu povo e, por isso mesmo, desde o início, foi compreendido e amado por este mesmo povo, expressou o papa Francisco, em carta assinada pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin. Atitude de saída, ao encontro das periferias existenciais, a atitude do padre Cícero em acolher a todos, especialmente os pobres e sofredores, aconselhando-os e abençoando-os, constitui sem dúvida, um sinal importante e atual.

A realização do V Simpósio Internacional Padre Cícero ocorreu entre os dias 20 a 24 de março, com várias palestras, mesas redondas e Grupos de Trabalhos que giraram em torno da religiosidade do Cariri. O Simpósio contou com a participação de professores e pesquisadores em mesas redondas como a abertura com a conferência “Questionamentos e perspectivas pastorais sobre o ‘E AGORA’ da reconciliação do Padre Cícero” com Dom Fernando Panico (Presidente de Honra do Simpósio, Bispo Emérito da Diocese do Crato); como também a conferência “Caminhos da Reconciliação no Juazeiro do Padre Cícero” apresentada pelo professor Carlos Alberto Steill (UFRGS); entre outras que traziam a questão da reconciliação do Padre.

Mas o ponto auge e espera de todos os participantes se deu na tarde do dia 24 de março, dia da comemoração do aniversário do Padre Cícero, na palestra do professor Leonardo Boff “Padre Cícero à luz do Papa Francisco”, ao final o professor recomendou que: “logo mais o Padre Cícero será beatificado e após isso acontecer é obrigação de todo juazeirense e de todo romeiro beatificar a Beata Maria de Araújo”, as palavras de Boff trouxe

---

<sup>92</sup> Precisamente foi nesse evento que foi iniciada essa pesquisa com observações em lócus.

um divisor de águas<sup>93</sup>, onde a plateia do Memorial Padre Cícero levantou e não parou de bater palma, era a fala final, o suspiro de muitos anos travado.

Eram pesquisadores, padres, plateia que precisava ouvir aquela mensagem, o final da sua apresentação foi crucial não apenas para essa pesquisa, mas para todas as pessoas, movimentos e instituições que precisavam daquele sopro de voz e coragem em trazer a Beata à tona e agarrar-se com aquele discurso de Boff. É a partir dessa fala que muitos movimentos começam a se articular na busca da rememoração de Maria de Araújo, dando norte a novas perspectivas no Cariri sobre o lugar da Beata na religiosidade popular da cidade, isso foi possível observar após 2017, com outros agentes atuando em favor de Maria de Araújo, trazendo norte a novas pesquisas sobre ela.

#### 4.7 2018: O ANO POLÍTICO E AS NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A BEATA DA HÓSTIA

Se a fala do professor Leonardo Boff em 2017 foi um divisor de águas, em que sua voz ecoou pelo Cariri, 2018 foi o ano de “colocar a mão na massa”, pois foi um ano que se começou a produzir mais sobre essa ideia de rememoração da Beata Maria de Araújo, produzir em todos os sentidos: artísticos, movimentos populares, pelos órgãos públicos como a Biblioteca Municipal em nome da Prefeitura da cidade; e o Seminário sobre a Beata. Fora a política que rondava o cenário nacional desde o início do ano com a morte da vereadora Marielle Franco<sup>94</sup>, até encerrar esse ano com as eleições nacionais, no qual podemos perceber a articulação de pessoas com a imagem da Beata.

##### 4.7.1 I Mostra de Poemas para Maria

No mesmo dia da caminhada proposta pelo Grupo artístico Carroça dos Mamulengos, no Auditório do Memorial Padre Cícero aconteceu a I Mostra de Poemas para Maria: Beata Maria de Araújo, a mostra se repetiu mais três vezes, fazendo seleções de poemas. No entanto em 2019 ocorreu no dia 08 de março; e em 2020 devido à pandemia do Covid-19 o evento ocorreu de forma virtual; em 2021 a Secretaria de Cultura apresentou de forma virtual também no dia do aniversário da Beata, em 23 de maio.

---

<sup>93</sup> Específico para essa pesquisa, o divisor de água, esclarecendo as ideias para impulsionar a pesquisa sobre a Beata, mas a convocação de Boff fez ecoar em muitos âmbitos, um dele foi o acadêmico, no qual atingiu essa pesquisa.

<sup>94</sup> Vereadora na cidade do Rio de Janeiro assassinada em 14 de março de 2018.

Aqui será retratado alguns trechos de todos os poemas da I Mostra para ser feito um paralelo dos discursos produzidos pelos poetas. No entanto, é preciso entender o contexto e o porquê de ter ocorrido essa Mostra, em 2018 a bibliotecária Rosana Marinho que produziu o evento juntamente com a Secretaria de Cultura da cidade, realizou uma pesquisa no seu mestrado sobre o Padre Cícero, com título “Informação, História e Memória: análise das cartas do Padre Cícero (1900-1934)” (2014) e dessa forma, a Beata também fez parte da sua pesquisa, portanto a proposta da Mostra vem de uma pesquisadora, e por isso o interesse em divulgar também a história da Beata Maria de Araújo.

Analisar as poesias sobre essa I Mostra, é tão importante quanto o que foi feito nos cordéis produzidos em 2012, como abordado anteriormente, as poesias aqui foram todas direcionadas a Beata, sendo feita uma seleção em edital publicado, sendo selecionadas as que melhor retratassem a vida de Maria de Araújo. No livro “Poemas para Maria” é importante trazer também trechos do discurso do ex-prefeito da cidade Arnon Bezerra, em 2018:

A 1º Mostra- Poemas para Maria- Beata Maria de Araújo é a síntese da grande relevância de uma mulher que teve um protagonismo na história de Juazeiro do Norte e da religiosidade. Este trabalho faz um importante resgate da história, da poesia, das poetisas e dos poetas de Juazeiro do Norte, onde o sagrado feminino se expandem de forma extraordinária, como é Maria de Araújo na sua grande representatividade [...]. Maria de Araújo foi a mulher incompreendida, no momento em que, em pleno sertão nordestino, protagonizava o milagre da hóstia que sangrava em sua boca, ofertada pelo Padre Cícero. O Juazeiro do Norte neste momento passou a ser o foco das atenções. Os fatos ganharam os jornais. Muitos vinham à cidade, depois de tomarem conhecimento deste tão propalado **‘milagre’ da Beata** [...]. Foram anos banidos pelo isolamento, principalmente da Beata. O Padre Cícero, mesmo afastado das ordens, permaneceu em sua residência recebendo os romeiros de todos os lugares do Nordeste, levando a fé, os bons conselhos e a orientação. **Juazeiro prosperava diante da resistência.** O trabalho realizado por meio da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, através da Secretaria de Cultura com a Biblioteca Pública Municipal, faz essa grande homenagem à Beata Maria de Araújo, com rimas e versos poéticos, que trazem flores, dores, mas acima de tudo, **uma valorização do feminino**, a partir da força da grande mulher que era a religiosa, que **subverteu todos os paradigmas diante da sua fé.** Uma grandeza de espírito que, depois décadas, traz esse exemplo para todos nós. Principalmente num momento em **que a luta das mulheres pela valorização na sociedade** tem sido tão forte, diante ainda de tantos preconceitos (grifo nosso).

Diante dos grifos, é preciso salientar a importância de alguns trechos, como: **milagre da Beata**, com ênfase em Maria de Araújo e não em Padre Cícero; **Juazeiro prosperava diante da resistência**, antes se falava em resistência como adjetivo ruim, no tempo da Guerra de 14, hoje se observa o adjetivo como positivo, que mostra a força da cidade; uma **valorização do feminino** e luta das mulheres pela valorização na sociedade, discurso dos dias de hoje, visto que na época do milagre as mulheres não podiam ser ouvidas, pior ainda era

dirigir algo e ser protagonista do milagre; **subverteu todos os paradigmas diante da sua fé**, a palavra subverter é muito forte, e é carregada do conceito de destruição da ordem, ou seja, na ideia colocada como mudança na ordem religiosa, hoje é possível trazer essa palavra, mas também vem carregada do discurso dos dias de hoje de valorização da mulher, das mudanças que podemos trazer, da importância das mulheres pela igualdade de gênero.

Portanto, o discurso do ex-prefeito da cidade revela um novo discurso as questões de gênero, e da forma como se observa a origem de Juazeiro. Assim como a exposição do ex-prefeito que observava o movimento e as pesquisas que estavam em processo em relação à Beata, a seleção dos poemas também veio nesse encaixe.

Após análise dos poemas foi realizada uma divisão em três categorias para se observar o olhar e o discurso dos autores: 1) Características físicas de Maria de Araújo; 2) Milagre; 3) Silêncio/ Esquecimento. Antes é preciso lembrar que foram categorizados os poemas como discurso, visto que, os poetas também foram declamaram, no auditório do Memorial Padre Cícero, em 17 de janeiro de 2018<sup>95</sup>. Características físicas de Maria foram observadas em sete dos vinte e dois poemas:

**Quadro 5** - Características físicas de Maria

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Trecho</b>
“Maria, milagre e mistério!”	Cícera Onete Soares	“Maria de Araújo foi mulher, pobre e negra... Como uma sociedade machista, elitista e racista não iria esquecer?”
“Maria de Araújo”	Ythallo Rodrigues	“Tua pobreza te puniu. Tua pele te puniu. Teu sexo de puniu”.
“Acima de tudo, mulher!”	Paulo Junior Alves Pereira	“Ela também é Maria. E como tal sofre. Sofre as dores por ter sido mulher. É assim desrespeitada”.
“Sagrada Sentença”	Karlinha Sutil (Karla Jaqueline Vieira Alves)	“Pelo mesmo poderio fálico, que a uma santa preta rejeita”.
“A Maria das Marias”	Maria de Lourdes Teixeira	“Pequena grande mulher. Apenas mulher. As Marias de hoje te conhecem, oh Mulher! Em cada mulher sofrida, machucada, destrutada e humilhada”.
“Mais uma Maria do Sertão”	Priscila Ribeiro	“Maria de Araújo, mulher, negra, pobre, sustentada pela fé cristã”.
“Poema para Santa Maria de Araújo”	Emerson Cardoso	“Esta negra não é santa! Mulher pobre e analfabeta”.

Fonte: produzido pela autora retirado dos Poemas para Maria (2018).

<sup>95</sup> Nesse evento fiz parte dos selecionados do edital sobre os “Poemas para Maria” com o título da poesia “Mais uma Maria do Sertão”, fazendo uma investigação poética sobre Maria de Araújo.

Ou seja, os sete autores trouxeram as questões de gênero, de raça entrelaçados no respeito a ela, o que será associado, mais adiante com a questão do seu esquecimento ao longo dos anos. Os poemas que abordaram a categoria Milagre foram observados em dezessete dos vinte e dois poemas, eles pode- se ver em:

**Quadro 6 - Maria no Milagre**

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Trecho</b>
“Empoderamento da Beata”	Damiana Silva Melo (Danny Melo)	“Uma hóstia a tomar, veio Jesus se transformar, em sangue na sua boca”.
“Maria de Araújo: mulher de fé”	Alana Maria Brito Lucas	“A Beata Maria de Araújo, protagonizou um milagre sem igual”.
“Um poema para Maria”	Cícero de Nascimento Ferreira	“O milagre aconteceu em sua jornada, num ato de revolta foi perseguida, e hoje em dia é lembrado o milagre da hóstia”.
“À Beata Maria de Araújo”	Joana Rodrigues	“Em sua boca encantada, a hóstia consagrada, em sangue se derreteu”.
“Poema para Santa Maria de Araújo”	Émerson Carmos	“As cinco chagas de Cristo, deságuam entre seus dentes. Sua língua imerge em piscina, de glórias misteriosas”.
“Maria, teu milagre somos nós”	Idevania Félix de Lima	“Trouxera o grande milagre. Que hoje se chama Juazeiro do Norte, cidade cuja dimensão, deve ao doce e puro coração, de Maria de Araújo, somos seu próprio refúgio, o Milagre é esta cidade de grande porte”.
“Uma santa Beata”	Hamilton Macêdo	“Foi com ela que o milagre, da hóstia aconteceu. Quando o Pe. Cícero, a partícula lhe deu. Ela piedosamente, viu que imediatamente, em sangue se converteu”.
“Maria e sua sina de viver com fé”	Antônio de Tarso Araújo Bastos	“Ela subiu ao altar com olhar em Deus. Ela desceu ao chão pensando em sonhos perdidos”.
“Outra Maria”	Izama Evangelista Alves	“Sentiu o sangue de Cristo, que por milagre foi visto, e o povo lhe faz reverência”.
“O milagre do sertão”	Dodora Pereira da Silva (Maria das Dores da Silva)	“A mulher foi o pivô. Da história mais confusa. Que rápido ganhou o mundo. De uma maneira difusa. Foi o ‘milagre da hóstia’”.
“Mais uma Maria do Sertão”	Priscila Ribeiro	“Foi milagre, foi devoção, foi amor a florescer”.
“Paradigmas de Maria”	Prof. Luciom Caeira	“O teu milagre já foi consumado. Na memória histórica de um povo”.
“A Maria das Marias”	Maria de Lourdes Teixeira	“Maria da cidade da fé, Maria do

		Milagre”.
“Mais uma Maria”	Ana Cláudia Emídio da Silva	“O milagre também é dela, o milagre também é dele, o milagre não pertencia a Eles”.
“Sagrada Sentença”	Karlinha Sutil (Karla Jaqueline Vieira Alves)	“E a putrefação da memória. Da verdadeira santa. Que o sangue do milagre obrou...”.
“Maria de Araújo: o milagre em Juazeiro”	Ernane Tavares Monteiro	“Foi março dia primeiro. Que o fato aconteceu. Do ano oitenta e nove. Pois este poeta leu. Na história da Beata. E nunca mais esqueceu”.
“Maria de Araújo”	Ythallo Rodrigues	“Aquele pequeno corpo- invólucro de milagres- que milagrosamente trouxera”.

Fonte: produzido pela autora retirado dos Poemas para Maria (2018).

Ante ao exposto, é possível sempre vincular o sentido da imagem do milagre a Maria, no entanto, como foi visto, os autores dão os créditos do milagre a ela, como protagonista, pois se foi ofuscada da história, não será desligada dele, é impossível falar do milagre sem Maria. Por fim, a última categoria analisada foi à ideia de Silêncio/Esquecimento sobre Maria e chamou a atenção, visto que, dos vinte e dois poemas, apenas quatro não retrataram o silêncio, então esse marcador de invisibilidade foi o pano de fundo para escrever sobre a Beata em 2018, como uma forma de expor essa indignação em relação a sua figura, sendo assim, redireciona e rememora Maria de Araújo<sup>96</sup>:

1. “Preconceito, discórdia mal oculto, transformaram mulher forte em vulto”.
2. “É crime previsto pelo Código Penal Brasileiro, a violação de túmulo. Os criminosos dizem: ‘Que povo, que código, que nada!!!’. Como muitos crimes, este ficará na impunidade e no esquecimento. Cadê o corpo de Maria?”
3. “Tu que deverias estar aqui e não estás. Olho-te defronte um jazigo vazio”.
4. “E não é preciso dizer mais, pois não há esquecimento que à apague da lembrança”.
5. “Por isso legisladores, proponham esse projeto sem vaidade. Pelo fim do silêncio sobre Maria de Araújo santa beata”.
6. “Vive na eternidade, da memória excomungada”.
7. “Por que Maria não tem o seu corpo num abrigo, um túmulo no cemitério. Um mausoléu, um jazigo”.
8. “No cemitério do esquecimento, jazida a história verdadeira”.
9. “Está escondida, seu mistério, sua história, seu corpo: instrumento do divino”.
10. “E a Maria esquecida logo apareceu: A Maria Beata de Araújo”.

<sup>96</sup> Nessa categoria encontram-se apenas os trechos sem os autores, para observar como os discursos se repetem.

11. “Tua voz enclausurada, mesmo longe ecoou. Teu silêncio foi inspiração”.
12. “Aquele ser de luz, de protagonista. Tornou-se abandonada, castigada, silenciada. Não há memória, não há corpo, não há história”.
13. “Ela teve seu nome sujo, resgatado hoje na história, Maria de Araújo”.
14. “Ela foi banida, mas não esquecida. Ela foi simplesmente, Maria”.
15. “Diante daquele milagre, foi muito penalizada, sofreu de toda injúria, para o Crato foi levada”.
16. “Recolhida e enclausurada, e mesmo depois de morta, não teve a paz que queria, até mesmo a sua cova”.
17. “A coitada de Maria virou alma, de objeto e escuridão, sem voz, nem vez, como se tivesse virado uma simples assombração”.

Portanto, destaque a esse marcador: silêncio/esquecimento/invisibilidade mostra que os autores partiram disso para trazer visibilidade, indignação, e busca por direito na história de Juazeiro de Maria de Araújo, trazendo uma lembrança da Beata. O livreto foi distribuído entre autores e escolas públicas da cidade, o alcance seguia avançando a passos curtos para a história de Juazeiro, mas segue avançado em várias frentes (acadêmica, movimentos sociais e artísticos), e o livreto da I Mostra também foi um deles, como forma artística de expressar a personagem da Beata, misturando conhecimento, poesia, e a busca por justiça e avanço em direção a visibilidade de Maria de Araújo.

#### 4.8 I SEMINÁRIO

O Seminário surgiu com diálogos entre as professoras Claudia Rejanne e Fátima Pinho, ambas professoras da Universidade Regional do Cariri e pesquisadoras da temática de Juazeiro. A professora Claudia Rejanne (em entrevista dia 11 de agosto de 2020) refletiu como iniciou essa aproximação com o tema da Beata: “chamou atenção a começar a pensar sobre Maria de Araújo foi quando viu uma imagem feita por Jean Nogueira<sup>97</sup> com a boca da Beata com a hóstia”; outra questão que fez a professora e pesquisadora se aproximar de Maria de Araújo foi o fato de fazer parte da Frente de Mulheres do Cariri sempre investigou e investiga feminicídios, como o caso Rayane<sup>98</sup>; isso também fez pensar sobre o desaparecimento dos restos mortais da Beata, e assim surgiu o Seminário, de ideias e momentos vividos e naquele momento na Universidade idealizado e pensado para o coletivo.

<sup>97</sup> Artista plástico que fez pintura sobre a Beata Maria de Araújo.

<sup>98</sup> Jovem desaparecida e morta por seu ex-namorado, e até hoje o seu corpo não foi encontrado.

A construção ocorreu em abril e maio de 2018. A professora também comentou sobre a importância da construção do Seminário sobre a Beata, onde a Frente fez parte da preparação, juntamente com o Grunec, e a Universidade. O I Seminário de Maria de Araújo ocorreu entre os dias 22 e 23 de maio de 2018, no Memorial Padre Cícero no dia 22; e no dia 23 na Universidade Regional do Cariri (URCA).

O evento teve como Comissão Organizadora: Universidade Regional do Cariri (URCA); Universidade Federal do Cariri (UFCA); GRUNEC; Frente de Mulheres do Cariri; Pretas Simoa; Cia de Teatro; Coletivo Passarinho e a Trup Errante, ou seja, a junção da Universidade (academia) e dos movimentos sociais, essa união ocorreu pela visibilidade e rememoração da Beata Maria de Araújo.

O Seminário teve como programação do dia 22 de maio no Memorial Padre Cícero: Abertura com a fala da organização e das parcerias; após o início passou-se a uma Mesa Redonda intitulada: “Maria de Araújo nas linguagens artísticas” com Renato Dantas, Dorinha do Horto, Carlos Gomide, Grupo “O Bando” com: Reginaldo Farias e Jeani Duvall, refletindo sobre a Beata e os movimentos artísticos; após houve o Recital Poético: “Entronização do Sagrado Coração de Maria de Araújo” realizado por Valéria Carvalho.

**Figura 14** - Entronização do sagrado coração de Maria de Araújo



Fonte: Grupo no Facebook “Seminário Maria de Araújo” (2020).

A entronização do Sagrado coração de Maria de Araújo foi um momento muito importante com canções e orações que trouxeram a imagem da Beata, essa materialização de uma imagem da qual pode ser comercializada com Maria de Araújo foi um passo importante para trazer essa rememoração, visto que sua imagem só tinha nos vitrais na Igreja do Socorro, no pequeno museu entre a secretaria da Basílica de Nossa Senhora das Dores e o Circulo Operário, no Casarão do Horto e no museu vivo no Horto uma estátua dela com o Padre Cícero, portanto agora tendo sua imagem, com uma visibilidade mostrando quem é Maria de Araújo.

Somente em dezembro do referido ano foi que a imagem da Beata começou a ser comercializada nas lojas de santos da cidade, um fato interessante é a questão da própria feição da Beata ser uma incógnita, visto que só existe uma foto dela da época, e por isso várias imagens são reproduzidas dela, dessa forma fica difícil ter uma imagem específica de Maria de Araújo, no entanto a réplica que começou a ser comercializada foi a da entronização no Memorial através do I Seminário sobre Maria de Araújo.

Através dessa entronização foi possível ver esse avanço de fronteiras, pois não há santo sem imagem, para os católicos a imagem é a devoção, e a ela é extremamente importante, é preciso uma iconografia da imagem da Beata para que as pessoas por ela possam sentir essa devoção, além de ter uma santa no altar (que é muito importante na religiosidade popular do Cariri, com as renovações do Sagrado Coração de Jesus<sup>99</sup>) as pessoas gostam de visitar locais para se ter essa credulidade e essa identificação com ela, é o caso por exemplo, da estátua do Padre Cícero no Horto.

Na mesma noite ocorreu o Espetáculo Teatral: “A Serva Companhia de Teatro Livre Mente”, fechando o dia com a atuação dos movimentos artísticos e populares pela visibilidade e rememoração da Beata. No dia 23 de maio de 2018, dia que se comemora o aniversário da Beata Maria de Araújo<sup>100</sup> o I Seminário Maria de Araújo continuou, mas agora no Salão de Atos da URCA, com mesas redondas sobre a temática entorno da Beata e com apresentações culturais. No segundo dia é possível observar mais os discursos acadêmicos, no entanto o que apareceu de forma marcante foi à mescla das mesas redondas, com pesquisadores e pesquisadoras e os movimentos sociais.

**Figura 15** - Abertura do segundo dia do I Seminário Maria de Araújo



Fonte: Grupo no Facebook “Seminário Maria de Araújo” (2020).

<sup>99</sup> Renovação do Sagrado Coração de Jesus é uma prática costumeira do Cariri que iniciou com o Padre Cícero, onde rezava nas casas das famílias, com um altar com Jesus e Maria, músicas populares, e após o lanche em comemoração, onde as pessoas rezam até hoje renovando suas cerimônias, como aniversários de casamento, ou um pedido realizado. SEMINÁRIO MARIA DE ARAÚJO FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 11 de julho (Grupo privado).

<sup>100</sup> No entanto, existem divergências sobre sua data de nascimento, se foi dia 23 ou 24 de maio.

Pela manhã houve o Espetáculo Teatral: “Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro do Norte” de Rafael Moraes e o Coletivo Passarinho e Trup Errante, também havia na parte externa no auditório a Exposição “Maria de Araújo: Visões Curadoria” de Renato Dantas. A primeira mesa redonda, pela manhã teve como tema: “Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo: E quem é ela?” com Karla Alves (Pesquisadora e integrante do Pretas Simoa - movimento social), Raimundo Araújo (Pesquisador), e a Profa. Irmã Annete Dumolin (do Observatório de Estudos da Religião), como mediadora da mesa a Profa. Maria Telvira da Conceição (GEPAFRO/URCA), um dos pontos altos dessa mesa foi quando Karla Alves trouxe em sua fala a questão: “A Beata é negra como eu!”, mostrando assim a afirmação da ideia de raça com Maria de Araújo, e aqui se percebe que nesse momento a questão de ser uma mulher negra entrou em pauta, uma fala marcante da pesquisadora.

À tarde a mesa redonda teve como tema: “Santidade, gênero, relações raciais e direitos humanos” com a Profa. Priscila Ribeiro (FAPCE - Doutoranda em Ciências da Religião - UFPB), Verônica Neves Carvalho (GRUNEC) e como mediadora: Profa. Maria Dalva da Conceição (Mestranda em História da Educação), essa mesa pelo tema pode ser observado à importância das questões de gênero e raça que carregam com a imagem da Beata, ao mesmo tempo traz um conteúdo importante hoje, onde como colocado acima, os movimentos sociais pensam e debatem sobre as minorias.

Essa mesa redonda inclusive levantou um debate acalorado sobre a relação entre o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo, nessa discussão foi possível observar que não existe um sem o outro, como não existe Juazeiro sem os protagonistas, mas essa questão só foi levantada agora, quando entra em “cheque” para as pessoas o protagonismo do Padre em comparação a da Beata; e o importante para a estrutura social, cultural e religiosa de Juazeiro do Norte não é colocar um acima do outro, mas dar o lugar de cada um, e é por isso muitas vezes o incomodo das pessoas, pois dar o lugar na história para o protagonismo de uma mulher já é difícil, e corrigir o erro da sociedade machista e racista dando o protagonismo a uma mulher<sup>101</sup> negra chegou a ser quase impossível, porque por mais mudanças que passamos do século XIX com as questões de gênero e raça, a cultura machista e racista ainda está muito impregnada nas pessoas, por isso é importante até esse debate, para trazer a visibilidade a quem viveu no silêncio mais do que todos os outros na história da cidade.

---

<sup>101</sup> Repetição de mulher, para dar ênfase.

À noite a mesa redonda teve como tema: “Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo: História e Memória” com a Profa. Maria do Carmo Pagan Forti (UNILEÃO) Profa. Ercília Braga de Olinda (UFC) e Célia Rodrigues (Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri), a mediadora foi a Profa. Verônica Isidório (CEMS), que trouxe pesquisas referentes à Beata, com as professoras, e sobre memórias da Beata com Célia Rodrigues, também um momento importante de rememoração. Abordando a memória e a construção de uma rememória, Pollak (1992, p. 02) mostra que a memória é um fenômeno individual e coletivo.

[...] os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

É nisso aqui que os discursos estão trabalhando, em uma memória anterior, no século XIX, mas que se projeta para o local de fala de cada pessoa hoje, tendo uma identificação, ou seja, a construção de uma nova memória herdada pelo o que se identifica. O autor ainda mostra a seguinte questão: “a memória é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992, p. 2). São esses personagens de agora que constroem uma nova imagem de uma personagem de antes.

A teoria do autor continua a firmar a questão da Beata e a rememória quando ele diz que: “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4). Se a memória é seletiva e construída ou destruída, ela pode ser reconstruída da experiência que a pessoa vive, portanto mesmo que todas as instituições e movimentos hoje falem sobre a Beata, cada um tem a “lente” da Beata que quer ver, fazendo uma seleção através do que se viveu individualmente, e coletivamente, sendo assim, pode-se observar que, os movimentos feministas têm como principal “lente” a vê como mulher; o movimento negro como uma mulher negra; o movimento artístico quer expressar a Beata em forma de arte<sup>102</sup>; a igreja como mulher obediente; os órgãos públicos como figura pública; a academia com o movimento inicial/histórico sobre o percurso de Maria de Araújo. Dessa forma, a

---

<sup>102</sup> Toda arte é política e dessa forma as ações dos movimentos é política também.

ressignificação e aproximação de cada instituição e movimento social sobre a Beata vêm no intuito de “lente” e ela é seletiva, porque a memória é seletiva.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 5).

Sob esse prisma, qual Beata está sendo rememorada? Qual identidade ela adquire hoje? Ainda não se sabe, porque é uma construção que está acontecendo agora! Ela é multifacetada, carregada de sentidos e é nisso que se pode ver o poder da Beata Maria de Araújo, através dela as mensagens, os sentidos e sentimentos são ressignificados, ela é agenciada por diferentes pessoas pela ideia de identificação, nas mulheres dos movimentos feministas se identificam com ela, no movimento negro também, nos artísticas se espelham na imagem cultural local que ela potencializa, nos acadêmicos observam a força da personagem histórica e que pouco é falado dela, e essas implicações podem fazer surgir muitas temáticas diferentes, portanto apesar de cada um “viver” a Beata de uma forma, ela une as pessoas em um mesmo local: Juazeiro do Norte, e transforma nesse universo misto de ações e sentimentos.

É dessa forma que a protagonista da história do milagre, que foi invisibilizada pela igreja, e que retorna a pauta sua história, memória e discursos, construídos pelos grupos sociais apresentados acima, sendo um processo contínuo sobre a imagem de Maria de Araújo, no entanto, ainda irá precisar de tempo para identificá-la no imaginário da população, concluindo assim que o trabalho de memória está em curso, tendo uma constante tarefa de enquadramento dessa memória (POLLAK, 1992), até que se solidifique uma imagem para as pessoas, ainda levará tempo.

Nessa ótica, é possível observar a mescla dessa memória da Beata, que houve no I Seminário Maria de Araújo entre a Universidade e os movimentos sociais, a todo o momento e em toda mesa redonda havia alguém representando a academia e alguém dos movimentos, desde a mesa sobre a Beata e a arte com os movimentos artísticos, como as mesas com temas que são pontuais na academia e nos movimentos sociais, com destaque para as pesquisadoras que se debruçam sobre a história e vida da Beata, como também, destaque as representações dos movimentos sociais do Cariri, ressaltando o GRUNEC e o Frente de Mulheres, que inclusive formaram a Comissão Organizadora do evento.

Uma ideia crucial também nasceu a partir da gestação do I Seminário, a ideia que algumas pessoas estavam se envolvendo com o propósito de buscar e trazer uma visibilidade e rememoração da Beata, dessa forma essas pessoas, a partir do I Seminário tiveram a vontade de comemorar todas as datas referentes a Beata, como: o aniversário de morte e de nascimento dela, como também lembrar outras datas importantes na cidade que tivesse Maria, sendo assim, a partir de 2018 iniciou um trabalho no próprio grupo de Facebook do I Seminário (quem já estava participando foi convidado a fazer parte do movimento), como também através de outras redes sociais, buscando sempre lembrar da Beata, essas pessoas se denominou/denomina os “Romeiros Memorialista pela reabilitação da Santa Beata Maria de Araújo”<sup>103</sup>, que agora constroem eventos a partir do Seminário.

#### 4.9 A POLÍTICA E A BEATA

Como iniciado esse tópico: por que 2018 um ano político? As eleições para cargos dos executivos e legislativos nacionais foram marcos para a população, como também, trouxeram no cenário regional a imagem da Beata, como em grupos de redes sociais com imagens de Maria de Araújo, e na junção do evento do início do ano, que foi a morte da vereadora Marielle Franco, assassinada em março do referido ano.

A morte dela iniciou uma questão do seu silenciamento, por ser mulher, negra, e ter muito atrelado o tom político, que a fez ser morta tão precocemente. Alguns discursos políticos faziam analogias à história da Beata Maria de Araújo (a diferença era que ela vinha da questão religiosa), portanto, muito do que foi falado sobre a Beata também ocorreu pela lembrança à vereadora. Em outubro houve a eleição, uma candidata do Cariri se destacou, a professora Zuleide Queiroz foi candidata à deputada federal no Ceará<sup>104</sup>.

#### **Figura 16** - Campanha para Deputada Federal 2018

---

<sup>103</sup> Adiante mais sobre os memorialistas.

<sup>104</sup> Ativista das minorias, com destaque as questões feministas e raciais, membro dos movimentos sociais: Frente de Mulheres e GRUNEC.



Fonte: Instagram aberto da professora Zuleide Queiroz<sup>105</sup>

Como observado na imagem, a professora Zuleide Queiroz traz a imagem da Beata Maria de Araújo atrás em uma pintura e com isso mostra que é da Região do Cariri, mas também assim como a Beata, mostra ser uma mulher negra e que busca a ancestralidade local através da figura de Maria, essa ideia da ancestralidade foi bem debatida na mesa redonda sobre santidade, gênero e raça do I Seminário, com a fala de Verônica Carvalho (GRUNEC). O destaque que há na foto também ocorre porque Zuleide Queiroz é da academia e dos movimentos sociais, dois locais de fala importantes na rememoração de Maria de Araújo. Portanto, o tom político de 2018 foi destaque para trazer a tona a Beata.

O ano de 2018 ainda trouxe dois fatos não políticos sobre a Beata: a especulação de que havia encontrado seu corpo na Rua Padre Cícero, em um buraco que foi encontrado na reforma da Praça Padre Cícero, o que na verdade não era, vale ressaltar que, essas especulações vieram da população, mostrando que mesmo que as pessoas não lembrem muito da história de Maria, elas recordam que ela não tem túmulo no cemitério, é uma questão que está no imaginário popular, mas ainda há muito receio em ser discutida.

Outro fato importante foi à imagem da Beata começar a ser comercializada na cidade, em dezembro do referido ano começou a ter imagens da Beata nas lojas de vendas de santos, o que muito repercute desde a entronização do sagrado coração de Maria de Araújo, realizado em maio pelo I Seminário.

Por conseguinte, observando os movimentos sociais, a academia, as instituições observar os discursos, como diz Foucault (1996) o discurso é formado pelo desejo, nesses casos da Beata Maria de Araújo o desejo é de vê-la no seu lugar histórico, ocupando seu lugar na história da cidade, que é de ser visibilizada. Isso pode levar a um poder, que se fixa na ideia de poder de afirmação: de ser uma mulher que foi ocultada e silenciada, do qual não

<sup>105</sup> Foto também autorizada pela candidata e professora Zuleide Queiroz.

deve mais prevalecer. Ou seja, nem todos os discursos em torno da Beata são sobre poder, mas, sobretudo, um desejo de poder trazê-la à tona dentro do seu discurso, da sua “lente”.

Dessa forma, observou-se cada discurso de ressignificação sobre Maria de Araújo: a academia se aprofunda nos processos históricos e mostram pelo o que ela passou nas duas inquirições, porque esse é o enunciado que se produz na academia; o movimento feminista e os demais, da mesma forma.

À luz do exposto, esse capítulo buscou mostrar diferentes frentes e discursos que falam sobre Maria de Araújo, no sentido que a visibilidade dela está em construção e que muito ainda pode ser desenvolvido sobre a Beata, no entanto, é preciso compreender que cada nova ideia sobre ela possui e vai possuir: desejo, poder, enunciado e discurso.

Dessa forma, sobre Maria de Araújo quais foram às soluções para os questionamentos do início do capítulo: qual Beata encontramos hoje? Quem é a Beata hoje? A Maria invisibilizada pela igreja romanizada? A Beata que aparece nos movimentos sociais? A Maria de Araújo da academia? A Beata do povo?

Encontramos a Beata dos movimentos sociais e artísticos, a que vem sendo pesquisada pelo movimento contínuo acadêmico, uma mulher do seu tempo que as instituições como a igreja e os órgãos municipais começam a observar. Portanto, Maria de Araújo hoje começa a ser visualizada, e vista como injustiçada por ser quem era no século XIX, e dessa forma foi invisibilizada e silenciada da memória das pessoas. Ela então aparece nos discursos acadêmicos e de movimentos sociais e aos poucos chega ao povo, porque o processo está ocorrendo, portanto Maria de Araújo é uma figura multifacetada que leva a várias identificações sociais.

## **CAPÍTULO 5: “NO CARRO DO JUAZEIRO, A BEATA É O MOTOR, E O PADRE É O MOTORISTA”. NOVAS AÇÕES INTENSIFICADORAS PELA VISIBILIDADE DA BEATA**

Após o Seminário outros eventos começaram a ocorrerem para a Beata Maria de Araújo, como o aniversário dela na Praça do Memorial em 2019, a procissão do aniversário de morte em 2020. A movimentação pela visibilidade de Maria de Araújo passou pela Universidade, mas também por vários olhares e frentes, o que fez juntar diferentes pessoas e instituições. No entanto, a visibilidade da Beata acontece com a realização dos eventos e as iniciativas dos Romeiros memorialistas pela reabilitação da Beata, artistas, pesquisadores, movimentos sociais dentre outros, e o marco temporal dessa iniciativa ocorre em maio de 2019, momento em que se pensava sobre o aniversário de Maria.

### **5.1 MARIA DE ARAÚJO, A IGREJA, OS EVENTOS DOS ROMEIROS MEMORIALISTAS, OS NOVOS TEMPOS**

Os novos tempos ganham visibilidade para Maria de Araújo é o que vem ocorrendo com a igreja católica, e principalmente por ações permanentes do Movimento independente dos Romeiros Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo.

#### **5.1.1 Maria de Araújo e a igreja católica (entre 2018- 2021<sup>106</sup>)**

Após 2018 os eventos sobre a Beata foram persistentes e fortalecidos, logo no início do ano se comemora o aniversário de morte dela e com tudo que ocorreu foi preciso entender o caminho que a igreja católica estava percorrendo, ao lado da Universidade e dos movimentos sociais. Dessa forma em 17 de janeiro de 2019 ocorreu uma missa na igreja do Socorro em alusão ao aniversário de morte de Maria de Araújo, mesmo a igreja com muitos bancos vazios, e poucas pessoas para ocupá-los, a igreja comemorou essa data.

A homilia do padre falava em devoção, em ser piedoso e seguidor do Cristo, mas o destaque daquela ocasião se deu várias vezes pela fala do padre em chamar Maria de: “Beata Santa Maria de Araújo”, o destaque mostra um novo discurso, o de que ainda pode não ser Santa Beata, mas já é uma Beata Santa e isso traz um grau de importância nessa rememoração, ainda a passos curtos, mas diferentemente dos outros anos passados, agora

---

<sup>106</sup> Final da coleta de dados desta pesquisa.

existe passos, há mudanças, há um novo destaque para ela. Outro movimento da igreja católica ocorreu em 1º de março de 2019, com uma imagem que a própria Diocese do Crato disparou para redes sociais na Região, sobre o dia do milagre, com a Beata.

**Figura 17** - Dia do Milagre- 1º de março



Fonte: Imagem que circulou em redes sociais sobre o Dia do Milagre, pela primeira vez em 2019<sup>107</sup>

Essa imagem representa muito sobre os novos rumos da Beata dentro da própria igreja, como se pode analisar: primeiro só a tem no destaque com o dia; segundo o nome dela está Santa Maria Magdalena do Espírito Santo, portanto há uma visibilidade e rememoração também por parte da igreja católica sobre a Beata, pois assim como a fala de Leonardo Boff<sup>108</sup> em 2017 ecoou nos pesquisadores, movimentos sociais, ela também chegou à igreja e na cúpula dela, pois naquela ocasião havia vários padres ali presentes, pois Maria de Araújo foi nomeada de santa pela própria igreja subindo de nível, sendo de suma importância esse momento.

Vale salientar que o dia do milagre existe devido à Lei Municipal 4866 de 30 de maio de 2018 que diz: “Institui o dia 01 de março como o Dia do Milagre na Cidade de Juazeiro do Norte, como dia histórico que marca o dia em que ocorreu a transformação da Hóstia em sangue no momento em que o Padre Cícero ofereceu a comunhão a Beata Maria de Araújo”, portanto a igreja não podia ficar isenta do que estava e está ocorrendo ao seu redor em relação à Beata, visto que é preciso ter um posicionamento sobre o marco histórico da cidade, dessa forma a igreja é uma das instituições a se posicionar sobre Maria.

Alguns questionamentos devem ser levantados aqui em relação à igreja católica: primeiro porque em um intervalo de trinta e dois anos aconteceu essa mudança? Segundo

<sup>107</sup> Grupo de whatsapp de integrantes da igreja católica.

<sup>108</sup> A relação de Boff nesse momento com a igreja e os padres foi de suma importância, pois lembrando o que ocorreu no V Simpósio, a palestra dele se referia principalmente para a igreja local, segundo o pesquisador se o Papa Francisco observava com mais ênfase o Padre Cícero e queria o beatificar, esse processo teria repercussão também em uma futura beatificação da Beata Maria de Araújo, dessa forma, é possível interpretar que o discurso de Leonardo Boff era para que a igreja local desse a devida importância a Beata, tal como vem dando ao Padre Cícero, nessa perspectiva pode-se ver uma equiparação entre o Padre e a Beata.

porque essa mudança é exposta numa rede social, cujo alcance é maior do que em uma missa? A primeira indagação pode ser pensada em duas temáticas: a própria lei que força a igreja a também ter que fazer algo em relação ao dia do milagre, porque também é de seu interesse seguir esse discurso; e segundo pela própria reabertura da igreja com a reabilitação do Padre Cícero, com isso o caminho começou a ser aberto para discutir a questão do milagre.

Em relação a usar a rede social, a igreja assim como outras instituições também utilizam as redes para manter seus fiéis e divulgar seu novo discurso em relação ao milagre, criando assim a memória que quer passar, como já explicado, é melhor ter um discurso formado sobre o milagre do que outras pessoas fazendo esse discurso e se indignando frente à igreja.

## 5.2 EVENTOS PARA MARIA

Se 2018 houve grande movimentação pela visibilidade de Maria, e se a igreja agora corresponde a isso, tudo ocorre pela persistência que vem acontecendo com eventos (institucionais, de movimentos sociais e acadêmicos) para Maria. No ano de 2019 ainda ocorreu a II Mostra Poemas para Maria, da Secretaria de Cultura e Biblioteca Municipal de Juazeiro do Norte, esse evento não se repetiu no dia do aniversário de morte da Beata, mas ocorreu no dia 08 de março, dia que é comemorado o dia da Mulher, lembrando-se da força e coragem da Beata.

Um momento pontual que traz a imagem e a história da Beata Maria de Araújo a tona foi à reinauguração do Memorial Padre Cícero, na entrada do museu há uma foto da Beata com sua história ao lado, um marco importante para que o visitante que conheça o museu, mesmo ainda tendo uma a imagem da Beata (branca) em alguns quadros que retratam o milagre, porém vale ressaltar que esse quadro é uma doação do pintor Marcus Jussier<sup>109</sup> ao museu em 1998.

**Figura 18** - Quadro de Marcus Jussier doação ao Museu em 1998



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora no Memorial Padre Cícero em 2019.

<sup>109</sup> Pintor renascentista.

No entanto, a imagem dela em 2019 é bem diferente e isso é importante para trazer: a verdadeira origem de Maria de Araújo, a Beata do milagre, a Beata negra, da qual foi na boca dela que sangrou a hóstia, e o conteúdo da história dela ao lado da foto mostra que a Beata caiu no esquecimento não apenas por questão de raça ou gênero, mas pelo processo de romanização que ocorria na época do milagre, como pode ser visto abaixo:

**Figura 19** - Beata no Memorial Padre Cícero – 2019



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora no Memorial Padre Cícero em 2019.

Na primeira imagem temos um quadro antigo uma beata branca recebendo a hóstia, e na segunda a nova foto e história de Maria de Araújo, portanto é preciso ver que houve um avanço em mostrar a história da Beata, mas ao mesmo tempo há um retrocesso em ainda deixar permanecer a ilustração do milagre com uma mulher branca, muitas vezes os visitantes podem não fazer a relação entre as duas imagens.

Outra questão pontual que coloca a Beata Maria de Araújo no circuito das Romarias foi um panfleto turístico entregue no Horto em 2019, falando sobre a rota turística da cidade, com locais das romarias e datas, dentre elas a data do aniversário de morte da Beata entra no calendário das romarias, como a segunda data comemorativa do ano, isso mostra a percepção de rememorar a Beata pela igreja que adota o calendário, como também pela Prefeitura Municipal que também entra no “jogo” do calendário romeiro.

Se os cordéis de 2012 não enfatizavam tanto Maria de Araújo, no ano de 2019 um folheto foi encontrado só sobre Maria de Araújo<sup>110</sup>, com título “Onde está o corpo da Beata Maria de Araújo?” (Folheto de Raimundo de Araújo- parente da Beata<sup>111</sup>), das quais tinha perguntas que dificilmente encontra-se a resposta sobre a Beata:

<sup>110</sup> Em novembro de 2019, em pesquisa de campo nas romarias de Finados deste ano, foi encontrado um folheto falando sobre Maria de Araújo, não é em forma de poesia<sup>110</sup>, mas traz o histórico da Beata com informações importantes da sua vida, o que não existiu na coletânea de 2012.

<sup>111</sup> Organizou o folheto para ser distribuído, lembrando que Raimundo Araújo era primo da Beata e foi um importante memorialista sobre ela.

Em que dia, mês e ano Maria de Araújo foi batizada?  
 No dia 24 de agosto de 1862.  
 Onde?  
 No Crato, ou seja, na Matriz de Nossa Senhora da Penha.  
 Quem batizou?  
 Padre Manoel Joaquim Aires do Nascimento.  
 Em que dia, mês e ano Maria de Araújo morreu?  
 No dia 17 de janeiro de 1914.  
 Com quantos anos?  
 Com 52 anos.  
 De quê?  
 De câncer de estômago<sup>112</sup>.  
 Onde ela morreu?  
 Na Rua Padre Cícero, na casa de número 239.  
 Maria de Araújo foi contemplada com quê?  
 Com uma rua, com uma casa-abrigo, com um edifício, com uma Comenda, com uma Medalha, com à aposição de uma placa na Agência dos Correios e Telégrafos, com um busto e com uma praça que tem seu nome (p. 1, 2, 3).

Enfim, o folheto traz questões importantes como quem mandou retirar o corpo da Beata, afirmando ser Monsenhor José de Lima<sup>113</sup>, e ainda mostra importantes fatos como: quatro simpósios foi alvo, e quem são seus defensores e detratores, mostrando que apesar de Maria de Araújo ter sido pouco contemplada na coletânea de cordéis de 2012, passados sete anos a história da Beata passa por mudanças seja elas pelas instituições religiosas, movimentos sociais e grupo de pessoas que buscam retratar uma imagem da Beata. Dessa forma, o próximo ponto visa fazer uma espécie de arqueologia da imagem da Beata nos dias de hoje, para identificar qual memória se tem dela e qual imaginário foi criado depois de tantos anos após o milagre de Juazeiro do Norte.

### 5.3 ROMEIROS MEMORIALISTA DA BEATA MARIA DE ARAÚJO

Os Romeiros Memorialista da Beata Maria de Araújo se tornou um movimento independente com vários seguidores, os participantes são artistas, pesquisadores e pessoas dos movimentos sociais (alguns dos integrantes- Claudia Rejanne, André Andrade, Priscila Ribeiro<sup>114</sup>, Alana Morais, entre outros, pois a participação dos integrantes não é fixa, nas ações participam as pessoas que simpatizam com a Beata<sup>115</sup>), as reuniões ocorrem nas redes

---

<sup>112</sup> Informação do folheto, a causa morte da Beata até hoje não foi confirmada, como dito antes no seu assento de morte não existe a causa.

<sup>113</sup> Também não existe confirmação dessa informação, pois não houve investigação do vilipêndio.

<sup>114</sup> Faço parte do Movimento Romeiro dos memorialistas pela reabilitação da Beata, ingressei como pesquisadora dando contribuições acadêmicas e desenvolvo ações em prol da visibilidade de Maria de Araújo, considero essa tese minha contribuição por ter investigado todo o processo de invisibilidade- visibilidade sobre a Beata para que possamos observar a injustiça histórica que ela viveu, fazer parte do movimento aconteceu sem esperar, acabei ingressando por curiosidade do tema.

<sup>115</sup> Os grupos de whatapp são administrados por José André de Andrade- historiador.

sociais<sup>116</sup> e de forma presencial<sup>117</sup>, virtual passou a ocorrer com o início da pandemia do Covid-19.

Em de maio de 2019 houve uma atuação do grupo, primeiro com a preparação para o aniversário da Beata com reuniões no bairro João Cabral, e depois com a comemoração do aniversário da Beata, no dia 23 de maio na Praça do Memorial Padre Cícero, entre o Memorial e a Igreja do Socorro o grupo reuniu muitas pessoas, com mesas com comida<sup>118</sup>, o bolo com a imagem da Beata, com músicas, com reisado, com outra mesa com imagens da Beata para venda<sup>119</sup>. Sobre as imagens, elas começaram a aparecer após a imagem da Beata ter sido entronizada no Memorial Padre Cícero, no Seminário, no dia 22 de maio de 2018, ela foi à primeira imagem como busto, então as pessoas começaram a procurar, e veio à ideia de expor a imagem pelos Romeiros memorialistas no dia do aniversário dela para quem quisesse comprar.

**Figura 20** - Aniversário da Beata 2019



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Como observados nas fotos acima, a Beata no bolo, sua imagem com a Igreja do Socorro atrás e várias imagens dela para serem vendidas. As pessoas que foram assistir ao aniversário dela na praça: pesquisadores, ativistas dos movimentos sociais e artísticos dentre outras, fizeram homenagens para Maria de Araújo, cantaram músicas do reizados, visto que havia um grupo na praça cantando para ela, ou seja um momento popular com a imagem da Beata, pois até então tudo referente a ela estava fechado no Memorial, como: a Mostra de Poesias, ou a entronização do sagrado coração de Maria; ou nos auditórios falando dela,

<sup>116</sup> Há dois grupos de whatsapp, um grupo fechado no facebook, e as reuniões online ocorrem pelo Google meet.

<sup>117</sup> Quando ocorriam reuniões presenciais, uma aconteceu no bairro João Cabral e outra no Memorial Padre Cícero. Até janeiro de 2020

<sup>118</sup> Cada um levou uma comida e partilhou.

<sup>119</sup> Isso é importante para cada vez mais divulgar sua imagem, para lembrar a Beata.

como: no auditório do Memorial e o auditório da Universidade Regional do Cariri, mas assim na rua, com as pessoas passando era a primeira vez.

Outra atuação importante dos Romeiros Memorialistas se deu em 17 de janeiro de 2020, antes houve a preparação para esse momento<sup>120</sup>, uma construção do andor da Beata Maria de Araújo para ser feita uma procissão, a saída do evento ocorreu no seu busto na Praça<sup>121</sup> em frente à Basílica de Nossa Senhora das Dores, o traslado ocorreu do busto até seu túmulo simbólico no cemitério do Socorro. No dia do evento havia umas dez pessoas em torno do busto que seguiu para a Igreja do Socorro, do qual saíram cantando o bendito que tem o nome da Beata:

HINO DOS ROMEIROS (Transmitido por Dona Dorinha do Horto, segundo a mesma, composto e cantado pela mãe dela, Dona Maria dos Benditos).  
 Bendito e louvado seja a luz que mais alumeia.  
 Valei-me meu Padrinho Ciço e a Mãe de Deus das Candeias.  
 Maria de Araújo na mesa da comunhão.  
 Viu o sangue de Jesus derramado em suas mãos.  
 Aqueles panos sagrados de sangue ainda estão cheios.  
 Valei-me meu Padrinho Ciço e a Mãe de Deus das Candeias.  
 Aquele sangue inocente com perfume de flor.  
 É a flor da inocência que na hóstia se transformou.  
 Beata Santa Maria é a Virgem do Rosário.  
 Do meu Santo Padrinho Cícero é a chave do sacrário [...].

Esse bendito tão conhecido na Romaria de Candeias, não é cantado dessa forma com o nome dela e o evento do milagre, e o grupo trás a versão apresentada por Dona Dorinha do Horto<sup>122</sup>. O grupo depois da saída do busto entrou com o andor da Beata Maria de Araújo na Basílica de Nossa Senhora das Dores, a igreja lotada, pois é período de romarias de Candeias e ia ter uma missa, com o padre ainda fora da igreja e o andor entrando, algumas pessoas do grupo gritavam: “Viva a Beata Maria de Araújo”, e os devotos e romeiros repetiam “Viva!”, e continuou “Viva a Beata do Milagre” e as pessoas repetiam “Viva!”, esse foi um momento muito importante, visto que o andor ficou em frente ao altar da Basílica.

Em seguida, o grupo continuou com o andor da Beata pela Rua Padre Cícero onde muitas pessoas perguntavam quem era a santa, e o grupo repetia “É Maria de Araújo, a Beata do Milagre”, o cortejo continuou até a Igreja do Socorro, onde embaixo da imagem do Padre

<sup>120</sup> O grupo dos memorialistas se articulou para essa construção nas redes sociais.

<sup>121</sup> Essa Praça que carrega seu nome.

<sup>122</sup> Dona Dorinha do Horto é uma memorialista, figura importante para entender o contexto, ela é conterrânea da Beata, uma pessoa importante para a propagação da imagem de Maria de Araújo.

Cícero na Praça foi feita uma oração e alguns pedidos por justiça para encontrar seus restos mortais.

A Igreja do Socorro estava fechada, mas a porta do lado do cemitério onde se encontra o túmulo simbólico de Maria de Araújo havia acesso, e lá foi colocado o andor, o banner, e foi feito o terço da Beata, com velas e orações. Comemorando-se assim mais um dia em celebração da rememoração de Maria de Araújo na história de Juazeiro do Norte e que é possível ver que consegue mais adesão com o passar dos anos.

Em entrevista com Claudia Rejanne (em 11 de agosto de 2020) falou da importância das manifestações, das pessoas que buscam a Beata, como “Cavaleiros templários”, “uma busca como era ela, uma mulher que rezava, que era costureira, simples, pobre, e que se a Frente busca as mulheres do Cariri, com certeza também deve buscar Maria de Araújo, a protagonista da história do milagre”.

Segundo Claudia, os romeiros ainda não observam tanto Maria de Araújo, nem os juazeirense a Beata, “na verdade nem a gente observava” disse Claudia. Mas falou algo interessante: “é como se fosse uma ‘história no ar’ pairando sobre todos, e que cada recebe de uma forma e carrega dentro de sua visão de mundo” (Claudia Rejanne, em entrevista dia 11 de agosto de 2020).

Isso é importante para observarmos como as mulheres veem a Beata, as mulheres negras, as artistas, os artistas, os poetas e poetisas, enfim até a igreja. “Então a gente pode chegar ao povo como chegamos à procissão, passando dentro da igreja, andando nas ruas, convidando as pessoas a conhecê-la. Acendendo velas para ela, no seu túmulo simbólico” (Claudia Rejanne, em entrevista dia 11 de agosto de 2020). Ou seja, as ações dos romeiros memorialista pela reabilitação da Beata Maria de Araújo estão intensificando as ações para que isso que a professora abordou, aconteça, é bom lembrar que a professora é uma das idealizadoras dos romeiros memorialistas. No final de 2020 para 2021 muitos eventos ainda aconteceram, e boa parte deles foi “impulsionados” por ela.

#### 5.4 NOVOS TEMPOS: COMO AINDA REMEMORAR A BEATA NA PANDEMIA?

Após o aniversário de morte da Beata Maria de Araújo em 17 de janeiro, começou a pandemia do Covid-19, devido a isso, mudanças em todo cenário mundial ocorreram, dentre elas, o isolamento (distanciamento) social que teve início no Brasil a partir de março de 2020, seguindo-se o protocolo de distanciamento no qual todas as atividades que provocassem aglomeração entre as pessoas seriam proibidas. Nesse cenário, as comemorações em favor da

Beata, as quais já estavam previamente planejadas, tiveram um novo direcionamento, não só em relação a ela, visto que as romarias foram afetadas e a forma de fazê-las também modificou.

Alguns eventos até julho de 2020 foram observados, em 13 de maio foi publicado o Livreto da III Mostra de Poemas para Maria que foi lançado em forma de *e-book*<sup>123</sup>, com um recital on-line, onde após a pandemia será lançado o livreto físico, nesse contexto a Prefeitura trouxe o discurso de ser parte do Projeto Juazeiro Cidade Leitora, uma política pública para acesso à leitura da população, e dessa forma como mostrado nos livretos anteriores, Maria de Araújo continuou tendo ênfase nos poemas.

Outro evento *online* ocorreu em comemoração ao aniversário da Beata Maria de Araújo que já iria acontecer, o grupo dos Romeiros Memorialistas da Beata tomou a iniciativa de transmitir uma reunião com as pessoas que quisessem participar em sua comemoração, com um bolo e uma vela<sup>124</sup>. Na ocasião cerca de 30 pessoas participaram, dentre eles, ativistas de movimentos sociais, movimento artístico, pesquisadores, servidores públicos, que explanaram a importância da Beata na história da cidade, nos locais públicos com sua imagem. Valorizando a cultura da Região com a Beata, na ocasião também cantou os parabéns dela<sup>125</sup>.

O outro evento importante foi em 08 de junho de 2020, a igreja também no processo de readaptação de como fazer missas e romarias, realizou nessa data uma *live* que foi transmitida pelas redes sociais<sup>126</sup>. O nome do programa: “Na casa da Mãe das Dores” entrevista com o Padre Cícero José da Silva, reitor da Basílica Nossa Senhora das Dores, com o tema: “Pe. Cícero Romão e a Beata Maria de Araújo”.

**Figura 21** - Live da basílica com Padre Cícero Silva



Fonte: Banner postado no instagram da Basílica<sup>127</sup>

<sup>123</sup> Pelo perfil do instagram @culturajuazeiro.

<sup>124</sup> Cada participante em sua casa, a chamada para reunião ocorreu pelas redes sociais e foi realizado pela Plataforma do Google, o meet, para quem desejasse participar.

<sup>125</sup> No intuito da rememoração da Beata Maria de Araújo, um evento virtual que durou cerca de uma hora e meia, das 18hs às 19hs30min do dia 23 de maio de 2020.

<sup>126</sup> Instagram, Facebook e YouTube pela Basílica de Nossa Senhora das Dores: @maedasdorejuazeiro.

<sup>127</sup> Imagem pública, pois o instagram da Basílica é aberto.

Todo o episódio pode ainda ser assistido, pois se encontra público no *YouTube*, onde o Pe. Cícero abordou a ideia de devoção da Beata, que decidiu seguir a Cristo o tempo todo, abdicou de tudo na vida, é assim que deve seguir os romeiros. Contou como foi à história de vida dela, como se tornou Beata.

Quem foi a Beata Maria de Araújo? [...] é mostrado que mesmo antes dos fatos de Juazeiro, da hóstia de 1889, a Beata tinha até experiências de partilha com padres que vinha conversar com ela da sua experiência mística com Jesus crucificado, podemos lembrar Dom Quintino padre do Crato na época que vinha aqui conversar com ela. Então Maria de Araújo foi esta mulher forte, no seu tempo e teve um encontro pessoal com Cristo, mulher forte do seu tempo que poderíamos depois colocar mais que viveu uma experiência pessoal do encontro com Cristo. A relação dela com Pe Cícero era uma relação de paternidade, alguém que pôde ver no padre a experiência paterna e aquela fonte que lhe levava para Deus, alguém que temia, mas que ajudou o Pe Cícero viver e passar pelo caminho que ele passou. Padre Cícero e a Beata foram afastados um do outro: Pe Cícero reagiu com muita fidelidade, como assim padre? Em momento nenhum da história você vê o Pe Cícero e a Beata negando esses fatos, ao contrário, as consequências de sua fidelidade, e de uma forma pastoral da cumplicidade de assumir as consequências daquilo que tinha acontecido era tanta, que os dois mesmo sendo colocados em lugares diferentes continuaram fiéis aquilo que eles tinham vivido, porque não foi uma só vez, mas várias que desencalhou no processo que é conhecido na história. O que me faz ter mais admiração pelo Pe Cícero foi sua fidelidade [...]. Quem faz a vontade de Deus é perseguido, você vai abraçar uma cruz. A fidelidade dos dois, em momento nenhum saíram desse seio da igreja (Live com o Padre Cícero Silva, em 08 de junho de 2020, disponível no canal da Basílica da Mãe de Deus, no YouTube<sup>128</sup>).

O discurso do padre é direto, a Beata foi uma mulher forte e fiel à Cristo, isso é o necessário para trazer a imagem da Beata que a igreja católica quer passar, um discurso que “casa” com o processo social de hoje. Hoje é possível perceber que pode haver uma abertura para pensar sobre a Beata dentro da igreja:

Os protagonistas dessa cidade, Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo foram eles que a partir dos fatos ocorridos em 1889 começam a ser os principais personagens e aí vai se passando o tempo [...]. A carta de 2015, a reconciliação histórica por parte da igreja com o Pe Cícero Romão e nós sabemos que não dá para falar do Juazeiro sem falar do Pe Cícero e não dá para falar de Pe Cícero Romão sem lembrar de Maria de Araújo e tantos outros que contribuíram, ela se torna a personagem principal, a protagonista devido os fatos ocorridos. Você tem que vim a pesquisar em Juazeiro, venha fazer a pesquisa tire as sandálias da academia e entre no universo romeiro [...]. Não há nenhum processo de beatificação da Beata, mas não tem como futuramente a igreja não reconhecer e o bom é que isso está no coração do povo, passos estão sendo dados em relação ao Pe Cícero (Live com o Padre Cícero Silva, em 08 de junho de 2020, disponível no canal da Basílica da Mãe de Deus, no YouTube).

---

<sup>128</sup> Live realizada pelo YouTube no dia 08 de junho de 2020, às 10hs, com total de 178 visualizações, esse número é importante, pois dá acesso a muitas pessoas, em muitos lugares diferentes ouvindo da representação da igreja católica falar sobre a Beata. YouTube: [https://www.youtube.com/channel/UChxcSEF4FPV\\_91QxU56LVDg](https://www.youtube.com/channel/UChxcSEF4FPV_91QxU56LVDg).

Mesmo afirmando que não existe processo para a reabilitação dela, o representante da igreja reconhece que a Beata está nas pessoas que são devotas e obedientes a Jesus tanto quanto ela, e que ela foi protagonista da história tanto quanto o padre. Inclusive toca na questão do preconceito racial:

[...] Muitas coisas nós sabemos que fez parte, por ela ser mulher, realmente por ela ser negra, pobre, mas ela tinha a grande riqueza, o grande tesouro que era Deus, nós sabemos que isso pode ter contribuído Como a igreja vê hoje a Beata Maria de Araújo? Eu já percebo como uma grande abertura, aqui mesmo, nós e eles vão lembrar que nas celebrações nós fazemos referências, que todas as datas são lembradas, aqui mesmo dentro da Basílica no museu do memorial Monsenhor Murilo temos uma estátua que tem a imagem para lembrar a presença da história, podemos ainda não ter a proposição, assim da estrutura romana, mas já está presente muito reconhecimento, se faz necessário até depois, para o Papa teria dificuldade enquanto igreja das histórias de tantos homens e mulheres que tantas vezes não foram compreendidos, mas eu vejo que esses sim fizeram o caminho do evangelho, foram eles sim que seguiram com fidelidade o caminho que Jesus nos ensinou, insisto nisso porque se não vamos ficar querendo entender o hoje, sem entender a história que eles viveram no passado. O que podemos aprender da relação do Pe Cícero e Beata Maria de Araújo: primeiro uma fidelidade, uma amizade que nasce a partir de Deus, ele foi um muro Cícero foi isso, tanto para Maria quanto para tantos outros é importante que a partir dessa conversa você aprofunde a presença desses homens e mulheres aqui em Juazeiro do Norte [...]. O que Juazeiro, o que os protagonistas fizeram para hoje sermos o que somos hoje [...]. Padre Gabriel até fala no carro de Juazeiro, **Maria de Araújo é o motor** e o Pe Cícero é o motorista, e nessa vida podemos dizer que tudo passa menos o cobrador e o motorista, o cobrador é Deus e o motorista somos nós que somos responsáveis por dar continuidade a essa missão (Live com o Padre Cícero Silva, em 08 de junho de 2020, disponível no canal da Basílica da Mãe de Deus, no YouTube, grifo nosso).

O discurso do Padre é tão importante, pois mostra exatamente o reconhecimento da igreja à Beata, a questão de responder sobre a visibilidade, ou seja, trazendo a tona essa lembrança, a questão de dizer que ela foi protagonista, o motor! O motor é a engrenagem que faz tudo se movimentar, se existe o carro chamado Juazeiro do Norte, este dos romeiros é porque esse carro tem o motor, a peça fundamental da história que é a Beata, se Padre Cícero conduziu e conduz a história por anos, isso só se dá pelo motor.

E o que a igreja ganha com isso? Ganha em ter o discurso, assim como outras instituições, produz o seu discurso e mostra as pessoas que está interessada, pois se Maria de Araújo começa a ser manifestada, que seja divulgada pelo o que ela era, uma mulher devota a Jesus e que hoje, com o discurso do padre foi vista na época como uma mulher incompreendida, assim como a própria igreja se apoderou do discurso de usar o Padre Cícero como santo do povo, começa a observar a proporção que a Beata Maria de Araújo vem ganhando.

Isso é histórico, importante, e que alcançou muitos ouvintes. A ideia da fidelidade da Beata, a presença da sua memória e os momentos que fazem essa abertura é crucial para entender esse novo movimento, portanto essa entrevista com o Padre que representa a igreja fecha e consolida a categoria de lembrar, pois como foi observado, ela começa a ter essa visibilidade, essa “re-memória”, e que o futuro mostrará consequências desses trabalhos de todas as frentes: acadêmica (da pesquisa científica), dos movimentos artísticos, populares, movimentos sociais, do poder público e da igreja católica. No entanto, como dito acima, a igreja não reconheceu o Padre Cícero, foram às pessoas que fizeram isso, e só depois a igreja local começou a dar voz sobre o Padre dentro das comemorações religiosas, e após a reabilitação do Padre com a igreja Romana em 2015 é que o discurso da igreja de Roma se torna oficializado.

Após essa reabilitação é que a igreja local começa a trazer a visibilidade da Beata para o povo, com comemorações e missas com o nome dela, o que se observa aqui é um movimento da igreja sobre a Beata, inverso do que aconteceu com Padre Cícero, pois com Maria de Araújo a igreja local cria um discurso e memória sobre a Beata para chegar ao povo, isso se dá porque ela foi apagada (invisibilizada) pela própria igreja, e o Padre Cícero não, foi da memória do povo que chegou a igreja local.

Consequentemente, hoje a igreja precisa reconhecer o que fez à Beata, visto que, se agora existe uma abertura ao seu lugar de direito que é o protagonismo em Juazeiro, é preciso esclarecer que foi injustiça, o Padre Cícero Alves mesmo nessa live já falou que eles não foram compreendidos pela igreja, e isso já é um início. Outra questão importante dessa live foi ao tocante a questão racial que o padre expõe sobre a Beata.

É perceptível a tentativa institucional da lembrança dela, nas datas comemorativas (aniversário de morte, dia do milagre e aniversário dela), mas também é preciso dar uma explicação sobre seus restos mortais, visto que seu corpo foi vilipendiado dentro da igreja. Portanto, mesmo com algumas ações institucionalizadas surgindo, muito ainda precisa ser feito pela igreja católica para a visibilidade e lembrança da Beata.

Uma questão que precisa ser abordada aqui é a questão da potência dos discursos em torno da Beata, o discurso da igreja vai a uma direção, se mantendo nas suas convicções e produzindo o seu capital político, colocando Maria de Araújo como fiel que abdicou de sua vida por amor a Cristo, que sofreu, que foi incompreendida, mas esse é o discurso que a igreja quer manter.

Diferentemente do capital político dos movimentos sociais, que dão outra visão da Beata, como mulher sofrida pela sua posição social, de gênero e de raça, dessa forma não

necessita de autorização da instituição religiosa para manter viva sua memória, o que precisa estar vivo nos movimentos é sua condição social, sua história de injustiça e isso serem passado para as pessoas, portanto são agenciamentos diferentes sobre a Beata, e ressignificações que a coloca como agente multifacetada.

## 5.6 MARIA DE ARAÚJO E A QUESTÃO ANTIRRACISTA<sup>129</sup>

O Pós-escravidão, período de maior movimento antirracista no Brasil, inicia-se na década de 70. Sobre esse momento histórico, faz-se necessário pontuar que:

A partir dos anos 70 do século XX, o movimento social negro se apresenta com bases mais politizadas de reivindicações, num movimento de amplitude nacional, revitalizando a discussão sobre negritude e identidade negra no Brasil. Esse novo modelo de organização já mereceria atenção dos estudos acadêmicos desenvolvidos desde anos 50 do século XX com a chamada missão da UNESCO, que veio ao Brasil para estudar as relações raciais, sob a coordenação de Roger Bastide e Florestan Fernandes (SILVA, 2018, p. 8).

Sociologicamente a discussão do negro no Brasil, nasce com a sociologia brasileira dando ênfase a essa construção da formação brasileira, inicia com Gilberto Freyre (2003), pois o negro para o autor é importante para a economia brasileira, mesmo tendo sua cultura degradada por ser escravo no Brasil, para Freyre a questão da miscigenação veio como momento de harmonização social, com a ideia da “democracia racial”, questão essa, que nunca existiu, nunca houve uma miscigenação boa, a escravidão invalidava tudo isso, ou seja, a cena da Sociologia brasileira da década de 30 não condizia com a realidade brasileira.

A partir década de 40 entram em questão as teorias sociológicas de Florestan Fernandes que possui um olhar diferenciado sobre essa questão. No livro “A integração do negro na sociedade de classes” (1978), Florestan mostra o processo de adaptação do trabalho livre para os negros mostrando uma contínua exploração, agora de classe, onde os imigrantes europeus ocuparam trabalhos que os negros poderiam ocupar, trazendo uma marginalização da população negra.

Se para Gilberto Freyre aconteceu uma formação brasileira pautada na “democracia racial”, para Florestan Fernandes não aconteceu dessa forma, o que para Freyre (2003)

---

<sup>129</sup> Essa sessão foi inserida aqui, devido as ações sobre a Beata pelos movimentos negros terem sido observados principalmente no período pandêmico, com a live do Artefatos da cultura negra.

ocorreu um processo dentro da escravidão, para Florestan (1978) com o período pós-abolição<sup>130</sup>, destaca que foi uma miséria muito grande para os recém-libertos.

O autor começa a traçar a questão da vida do negro, com exploração do trabalho, com baixas expectativas de vida, o espaço e lugar do negro que foi ocupado por imigrantes nos ambientes de trabalho, na formação de um embranquecimento social, e isso construiu uma marginalização muito forte, um desamparo total.

A Constituição de 1891 celebra igualdade jurídica a todos os brasileiros. No entanto, não dá as condições para que a democracia se realize de forma ampla. Dessa forma, a igualdade jurídica não significará muita coisa para o meio negro que continuará sofrendo a desigualdade real e cruel [...]. Sendo assim, é impensável a idéia de um povo brasileiro único, uma “democracia racial” como pensou alguns autores naquele momento histórico (início a meados do século XX). Os negros nunca fora totalmente excluídos da sociedade de classes, nunca houve um conflito aberto, mas o fato é que também nunca foram tratados como iguais. A liberdade que receberam com a Abolição foi incompleta, não passou do plano jurídico (FERNANDES, 1978, p. 4 e 8).

Não houve uma mudança de cultura, pelo contrário foi nesta seara, que se reafirmou uma inferioridade sobre os negros no Brasil, o que fez surgir vários movimentos sociais no intuito de reivindicar sobre os direitos dos brasileiros negros, que foram escravos, e que após abolição não deixaram de ser explorados e subjugados.

Um marco importante pela luta antirracista foi no meio do século XX com a Marcha do Zumbi dos Palmares que fez esse debate público sobre a questão da igualdade racial. Na década de 70, portanto, inicia construções sociais com modelos de organizações, por esse movimento antirracista, que começa a ter uma visibilidade maior nas questões acadêmicas, na religiosidade.

É nessa seara que os movimentos começam a crescer, principalmente o movimento de mulheres negras juntamente com o movimento feminista, e devido essas reivindicações eventos importantes passam a acontecer: em 1996 aconteceu o Seminário Internacional de Multiculturalismo racial pelo Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos no governo de Fernando Henrique Cardoso, debatendo sobre esses trabalhos, sobre as condições do negro na sociedade brasileira. Em 2003 foi promulgada a Lei 639 da Lei de Diretrizes de Base (LDB) no governo de Luís Inácio Lula da Silva, com o conteúdo nas escolas da História da África e da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, e tudo isso é repercussão das ações do movimento negro, como afirma Silva (2018).

---

<sup>130</sup> Na observação da vida dos negros e mulatos em São Paulo, e na formação do capitalismo no Brasil, até então formado pelo escravismo.

No Nordeste é possível pensar o período pós-abolição que a Beata Maria de Araújo estava inserida, Agapto (2020) inclusive reforça essa questão da negligência dos autores em não referenciar o momento que tudo aconteceu em Juazeiro do Norte com a Beata, demarcando assim o local de uma mulher negra.

A autora observa a construção do sertão do Ceará, com a figura do sertanejo que é uma junção de escravos libertos e assim forma o futuro das romarias a Juazeiro do Norte<sup>131</sup>, portanto o Cariri é negro e de resistência à escravidão (fazendo surgir uma miscigenação da sociedade caririense), visto que esse mesmo local, como afirmou a autora foi um dos últimos a abolir a escravidão no Ceará.

Nesse contexto existia uma estrutura que sustentava a população: a Diocese que participava do processo “civilizatório” do Brasil, como visto por Florestan Fernandes (1978), a igreja assim tinha a ideia de higienização e embranquecimento do Ceará, então vinham padres europeus que fortaleciam a igreja Romana no Ceará construído tudo por uma disputa, essa dicotomia que pode ser vista na ideia de supremacia: Crato (onde para eles era o local que havia cultura, pessoas “civilizada”) x Juazeiro (visto por eles, como local da escória com pobre, bêbados e prostitutas).

[...] pessoas doentes mentais que eram consideradas doentes pela cor da pele, fanáticos, miseráveis, criminosos tudo isso vinha como um processo “higienizador” por parte do processo civilizatório colonizador que se formava entre Juazeiro x Crato (elitista). O milagre havia iniciado aquilo pela Beata negra e se propagava com o Padre, por isso ela ser um espelho das pessoas que eram como ela, ela era retrato dos pobres, negro em liberdade (FERNANDES, 1978, p. 161).

Portanto, os escravos libertos que vieram a Juazeiro se tornaram sertanejos ligados ao catolicismo popular, e isso é reflexo do que é a Beata Maria de Araújo, filha de um ex-escravo liberto, do qual viviam no sertão do Ceará e unidos ao catolicismo popular formado pela fé do povo, pelas raízes da atuação dos leigos. Ela representava a dicotomia que a igreja não queria, e não se aceitava. Agapto (2020, p. 35) mostra a importância de se entender o processo de sincretismo do catolicismo no Cariri que tem uma particularidade própria, uma religiosidade africana.

A rememoração simbólica do reino africano católico afirmava uma “africanidade”, ou seja, uma conexão com a África construída a partir do Brasil e da experiência aqui vivida, que indicava uma particularidade da comunidade negra, uma identidade própria que a distinguia mesmo quando adotava o catolicismo e outras tradições de origem portuguesa como a organização em irmandades leigas.

<sup>131</sup> Aonde vem pessoas de várias localidades para fincar espaço e se tornar parte desse todo.

Um catolicismo próprio foi criado em Juazeiro do Norte, com uma imbricação do milagre da Beata negra do povo. Portanto, a composição dos habitantes de Juazeiro do Norte se forma pela junção de escravos libertos imbricados em um catolicismo popular formado pela junção do catolicismo português e africano, com forte posição dos leigos, segundo Agapto (2020) essa composição se constrói.

Aqui se observa a força da mulher negra, e o medo<sup>132</sup> pela posição de poder que ela tinha, é dessa forma que se construiu sua invisibilidade, sendo propagado esse silêncio nos romeiros e nos juazeirenses (os sertanejos), porém o povo resistiu ao tempo e continuou na cidade, ou peregrinando para a ela, foram resistência em sobreviver.

O que até 2019 se materializava num fluxo estimado num fluxo estimado de 500 mil pessoas em cada uma das três principais romarias, não aconteceu de forma pacífica. As romarias a Juazeiro são um vivo ato de insubordinação e resistência. A resistência do romeiro impressiona, mas não ocorre de forma linear, vai respondendo a demandas, pressões. Responde de forma criativa, inventiva e até inesperada (AGAPTO, 2020, p. 185).

No entanto, assim como os romeiros resistiram ao longo do tempo, passando a tradição de geração em geração em estar na cidade, à resistência da história de vida da Beata vem sendo observada, e a colocando em condição de visibilidade, essa situação já inicia com a academia e o movimento artístico, como citado no capítulo anterior, mas a visibilidade da questão antirracista começa com os movimentos sociais, principalmente com o GRUNEC que se fortalece no Cariri nos anos 2000 e passa a lutar pelas questões raciais, em 2020 mobiliza a imagem da mulher negra da Beata e a coloca no seu discurso, e se espalha como bandeira de luta rememorar e visibilizar Maria de Araújo<sup>133</sup>.

Nesse contexto, em julho de 2020 ocorreu o evento intitulado “Julho das Pretas” proposto por alguns movimentos sociais, dentre eles a Frente de Mulheres e o GRUNEC, que trouxeram como temática a Beata Maria de Araújo como personagem importante, que foi apagada da história e memória, aqui é possível perceber o início da ênfase em Maria de Araújo pelos movimentos negros da Região, o que fica evidente é a busca pela mulher negra fundadora da cidade, tonificando o discurso do movimento negro em buscar a Beata, no sentido que, se ela foi invisibilizada da história isso também se deu pela sua cor.

---

<sup>132</sup> Medo esse exposto no segundo capítulo, medo do que ela poderia representar.

<sup>133</sup> Que será mais detalhado abaixo.

Em 24 de setembro de 2020, às 16hs, disponível no *YouTube*<sup>134</sup> no canal Artefatos da Cultura Negra, na sua décima primeira edição ocorreu a mesa redonda: “Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo: pode uma mulher negra ser santa?”. Um importante momento de conexão entre o movimento negro e a Beata Maria de Araújo, com mediação de Verônica Isidório (da Frente de Mulheres do Cariri) e a participação de Valéria Carvalho (GRUNEC), Rafael Moraes - ator do Coletivo Passarinhos que criou o espetáculo “Maria de Araújo milagre na terra de Juazeiro do Norte”, e José André de Andrade- historiador que participa do Movimento Romeiro pela reabilitação da história da Beata. Esse evento até agora 2021 foi o movimento mais enfático do GRUNEC em relação à Maria de Araújo, como afirmou Verônica Isidório na abertura:

Demarcar espaço da memória de mulheres apagadas. Quais elementos essas mulheres viram santas, marcadas por violência, e violência de gênero e vão se tornando santas, santas populares. Com a Beata a história tentou apagar, e o nosso papel hoje e há algum tempo é reaver essa história dessa mulher, mulher de muita força, muita luta, muita fé [...]. Onde a gente sabe que o milagre foi da Beata.

Essa ênfase sobre a violência de gênero e a invisibilidade de mulheres negras santas é muito importante. A mediadora ainda na *live* destacou a importância do GRUNEC como o primeiro grupo de valorização negra do Ceará, e fez um agradecimento especial a Claudia Rejane que ajudou a movimentar tal mesa, lembrando que a professora faz parte do Movimento Romeiro pela reabilitação da Beata Maria de Araújo.

A mesa iniciou com a fala de Valéria Carvalho “Peço ao Sagrado coração de Jesus e ao Sagrado coração de Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo que facilite a minha fala, antes de contar às memórias que eu tenho sobre Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo”, Valéria então trouxe um marco do movimento antirracista no Cariri juntando com a Beata, a nota do GRUNEC<sup>135</sup>:

Boa tarde a todos e todas,  
Nesta oportunidade falar sobre a santidade de uma mulher negra nos remonta a fatos de ontem e hoje para demonstrar que o processo de silenciamento é violento, perene e concretizado pelas autoridades contra as minorias políticas no âmbito do Cariri cearense, no próximo dia 22 de outubro será completado 90 anos da destruição do túmulo da Beata Maria de Araújo a mando do vigário da igreja do Socorro o Monsenhor José Alves de Lima, o crime permanece impune perante as autoridades civis e eclesiásticas apesar dos protestos e registros de contrariedade de muitos inclusive do Padre Cícero, o martírio vivido pela Beata não encerrou em sua morte, não bastava tripudiá-la, difamá-la, prendê-la ou matá-la, a imanescência de suas

<sup>134</sup> Evento aberto ao público, com duração de 1h e 18min e 307 visualizações. YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=9ZU936kXoRk&t=1204s&ab\\_channel=ArtefatosdaCulturaNegra](https://www.youtube.com/watch?v=9ZU936kXoRk&t=1204s&ab_channel=ArtefatosdaCulturaNegra).

<sup>135</sup> Na íntegra.

virtudes de santa transcendeu a sua própria morte e atrai admiradores e devotos na nossa Região em busca de alívio espiritual ao visitar seu túmulo. Poderia uma mulher negra e pobre ser santa católica? Não, não! Ação pela qual destruiu qualquer indício e rastro da sua trajetória santa, sua intimidade mística com um deus cristão e seu exemplo virtuoso se fez necessário para apagá-la da face da Terra, vilipendiando seus restos mortais, fazendo-os desaparecer, a mulher mais importante de Juazeiro do Norte nas palavras do memorialista Daniel Walker, a mulher mais importante do Cariri nas minhas palavras e quiçá do Ceará não tem túmulo. O conforto espiritual e metafísico proporcionado pela plebe, figura tantas vezes injustiçada era um ausente aos grãos da elite regional, era não, é, e continua sendo uma ausente, violências contínuas a ser adotadas diariamente e parcimoniosamente para que jamais o exemplo de Maria de Araújo alcançou e volte a se repetir em nossa Região, silenciar, apagar e negar a existência do protagonismo negro e a tônica das autoridades locais inclusive dos reitores das Universidades públicas dessa Região do Cariri trago essa assistência como resultado dos Artefatos da Cultura Negra, do ano de 2019 foi elaborada uma robusta carta aberta para todos os reitores das IES públicas do Cariri, um documento escrito por várias mãos devidamente revisado, assinado e protocolado com uma vasta e significativa rede de entidades que performam o protagonismo negro enfrentando o racismo das estruturas dessa Região. A referida carta aponta medidas concretas, realistas e factíveis para que as instituições colaborem na superação do racismo, contudo o documento foi ignorado e engavetado pelos reitores da UFCA, IFCE Juazeiro e da URCA não houve qualquer resposta e todos os pedidos de audiência com os reitores foi ignorados, minhas companheiras e meus companheiros, minhas amigas e meus amigos pontuo esse fato para demonstrar que o enfrentamento das estruturas racistas que dão forma às instituições da nossa sociedade não bastará a violência técnica, científica, cultural artística como o Artefato da Cultura Negra, em mesmo mística, espiritual e metafísica como Maria de Araújo, tudo isso o povo negro as detém e não somos ouvidos, se as circunstâncias não está, novas práticas devem surgir no nosso meio, disputaremos o poder em todos os espaços, todos os cargos de poder nos interessa, queremos agora reitores negros e comprometidos com a causa antirracistas, saindo de nossas linhas e propõe que declaremos hoje que Maria Magdalena do Espírito Santo, a nossa Maria de Araújo é a nossa protetora, a ser **devidamente canonizada por nós e denominada mártir antirracista do Brasil**, dia 22 de outubro de 2020 será o dia da nossa padroeira para que nunca seja esquecida e devidamente glorificada. O Grupo de Valorização Negra do Cariri (Carta aberta do GRUNEC, em 24 de setembro de 2020, grifo nosso).

A Carta aberta do GRUNEC além de trazer a Beata pela primeira vez como ancestral negra, a mostra como Mártir antirracista do Cariri e mais, a mostra como canonizada pela população, ou seja, não precisa de aprovação da igreja ou de qualquer outra instituição para existir, se existir para as pessoas já basta, ela já é santa, esse é um ponto de visibilidade forte, importante que começa a se desenvolver na Região. No discurso de Valéria pede:

Nos ajude a resgatar a memória de Maria de Araújo, minha avó vinda do quilombo do Piauí Saco dos Cansação nos pau-de-arara, minha bisavó mãezinha junto com minha avó a gente conheceu e estudava demais história de Maria de Araújo, dos milagres de Maria de Araújo, não vou aqui falar do Padre Cícero, vou falar de Maria de Araújo é santa, é santa porque assim o povo, o povo assim testemunha, já foi testemunhado pela minha bisavó senhora Ursulina, pela minha avó Zefinha e hoje pela minha família quando em 03 de janeiro de todo ano nós fazemos a nossa renovação e na nossa mesa de santo tá lá o busto da Beata Maria de Araújo (Valéria Carvalho na live do Artefatos da Cultura Negra, em 24 de setembro de 2020).

A manifestação de Valéria pelo resgate da memória da Beata é forte porque chama as pessoas de movimentos sociais, mas também chama as pessoas católicas, afirmando as condições de Maria de Araújo como santa, visto que o seu busto já se encontra na renovação da sua casa, então o deslocamento entre movimento social- religiosidade é importante, só se fala em Maria de Araújo ser um Mártir antirracista por um movimento social, só se dá por ter sido uma mulher religiosa. A *live* continuou com a fala de Rafael Moraes, explicando que a Beata foi uma líder política e trouxe a questão do termo empoderamento para ela.

Empoderamento dela seria a afirmação religiosa dela, não negou em nenhum momento, grande mulher uma grande missionária, se destacava mais que as outras pela sua relação íntima com Deus, ela tinha uma fala uma retórica muito bem no sentido da fala, porque ela tinha essa intimidade de falar com Jesus, tentou trazer esse empoderamento no trabalho, trazendo a infância, e depois o relacionamento com Cristo (Rafael Moraes, live do Artefatos da Cultura Negra, em 24 de setembro de 2020).

Rafael no seu discurso abre para a questão do empoderamento, até onde podemos usar uma palavra dos dias de hoje, de uma construção de anos, se remetendo a um comportamento de uma mulher no século XIX? Maria de Araújo tomou o poder à medida que lhe foi possível, é preciso, no entanto, destacar as mudanças de posicionamentos das mulheres de hoje que é bem diferente do que ela enfrentou no século XIX.

André Andrade trouxe pontos históricos sobre a memória da Beata, desde o centenário de Juazeiro do Norte que vem pensando sobre esses fatos históricos e tentando dar esse lugar de merecimento na história dela. Mostrou que no século XIX a devoção católica negra era separada da devoção católica branca, em que a igreja oficial foi conivente com a escravidão brasileira. Informou que para trazer essa memória é preciso procurar o Ministério Público para ajuizar uma ação civil pública em busca do túmulo da Beata, e dos seus restos mortais. A *live* continuou, e Valéria afirmou que estamos vivendo a pandemia do racismo, e isso aqui é o que dá concretude a pandemia do racismo, não saber da Beata. Expondo a seguinte questão:

Meu lugar de fala é de movimento, do movimento negro, que nós queremos o nome da Beata restaurado [...]. Ela precisa parecer como a mulher, a santa do milagre, a protagonista. O GRUNEC na sua carta denúncia. Cabe a nós debelar essa pandemia que está nos aniquilando há 500 anos. Nós devemos a tantas Santa Beata Maria Magdalena do Espírito de Araújo devemos restaurar o nome dessa mulher na história, ela precisa aparecer como a Santa do milagre, a protagonista, nós devemos demorar, o Grunec na sua carta denuncia, mas a gente anuncia [...]. Maria de Araújo é a nossa santa protetora a ser devidamente canonizada por nós e nominada mártim antirracista do Brasil. Não dá mais! (Valéria Carvalho, live pelo YouTube, em 24 de setembro).

As *lives* se tornaram locais de discussões importantes como foi a *live* dos Artefatos da Cultura Negra, pois a partir dela, das visualizações a visibilidade da Beata veio junto, a procura pelo seu corpo, a indignação das pessoas pelo silêncio que lhe foi imposto, pôde ser visto nas perguntas, abaixo:

Pergunta 1) Existe alguém da igreja que tenha interesse em oficializar a história da Beata? Ou é uma luta exclusivamente popular?

Rafael Morais: eu achei que com o Papa Francisco por ser um líder progressista vinha mais à tona, tanto é que a gente tá fazendo esse movimento popular, mas a igreja não tem interesse em trazer essa história porque ela é racista, ela é misógina, foi ela quem matou a Beata, nesse sentido, foi ela quem excluiu, ela não quer carregar essa culpa, eu penso. Mas faço das minhas as palavras de Valéria a gente tá aqui no movimento para fazer com que a Santa Beata Maria de Araújo seja reconhecida, como essa santa popular (Live dos Artefatos da Cultura Negra, YouTube, 24 de setembro de 2020).

Como se pode ver a comoção que se coloca é a emoção popular, do qual isso já tem resistência no Cariri cearense com os romeiros, que nunca deixaram de estar em Juazeiro do Norte, desta forma, a visibilidade vai sendo propagada para as pessoas que assistiam<sup>136</sup>. Portanto, o passo e os discursos feitos nos Artefatos sobre Maria de Araújo foram importantes para desbravar a questão antirracista no Cariri. Como movimento social, as falas de Valéria Carvalho e Verônica Isidório contribuíram para construir a Beata como ancestral, sendo assim, o discurso de Verônica relembra essa condição:

A gente tem marcado pelos movimentos de mulheres, pelo movimento com muitos ganhos, claro que muitos sofridos, e a luta pela visibilidade e a memória pela existência da memória da Beata não será diferente, e estamos prontos e prontas para esse embate e vamos conseguir sim, porque ela é a nossa santa a Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo e estamos a disposição ou virtualmente ou presencialmente para conversar sobre isso, **é tempo de denúncia** como já foi dito, é tempo de semear para colher na frente nosso frutos, frutos bons (Verônica Isidório, live dos Artefatos da Cultura Negra, YouTube, 24 de setembro de 2020, grifo nosso).

Se é tempo de denúncia é tempo também para que sejam feitos os devidos esclarecimentos, tudo que vem em relação à Maria de Araújo pode ser ouvido e sentido de forma diferente pelos ouvintes (a maioria acadêmicos e de movimentos sociais), mas a questão da inquietação de não ter seus restos mortais é unânime.

Era muito forte no século XIX o preconceito racial, devido a pouco tempo da abolição, e é muito forte hoje pelos movimentos sociais negros discutir sobre a questão antirracista,

---

<sup>136</sup> Muitas pessoas que assistiam a live são acadêmicas ou de movimentos sociais.

2020 foi um ano de inquietação, quantos atos do movimento #vidasnegrasimportam<sup>137</sup> aconteceram? Quantos negros morreram, no Brasil e no mundo, quantas negras como Marielle Franco que denunciou o sistema morreram.

Na própria Região do Cariri desde 2018 a força da mulher negra na política com a candidatura expressiva para deputada federal da Professora Zuleide Queiroz, tendo como consequência a mesma força na eleição para prefeitura do Crato em 2020, como também, a candidatura para vereadora do Coletivo Sementes, composto por mulheres negras, que inclusive duas estavam na mesa dos Artefatos da Cultura Negra 2020, sobre Maria de Araújo: Valéria Carvalho e Verônica Isidório, mostrando que a Beata vem ganhando força no movimento negro, e sobretudo no movimento negro feminista, em que a coloca em outra posição, a da protagonista, isso pôde ser visto com a fala de Valéria Carvalho: “nós declaramos a Santa Beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo como nossa santa, não é a igreja é o movimento, é o GRUNEC, são as mulheres que compõe a força motriz, o poder, a luta, a questão popular que passaram a visibilizar a Beata, como mártir do Juazeiro, do Cariri e do Ceará”.

A partir da construção de todo um universo de reflexões, tornou-se possível que Maria de Araújo passasse a ser visibilizada nos movimentos sociais, e ser vista no seu lugar racial é um passo importante para as reflexões antirracistas, desta forma, caso o milagre fosse hoje ela também não seria discriminada? É isso, o processo de decolonização<sup>138</sup> não aconteceu ainda, é por isso tanta discriminação e morte, porque ele um processo que iniciou no final da escravidão e ainda perdura.

## 5.7 NOVOS OLHARES ACADÊMICOS SOBRE MARIA DE ARAÚJO

O ano de 2020 foi de fato marcado pelas *lives* e atividades remotas, desta forma a academia também fez um movimento de visibilidade para Maria de Araújo em 14 de outubro de 2020, no canal da Universidade Regional do Cariri-URCA pelo *YouTube*, organizado pelo IPESC a mesa: “Diálogos sobre a história e cultura do Cariri: Beata Maria de Araújo: entre o milagre, o esquecimento e o ressurgimento<sup>139</sup>”.

<sup>137</sup>Movimento em todo mundo devido às mortes de negros por policiais, causando revolta na população. A dinâmica iniciou nos EUA com destacando o genocídio de negros por policiais, e em 2020 o estopim foi à morte de George Floyd em 25 de maio, mobilizando a população a pensar sobre a morte de negros e subindo a hashtag #Black Lives Matter . Em 21 de abril de 2021 o ex-agente Derek Chauvin foi condenado.

<sup>138</sup> Ainda há o padrão e preconceito da colonialidade no Brasil.

<sup>139</sup> YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=Fd7nIeCVQWg&ab\\_channel=CanalURCA](https://www.youtube.com/watch?v=Fd7nIeCVQWg&ab_channel=CanalURCA). No total de 585 visualizações. Duração: 2 horas.

Com a mediação de Cícera Nunes e a participação das Professoras Maria do Carmo Pagan Forti e Ercília Braga, um momento importante, pois traz a autora que enfatizou a história da Beata na década de 90 e a última autora que trabalhou sua vida em 2018, contemplando um ciclo para o início de novos trabalhos acadêmicos sobre Maria de Araújo.

A mediadora Cícera Nunes abriu o evento observando que o tema sobre a Beata vem sendo estudado e discutido e ganhando força em Juazeiro, sendo reivindicado pelo movimento negro e movimento feminista. Maria do Carmo, por sua vez relatou a história do milagre e do esquecimento da Beata.

Conhecemos a Beata pelas cartas revelado por Ralph Della Cava e Dom Fernando (pelos arquivos da Diocese do Crato), algumas descrições dela nas cartas e inquéritos [...]. Método utilizado para apagá-la da história: a desqualificação por ser mulher, corajosa, pois as falas dela- inteligente e perspicaz, mas ela não foi só desclassificada porque era negra, pobre e analfabeta, porque mesmo que ela fosse uma mulher rica, branca, letrada e de olhos azuis, loira e bonita provavelmente não teria o fim que teve, não sei se não teria porque era nos confins do Ceará (Maria do Carmo Pagan Forti, live dos Diálogos sobre a história e cultura do Cariri, YouTube, 14 de outubro de 2020).

Ou seja, além da questão de gênero e raça Maria do Carmo enfatiza o quesito lugar, que mostra os resquícios de colonização e eurocentrismo em volta da Beata Maria de Araújo. A professora Ercília Braga mostrou como estudou a Beata, através da transição intergeracional, os jovens queriam conhecer a Beata, observando os movimentos pelos restos mortais da Beata em 2016<sup>140</sup>.

A professora enfatizou que não há dicotomia entre ela e padre Cícero, mas um conjunto, que se complementava, onde Maria estava envolvida em um eterno machismo da sociedade, o fato de ela ser mulher é a primeira questão, uma mulher que se atreveu a ser instrumento de Deus na santificação de Juazeiro, não cai bem na igreja. Ser nordestina tem um peso grande.

Lembrou-se ainda que na primeira carta pastoral existia a discriminação do negro. Ou seja, a forte ligação da Beata e a questão antirracista é importante tanto no tempo do século XIX, como força e resistência em ser quem ela era, como hoje pelos seus descendentes em ter a força e resistência de visibilizá-la. A professora Maria do Carmo contemplou a ideia de invisibilidade da Beata:

---

<sup>140</sup> Lembrou-se de um diálogo com Dona Rosinha: “meu padim pedia para que as pessoas não repetissem”. Hoje é possível observar que o tempo chegou.

Negra e mulher é legal essa lembrança nordestina, porque é bom lembrar que Dom (Joaquim) José Vieira era paulista, era muito aristocrata, tinha coragem de recusar a visita de Dom Pedro II, sulista infelizmente tem muito preconceito, o problema do nordestino não sei, se chegou lá na Santa Sé, lá chega muito o problema da mulher ser negra, morar nos confins do Brasil, acho que tem uma série de conjunções. Acho que o machismo, a Annette fala sempre, a atitude de Dom Joaquim mudou radicalmente com a Beata e isso é verdade, a gente vê isso (verdade **ele sempre tratou Pe Cicero bem, mas quando foi pra Beata o negócio desandou**) nas cartas a gente vê isso claramente, ele mudou radicalmente com a Beata com Pe Cicero quando eles desobedeceram a ele. Ele havia mandado que a Beata ficasse reclusa no Crato e a mãe dela pediu, o Pe Cicero pediu, portanto desobedeceu uma ordem dele, se atreveu a desobedecer uma ordem dele, ai acabou, uma mulher fazer isso acabou. Vocês sabem que Dom Joaquim recusou o primeiro inquérito, esse relatório é extemporâneo e têm depoimentos de mulheres, então assim, esse problema é um problema muito sério [...]. Além do trio: Beata, Padre e o romeiro (teimosia deles). O que acontecia com o Padre Cícero acontecia com a Beata e o que acontecia com a Beata respingava no Padre Cícero e conseqüentemente respingava nos romeiros, não dá pra separar essas coisas (live dos Diálogos sobre a história e cultura do Cariri, YouTube, 14 de outubro de 2020, grifo nosso).

Sendo assim, é possível observar que essa conjunção que Maria do Carmo fala: mulher-negra-nordestina foi o que excluiu Maria de Araújo, a junção de tudo a fez ser invisibilizada pela igreja, o que “desandou” na história foi o fato de ter uma protagonista. Outro discurso importante foi quando a professora Ercília Braga se lembrou da fala dos romeiros, quando fez sua pesquisa: “existe muitas dificuldades dessa aceitação dos próprios romeiros, como falas: ‘Meu deus ela é negra’, diante da imagem. Outra: ‘mas quando ela chegou no céu, ela clareou’” (Ercília Braga, *live* dos Diálogos sobre a história e cultura do Cariri, *YouTube*, 14 de outubro de 2020). Aqui é observado o não reconhecimento que o próprio sertanejo-romeiro é negro e índio, e que tem como antepassada a Beata Maria de Araújo, e que ela é protagonista. Ercília ainda cerificou como se pode ter a visibilidade da Beata:

Penso que o caminho seja por ai: na animação dos romeiros, já se dá viva para Maria de Araújo. Na reunião das três que é animada pela irmã Annette, ninguém dizia viva Maria de Araújo não, agora na última reunião que eu fui já se falou viva a Beata Maria de Araújo. Dona Rosinha falou em duas alegrias: a foto do Pe Cicero entrou na Basílica (quando saiu a carta do Papa) e quando o Pe Cícero José disse no final da missa de domingo viva a Beata Maria de Araújo, então são essas estratégias mesmo, é muito bom que não seja oficial, que seja por baixo mesmo, que seja resistência é assim que eu penso (Ercília Braga, *live* dos Diálogos sobre a história e cultura do Cariri, YouTube, 14 de outubro de 2020).

O caminho da visibilidade é esse, falar o nome dela, de ver suas imagens, repetir o: “viva para a Santa Beata Maria de Araújo” pelo povo, as pessoas que precisam conhecer quem foi ela em Juazeiro do Norte. Os comentários também foram importantes, como o de

Claudia Rejanne: “A Igreja considerava os negros como ‘raça infecta’. Essa era a expressão usada na época”. Lembrando aqui a forte questão racial que se mantinha sobre Maria de Araújo. Maria do Carmo, por fim afirmou que quando começou a pesquisar a Beata, as pessoas diziam:

Você não pode falar dessa mulher, o que a igreja falou na época, o que a igreja falou está falado. A irmã do Padre Azarias dizia: ‘eu não acredito no milagre, porque a igreja não mandou acreditar no milagre’. As pessoas se negavam a falar da Beata, no início da década de 80, isso também é uma forma de apagar a Beata. É possível ver que o povo começa a falar, a partir da fala da igreja, ou seja quando ela vai aparecendo nas questões institucionais: Horto, vitral na igreja do Socorro. Primeira vez que a Beata entrou na igreja com a coroação de Nossa Senhora com Padre Murilo [...]. Na Encíclica do Vaticano II o Papa Francisco usa: ‘nós da igreja às vezes vamos à frente do povo para conduzir, as vezes vamos ao lado para dar força ao povo, e às vezes a gente olha e deve olhar para onde esse povo tá indo para gente ir atrás dele porque o povo também é canal de comunicação de Deus para nós’ (live dos Diálogos sobre a história e cultura do Cariri, YouTube, 14 de outubro de 2020).

Esse momento acadêmico de expansão através das mais de quinhentas visualizações coloca Maria de Araújo no tempo de ser comentada<sup>141</sup>, então toda a construção que vem acontecendo desde a década de 80 por todos os pesquisadores, movimentos, dentre eles o: artístico, os movimentos feministas e negros do Cariri cearense chegam aqui em um tempo de ruptura, o tempo da visibilidade, que a partir de agora começa a colocar o nome da Beata Maria de Araújo em pauta em vários setores da sociedade: órgãos públicos, privados, dentro da própria igreja, colhendo persistência de todos esses discursos e frentes.

## 5.8 “O TEMPO DO SILÊNCIO ACABOU”- NOVAS E ÚLTIMAS MOVIMENTAÇÕES ATÉ 2021

O tempo do silêncio acabou! As *lives*, os encontros virtuais, a intensidade dos atos fez o Movimento independente dos Romeiros Memorialista pela reabilitação da Beata Maria de Araújo realizar mais trabalhos no sentido de visibilizar Maria de Araújo. Em outubro de 2020 ocorreu um ato<sup>142</sup> com alguns representantes do movimento, realizando o primeiro ato na frente da igreja do Socorro em Juazeiro do Norte, local que os restos mortais da Beata foram

<sup>141</sup> Teve que demorar mais de cento e vinte oito anos desde que foi declarado seu silêncio e invisibilidade, com o II Inquérito.

<sup>142</sup> Houve uma flexibilização nos eventos, pois em outubro havia diminuído os casos de Covid 19 no Ceará e o ato era no espaço aberto, na Praça da igreja do Socorro, e com apenas 10 pessoas, com distanciamento, máscara e equipamentos de limpeza.

roubados, esse ato relembra pela primeira vez após 90 anos o dia que vilipendiaram seu corpo.

**Figura 22** - Ato cultural pela memória de Maria de Araújo



Fonte: redes sociais com divulgações sobre o ato.

Nessa ocasião foi feito um altar simbólico na frente da igreja, com o terço em memória à Beata e após foi cantado o hino “Onde está à santa Beata Maria de Araújo?” pelos romeiros memorialistas, ao final o artista Carlos Gomide começou a vender, a preço simbólico, a imagem em foto da Beata<sup>143</sup>. O evento acabou em chuva de final de outubro.

**Figura 23** - Aquisição da imagem da Beata Maria de Araújo



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Pouco tempo depois, em 02 de novembro de 2020, dia de finados, no bloco de ações dos romeiros memorialistas foi realizado outro ato em frente à igreja do Socorro, pela busca dos seus restos mortais.

**Figura 24** - Ato pelos restos mortais da Beata



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

<sup>143</sup> Também foi a primeira vez que estava ocorrendo esse acontecimento.

Esse ato foi importante, porque mesmo com a pandemia do Covid-19 algumas pessoas visitavam os túmulos dos seus entes queridos, e passavam em frente à igreja, como parada obrigatória. Dessa forma, os transeuntes viam a imagem da faixa colocada, nessa data também foi momento de vendas das fotos da Beata.

Em 17 de novembro do referido ano, um dos integrantes do Movimento Romeiro pela reabilitação da Beata, o José André de Andrade deu entrada a uma manifestação feita pela ouvidoria do Ministério Público do Ceará sobre, representação contra a Diocese do Crato do fato de violação do túmulo da Beata Maria de Araújo, no intuito de respostas, o feito surtiu efeito e em 22 de dezembro do mesmo ano, com o recebimento do Ministério Público. Esse foi um momento importante, pois foi à primeira vez depois de anos que se procurou a justiça por respostas, dessa forma, o processo surge como uma campanha pela memória histórica e patrimonial do município de Juazeiro do Norte.

Em comemoração as ações pela visibilidade da Beata em 17 de janeiro de 2021 foram realizadas ações sobre o aniversário de morte dela, completando naquele dia 107 anos, o Movimento Romeiro mesmo com poucos participantes se fez presente nas missas que foram realizadas, rezou o tradicional terço às 18 horas, no túmulo simbólico da Beata. A nova gestão da Secretaria da Cultura publicou vídeos nas redes sociais da Prefeitura de Juazeiro do Norte e realizou uma *live* com a professora Maria do Carmo e o historiador José André de Andrade pelas redes sociais da Secretaria de Cultura.

Em 27 de janeiro de 2021 aconteceu a reunião do Movimento pela Reabilitação da Memória da Beata Maria de Araújo com a administração municipal de Juazeiro do Norte, às 15 horas nas instalações do Memorial Padre Cícero, a reunião foi composta por: José André de Andrade historiador e participante do Movimento pela reabilitação da Beata desde 2017; Homero Araújo, advogado, descendente da Beata Maria de Araújo (filho do Sr. Raimundo Araújo); Roberto Viana historiador e Diretor de Patrimônio Cultural de Juazeiro e o Padre Luís, secretário executivo da Cultura estavam presentes como representantes da administração; Dom Antônio Santana Neto, Bispo Provincial da Região da Diocese Anglicana do Brasil; Jéssica e Alana Morais da Frente de Mulheres; Geraldo Oliveira, da Casa da Essência do Crato, poeta da região; Claudia Rejanne, professora da URCA, membro da Frente de Mulheres e do Movimento pela reabilitação da memória; Carlos Gomide e Luiza Gomide do grupo artístico Carroça dos Mamulengos; Priscila Ribeiro professora universitária e doutoranda em Ciências das Religiões com tema sobre a Beata e participante do Movimento pela reabilitação da Beata; o advogado e escritor Romero Dodou, da comissão de Turismo e Romaria da OAB; Vavá Lemos, presidente da OAB de Juazeiro do Norte; Heitor Feitosa,

representante da comissão de História e Patrimônio da OAB Crato. Verônica Isidório, professora, representante da Frente de Mulheres do Cariri; e cobertura da reunião do site miséria.

**Figura 25-** Reunião do Movimento pela Reabilitação da Memória da Beata Maria de Araújo



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Algumas questões importantes da ata da Reunião do Movimento pela Reabilitação da Memória da Beata Maria de Araújo mostram essa visibilidade<sup>144</sup>. Dom Antonio: “a igreja Anglicana está trilhando o caminho para a canonização da Beata, que ela já se encontra nos altares desta igreja e que este tema é de interesse de toda a população caririense”. Outras vertentes religiosas observam a Beata Maria de Araújo e ela vem ganhando espaço. Claudia Rejanne explicou sobre o Movimento:

Este movimento é independente e alternativo de homens e mulheres de boa vontade e que não se confunde com instâncias governamentais. A Frente de Mulheres do Cariri levantou a bandeira “Onde está Maria de Araújo?” e o GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) decretou a Beata Maria de Araújo como mártir do povo negro. Essa é uma questão de história, de memória, de Direitos Humanos, visto que foi um crime grave o vilipêndio do túmulo. É importante a representatividade da reunião com a presença de várias entidades do movimento social e sociedade civil, dentre as quais a Frente de Mulheres e a OAB.

Expondo assim que todos os interessados podem participar do Movimento pela memória e reabilitação de Maria de Araújo. Outro momento forte da reunião ficou na voz de Carlos Gomide: “O que podemos fazer por nós mesmos”. Na sequência Heitor Feitosa abordou a satisfação em estar presente nesse momento histórico, visto que a Beata representa os negros, hoje, por exemplo, com a voz do GRUNEC, o sincretismo religioso e representa também as mulheres. Falou que houve a violação da sepultura e que vale a pena trazer à tona, e que a OAB Crato está disposição do movimento.

<sup>144</sup> Ata completa em anexo. A ata foi redigida pela pesquisadora, como participante do evento.

Verônica Isidório disse que, como mulher, como mulher negra e pobre na Região do Cariri, sentia-se representada pela Beata e que “muito se tem dito de nós sem nós. Vamos acompanhar toda essa história, ela não vai ser contada sem a nossa participação [...] Nada de nós sem nós. Não queremos ver mais escritos como esse [...]”. Disse ainda: “reconstruir essa história para nós é reconstruir essa estética negra. O preço que se paga por carregar melanina na pele nesse estado/país misógino, racista e lgtbfóbico é muito alto. Não queremos mais pagar esse preço. Por isso, essa história não será contada sem nós”. Dom Antônio disse que iria instituir todo dia 17 a missa da Beata Maria de Araújo e que a missa seria itinerante, nos bairros, entrando no calendário litúrgico da igreja anglicana.

André informou das seguintes propostas que estava em discussão com a vereadora Jaqueline Gouveia: 1º. Que a imagem da Beata esteja junto às do Padre Cícero nas instituições; 2º. Que o hino de Juazeiro faça referência à Beata; 3º. Projeto de lei para salvaguarda da memória das Beatas e Beatos que tiveram seu papel na história de Juazeiro.

Claudia Rejanne enfatizou a necessidade da aprovação da Lei de Salvaguarda pela Câmara dos Vereadores, que coloque não só os restos mortais como a memória da Beata como patrimônio cultural, histórico, material e imaterial, visto que, com a lei, qualquer entidade da sociedade civil que tenha esses objetivos em seus estatutos, possa acionar a Justiça.

Na Educação, a prefeitura colocar cartilhas, inserir a temática na formação dos professores, dentre outras ações. Que a estrutura do Seminário seja assumida pela prefeitura, ficando assim os pesquisadores com a parte da pesquisa e divulgação. Que as publicações decorrentes dos seminários poderiam ser feitas em parceria com as universidades: URCA e UFCA. Na Cultura, que fosse instituído espetáculo teatral, com os grupos de Teatro da cidade. A professora propôs também o Memorial Maria de Araújo e disse que a ideia era ter uma imagem dela do tamanho da do Padre Cícero, mas se o Memorial Padre Cícero destinasse uma sala para acomodar os artefatos já produzidos sobre ela seria um passo.

A professora Verônica Isidório propôs que fossem lançados editais para estimular a produção de artefatos culturais sobre a Beata, como forma também de estímulo e apoio aos artistas locais. Dom Antônio disse que o mais interessante seria ter o Memorial da Beata Maria de Araújo, visto que há espaços públicos ociosos na cidade que poderiam acomodar o projeto, que não poderíamos mais pensar nela como coadjuvante, mas como personagem principal da história.

André se lembrou da ideia de Renato Dantas sobre a possibilidade de escavação do túmulo para busca dos restos mortais e Verônica Isidório propôs uma reunião com Dom

Gilberto para tratar da questão. Dom Antônio disse que quer uma imagem dela para deixar na igreja Anglicana. Foi proposto que essa imagem deveria ser a mais próxima possível do real, da única foto dela que se conhece: como uma mulher negra para evitar o fato de já existirem imagens dela como se fosse branca.

Dessa forma, a reunião levantou questões importantes de ações sobre a visibilidade dela e da memória, da qual fosse retratada como ela era, e não como se imaginaria ser a Beata, outra ideia proposta foi à escavação do seu túmulo, e assim pode-se começar a cultivar seus restos mortais, não tendo apenas um túmulo simbólico. A reunião além de levar visibilidade tocou em uma questão dessa memória: como chegar às pessoas? Pela educação, nas escolas e nos livros de história; na cultura tendo um Memorial para ela, um lugar tão importante quanto o Memorial Padre Cícero, dessa forma uma lembrança começou a ser pensada e colocada em prática pelos participantes da reunião.

Por toda questão até aqui tratada sobre a visibilidade da Beata Maria de Araújo, sem dúvidas esse foi o ápice pela visibilidade da Beata, onde a reunião de fato mostrou discursos, frentes, instituições diferentes falando a mesma linguagem: a visibilidade de Maria de Araújo. Os eventos para Maria continuaram acontecendo com reuniões virtuais, com *live* de comemoração pelo dia do milagre em 01 de março de 2021, pelas redes sociais da prefeitura de Juazeiro do Norte participaram as professoras Claudia Rejanne e Priscila Ribeiro enfatizando o protagonismo da Beata.

Para finalizar os eventos para Maria até maio de 2021, o momento escolhido foi à sanção da Lei nº 5142, de 20 de abril de 2021, onde deve ter a foto da Beata Maria de Araújo ao lado da foto do Padre Cícero, no qual a partir de agora a Beata vai estar ao lado do Padre em todas as repartições da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte.

Figura 26 - Diário oficial com a Lei N° 5142- Foto da Beata ao lado do Padre



Fonte: Diário oficial de Juazeiro do Norte (2021).

Um marco pela visibilidade e memória da Beata Maria de Araújo, um momento de vitória do Movimento Romeiro que conseguiu dialogar com a vereadora Jaqueline Gouveia que levantou a questão na Câmara dos vereadores de Juazeiro, fazendo com que o prefeito Gledson Bezerra sancionasse tal lei.

## 5.9 O QUE MARIA DE ARAÚJO REPRESENTA

Quando a igreja católica construiu uma imagem através de um discurso que a Beata Maria de Araújo era um tabu, por causa do medo do que ela representava naquele momento histórico para a Região, foi construída a ideia de uma mulher que representava o perigo, portanto, se hoje a pergunta retornasse: quem era Maria de Araújo? A afirmação viria mais uma vez: não sei quem ela foi, não sei quem ela é, o que de fato sei é o que ela representa, ela entra nos discursos de hoje e ela representa várias frentes, vários discursos, Maria de Araújo é multifacetada.

Da mesma forma que ela é um tabu para a igreja, ela condensa as vivências dos medos em nós, é o medo de ser mulher em uma sociedade que ainda perdura o machismo, é um medo de ser negra, onde perdura o racismo, é um medo de expor sua arte, de se expor como ela se expôs, ela focaliza os tabus, os medos e as verdades, sendo assim se o que une é o medo, é também o que afasta, porque foi através dele que a imagem dela foi introduzida e repassada, uma imagem gerada na memória e nas gerações.

Sendo assim, a busca por mostrar sua imagem seja ela em que discurso for, forma uma ressignificação do que Maria de Araújo pode representar, ela representa a visibilidade do medo, dos tabus e as construções sociais dos marginalizados. Portanto, o movimento de visibilidade se firma a partir das questões trazidas nesse último capítulo, do qual é preciso observar duas teorias importantes que compõem essa visibilidade: a questão do discurso (tal qual o capítulo anterior) e os estudos do imaginário, trazendo uma nova configuração da imagem de Maria de Araújo.

É a ordem da repetição do discurso de: mulher negra, pobre, ancestral, juazeirense que vem sendo reproduzido, e reafirmado pelos discursos apresentados nesses dois últimos capítulos, produzindo uma história “viva” da qual foi silenciada, um discurso ligado através da regularidade, acaso, descontinuidade, dependência, transformação (FOUCAULT, 2008). Visibilizar a Beata é deixá-la viva no imaginário local, para que depois se expanda, não importa qual discurso apresentado, essa é a história viva.

Se hoje, em 2021, pode-se falar em uma história viva da Beata Maria de Araújo, como dito no terceiro capítulo essa história não poderia ser tocada, como foi documentado pelas Cartas Pastorais de Dom Joaquim em 1893, visto que a partir daquele momento nos estudos do imaginário a Beata foi colocada no regime noturno da imagem (DURAND, 2007).

Foi invisibilizada, pois representava o mal, dessa forma, assim como hoje é possível observar através dos discursos a questão do: desejo, poder, enunciado e discurso, antes isso também foi realizado por Dom Joaquim e Padre Alexandrino, o desejo de acabar com a história do milagre, o poder que a igreja teve, como um poder universal, o enunciado que se construiu através das Cartas Pastorais e o discurso propagado era que Maria de Araújo era doente, e que precisava de cuidados, porém não na Casa de Caridade, de tal forma que a silenciou da história e a invisibilizou da memória social e religiosa das pessoas.

Nessa vertente, os novos discursos movimentam o local da Beata Maria de Araújo do imaginário social e religioso, deslocando-a do regime da imagem noturno, a questão agora é: ela passou para o regime diurno? Até hoje não, o deslocamento dela é um processo. Dessa forma, Strôngoli (2009) através de uma carta a Gilbert Durand, observa um novo tipo de regime dentro dos estudos do imaginário, a ideia de regime crepuscular:

[...] Narrativas de morte e renascimento, caos e regeneração, androginia e ligação dos contrários são exemplares desse movimento cíclico, polêmico e de eterno retorno que caracterizam algumas das imagens noturnas. Diferentemente do esquema de confundir e misturar, que aparece na atitude mais radical do RN, neste caso há um esquema de reunir e ligar em que as partes não se confundem nem se misturam, mas sim se juntam mantendo suas identidades. Esse esquema foi nomeado Regime crepuscular (STRÔNGOLI, 2009, p. 27).

É importante observar essa ideia da autora, visto que, mostra a realidade dos discursos e que por consequência leva a uma nova imaginação sobre a Beata, para ela existe a ideia de regime crepuscular matutino e vespertino, e Maria de Araújo encontra-se nos dois, não há mais uma mulher no regime noturno, pois todos os discursos de hoje mostram a Beata ao lado do Padre, inclusive isso será visualizado agora com a imagem dela ao lado dele em todas as repartições da Prefeitura de Juazeiro, os discursos acadêmicos também retratam a mesma questão, não há Padre sem Beata; e a própria igreja que define a questão do motor- Beata; o carro- Juazeiro e o motorista- Padre.

Tem-se assim um novo discurso e uma nova imagem, no entanto ela ainda não é vista como uma heroína como Padre Cícero pela população e romeiros, ela já pode através dos

novos discursos reunir, ligar, misturar novas identidades, na construção da consolidação do que é a Beata Maria de Araújo.

Na modalidade sintética do Regime Crepuscular, percebe-se a busca da harmonização das duas modalidades acima através da criação de sistemas, de síntese e de formulações conceptuais. Seu princípio é o da causalidade e seus processos, sincrônicos ou diacrônicos, desenvolvem a dialética do tempo e do espaço e promovem deslocamentos de pontos de vista, proporcionando progressões temáticas ou argumentativas. As estruturas narrativas privilegiam a expressão dramática, na qual se alternam momentos de distensão e tranquilidade com momentos de tensão e confronto, por meio de procedimentos enunciativos que valorizam a historização com descrições vivas (próximas do regime noturno), mas seguidas de síntese (à semelhança das estruturas do regime diurno) (STRÔNGOLI, 2009, p. 28).

Diante disso, a dialética do tempo como diz o texto acima, demonstra uma nova localização dos discursos, uma nova narrativa que harmoniza os dois regimes, diurno e noturno, revelando contemporaneamente descrições vivas que foram arrancadas da Beata, e a síntese com os novos discursos.

Aqui se conjuga tudo que foi levantado desde a década de 80 em Juazeiro do Norte, colocados no capítulo 4 desta tese, sendo assim a visibilidade continua e continuará cada vez mais intensificada através dos discursos e de uma nova imaginação sobre Maria de Araújo, principalmente pelo Movimento Romeiro pela reabilitação da Beata, no entanto, agora com forte visibilidade visual, depois do decreto da Lei nº 5142, para que todos os romeiros e juazeirenses possam ver quem é a protagonista, ancestral e juazeirense promotora do evento do milagre da hóstia de Juazeiro do Norte: Maria de Araújo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado no desenvolvimento deste estudo, algumas questões precisam ser observadas, como o Problema da Pesquisa: o que ocorreu com a Beata Maria de Araújo ao longo da história social e religiosa de Juazeiro do Norte, entre o movimento de invisibilidade e visibilidade de sua imagem?

Por meio do percurso metodológico traçado, torna-se possível afirmar que tal problema foi efetivamente respondido. O que houve com a Beata foi uma visibilidade da sua imagem entre 1889 até 1891, com o fim do I Inquérito, logo depois a questão da invisibilidade foi construída, com as ações de Dom Joaquim e as Cartas Pastorais, além do que se criou um desprezo em relação a ela. Na tentativa de acabarem as romarias, era preciso destruir um motivo essencial dela: a visita ao túmulo da Beata.

Essa invisibilidade foi vista no primeiro capítulo, quando se observou em pesquisa de campo nas romarias de Juazeiro a falta de conhecimento das pessoas em relação à Maria de Araújo; no entanto, a visibilidade começou a ter um novo caminho a partir dos discursos e das ações das instituições sociais e movimentos sociais do Cariri, sendo assim, foi possível observar os dois processos da imagem da Beata.

Outra questão a ser pontuada está relacionada aos objetivos do estudo, estes foram atingidos? Vale frisar que objetivo geral foi analisar o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo na história social e religiosa de Juazeiro do Norte. Tal finalidade foi atingida, conforme ratificado na resposta do problema da pesquisa. Em seu turno, a pesquisa teve como objetivos específicos: estudar as romarias de Juazeiro e os cordéis, no intuito de observar qual a imagem que as pessoas têm sobre Maria de Araújo; retratar a cena da transubstanciação da hóstia no século XIX e a repercussão disso na vida da Beata; compreender o processo de invisibilidade de Maria de Araújo a mando do Bispo Dom Joaquim e desta forma como ela entrou no regime noturno da imagem, sendo silenciada da história da cidade; examinar a origem dos discursos a favor da Beata, iniciando um processo de visibilidade, de inclusão da sua imagem à memória (rememória) da cidade; documentar a intensidade da visibilidade sobre Maria de Araújo nos dias de hoje também foram atingidos ao longo da tese. O caminho metodológico foi seguido e reestruturado a partir da pandemia do Covid-19, com desafios e visualizações, fazendo-se possível chegar a presente seção das considerações finais.

Nessa tangente, esse trabalho se configura em importante pesquisa para as Ciências das Religiões, pois perpassa pela ideia construída dentro da nossa formação que é

multidisciplinar, intradisciplinar e transdisciplinar, visto que congrega autores e teorias de outras orientações, tendo, por exemplo, as áreas de Ciências sociais - Sociologia com as construções sociais que aconteceram e que ainda acontecem em Juazeiro do Norte, observando inclusive os movimentos sociais e na origem ancestral da Beata Maria de Araújo e a formação do sertanejo do Cariri cearense, considerando a Antropologia.

No que concerne a História, os processos de memória e rememória social e religiosa foram enfatizados; observando na Teologia o caminho percorrido, centralizando-se na Teologia Feministas, com teólogas que observam a imagem da mulher na religião; por último, o encontro das Ciências das Religiões com a análise do discurso que vem da Linguística.

Sob esse prisma, produziram-se através da questão intra, multi e transdisciplinar três conceitos principais que percorreram essa tese, quais sejam: memória (com a memória social e religiosa que aconteceu a partir do milagre, pela Beata Maria de Araújo) e rememória nos dias de hoje, sobre ela, da qual foi invisibilizada; os discursos que se construíram pela sua invisibilidade e visibilidade; chegando a uma questão das Ciências das Religiões com o estudo da imagem e do imaginário sobre ela, que perpassam a tese nos capítulos três e cinco.

Com base na pesquisa documental, bibliográfica e de campo, foi possível observar algumas “ondas” da questão principal interligada a construção de uma invisibilidade-exclusão da Beata, o seu silenciamento, seu ocultamento, a deixaram invisível da memória social e religiosa das pessoas através do medo que sua figura representava. Ademais, o processo de visibilidade se congrega em duas questões: a visibilidade da inclusão (reconhecer a existência dela) e a visibilidade da ascensão (além de inclusão, o aparecimento constante-quase heroico dela), tudo isso compõe essa tese, um processo de invisibilidade-visibilidade de Maria de Araújo.

Em síntese, os capítulos buscaram relevar isso: o capítulo um é o momento de mostrar a cena, a visibilidade pelos fatos históricos/religiosos que aconteceram com a Beata e repercussão disso pelas pessoas, e pelos jornais da época, as pessoas observavam a Beata como santa; esse mesmo capítulo também abordou o poder da igreja, a instauração do primeiro inquérito e o processo de romanização.

O capítulo dois apresenta a construção da invisibilidade da Beata, pois com os discursos e o poder que a igreja tinha ela modificou e fomentou uma nova memória religiosa e social da história, quando se observar isso, contata-se que ocorreu, pois a igreja passava pelo processo de romanização, ela era eurocêntrica, o milagre no Nordeste do Brasil, o “fim do mundo” para eles, o medo das beatas por fazer parte de uma sociedade machista, então a invisibilidade foi construída ao longo do tempo, por um discurso, com o desprezo a ela, com a

imposição das Cartas Pastorais, que dizia não poder falar do milagre e dela, depois um silenciamento com a vida enclausurada na Casa de Caridade, isso foi o processo de exclusão social e religiosa. Isto acarretou em consequências em outros momentos, com a invisibilidade do seu atestado de óbito, sem comprovar a causa-morte, e depois o vilipêndio do seu corpo no túmulo sendo uma incógnita até os dias de hoje, mostrando uma total invisibilidade de Maria de Araújo. Desse modo, os estudos do imaginário a coloca através da imagem que foi construída no regime noturno, assim, ela passa a ter um local de sombra, do mal, visto que o Padre Cícero apesar de ter sido silenciado pela igreja conseguiu ficar no imaginário social no regime diurno, do bem, do salvador.

Com o passar do tempo, adentrando ao ano de 2021, 91 anos após o roubo do seu corpo, começa-se a perceber no capítulo três a ideia de memória com grupos que buscam resgatar sua visibilidade, através dos seus discursos, dos locais de fala. Com isso, foi possível observar: o discurso acadêmico com eventos, pesquisas que iniciaram na década de 80; com o movimento artístico: “O Bando” e “O Berro” com o centenário de Juazeiro e a ideia dos 100 diferentes retratando a Beata nos lambes “Procura-se”, procurando a mulher invisível, porque não há centenário sem a protagonista da história, inclusive os artistas tem um papel muito forte que é restaurar a imagem original da Beata; e depois em 2018 o Grupo Carroça dos Mamulengos produz a manifestação pelo Sagrado Coração de Maria, escrevendo um manifesto e fazendo passeatas nas ruas da cidade.

Outros discursos foram construídos pelos movimentos sociais do Cariri, com a Frente de Mulheres que trabalha com as questões de violência doméstica e o desaparecimento de mulheres, nessa vertente, entra a ideia da Beata; e o GRUNEC com a questão racial. Vale lembrar que os discursos ganham mais força, por ser um ano político, e que tem muitos eventos em relação à Maria de Araújo, como a I Mostra de Poesias realizadas pela Prefeitura de Juazeiro do Norte, ou seja, institucionalizada; e o I Seminário que foi a junção acadêmica com os movimentos sociais, dessa forma o processo de visibilidade está acontecendo, a história é agora, uma visibilidade da inclusão através dos discursos, só que isso é um processo.

Finalmente, o último capítulo trouxe em seu bojo a intensidade dessa visibilidade, com muitos discursos de inclusão, mas agora discursos de ascensão da Beata, de visualizar de mostrar a imagem com mais força, é a partir de então em 2019 que se constrói o Movimento independente dos Romeiros Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo com a ascensão dela, porque ela já estava inclusa dentro do movimento e a partir de então começa

uma produção da imagem dela, de comemorações, do seu bolo, do seu aniversário, do hino que fala sobre a Beata.

Mesmo em 2020 – com a pandemia do Covid-19 – não cessou a ideia de visibilidade da Beata, pelo contrário, as *lives* deixaram Maria de Araújo aparecer, ser visualizada, como foi com a visibilidade da inclusão da igreja; é perceptível uma ascensão antirracista com a imagem da Beata quando se observa Maria de Araújo como sertaneja, nesse momento também se observou a interseção do GRUNEC quando em *live* mostra a Carta aberta com a Beata como mártir antirracista do Brasil. Os discursos de inclusão são perceptíveis em *lives*, ações, processos. Por último, em abril de 2021 a Lei nº 5142 traz a imagem da Beata ficará ao lado da imagem do Padre Cícero em todas as repartições públicas de Juazeiro do Norte.

Destarte, com tantos discursos diferentes, mas trazendo a visibilidade a ela, a Beata sai do regime noturno da imagem, do mal, do silêncio; e passa a estar no regime crepúsculo, e por que não no regime diurno? Porque para alguns ainda se vê o discurso da inclusão, ainda está sendo inclusa em determinadas instituições, aparecendo; para outros já há uma ascensão da imagem da Beata como maior ênfase, mas isso ainda não chegou ao povo (romeiros e juazeirenses), porque é uma construção, ainda está acontecendo.

Ademais, é possível lembrar de várias pessoas ao longo da história que também viveram no regime noturno, e que após passaram ao crepúsculo e alguns chegaram a regime diurno, como Joana Darc, levando a possibilidade de um dia também a Beata Maria de Araújo mudar totalmente de regime do imaginário. Portanto, a contribuição desse trabalho para as Ciências das Religiões é pensar uma personagem, sobretudo, histórica que foi tirada da própria história da cidade, através de um processo de: invisibilidade- visibilidade, isso amparada nos estudos do imaginário com os regimes, hoje no regime crepuscular.

As recomendações dessa pesquisa é que os eventos, as ações, os discursos não podem acabar aqui, onde inclusive a Beata um dia pode mudar para o regime diurno da imagem, se tornando uma heroína, esse processo pode demorar, mas em trabalhos futuros isso poderá ser observado.

O que poderia ser considerado impossível em 2017, quando essa pesquisa iniciou, falar em visibilidade da Beata Maria de Araújo se tornou o inverso porque foi nesse momento que ela apareceu, o que poderia ser impossível no meio de uma pandemia se tornou o inverso, portanto os caminhos sobre as pesquisas em relação à Maria de Araújo só iniciaram, com certeza muito ainda será desenvolvido, principalmente pela visibilidade em ascensão que o Movimento independente dos Memorialistas pela reabilitação da Beata Maria de Araújo está

buscando, um dia quem sabe os restos mortais dela podem aparecer, e isso dará uma nova tese.

## REFERÊNCIAS

AGAPTO, Daniela Márcia Medina Pereira. **Romarias e liberdades**: Juazeiro do Norte e o pós-abolição. 246f. Tese (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2020.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **Ao encontro dos romeiros do sertão**. Anuário Antropológico/96. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ARAÚJO, A. F. R. DE A.; GARCÍA DEL DUJO, ÁNGEL. Do silêncio e do seu imaginário. *A Book of Silence (Um Livro do Silêncio)*, de Sara Maitland, sob interrogação.

**HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 49, p. 257-298, 30 abr. 2018.

ARON, Raymundo. **As etapas do pensamento sociológico**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AVE-MARIA SERTANEJA. Intérprete: Luis Gonzaga. Compositores: Julio Ricardo / O. De Oliveira. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/>. Acesso em agosto de 2020.

BANDO BANDO FACEBOOK. **Procura-se**. Juazeiro do Norte, outubro de 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso de 09 de julho de 2020.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O joazeiro celeste**: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero. (Coleção de antropologia: movimentos religiosos no mundo contemporâneo). São Paulo: Attar, 2007.

BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DAS DORES. **Nessa segunda-feira nosso encontro, como de costume, será com o pároco e reitor da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, o Padre Cícero José. (@pecicerojose)**. Juazeiro do Norte, 07 de junho de 2020.

Instagram: @maedasdorejsjuazeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBJ25TRBShQ/>. Acesso em 08 de outubro de 2020.

BASTOS, Isabel da Conceição Ribeiro Soares. **Iconografia de Esposas Místicas na pintura portuguesa**. Análise de casos. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado de História da Arte Portuguesa. Porto, 2011.

BEATA MARIA DE ARAÚJO. **Imagem da Beata**. Disponível em: <https://www.google.com/>. Acesso em maio de 2019.

BEATA MARIA DE ARAÚJO. **Imagem rara da Beata**. Disponível em: <https://www.google.com/>. Acesso em: maio de 2019.

BEATA MARIA DE ARAÚJO A INVISIBILIZAÇÃO DE UMA PROTAGONISTA. Locução de Luan Alencar, Carol Aninha, Amanda Souza. Entrevistada Priscila Ribeiro. **Podcat Budejo**. Disponível em: spotify. Acesso: em 16 de outubro de 2019.

BENDITO DOS ROMEIROS. Intérprete e compositor: Zé Vicente. *In: Festa dos Pequenos*. 2015.

BERTH, Joice. Empoderamento. *In*: RIBEIRO, Djamila (coord.). **Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero**: Sociologia de um Padre Antropologia de um Santo. 419 f. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Porto Alegre, maio de 2007.

BRASIL, **Lei nº 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

BRASIL, **Lei nº 4262**, de 21 de novembro de 2013. Praça Beata Maria de Araújo. Disponível em: <https://juazeironorte.ce.gov.br/>. Acesso em 18 de junho de 2020.

BRASIL, **Lei nº 4.866**, de 30 de maio de 2018. 01 de março como o Dia do Milagre na Cidade de Juazeiro do Norte. Disponível em: <https://www.juazeironorte.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 de junho de 2020.

BRASIL, **Lei nº 5142**, de 20 de abril de 2021. Foto da Beata Maria de Araújo, ao lado da foto do Padre Cícero Romão Batista nas repartições da administração pública e adota outras providências. Disponível em: <https://www.juazeironorte.ce.gov.br/site/midia/9158/1621454091-8.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2021.

CANCLIN, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CARIRI DAS ANTIGAS. **Imagem Rara**. A Beata Maria de Araújo, em fotografia feita em período aproximado ao do Milagre de Juazeiro. Juazeiro do Norte, 01 de out. de 2019. Instagram: @cariridasantigas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3FATf2BU6Y/>. Acesso em: 02 de outubro de 2019.

CARR, Anne. **A Mulher na Igreja**. Tradução de Antônio J. Pinto Ribeiro. São Paulo: Círculo de Leitores, 1994.

CASIMIRO, Antonio Renato Soares de (org). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro**: a questão religiosa. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012.

CASIMIRO, Antonio Renato Soares de. **Onde estão os restos mortais da beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo?** No prelo.

CAVALCANTI, Carlos André. **Inquisidores e inquisitoriados**: os santos mártires, o maçom e o mandingueiro. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CAVALCANTI, Carlos André. Um livro na intuição imemorial da história. *In*: ARAÚJO, Alberto Filipe, (orgs.). **Rostos do silêncio**: ensaios transdisciplinares. Tradução Francisco

Cornelio Freire Rodrigues, Alberto Filipe Araújo, Anderson de Alencar Menezes. Ribeirão Preto: Editora Inteligência Relacional, 2019.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em juazeiro do norte.** Tese (doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CORDEIRO, Domingos Sávio; CORDEIRO, Maria Paula. Juventudes romeiras: a transição de referências culturais e religiosas entre gerações. *In: Vidas em Romaria.* Fortaleza: EdUECE, 2016.

CNBBNE. **Rumo ao 13º interclesiais das CEBS's** - biografia da Beata Maria de Araújo. Disponível em: <https://www.cnbbne3.org.br/>. Acesso em: 01 de julho de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIDADE JUÁ- BLOG. **A beata do milagre.** Disponível em: <http://www.cidadejua.com/>. Acesso em 03 de julho de 2020.

DOCUMENTO OFICIAL DO I INQUÉRITO (1891) E II INQUÉRITO (1892).  
Datilografado Centro de Psicologia da Religião.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIOCESE DO CRATO. Padre Cícero é RECONCILIADO com a Igreja Católica. Disponível em: <https://diocesedecrato.org/>. Acesso em 11 de julho de 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1966.

DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero, santos dos pobres, santo da igreja: revisões históricas e reconciliação.** São Paulo: Paulinas, 2017.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** Tradução de Karina Jannini. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FILHO, Carlos Ribeiro Caldas. Religião na literatura de cordel análise da religiosidade popular do nordeste brasileiro. **Revista de Cultura Teológica**, v. 13, n. 52, jul/set, 2005.

FILHO, Kleber Prado. Uma breve genealogia das práticas jurídicas no Ocidente. **Revista Psicologia & Sociedade**; 24 (n. spe.): 104-111, 2012.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlos. **As ciências das religiões.** São Paulo: Paulus, 2005.

FORTI, Maria do Carmo. **E ela fez o milagre.** A beata Maria de Araújo no Juazeiro do Padre Cícero. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de São Paulo, PUC. São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRENTE DE MULHERES DE MOVIMENTOS DO CARIRI. Juazeiro do Norte, 10 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 481. ed. São Paulo: Global, 2003.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** uma fenomenologia feminista do mal. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.** vol.16, n. 47, Rio de Janeiro Mai/Ago. 2011.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Censo Pernambuco.** Disponível em: [http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao\\_formato2.aspx?CodInformacao=1031&Cod=3](http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=1031&Cod=3). Acesso 08 de maio 2021.

GLOBO. CETV 1ª Edição. **Região do Cariri realiza programação especial do centenário de Maria de Araújo.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

GLOBO. G1CE. Igreja do Cariri espera reconciliação da beata do milagre de Pe. Cícero. Disponível em: <http://g1.globo.com/>. Acesso em 04 de julho de 2020.

GRUNEC. Cariri Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Presses Universitaires de France. Pris, França, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HINO DOS ROMEIROS. Intérprete: Dona Rosinha do Horto. Composição: Dona Maria dos Benditos, mãe da Dona Rosinha do Horto. 2020.

INSTAGRAM. @artefatosdaculturanegra. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/p/CFcMOu9BF7n/>. Acesso em: 25 de setembro de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo**, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.  
 INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. **informe**/Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Fortaleza-Ceará: IPECE, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Cresce número de pessoas que se declararam de cor preta, enquanto brancos e pardos caem no Ceará em 2019 com relação a 2013**. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2020/12/22/cresce-numero-de-pessoas-que-se-declararam-de-cor-preta-enquanto-brancos-e-pardos-caem-no-ceara-em-2019-com-relacao-a-2013>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. **Morte da Beata Maria de Araújo completa 100 anos**. Disponível em: [diariodonordeste.verdesmares.com.br](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br). Acesso em: 07 de julho de 2020.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. **Inaugurado busto em homenagem a Beata Maria de Araújo**. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/>. Acesso em: 03 de julho de 2020.

JORNAL O POVO (RN). **A Beata que recebeu a hóstia, o Padre Cícero como confirmação do milagre e Monsenhor Monteiro como testemunha**. Natal - RN. 14 de setembro de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Facto estupendo**. Recife - PE. 24 de outubro de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL 'O APOSTOLO' (CE). **Foi iniciado o processo eclesiástico para saber dos fatos de Juazeiro**. Fortaleza - CE. 29 de novembro de 1891. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL 'O APOSTOLO' (CE). **Juazeiro continua a convergir uma população extraordinária de todas as partes**. Fortaleza - CE. 25 de dezembro de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL 'O APOSTOLO' (CE). **O sangue de Cristo no século XIX**. Fortaleza - CE. 03 de junho de 1891. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL 'O APOSTOLO' (CE). **Quanto a mim trata-se de um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação científica**. Fortaleza - CE. 31 de maio de 1891. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL 'A REPÚBLICA' (SC). **Foi iniciado o processo eclesiástico para saber dos fatos de Juazeiro**. Florianópolis - SC. 15 de abril de 1890. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL PHAROL (MG). **Os milagres do Joaseiro**. Belo Horizonte - MG. 15 de abril de 1890. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL O LIBERTADOR (CE). **Os milagres do Joaseiro**. Fortaleza - CE. 20 de outubro de 1890. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL O ORBE (AL). **Padre Cícero, o apóstolo da caridade**. Maceió - AL. 10 de outubro de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL O REPUBLICANO (SE). **Por ocasião de dar o santo Padre Cícero** comunhão a uma beata confessada, ali residente, à quem o próprio Padre Cícero chama de santa! Aracajú-SE. 06 de outubro de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL CETV - 1º Edição. **Região do Cariri realiza programação especial do centenário de Maria de Araújo**. Juazeiro do Norte. 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em 03 de julho de 2020.

JORNAL O LIBERTADOR (CE). **Santa Maria de Jesus do Joaseiro**. Fortaleza - CE. 02 de abril de 1887. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

JORNAL DO CARIRI. Sem corpo, sem túmulo e quase sem óbito. Juazeiro do Norte - CE, 2019. Disponível em: <http://blogdomarcellopatriota.com.br/>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

JORNAL PEDRO II (CE). **Será milagre**. Fortaleza - CE. 05 de maio de 1889. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medo e Sociabilidade. **Revista de Antropologia Experimental**, Jaén, Espanha, v. 2, p. 1-36, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde**: o Cardeal dos Sertões-1870- 1922. 47 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Pernambuco, Recife-PE, 2004.

LIMA, Valderez Marina do Rosário; HARRES, João Batista Siqueira; PAULA, Marlúbia Corrêa de (orgs.). **Caminhos da pesquisa qualitativa no campo da educação em ciências**: pressupostos, abordagens e possibilidades Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

LIVE COM PADRE CÍCERO JOSÉ. Tema: **Pe. Cícero Romão e a Beata Maria de Araújo**. Juazeiro do Norte, 07 de junho de 2020. 1 vídeo (1 hora e 10 min.). Publicado no canal: TV Web Mãe das Dores. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UChxcSEF4FPV\\_91QxU56LVDg](https://www.youtube.com/channel/UChxcSEF4FPV_91QxU56LVDg). Acesso em 08 de junho de 2020.

LIVE ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA. **Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo: pode uma mulher negra ser santa?** Juazeiro do Norte, 24 de set. de 2020. 1 vídeo (1 hora e 18 minutos). Publicado pelo canal Artefatos da cultura negra. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9ZU936kXoRk&t=1204s&ab\\_channel=ArtefatosdaCulturaNegra](https://www.youtube.com/watch?v=9ZU936kXoRk&t=1204s&ab_channel=ArtefatosdaCulturaNegra). Acesso em: 24 de setembro de 2020.

LIVE URCA-IPESC. **Diálogos sobre a história e cultura do Cariri:** Beata Maria de Araújo: entre o milagre, o esquecimento e o ressurgimento. Crato, 14 de outubro de 2020. 1 vídeo (2 horas e 1 minuto). Publicado em Canal URCA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fd7nIeCVQWg>. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

LIVRO DE BATISMO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA - 1861-1864. Vigário João Francisco da Costa Nogueira.

LIVRO DE ÓBITO 28 DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE CRATO - 1913-1915. (Pág 77).

MARINHO, Rosana Pereira (org.). **Poemas para Maria:** Beata Maria de Araújo. Juazeiro do Norte - CE: Editora Gráfica Líder Cariri, 2018.

MEU PADRINHO QUANTAS SAUDADE. Intérprete: Edson Brito. Compositor não encontrado. *In:* CD Renovação 03.

MINISTÉRIO PÚBLICO - CE. **Manifestação 11.2020.00004178-6 violação do túmulo da Beata Maria de Araújo.** Disponível em: [http://www.mpce.mp.br/servicos/consulta\\_processos/servicos-saj-mp/consultar-processos-saj-mp/](http://www.mpce.mp.br/servicos/consulta_processos/servicos-saj-mp/consultar-processos-saj-mp/). Acesso em 12 de dezembro de 2020.

MOVIMENTO VIDAS NEGRAS IMPORTAM. **Caso George Floyd:** 11 mortes que provocaram protestos contra a brutalidade policial nos EUA. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52832621>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

MUSEU AFRO BRASIL RETRATA MILAGRE DO PADRE CÍCERO. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/museu-afro-brasil-retrata-milagre-do-padre-cicero-1.624829>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-vivo-do-padre-cicero>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

NOBRE, Edianne. **O Teatro de Deus** - As beatas do Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

NOBRE, Edianne. **Incêndios da Alma:** a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. Tese (Pós-Graduação em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

O BERRO. **Manifesto à consagração da Beata.** Janeiro de 2018. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **A Beata**. 23 de maio de 2016. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **Aniversário da Beata Maria de Araújo**. 24 de maio de 2020. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

O BERRO. **Beata Maria de Araújo no Fantástico**. 24 de maio de 2020. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

O BERRO. **Milagre do Padre Cícero e da Beata**. 01 de março de 2014. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **Eis os novos centenários: Guerra de 1914 e morte da Beata Maria de Araújo**. 07 de outubro de 2013. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **Ilustração**. 07 de outubro de 2013. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **Procura-se**. 25 de maio de 2011. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

O BERRO. **1º Mostra de Poesias para Maria**. Janeiro de 2018. Disponível em: <https://oberronet.blogspot.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; OLIVEIRA, Alessandra Araújo. A modo de introdução: a construção de relações intersubjetivas nas pesquisas em romarias. *In: Vidas em Romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da Beata Maria de Araújo na história e na prática pedagógica do Ensino Fundamental**. Tese - Universidade Federal do Ceará, 2018.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; CORDEIRO, Maria Paula. A beata Maria de Araújo nos simpósios internacionais sobre o Padre Cícero: traços de uma protagonista invisibilizada. *In: Reflexão*, Campinas, 43(1): 137-153, jan./jun., 2018.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte**. 4. ed. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 145-163, dez. 2010.

PAZ, Renata Marinho. **As beatas do padre Cícero: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte**. Dissertação (Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PENNA, M. **O que Faz Ser Nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

PERENI, João Carlos. **Maria de Araújo - a Beata da Hóstia**. Juazeiro do Norte: Gráfica Nobre, 2007.

PINHO, Maria de Fátima Morais. **Padre Cícero: anjo ou demônio? Teia de notícias e ressignificações do acontecimento do padre Cícero (1870- 1915)**. Tese (doutorado). 416p. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.** Curitiba, vol.18, n. 36, Junho, 2010.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTAL DE JUAZEIRO. **PUC Campinas realiza simpósio sobre Beata**. Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/>. Acesso em 07 de julho de 2020.

PORTAL BADALO. **Ações em memória da Beata Maria de Araújo ocorrem em Juazeiro nesta sexta (17)**. Disponível em: <https://www.badalo.com.br/>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

PORTAL BADALO. **Câmara homenageia mulheres de luta em Juazeiro do Norte**. Disponível em: <https://www.badalo.com.br/featured/camara-homenageia-mulheres-de-luta-em-juazeiro-do-norte/>. Acesso em 28 de julho de 2020.

PREFEITURA DE JUAZEIRO DO NORTE. **Memorial Pe. Cícero recebe Seminário sobre Beata Maria de Araújo**. Disponível em: [/www.juazeirodonorte.ce.gov.br](http://www.juazeirodonorte.ce.gov.br). Acesso em: 07 de julho de 2020.

PREFEITURA DE JUAZEIRO DO NORTE. **Projeto sobre a Beata Maria de Araújo acontece na escola João Alencar de Figueiredo**. Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/>. Acesso em: 08 de julho de 2020.

PROCESSO SELETIVO - VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA. COMISSÃO EXECUTIVA DO VESTIBULAR CEV PROCESSO SELETIVO UNIFICADO URCA. Disponível em: <https://docplayer.com.br/>. Acesso em: 12 de junho de 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROGRAMA MULTIMÍDIA. **Cortejo à Beata Maria de Araújo- 22/01/14**. Juazeiro do Norte, 23 de janeiro de 2014. 1 vídeo de (9 minutos). Publicado em Multimidia Models. Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em 10 de julho de 2020.

QUEIROZ, Zuleide. **Tá bonito e podemos fazer mais!** Faltam seis dias para as eleições e VOCÊ pode nos ajudar a chegar lá! Compartilhe, ajude, converse com amigos e familiares, vizinhos e conhecidos. Divulgue Zuleide! 5044 Federal! Crato, 01 de outubro de 2018. Instagram: @zuleidequeiroz. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoaNH8Ih5dx/>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

RIETH, Flávia Maria Silva; RODRIGUES, Vagner Barreto. Festa é coisa séria: José Guilherme Magnani e a Antropologia urbana no Brasil. *In: Cadernos do LEPAARQ*. Vol. XV, n° 29, 2018.

ROESE, Anete. Feminismo e Religião: conquistas e desafios do século XXI. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia – MG. V. 29, n. 1, Jan./Jun. 2016.

ROLIM, Francisco Sales Cartaxo. **Guerra ao fanatismo: a diocese de Cajazeiras no cerco ao padre Cícero**. Olinda: Livro Rápido, 2016.

ROMARIA A JOAZEIRO. Intérprete: Clemilda. Compositores: Clemilda e Ulisses Silva. *In: A coruja e o bacurau*. Disco vinil. 1976. Musicolor, faixa 7.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso**. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

SECRETARIA DE CULTURA DE JUAZEIRO DO NORTE.

@prefeiturajuazeironorte Para comemorar o 107º aniversário de morte da Beata Maria Araújo, iremos realizar neste domingo, 17, às 19h, uma live com o tema: "**A Memória do Milagre**". Juazeiro do Norte, 14 de janeiro de 2020. Instagram:@culturajuazeiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKCwoLKhmOw/>. Acesso em 14 de jan. de 2020.

SEMINÁRIO MARIA DE ARAÚJO FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em 11 de julho (Grupo privado).

SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do Padre Cícero: dos originais manuscritos**. Salvador: E.P. Salesianas, 1982.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Movimento negro e as lutas contra o racismo. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 27, n. 65/2, p. 613-634, maio/ago. 2018.

SILVA, Salete Maria da. **Maria de Araújo e seu lugar na história ou a beata beat cult**, 2009. Disponível em: <http://cordelirando.blogspot.com>. Acesso em julho de 2020.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a netnografia: um guia teórico e prático**. Intercom-RBCC. SP, v. 38, n. 2, p. 339-372, jul./dez.2015

SITE MISÉRIA. **1º de março é o dia do milagre da hóstia entregue à Beata Maria de Araújo, em Juazeiro**. Disponível em: <https://www.miseria.com.br/>. Acesso em 09 de julho de 2020.

SOUSA, Edmundo Santana de. **Maria de Araújo**: a história de uma mulher na origem da religiosidade de Juazeiro do Norte. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUCPR, Paraná, 2015.

SOUSA, Pedro de. **Análise do discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

STRÔNGOLI, Maria Thereza de Queiroz Guimarães. O imaginário da menina e a construção da feminilidade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 26-40, out./dez. 2009.

TEIXEIRA, Gisele de Lima. **Maria de Araújo**: a memória da beata Juazeiro do Norte na literatura de cordel. 118 f. Dissertação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil**: os folhetos e a função circunstancial. 44 f. Monografia. Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2008.

TOLOVI, Carlos Alberto. **Padre Cícero do Juazeiro do Norte**: a construção do mito e seu alcance social e religioso. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, São Paulo, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI- UFCA. **Seminário sobre beata Maria de Araújo**. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/>. Acesso em 07 de julho de 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In: Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

VIVA MEU PADIM. Intérprete: Bendito de Paula. Composição: Luis Gonzaga. *In: 20 supersucessos*. 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Capítulo I “Ação Social”. 1921. Brasília: UNB, 1999.

YOUTUBE. Nesta quinta-feira, dia 24, as 16h00, no nosso canal do YouTube, ocorrerá a mesa " **Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo: pode uma mulher negra ser santa?**". Juazeiro do Norte, 22 de setembro de 2020.

YOUTUBE. **Milagre em Juazeiro** (1999). Disponível em YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=Qg0BlulnWAI&ab\\_channel=Quixad%C3%A1V%C3%A1DdeoNostalgia](https://www.youtube.com/watch?v=Qg0BlulnWAI&ab_channel=Quixad%C3%A1V%C3%A1DdeoNostalgia). Acesso em 08 de julho de 2021.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1 - ATA DA REUNIÃO DO MOVIMENTO PELA REABILITAÇÃO DA MEMÓRIA DA BEATA MARIA DE ARAÚJO COM A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. 27 DE JANEIRO DE 2021.**

A primeira reunião do ano no Memorial Padre Cícero iniciou às 15 horas e 10 minutos com uma rodada de apresentações. José André de Andrade iniciou se apresentando como historiador e participante do movimento pela reabilitação da Beata desde 2017, com Cláudia Rejanne e Carlos Gomide. Homero Araújo, advogado, descendente da Beata Maria de Araújo (filho do Sr. Raimundo Araújo), falou que já vem acompanhando o movimento há um tempo e agradeceu aos membros pela iniciativa. Roberto Viana historiador, com doutorado em história e Diretor de Patrimônio Cultural de Juazeiro e o Padre Luís, secretário executivo da Cultura estavam presentes como representantes da administração.

Dom Antônio Santana Neto, Bispo Provincial da Região da Diocese Anglicana do Brasil falou que, com apoio de mais duas igrejas, a igreja Anglicana está trilhando o caminho para a canonização da Beata, que ela já se encontra nos altares desta Igreja e que este tema é de interesse de toda a população caririense. Jéssica, amiga de Alana Moraes, veio acompanhando a amiga. Alana Moraes, assistente social e da Frente de Mulheres, falou que faz parte do movimento pela reabilitação juntamente com outros presentes na reunião. Geraldo Oliveira, da Casa da Essência do Crato, poeta da região, afirmou que sempre se falou da Beata como se fosse coadjuvante. Falou da necessidade de se colocar a Beata no seu devido lugar na história de Juazeiro.

Lembrou dos movimentos como Canudos e da necessidade ainda de muita pesquisa e que temos um desafio maior de arqueologia no tocante aos restos mortais da Beata e que se faça justiça histórica, visto que a violação do seu túmulo trata-se de um crime. Claudia Rejanne, professora da URCA, membro da Frente de Mulheres e do Movimento pela reabilitação da memória falou das ações do movimento que teve início em 2017 com a Caminhada com a Carroça dos Mamulengos e os mestres da cultura popular, com reuniões nos bairros (no Horto, João Cabral etc), o Seminário com a entronização do Sagrado Coração da Beata Maria de Araújo no Memorial Padre Cícero em 2017, da entrada na Igreja da Matriz em 2019 dentre outras ações.

Falou que este movimento é independente e alternativo de homens e mulheres de boa vontade e que não se confunde com instâncias governamentais. Falou ainda que a Frente de Mulheres do Cariri levantou a bandeira “Onde está Maria de Araújo?” e que o GRUNEC

(Grupo de Valorização Negra do Cariri) decretou a Beata Maria de Araújo como mártir do povo negro. Disse ainda que essa é uma questão de história, de memória, de Direitos Humanos, visto que foi um crime grave o vilipêndio do túmulo.

Enfatizou a representatividade da reunião com a presença de várias entidades do movimento social e sociedade civil, dentre as quais a Frente de Mulheres e a OAB. Carlos Gomide falou que deseja estar presente em reuniões onde se fala da Beata. Falou do trabalho da Carroça dos Mamulengos, do estandarte dela, da distribuição de mudas de plantas, da imagem que encomendou ao artista Francisco dos Santos. Falou da ordem de beatos e beatas, criado pelo Padre mestre Ibiapina, cujo lema principal seria: “O que podemos fazer por nós mesmos”.

Falou de se buscar justiça social, dentro da representatividade da beata, onde as pessoas tenham vida e vida em abundância, enfatizando o trabalho com os romeiros e com a população dos bairros de Juazeiro. Propôs criar uma arte para expor na romaria, além do estandarte, a carta do Padre Cícero, registrada em cartório. Luzia Gomide falou apoiando o trabalho do pai e o movimento. Priscila Ribeiro, professora universitária e doutoranda em Ciências das Religiões com tema sobre a Beata e participante do movimento pela reabilitação da Beata falou que é necessário trazer à tona a memória da Beata e que o trabalho é muito mais do que uma pesquisa científica.

O advogado e escritor Romero Dodou, da comissão de Turismo e Romaria da OAB falou do interesse da comissão na temática e que o papel da comissão que coordena é apoiar como esses movimentos pela memória e que vê boas perspectivas para ela ocupar esse lugar na história. Vavá Lemos, presidente da OAB de Juazeiro do Norte, agradeceu pelo convite e como juazeirense e neto de romeiros, disse que, desde criança sempre ouviu falar da história do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo e se colocou à disposição para contribuir com o movimento. Heitor Feitosa, representante da comissão de História e Patrimônio da OAB Crato demonstrou a satisfação em estar presente nesse momento histórico, visto que a Beata representa os negros, hoje, por exemplo, com a voz do GRUNEC, o sincretismo religioso e representa também as mulheres. Falou que houve a violação da sepultura e que vale a pena trazer à tona, e que a OAB Crato está disposição do movimento.

Verônica Isidório, professora, representante da Frente de Mulheres do Cariri, disse que, como mulher, como mulher negra e pobre na Região do Cariri, sentia-se representada pela Beata e que “muito se tem dito de nós sem nós. Vamos acompanhar toda essa história, ela não vai ser contada sem a nossa participação. (...) Nada de nós sem nós. Não queremos ver mais escritos como esse...”. Nesse momento citou a história de Saartjie, uma mulher nascida

na África do Sul, conhecida como a “Vênus Negra”, que no século XIX foi exibida na Europa de forma desumana, em feiras de aberrações e “pesquisada” de forma violenta por anatomistas. Disse ainda: “reconstruir essa história para nós é reconstruir essa estética negra. O preço que se paga por carregar melanina na pele nesse estado/país misógino, racista e lgtbfóbico é muito alto. Não queremos mais pagar esse preço. Por isso essa história não será contada sem nós”.

Francisco Silva, professor de Filosofia da Religião, do Observatório das religiões do Cariri, disse que essa é uma causa justíssima, religiosa, cultural e social. Em seguida, André Andrade falou das ações do dia 17/01/2021, do terço às 18 hs e que na Missa da Manhã, na Igreja do Socorro, o padre pouco falou sobre a Beata. Falou da necessidade de se realizarem ações segundo o calendário do movimento: 01 de março: Dia do Milagre, 23 de maio: nascimento dela, 22 de outubro, dia da violação do túmulo. Colocou a proposta de um Seminário em maio.

O site Miséria estava cobrindo a reunião. Dom Antônio disse que iria instituir todo dia 17 a missa da Beata Maria de Araújo e que a missa seria itinerante, nos bairros, entrando no calendário litúrgico da igreja anglicana. Padre Luis lembrou que a TV Padre Cicero pode fazer a programação direcionada para a temática nessas datas. Lançou, então, a proposta de se constituir o dia Municipal da Beata Maria de Araújo. Carlos Gomide falou do trabalho com a distribuição de mudas das plantas e que, quem quisesse se incorporar a essas ações, seria necessário mais alguns veículos para a logística.

Falou do dia 02 de fevereiro que estará nas ruas com as mudas de plantas e as imagens da Beata. Em seguida, André informou das seguintes propostas que estão em discussão com a vereadora Jaqueline Gouveia: 1. Que a imagem da Beata esteja junto às do Padre Cícero nas instituições; 2- Que o hino de Juazeiro faça referência à Beata; 3- Projeto de lei para salvaguarda da memória das Beatas e Beatos que tiveram seu papel na história de Juazeiro. Claudia Rejanne enfatizou a necessidade da aprovação da Lei de Salvaguarda pela Câmara dos Vereadores, que coloque não só os restos mortais como a memória da Beata como patrimônio cultural, histórico, material e imaterial, visto que, com a lei, qualquer entidade da sociedade civil que tenha esses objetivos em seus estatutos, possa acionar a Justiça. Falou ainda da necessidade de ações mais estruturantes, por parte da administração e que, se fosse necessário, deveríamos ter uma reunião com o prefeito para tratar da questão.

Na Educação, a prefeitura colocar cartilhas, inserir a temática na formação dos professores, dentre outras ações. Que a estrutura do Seminário seja assumida pela prefeitura, ficando assim os pesquisadores com a parte da pesquisa e divulgação. Que as publicações

decorrentes dos seminários poderiam ser feitos em parceria com as universidades: URCA e UFCA. Na Cultura, que fosse instituído espetáculo teatral, com os grupos de Teatro da cidade. A professora propôs também o Memorial Maria de Araújo e disse que a ideia era ter uma imagem dela do tamanho da do Padre Cícero, mas se o Memorial Padre Cícero destinasse uma sala para acomodar os artefatos já produzidos sobre ela seria um passo.

A professora Verônica Isidório propôs que fossem lançados editais para estimular a produção de artefatos culturais sobre a Beata, como forma também de estímulo e apoio aos artistas locais. Dom Antônio disse que o mais interessante seria ter o Memorial Beata Maria de Araújo, visto que há espaços públicos ociosos na cidade que poderiam acomodar o projeto, que não poderíamos mais pensar nela como coadjuvante, mas como personagem principal da história. Padre Luis falou do Edital dos Poemas para Maria a ser publicado como Ebook no mês de maio.

Roberto Viana falou que para bem material a política é de tombamento e para bem imaterial é de registro. Ele ficou, portanto, responsável, por fazer esse encaminhamento, com o acompanhamento de André Andrade e dos representantes da OAB. André se lembrou da ideia de Renato Dantas sobre a possibilidade de escavação do túmulo para busca dos restos mortais. Verônica Isidório propôs uma reunião com Dom Gilberto para tratar da questão. Dom Antônio disse que quer uma imagem dela para deixar na igreja Anglicana. Foi proposto que essa imagem deveria ser a mais próxima possível do real, da única foto dela que se conhece: como uma mulher negra para evitar o fato de já existirem imagens dela como se fosse branca.

Por fim, foi tirado o encaminhamentos de que se constitua uma Comissão pela reabilitação da Beata Maria de Araújo, composto pelas entidades ali presentes mais o GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri), cujos membros justificaram a ausência em virtude dos cuidados com a pandemia, mas que compõem o movimento pela reabilitação, já tendo participado de diversas outras ações. A ação primordial desta comissão será o Projeto de lei pela salvaguarda, a proposta de Criação do Museu Beata Maria de Araújo e as ações anteriormente citadas. Roberto Viana disse que abriria o processo de tombamento provisório do túmulo da Beata, para uma possível futura escavação.

Dom Antônio sugeriu a criação da Fundação Beata Maria de Araújo. Heitor Feitosa, da OAB, falou que, como associação civil seria mais ágil acionar as instâncias cabíveis. Falou também que poderia ser impetrada uma ação de busca e apreensão pelos panos ensanguentados. Verônica Isidório falou que os movimentos sociais ali presentes agiam como

tal e não havia intenção desses movimentos de se institucionalizar. Mas que quem quisesse seguir esse caminho, não via problemas.

Por fim, ficou de ser marcada uma próxima reunião para ver o andamento das propostas encaminhadas e para discutir as ações de acordo com o Calendário. Nada mais havendo a tratar, eu, Priscila Ribeiro, lavrei a presente que será assinada pelos presentes: Cláudia Rejanne P. Grangeiro, Cícera Alana F. de Moraes, Carlos Gomide, Luzia Gomide, Priscila Ribeiro, Antônio Romero Siqueira Dodou, Francivaldo Lemos Pereira (Vavá Lemos), Heitor Feitosa Macedo, Ana Verônica Barbosa Isidório, José André Andrade, Homero Wellington Bernardo Araújo, Roberto Viana de Oliveira Filho, Padre Luis Barbosa, Dom Frei Antônio Santana, Francisco José da Silva, Jéssica Pitombeira, Geraldo José de Oliveira.

## ANEXO 2 - Termo de Livre consentimento de Claudia Rejanne

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS N°466/2012, MS.

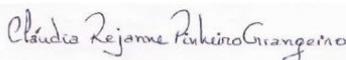
Prezado (a) Senhor (a) esta pesquisa é sobre a Beata Maria de Araújo, com título: “EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: a história religiosa e social de Juazeiro do Norte a partir da beata Maria de Araújo e está sendo desenvolvida por Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz, do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr. Carlos André Cavalcanti. Os objetivos do estudo são: Analisar o protagonismo da Beata Maria de Araújo associado à questão dos milagres na história de Juazeiro do Norte, e seu ocultamento ao longo do tempo. Investigar nos documentos históricos e nas revisões teóricas o Milagre de Juazeiro, para entender o processo de silenciamento da Beata Maria de Araújo. Averiguar o protagonismo da beata Maria de Araújo no Milagre. Identificar os mecanismos que levaram ao esquecimento da figura da beata, ao longo do tempo. Examinar como os romeiros observam a história do Milagre. A finalidade deste trabalho é contribuir para trazer a memória da Beata a população. Solicitamos a sua colaboração para entrevista de cerca de uma hora sobre a história de Juazeiro e a Beata, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa tem como risco e benefícios trazer respostas para agradar a pesquisadora, mas mesmo assim ainda são memórias sobre a Beata e tem como desconfortos não lembrar dessa personagem. Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é reponsável) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os

pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.



Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, 12 de maio de 2021



Assinatura do participante ou responsável legal Contato com o Pesquisador (a)

Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz Telefone: (88) 9 8874-9766 ou para o Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley -Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW – 2º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58059-900. E-mail::comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I – Fone: 32167964

### **ANEXO 3 - Termo de Livre consentimento de Joseph Olegário**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

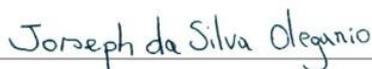
Prezado (a) Senhor (a) esta pesquisa é sobre a Beata Maria de Araújo, com título: “EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: a história religiosa e social de Juazeiro do Norte a partir da beata Maria de Araújo e está sendo desenvolvida por Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz, do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr. Carlos André Cavalcanti. Os objetivos do estudo são: Analisar o protagonismo da Beata Maria de Araújo associado à questão dos milagres na história de Juazeiro do Norte, e seu ocultamento ao longo do tempo. Investigar nos documentos históricos e nas revisões teóricas o Milagre de Juazeiro, para entender o processo de silenciamento da Beata Maria de Araújo. Averiguar o protagonismo da beata Maria de Araújo no Milagre. Identificar os mecanismos que levaram ao esquecimento da figura da beata, ao longo do tempo. Examinar como os romeiros observam a história do Milagre. A finalidade deste trabalho é contribuir para trazer a memória da Beata a população. Solicitamos a sua colaboração para entrevista de cerca de uma hora sobre a história de Juazeiro e a Beata, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa tem como risco e benefícios trazer respostas para agradar a pesquisadora, mas mesmo assim ainda são memórias sobre a Beata e tem como desconfortos não lembrar dessa personagem. Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é responsável) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os

pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

  
Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, 12 de maio de 2021

  
Joseph da Silva Olegario

Assinatura do participante ou responsável legal Contato com o Pesquisador (a)

Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz Telefone: (88) 9 8874-9766 ou para o Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley -Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW – 2º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58059-900. E-mail::comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I – Fone: 32167964

## ANEXO 4 - Termo de Livre consentimento de Jeani Costa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES  
CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

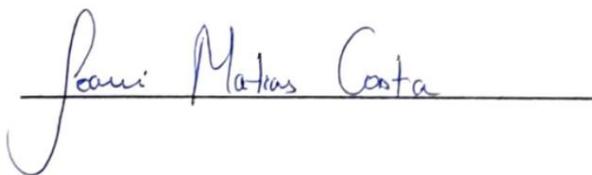
Prezado (a) Senhor (a) esta pesquisa é sobre a Beata Maria de Araújo, com título: “EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: a história religiosa e social de Juazeiro do Norte a partir da beata Maria de Araújo e está sendo desenvolvida por Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz, do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr. Carlos André Cavalcanti. Os objetivos do estudo são: Analisar o protagonismo da Beata Maria de Araújo associado à questão dos milagres na história de Juazeiro do Norte, e seu ocultamento ao longo do tempo. Investigar nos documentos históricos e nas revisões teóricas o Milagre de Juazeiro, para entender o processo de silenciamento da Beata Maria de Araújo. Averiguar o protagonismo da beata Maria de Araújo no Milagre. Identificar os mecanismos que levaram ao esquecimento da figura da beata, ao longo do tempo. Examinar como os romeiros observam a história do Milagre. A finalidade deste trabalho é contribuir para trazer a memória da Beata a população. Solicitamos a sua colaboração para entrevista de cerca de uma hora sobre a história de Juazeiro e a Beata, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa tem como risco e benefícios trazer respostas para agradar a pesquisadora, mas mesmo assim ainda são memórias sobre a Beata e tem como desconfortos não lembrar dessa personagem. Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é responsável) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer

esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.



Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, 13 de maio de 2021



Assinatura do participante ou responsável legal Contato com o Pesquisador (a)

Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz Telefone: (88) 9 8874-9766 ou para o Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley -Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW – 2º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58059-900. E mail::comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I – Fone: 32167964

## ANEXO 5 - Termo de Livre consentimento de Reginaldo Farias

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a) esta pesquisa é sobre a Beata Maria de Araújo, com título: “EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: a história religiosa e social de Juazeiro do Norte a partir da beata Maria de Araújo e está sendo desenvolvida por Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz, do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr. Carlos André Cavalcanti. Os objetivos do estudo são: Analisar o protagonismo da Beata Maria de Araújo associado à questão dos milagres na história de Juazeiro do Norte, e seu ocultamento ao longo do tempo. Investigar nos documentos históricos e nas revisões teóricas o Milagre de Juazeiro, para entender o processo de silenciamento da Beata Maria de Araújo. Averiguar o protagonismo da beata Maria de Araújo no Milagre. Identificar os mecanismos que levaram ao esquecimento da figura da beata, ao longo do tempo. Examinar como os romeiros observam a história do Milagre. A finalidade deste trabalho é contribuir para trazer a memória da Beata a população. Solicitamos a sua colaboração para entrevista de cerca de uma hora sobre a história de Juazeiro e a Beata, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa tem como risco e benefícios trazer respostas para agradar a pesquisadora, mas mesmo assim ainda são memórias sobre a Beata e tem como desconfortos não lembrar dessa personagem. Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é responsável) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os

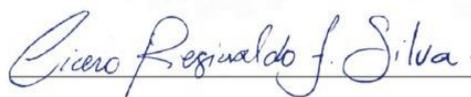
pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.



---

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, 12 de maio de 2021



---

Assinatura do participante ou responsável legal Contato com o Pesquisador (a)

Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz Telefone: (88) 9 8874-9766 ou para o Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley -Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW – 2º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58059-900. E-mail::comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I – Fone: 32167964

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1 - Frente de Mulheres Entrevista com Claudia Rejanne- professora, pesquisadora e divulgadora da Beata, em 11 de agosto de 2020. Pela plataforma meet, única forma possível na pandemia do Covid19.**

Claudia começa a olhar mais para a Beata, após uma imagem feita por Jean Nogueira com a boca dela com a hóstia. Segundo a professora/pesquisadora Claudia Rejanne a Frente de Mulheres do Cariri nasce em 1993 com várias frentes, e com várias temáticas em torno das mulheres do Cariri, e sempre com ativismo para trazer a tona a temática da violência, sendo assim, a Frente investigou e investiga feminicídios, como o caso Rayane, jovem desaparecida e morta por seu ex namorado, e até hoje o seu corpo não foi encontrado.

Sendo assim, o seminário surgiu quando Claudia conversando com outra professora e lembrando da importância da Beata na porta da URCA, elas tiveram a ideia do I seminário, e foi aí em diante se construiu de abril para maio de 2018 o seminário. Claudia também falou da importância da construção do Seminário sobre a Beata, onde a Frente também fez parte da construção, juntamente com o Grunec, e a Universidade. Nesse ínterim, veio também a pergunta onde está a Beata Maria de Araújo desaparecida (inclusive com camisas que foram usadas no seminário, uma semana antes, nela tinha a pergunta: “A Frente de Mulheres do Cariri quer saber, onde está a Beata Maria de Araújo?”), esse é um evento da festa de Barbalha, o conhecido Pau da Bandeira de Santo Antônio, que se realiza no final de maio ou início de junho.

Após o Seminário outros eventos começaram a ocorrerem para ela, como o aniversário dela na praça do Memorial em 2019, a procissão do aniversário de morte em 2020, não só a Universidade, mas de vários olhares e frentes, o que fez juntar diferentes pessoas para pensar diferentes eventos e chegar aos memorialistas da Beata, em maio de 2019, momento em que se pensava sobre o aniversário de Maria.

Essas mesmas pessoas também já em maio de 2020, mesmo na pandemia comemoraram o aniversário dela de forma virtual, pela plataforma meet, cada um com seu bolo e vela, em celebração ao seu aniversário, onde quem quis falou sobre a importância de Maria, valorizando a cultura da Região com a Beata, na ocasião também cantou os parabéns dela, um evento virtual que durou cerca de uma hora e meia, das 18hs às 19hs30min do dia 23 de maio de 2020.

Claudia falou da importância das manifestações, das pessoas que buscam a Beata, como “Cavaleiros templários”, uma busca como era ela, uma mulher que rezava, que era

costureira, simples, pobre, e que se a Frente busca as mulheres do Cariri, com certeza também deve buscar Maria de Araújo, a protagonista da história do milagre.

Segundo Claudia, os romeiros ainda não observam tanto, nem os juazeirense, na verdade nem a gente observava, Claudia falou algo interessante, é como se fosse uma “história no ar” pairando sobre todos, e que cada recebe de uma forma e carrega dentro de sua visão de mundo (isso é importante para observarmos como as mulheres vêm, as mulheres negras, as artistas, os artistas, os poetas e poetisas, enfim até a igreja) então a gente pode chegar no povo como chegamos na procissão, passando dentro da igreja, andando nas ruas, convidando as pessoas a conhecê-la.

Acendendo velas para ela, no seu túmulo simbólico, como ela pediu para um amigo acender no aniversário dela no cemitério, mesmo em pandemia. Sobre as imagens, elas começaram a aparecer após a imagem da Beata ter sido entronizada no Memorial Padre Cícero, no seminário, no dia 22 de maio de 2018, ela foi a primeira imagem, como busto, então as pessoas começaram a procurar, e veio a ideia de expor a imagem no dia do aniversário dela para quem quisesse comprar, que eram as mesmas pessoas que procuravam já, a imagem que viram no seminário.

**APÊNDICE 2 - Entrevista com “O Bando” Entrevista realizada em 14 de setembro de 2020, com alguns integrantes do Bando: Joseph Olegário e Jeani Duvall O convite foi feito a Joseph que veio em “Bando” para falar sobre o coletivo Bando.**

Maria fez parte da construção do coletivo, que iniciou com Claudia Rejanne, Fanka, Orlando (falecido) e ela, de início e por muito tempo foi um coletivo “inspirado” no chá de flor e o roxo, bares que tinha no Crato, como um movimento cultural. E o “Bando” foi isso, artistas, com atividades culturais, que iniciou entre 2008 para 2009, com o cartaz do remix de peças erradas, na exposição do agosto das artes, mas antes já existia com diversas pessoas trazendo e fazendo arte.

O nome bando foi inspirado em Lampião, por ser nômades, porque as reuniões e ações sempre mudava de lugar, em qualquer lugar: praças, casas, nas ruas, e foi tomando uma proporção grande, todo artista com qualquer atividade era bando, como a poesia, a literatura, a fotografia, cinema, com performaces e intervenções urbanas.

O Coletivo “O bando” começou a participar então de editais de exposições, até que por ser um coletivo independente, sem vontade de ter questões financeiras, com CNPJ eles decidiram não mais participar, mesmo porque cada um já tinha uma carreira e se unir era mais uma questão de grupo de artistas falando do Cariri, da questão política, dos problemas encontrados e mostrados através de exposições, do lambe, ou seja, de intervenções urbanas nas madrugadas do Cariri, com ocupações no Cariri.

Sobre a ação da Beata foi junto com outra ação de poesias o “terrorismo poético”, espalhados nos mercados e colando poesia, nessa época eles se denominaram de 100 diferentes (apareceu escrito assim na postagem do Berro na época) e não o “Bando” devido os 100 anos de Juazeiro, como forma de fazer intervenções no Cariri e lembrar de momentos diferentes no Cariri, em 2011.

Colaram lambes na cidade com imagem da beata, feitas na surdina, na calada da noite juntava na casa de um para espalhar os lambes, inclusive em frente a igreja da Sé, onde pareceu ser na época, uma “afrota” à igreja, mas de fato para eles não era, era uma intenção de lembrar que ela é desaparecida, e foi colado o lambe em vários lugares do Cariri, exemplo em frente ao Shopping. Para Joseph o movimento em torno da Beata foi se tornando mais acadêmico (por ter sido tema de simpósio, encontro...), técnico, histórico e que foi modificando, inclusive dentro do movimento feminista, cada vez mais forte.

Já para Jeani foi o diferente, ela é tema antes e depois acadêmico, como professora/historiadora disse que trabalharia na sala de aula instigando o aluno a pensar mais

no campo das artes, para entender a realidade, e que é preciso ver a beata como mulher negra para não ocultá-la. E o quando o “Bando” fez a intervenção foi polêmico, mas depois, 2 anos mais ou menos, várias frentes oficiais usaram imagens da Beata, com uma relação de poder, como se fosse assim: “é melhor que eles procurem (as frentes oficiais) do que outras pessoas procurarem” - disse Jeani.

Agora não há um momento específico de encontro do coletivo, eles são sempre bando, se juntam quando podem, sem ter que expor algo, exemplo é o curta metragem que está sendo editado por Jeani e Joseph sobre a Beata, gravado em 2018 e que logo será lançado, ou seja, sempre eles estão trabalhando em questões artísticas, mas não necessariamente como coletivo, e assim como iniciou em 2011, como fala o manifesto a memória da Beata continua acessa nos integrantes do bando, inclusive eles disseram ser espécies de tochas que acenderam um pouco a história dela através da arte.

### **APÊNDICE 3 - Entrevista com Reginaldo Farias do “Berro” em 21 de setembro de 2020**

Reginaldo relatou que “O Berro” iniciou ainda na Escola Técnica Federal de Juazeiro (há uns 25 anos atrás), quando ele e um grupo (eles não se denominam como coletivo, mas como um grupo) de amigos faziam “matérias” (informativos para estudantes), sobre arte e história da região, para a Escola.

Após a saída da escola eles continuaram com o Grupo “o Berro” com os mesmos princípios da escola, informar em revistas impressas (2 ou 3) e depois criaram um blog (online), que depois foi ganhando espaço das redes sociais, que retrata sobre fatos e histórias de personagens e da cidade e se aproximavam de artistas, como Luis Karimai, e eles buscaram pautar as matérias na história da cidade, por ser uma história muito viva, e falar da Beata foi uma consequência de processo, pois não se ouvia muito falar dela, só em alguns livros, e foram acompanhando os movimentos em torno dela, como o movimento negro e feminista, do milagre. Inclusive O grupo tem alguns projetos (aprovados em editais) e esperam aprovar um filme sobre ela.

O Grupo é formado por pessoas de diversos “campos” profissionais: Reginaldo Farias (designer) Ythallo Rodrigues (cineasta, poeta) Luís André Bezerra (professor, audiovisual) Xico Fredson (história), Hudson Jorge (Jornalista).

O movimento chamado 100diferente criado por Orlando Pereira, do Bando Coletivo, paralelo aos 100 anos de Juazeiro do Norte em 2011, pensou em agregar arte a situações do cotidiano da cidade, pra dar visibilidade as pessoas esquecidas nas comemorações oficiais, visto que naquele período a atenção estava voltada para o Padre Cícero e Juazeiro do Norte. Ficando a Beata quase que invisível, lembrar da poluição do Rio Salgado e outras questões ambientais, igualmente esquecidas. Em uma das ações eles colaram Lambes em locais estratégicos, como foi no muro da antiga Escola Municipal. Lá foram colados vários lambes, com a imagem da beata, as pessoas achavam que era uma afronta, pois estava estragando a data e a imagem da beata.

Depois do que a hóstia virou sangue na boca da beata, ela foi muito discriminada, isolada. Sendo ela a principal personagem da história do “milagre de Juazeiro”. Porque o Milagre aconteceu com ela e por ela, tendo acontecido o mesmo fenômeno com outros padres. Ela retrata bem o povo de Juazeiro e do Nordeste em todas as suas características.

Então diante dos fatos do desaparecimento dela, dos seus restos mortais, a gente criou a ação “Procura-se” lembrando-se da época em que ela foi tratada e perseguida como criminosa. Ela foi uma personagem marginalizada e a gente quis trazer essa história: Procura-

se, procura-se essa mulher negra que foi vilipendiada, não teve direito a ser, a ter sua visibilidade, e a gente fez os cartazes nos moldes aqueles cartazes de procura-se de criminosos.

Com “procura-se”, a gente saía pra fazer os lambes e tinha a preocupação de fazer os registros, porque nas primeiras colagem tinha gente que ia e arrancavam porque achavam que a nossa intenção não era uma coisa legal para a imagem de Juazeiro, para a imagem da Beata, e aí a nossa intenção acabou funcionando porque acabou por visibilizá-la, aconteceram outras exposições por causa dessa ação. Hoje se tem procissão pra ela – feita pela provo (do centenário de sua morte, o cortejo para o túmulo simbólico) isso depois que aconteceu a ação, como se fosse um pontapé inicial.

A gente do “Berro” fica atento as datas importantes pra nossa região e escreve sobre essa data, e aí começamos a escrever sobre a Beata, mas a imagem da Beata veio de fato depois daquele evento do 100diferente. A ideia do “procura-se” foi coletiva, mas a arte quem fez foi o próprio Reginaldo Farias que era o mais hábil com o equipamento, com o desenho, mas foi uma ideia coletiva de autoria do Bando para esse projeto dos 100diferente, porque a ideia de Orlando para os 100diferente era agregar o maior número de artistas, ele não era do Bando, mas reuniu muita gente.

As nossas ações todas estavam querendo trazer visibilidade para tudo que estava sendo invisível no centenário de Juazeiro, então a gente trouxe o Rio Salgado que estava poluído, ninguém olhava para o rio; tinha vários espaços de valores patrimoniais de Juazeiro.

Como você observa os movimentos entorno da Beata? Hoje ouvi de um amigo que foi lançado um livro do Memorial Padre Cícero, e nesse livro tem umas pinturas do artista Marcus Jussier e eu falei, não falando da obra de arte nem do período histórico em que ela foi criada, mas já que esse livro foi lançado agora tem umas pinturas que retrata a Beata Branca - não sei se foi o envelhecimento da tela, mas a gente pode ver que, o documento que saiu hoje poderia dizer que o artista retratou, a gente não pode fazer nada em relação a obra em si, já que é documental, mas acho que é interessante ter um parêntese dizendo que ela tá retratada de forma branca, mas ela era preta, nos registros o que se tem de história dela ela é preta.

E tem duas imagens dela que circula na internet e dizem que é ela, mas parece que ainda há divergências se realmente é a Beata. E uma coisa que a gente discutiu no tempo dos 100diferente era realmente que não se sabe qual é a fisionomia da Beata ela representa isso: a mulher negra, ela representa a feminilidade, ela é o ícone de Juazeiro, era pobre, negra, é o milagre, tem uma descrição dela que é terrível, que ela era feia que não sei que, então era assim, ela representa mesmo o povo de Juazeiro, ela era firme na decisão dela, em momento

algum ela diz que não tem consciência, e acho incrível da consciência, o nome dela Maria Madalena do Espírito Santo, foi ela quem se batizou. É uma personagem que realmente precisa de mais visibilidade, enquanto a academia fica em um universo restrito a arte, uma das ações do Bando, um informativo como o nosso acaba dando mais visibilidade para que outras pessoas tenham acesso, que outras pessoas discutam e vejam a importância dela no atual momento que a gente vive acaba tendo uma relevância muito grande.

Pra mim e pro Berro é perceber essa importância, porque não teve crédito, o crédito é você dizer ela é a principal personagem, Juazeiro é hoje por conta dela, nós estamos aqui conversando por conta dela, não tem como prever se ela não existisse, o que seria de Juazeiro, se Juazeiro existiria, mas assim a gente viu isso, e a gente vibra com esse resgate, infelizmente o momento acabou prejudicando muitas ações, mas eu sempre gosto de falar dela, no começo do Berro a gente falava como personagem histórica (isso é a virada), hoje em dia a gente vê ela mais como pessoa negra, como mulher, porque mesmo o Berro sendo formado só por homens a gente tem uma preocupação muito grande, então quando é cinema ou alguma ação dela a gente pede ajuda de mulheres que a gente conhece, que tá envolvida com a história, com arte, com cultura para dá lugar a quem de fato pode falar, então a gente só percebe e trabalha pra que essa visibilidade seja cada vez maior nos nossos projetos, nas nossas matérias.

Tu deve saber que quando Padre Cícero vai ver que violaram o corpo dela, ele manda fazer fotos, chama testemunhas, para fazer um relato por escrito do que se tirou dali da Igreja, e isso tem que estar em algum canto, já que foi tudo registrado... As fotos ninguém sabe também, eu espero que um dia tenhamos essas respostas.

Mas eu falo com felicidade dela, eu lembro que na época a gente do Berro eu fui pesquisar quem era essa pessoa, que acredita em Jesus, que lutava, e eu fiz uma pesquisa sobre outras beatas da igreja e encontrei beatas negras, mas faz um tempo que li, não vou lembrar ao certo, mas era uma beata escrava negra que era maltratada e tudo, até que a família que maltratava deixa ela com uma outra, e esse novo senhor é que trata ela melhor, e passa vários anos com ela e é quando ela tem um tratamento bem melhor e ele vai embora e para não correr o risco de deixar essa escrava com alguém que vai maltratá-la ele deixa essa escrava em um convento, e essa escrava começa a falar que agradece todo sofrimento que passou, porque foi nesse convento que ela conhece quem é Jesus, mostrando que o amor da Beata Maria de Araújo por Jesus era tão grande que ela era a esposa dele, ela era a representação dele naquele momento, e aí ela não arreda o pé, e ela cumpre os votos de silêncio, jamais se nega e nega Jesus, é aquela pessoa que ama, que ela admirava, então assim,

ela era um mulher forte e decidida, e tem que ser vista como uma heroína, um dos nossos mitos, que mantém essa luta das mulheres, e a gente fica feliz em ver esses movimentos crescendo, o movimento das mulheres, das mulheres negras hoje em dia de força e luta.

Então é direcionar o olhar para a Beata, já tem muitas coisas sobre ela, mas se for comparar o que tem sobre ela e o Padre Cícero e quase nada que temos sobre ela, mas assim vamos começando, e levar ela para o povo, porque o principal crime foi tirar ela do povo, a gente tem que devolver ela para o povo.